



Vivianne Fair

# A CAÇADORA

Temporada de caça

Editora  
Draco

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***





A caçadora

Temporada de Caça

Vivianne Fair

1ª edição

Editora Draco

São Paulo

2015

## **Vivianne Fair**

(conhecida também por chefe) é carioca, trabalha com ilustrações para o Brasil e o mundo e mora atualmente em Brasília com seu filho, um crítico ferrenho de suas obras, mas que ela ama com toda certeza.

BLOG [www.recantodachefa.com.br](http://www.recantodachefa.com.br)

©\_ 2015 by Vivianne Fair



*Publisher:* \_Erick Santos Cardoso

*Edição:* Albarus Andreos

*Produção editorial:* Janaina Chervezan

*Arte e capa:* Ericksama, Tanko Chan (arte final) e Vivianne Fair (lápiz e cores)

*Ilustrações:* Vivianne Fair

Todos os direitos reservados à lpl Editora Draco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

F 163

Fair, Vivianne

A caçadora : Temporada de Caça / Vivianne Fair. – São Paulo : Draco, 2015.

ISBN 978-85-8243-020-0

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5



1ª edição, 2015

Editora Draco

R. César Beccaria, 27 — casa 1

Jd. da Glória lpl— São Paulo — SP

CEP 01547-060

[editoradraco@gmail.com](mailto:editoradraco@gmail.com)

[www.editoradraco.com](http://www.editoradraco.com)

[www.facebook.com/editoradraco](http://www.facebook.com/editoradraco)

Twitter e Instagram: [@editoradraco](https://twitter.com/editoradraco)

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[A caçadora - Temporada de Caça](#)

[1 - Começando bem...](#)

[2 - Uma nova ameaça só pra variar](#)

[3 - Amigo ou inimigo?](#)

[4 - Segredos de quem?](#)

[5 - Segura...?](#)

[6 - Um acordo perigoso](#)

[7 - Hora do jogo](#)

[8 - Armadilha ou trégua?](#)

[9 - Amigos à parte](#)

[10 - Ilusão](#)

[11 - Uma nova ordem do mestre](#)

[12 - Ideia Imbecil](#)

[13 - Um amigo caçador](#)

[14 - Um caçador nada amigo](#)

[15 - Conteí tudo pra mamãe](#)

[16 - Para sempre](#)

[17 - Encontro familiar](#)

[18 - Passado dos pais](#)

[19 - Treinamento](#)

[20 - Corrida](#)

[21 - Algo errado](#)

[22 - A batalha final e um inimigo inesperado](#)

[23 - Final mega feliz...?](#)

[Livros da série “A caçadora”](#)

[Notas](#)

# A caçadora

## Temporada de Caça

# Começando bem...



– Jessi, chegou mais uma! – Zack anunciou, sacudindo no ar um novo envelope recém-tirado das minhas cartas entregues pela universidade.

Gemi baixinho. Já era de se esperar que eu recebesse contas, mas não esperava que fosse assim tão cedo. Não tantas; será mesmo que gastei isso tudo? Quer dizer, certo, já estou há alguns meses aqui e a única coisa que fiz pelo Conselho foi dar uma boa esvaziada em seus cofres.

Sinto-me quase uma deputada.

Zack sentou-se na cama e sacudiu a cabeça.

– É safadinha... Você está numa fria... enquanto não me matar isso não vai parar de chegar. Incompetência é um problema...

Zack estava falando das dívidas, mas, por mais que estivesse com vontade de esganá-lo, não podia parar de pensar que estava certo. Se eu ao menos matasse um vampiro só, o Conselho sairia do meu pé. Tenho recebido emails cada vez menos simpáticos desde que Vincent, o caçador de vampiros contratado pelo Conselho, foi chamado de volta por questão de mau-comportamento. Eles não exigiram que eu matasse Zack, já que ele é o mestre dos vampiros – que roubada, hein? – mas esperavam que eu me tornasse útil de alguma forma, coisa que não vem acontecendo esses dias. Qualquer tipo de informação sobre Zack: mania, obsessão, pontos fracos, pontos fortes, poderes ou algo importante sobre a missão a ser mencionado. Enfim, eu seria uma espã do Conselho. Se ainda fosse detetive, comediante ou secretária até vá lá, mas olha só o que eu descobri até agora:

Zack:

Manias – me irritar, me provocar, me fazer ser expulsa da sala.

Obsessão – me irritar, me provocar, me fazer ser expulsa da sala.

Pontos fracos – segundo Dante, o vampiro que tentou me matar (bem, o último que tentou me matar) disse que sou eu.

Pontos fortes: seria exagero dizer todos?

Poderes: não faço a mínima ideia. Zack praticamente sabe fazer de tudo – cheguei a arrastá-lo para um karaokê e o cara deu um show.

Não posso apresentar essa lista para o Conselho, sinto que seria demitida na hora.

Sente o drama? Acho que ele não revela tudo o que sabe porque não quer me humilhar. O próprio Conselho chegou a me dar uma gorda bonificação – que eu já gastei, obviamente – só por estar viva até hoje, apesar de ter caído nas mãos de Zack. Meus pais tentaram provar a todo custo que eu sou tão talentosa que o mestre dos vampiros não conseguiu me matar – claro que cortaram toda aquela ladainha dele não querer matar mais.

Mamãe disse que é irrelevante.

Sem mencionar que sou acompanhada pela morte de perto. Literalmente falando, já que Eric volta e meia dá as caras pra tentar me causar um ataque do coração e encurtar minha vida de modo brusco. Com a maior boa vontade, claro.

Não pense que sou tão frívola assim. Não tenho recebido um cheque sequer do meu antigo trabalho, de secretária de contador, o que me leva a crer que as minhas desculpas de estar com Lepra ou Antraz ou me levaram a uma demissão por não acreditarem nem por um instante. Ou acreditam que já morri e contrataram uma nova secretária. De qualquer forma nem dá pra voltar.

Enquanto isso o Conselho espera uma justificativa viável por eu não retornar para minha casa ou alguma informação relevante. Como não mandei nenhuma das duas, eles sustaram meu cheque e sustento por alguns dias.

Suspirei quando voltei meus olhos para a tela do meu laptop. Mais um aviso educado-ameaçador do Conselho. Tipo aqueles que você recebe da *Microsoft* dizendo educadamente que seu *Windows* não é original. Algo como ‘nós sabemos, você sabe que sabemos, mas estamos fazendo de conta que não para não te constranger. Enquanto isso, providencie o mais caro, sim?’

Só pra constar, eu não disse nada, ok?

Levei o *mouse* ao e-mail e rezei para que não abrisse. Sei lá, desse pau na hora, fosse um vírus, coisa assim. Aí faria um drama e processaria o Conselho e... bom, eu não esperava mesmo que acreditassem em algo ridículo do tipo ‘meu cachorro comeu minha estaca’ ou ‘meu gato tomou toda água benta disponível’ por isso não cumpri minha tarefa assassina.

Engoli em seco quando li a mensagem. Eric materializou-se do nada como querendo me dar logo um baque no coração e acabei engasgando com minha própria saliva. Mas meus olhos não desviaram nem por um segundo na tela.

“Cara Senhorita Jéssica,

*Esperamos encontrá-la bem. Compreendemos que eliminar o mestre dos vampiros é algo muito além das funções de uma recém contratada caçadora de vampiros. Muito além para qualquer um de nossos contratados, na verdade. Contudo, temo informar que manter a senhorita à custa do Conselho para apenas espionar Zack não está sendo de muita valia. Sendo assim, estamos enviando nosso melhor caçador de vampiros de volta, Vincent, depois de ter recebido algumas recomendações e novo treinamento. Receba-o e retorne o mais rápido possível.*

*Atenciosamente,  
O Conselho”*

Respirei fundo. Vincent ia retornar? Qual a nova desculpa que eu iria inventar para ficar, agora? Teria a enorme cara de pau de pedir a ele para ser novamente sua discípula e observar seus passos?

Claro que teria.

Zack estava acomodado deitado em minha cama revirando meus livros, enquanto Eric sentava-se no ar, ao lado dele. Esse cara nunca deixa de me surpreender. É a morte, né? Sempre é uma surpresa a não ser que se esteja esperando por ela.

– Ei, Eric! Já leu esse livro? – Zack cruzou as pernas e sacudiu no ar um dos meus livros de *Crepúsculo*.

Suspirei. Mesmo estando cheia de problemas ele continua se divertindo como se nada estivesse acontecendo. Fiquei ruminando na minha mente como deveria estar o humor de Vincent agora. Ele foi expulso por causa das informações privilegiadas que passei ao Conselho – fofoca, pra falar a verdade – e deve estar desconfiado, na verdade tendo certeza de que Zack e eu já somos mais amiguinhos do que antes. Segundo sua última ameaça, se o próprio Conselho descobrir sobre isso, estou correndo risco de morte – ou pior, ter todas as minhas comprinhas confiscadas.

– Não tenho hábito de ler assuntos que não levam ao meu crescimento espiritual – por mais que eu



saiba que Eric realmente não quis ofender, afinal tem o conhecimento de quase tudo no mundo, senti uma pontinha de irritação em mim – mas qual é o assunto?

– É a história de um vampiro que brilha.

– ZACK! – gritei, totalmente estressada – Acabei de receber um email do Conselho dizendo que Vincent irá voltar e a única coisa que você faz é ficar zoando da minha cara? Por acaso descobriu onde Dante foi parar? Quando é que vai fazer alguma coisa de útil, hein?

Eric e Zack me olharam com curiosidade. Provavelmente minha veia devia estar bem aparente no alto da testa. Voltei os olhos pra frente da tela. Dante é outro que está desaparecido. Desde que me levou para o além – minha vida é tão surreal – ele não deu mais as caras, simplesmente se desmaterializou na frente de Zack e não retornou mais. Eu deveria estar feliz? Algo me diz que tem algo muito errado nessa história.

Só pra variar um pouquinho.

– Como assim, brilha? – continuou Eric, como se nada tivesse acontecido.

– Assim, tipo... brilha! Meio que purpurina – Zack espalmou as mãos de forma exagerada.

Quando virei para trás senti que estava espumando.

– Zack... eu sei que você adora zoar comigo e faz isso para quebrar a tensão do momento, mas estamos mesmo numa enrascada aqui e vocês dois não estão ajudando. Lembra-se do nosso problema? Então. Tem alguma coisa a falar sobre ele?

Ele abaixou a cabeça, e coçou a nuca. Eu sabia que Zack não tinha ideia do que fazer a seguir e Eric também dizia não poder dividir informações, embora deixasse claro que mortes poderiam acontecer muito em breve. Pra piorar, ainda ficava perto da gente como se esperando uma vacilada nossa para nos pôr debaixo do braço e nos carregar para o além. Revirei os olhos. Eu sou a única mentalmente sã aqui?

Zack ignorou novamente meu estado de nervos e atreveu-se a continuar.

– Ainda acho que se a autora tivesse matado a personagem principal e feito uma história de amor proibido entre um lobisomem e um vampiro teria chamado muito mais atenção.

Saltei da cadeira e voei para cima de Zack com uma estaca na mão. Eric me aplaudiu, sorrindo, doido para que eu finalmente cumprisse minha missão. Meu vampiro desviou-se, deu um chute leve na minha mão jogando a estaca longe e pulou para o batente da janela rindo.

– Alguém está de TPM hoje...

Deitei na cama e afundei a cabeça no travesseiro.

– Vão embora...

Seguiu-se um silêncio profundo. Cheguei a achar que realmente tinham ido embora, mas senti uma mão fria em minhas costas. Arrepiei-me, mas não tirei a cara do macio.

– Desculpe, Jessi – Zack suspirou, sentando-se na cama – estou só brincando. Não gosto de te ver alarmada assim, mas devia ficar mais calma, não é? Estou procurando por Dante sim, mas ele não está mais aqui na universidade. Eu o conheço bem, está bolando alguma estratégia. Quanto a Vincent, eu vou cuidar dele da mesma forma que cuidei antes.

– Deixando seu fã-clubes agir? – perguntei de modo sarcástico, lembrando-o de que as garotas da torcida foram as que fizeram a maior parte do trabalho.

Ele riu e acariciou minhas costas.

– Eu não vou deixar nada acontecer, está bem? Se quiser eu peço para Eric ficar aqui enquanto eu...

– Nem pensar! – levantei a cabeça, exasperada, mas me arrependi instantaneamente. Quer dizer, Eric é um cara legal, mas na boa, representante oficial da morte? Não é uma companhia que eu quero ao meu lado nos momentos de desespero.

Eric simplesmente sorriu.

– Senhorita Jéssica, sabe que eu não levaria ninguém sem o consentimento oficial do Alto. Não tem o que temer.

– É, mas sinto que cometo mais besteiras quando você está por perto.

– Hum... bom saber – ele abriu mais um sorriso sinistro.

Levantei-me, passei os dedos pelos cabelos para me recompor e fui ao banheiro lavar o rosto. Sinto-me estranhamente inquieta. Não sei se foi esse recente não-ameaçador e-mail do Conselho ou minha estranha capacidade de arrumar encrenca avisando que coisas piores estão por vir. Quando Vincent chegaria?

Voltei ao quarto, apanhei uma roupa qualquer do meu armário – claro, uma bem bonita, afinal gastei horrores para me parecer com a *Buffy*, certo? – como um tubinho roxo e botinhas pretas e voltei ao banheiro para me vestir. Zack e Eric não desgrudavam de mim (embora não tenham me acompanhado até o banheiro). Algo me diz que eles não estão me revelando muita coisa.

Eric é um espírito puro e não pode mentir. Hum, sinto que posso arrancar algumas informações dele...

Assim que voltei ao quarto só havia Zack, ainda sentado na minha cama.

– Onde Eric...?

– Bem, ele leu seus pensamentos e percebeu que você ia querer arrancar alguma informação dele, então fugiu.

– Eu mereço...

Zack riu, levantou-se da cama e se aproximou. Senti um cheiro de baunilha emanando dele e fiquei me perguntando quando ele começou a usar perfume ou até hidratante.

Não, não é meu cheiro nele – bem que eu queria – mas nunca me lembro de passar perfume. E também não é cheiro de nenhuma sirigaita, já que ultimamente ele não tem nem desgrudado de mim e acho que já aprendeu a lição sobre o que acontece ao se misturar com seres humanos. Será que pergunto se isso é algum tipo de fetiche ou deixo quieto? Hum, melhor deixar pra lá; vai que ele começa a falar do *meu* cheiro. Mas Zack sempre teve um cheirinho gostoso de sobrenatural; nunca teve necessidade disso...

– Safadinha... você sabe que estamos próximos de você para o que der e vier. Se não estamos revelando muita coisa também temos nossos motivos, não é? Você mesma admitiu que faz besteiras maiores quando Eric está por perto.

– Então me responda algumas coisas para me deixar mais tranquila.

– Jessi...

– Só sim, não, ou não sei, está bem?

Ele deu um suspiro de cansaço.

– Ok.

– Dante ainda está por perto, não está?

– Não sei.

– Ele vai voltar a atacar, não vai?

– Sim.

– Você sabe quais são os poderes dele?

– Sim e não. Eu sabia, mas agora ele tem novos.

– Você sabe quando Vincent virá?

– Não.

– Você vai me deixar te ajudar?

– Não.

Bufei.

– Você sabe que isso vai me irritar profundamente, não sabe?

- Sim.
- Você aparentemente gosta muito disso, não é?
- Sim!

Ele abriu um sorriso, como para indicar que estava se divertindo muito com a brincadeira. Mas eu ia acabar com aquilo logo, logo.

– Dante quer te matar?

– Sim.

– E quer *me* matar?

Ele suspirou, mas deixou escapar.

– Sim... Não sei.

– Já disse sim. Não tem como voltar atrás.

– Mas eu não tenho certeza. Aí é injusto!

– Você e Eric estão me escondendo alguma coisa?

– Sim.

– Sobre o futuro?

– Não.

– Sobre o passado?

– Sim.

– Seu passado?

– Sim.

Pronto, finalmente começou a ficar interessante. Comecei a formular inúmeras perguntas na minha mente, mas então Eric surge do nada tentando me causar uma convulsão.

– A aula está para começar e vocês ainda aí. Não podem mais levantar suspeitas.

Virei para Zack aborrecida.

– Eric fez isso para que você não me revelasse mais nada, não é?

Ele riu.

– Sim!

Voltei-me para o mensageiro da morte com uma expressão meio assassina no rosto.

– Você nunca vai nos deixar a sós nessa vida?

– Não! – respondeu Eric com um meio sorriso.

## Uma nova ameaça só pra variar



Apesar de tudo, Eric não nos avisou a tempo. Fomos os últimos a adentrar a sala, levando aquela secada do professor. Eric nem se abalou, o professor nem o enxerga mesmo. Já Zack só tira nota alta e se o professor provocá-lo acaba levando uma cortada básica. Então sobrou só pra mim.

– Senhorita Jéssica, se não me engano é a terceira vez esta semana.

Mantive a cabeça baixa, mas Zack não conseguiu segurar a língua – nenhuma novidade, eu sei.

– Desculpe, professor. Jessi e eu estávamos dando uns amass...

Eu enfiei-lhe a cotovelada antes que ele completasse a frase, mas o circo já estava armado. As meninas da sala cerraram os dentes e os meninos caíram na gargalhada. Na verdade nem me importo de ficar meio com má-fama, já que ninguém pode me culpar por ser louca por esse vampiro idiota. Por quê? Ele é estupidamente lindo.

E forte. E esperto. E inteligente.

Afinal, quais outras qualidades ele tem? Porque defeitos o único que encontrei foi o fato de me torturar com piadinhas que – devo ser obrigada a confessar – no fundo eu gosto; afinal sou a única receptora dessa atenção toda. Ele só sacaneia a mim, não é?

Na verdade a pergunta fatal seria: quais outros *poderes* ele tem?

Zack sentou-se atrás de mim, enquanto Eric acomodava-se sentando no ar ao meu lado. Eu até que me divertia vendo as pessoas sentindo aqueles calafrios do nada. Antes que Zack começasse seu ritual de ‘vamos puxar fios da blusa nova da Jessi’, esperei o professor virar para o quadro, e sussurrei:

– Zack, você se importa de me dizer alguns poderes que você tem para eu poder dividir com o Conselho? Quem sabe eles aliviam um pouco a minha barra? Não é como se eles fossem conseguir te capturar mesmo sabendo...

Ele deu um meio sorriso de lado e levantou-me olhos sedutores. Segurei firme para não soltar um suspiro.

– Claro, safadinha. Eu te contaria todos eles...

Eu estava no meio de um sorriso quando ele continuou:

– ...afinal a incompetência faz parte do meio e nenhum de vocês nem conseguiria tocar em mim.

Dei de ombros e nem respondi. Era verdade, sem dúvida.

– Bem, então os escreva aí no caderno e me entregue – sussurrei, ansiosa.

– Está louca, Jessi? Não tenho um caderno tão grande assim.

Arregalei os olhos e me virei para Eric. Ele deu um leve aceno com a cabeça.

Isso era verdade? Zack realmente tinha tantos poderes assim? Não estava tirando onda comigo como sempre faz? Lancei-lhe um olhar discreto – tenho certeza que minha cara pálida deixava passar a surpresa, mas ele só deu uma piscada. Bem, então entendo porque o Conselho não ficou tão zangado assim com minha incompetência. E também agora entendo porque meu pai deu tantas tossidas quando descobriu. Mas se é realmente verdade essa quantidade absurda de poderes... por que ele não os manifesta? Eu nunca vi meu vampiro voar ou coisa assim. Ele só tira onda, por mais que tivesse

totalmente certo em fazê-lo. E quando ele recebeu os poderes novos de mim, começou a sufocá-los. Tem algo errado nessa história e eles se divertem vendo minha cara aflita.

– Zack... você realmente tem tantos poderes assim? Por que não os usa?

Ele olhou por cima do meu ombro e me deu um meio sorriso.

– Eu só uso os meus poderes de vampiro gato. Não preciso de mais nada.

– Zack – insisti – se você diz ter tantos poderes assim, a gente já poderia ter se livrado desses vampiros que estão te caçando. Seria só usá-los, não é?

Ele deu um suspiro e lançou um olhar rápido para Eric.

– Sim, seria, mas... – ele estendeu a mão e deu um tapinha de leve na minha cabeça – não ocupe essa linda cabecinha com assuntos tão desgastantes. Já tem muita coisa aí. A última reportagem da Vogue, por exemplo. Ou a lembrança do que comeu no almoço.

Lancei-lhe um olhar seco.

– Se realmente quer saber, nem almocei de tanta preocupação com você.

– Opa, então temos um espaço vago, senhoras e senhores?

Tive que me segurar para não voar no pescoço dele.

– Eu fico me preocupando e ultimamente você só faz me sacanear! Eu vou matar você uma hora dessas!

Eric, que estava olhando casualmente para meu professor, virou a cabeça e lançou-me um olhar monótono.

– Sim, é o que estamos esperando você fazer.

Zack começou a rir e virei pra frente. Então a risada parou instantaneamente. Na verdade o mundo inteiro pareceu parar de girar.

Ele entrou com um andar descontraído, sem pressa. Usava uma camisa branca com uma jaqueta de couro leve jogada nos ombros, calças jeans preta e o cabelo loiro cortado curto.

Dante.

*Dejà vu* miserável.

Engoli em seco. Ele não tentaria me matar ou a Zack, ali, no meio de todo mundo, certo? Se bem que pensei o mesmo sobre Vincent e quebrei a cara. Será que pelo menos vampiros costumam ter bom senso? Pensei em Zack instantaneamente.

Estamos ferrados.

– Classe, este é Dante – começou o professor, com uma voz monótona, obviamente cansado de alunos entrando no meio das aulas – ele chegou um pouco atrasado este semestre, mas pelas notas de sua transferência ele não terá muitas dificuldades em se adaptar. Portanto, recebam-no bem, certo?

A julgar pelo suspiro em conjunto das meninas, isso não será problema. Caramba, será que só entra cara gato na minha turma? É perseguição? Quer dizer, teve o Sean que entrou a um tempo atrás, trazido por Vincent pra me seduzir, o que não funcionou. Agora Dante, mas com uma razão diversa.

Ele quer me matar.

Dante estava lindo... quase tão lindo quanto Zack ou Eric, mas não chegava a tanto. Contudo, eu mesma fiquei com meu olhar parado enquanto ele lentamente chegava perto de minha mesa. Claro que o vampiro loiro não ia deixar por menos; um ataque direto ia tornar tudo mais divertido, não é?

Senti Zack travar na cadeira atrás de mim. Pior; ouvi a carteira começar a arrebentar atrás de mim. Dante lançou-me um olhar que parecia querer segurar o riso e parou de caminhar instantes antes, olhando fixamente para o rapaz de cabeça baixa que estava sentado à minha frente. Como se estivesse sentindo um impulso incontrolável, o rapaz levantou-se e saiu. Simplesmente assim: levantou-se de seu lugar com

todo o material e foi para o outro lado da sala.

Fiquei boquiaberta; o professor elogiou o garoto, mas acho que nem o próprio entendeu bem o que fez. Vi ele sentar-se mais à frente, com um rosto confuso.

Voltei-me para Eric ao meu lado e ele falou tranquilamente.

– Um dos poderes dos vampiros: manipulação.

– Mas Zack...

– Tem sim – ele me cortou, tranquilo.

– Então ele usou em mim...

– Não. Zack não suporta esse poder. Na verdade nem precisa dele, já que as pessoas naturalmente caem a seus pés.

O mensageiro direcionou a mim um sorriso de escárnio, mas ignorei. Senti Dante encostar-se no assento à minha frente como se estivesse fazendo tudo em câmera lenta. O que raios ele estava planejando fazer?

As mulheres ao meu redor estavam de queixo caído. A sem-graçona da Jéssica botando pra quebrar! Zack vive atrás de mim; Sean também teve uma quedinha por mim no dia em que chegou à sala pela primeira vez e agora Dante, sentando-se tão próximo a mim com tantas cadeiras vagas na sala. Isso porque elas não conseguiam ver o gato do Eric.

Bem, se elas soubessem a verdade:

1. Zack me persegue porque eu quero matá-lo e faz parte da diversão dele torturar caçadores (certo, somos namorados por tempo indeterminado – pra ele pelo menos, já que não envelhece).

2. Sean veio atrás de mim porque foi pago pra isso.

3. Dante veio atrás de mim porque quer me matar por razões que só Deus sabe.

4. Eric vem atrás de mim porque tá doido pra me levar se alguém conseguir o feito.

Minha vida é uma piada de humor negro.

A tensão podia quase ser cortada com uma faca afiada. A carteira atrás começou a ranger. Quando a aula voltou a prosseguir, assim que Dante estava devidamente instalado, virei para trás e me surpreendi vendo os dedos do Zack firmemente enfiados na carteira.

Assim, literalmente. Eu não via as pontas dos dedos porque elas estavam fincadas na madeira.

– Zack! Você enlouqueceu? – sussurrei, ansiosa – Preste atenção no que você está fazendo! Está destruindo a droga da carte...

Parei quando o notei tentando esconder os olhos vermelhos. Ai, minha nossa, ferrou tudo.

– Zack, o que...

– Jessi, não consigo... me segurar.

Ele esfregou os olhos e eles voltaram à cor normal.

– O que está havendo? – perguntei, nervosa.

– Ele... – Zack segurou-se, mas parecia que podia perder a cabeça a qualquer momento – Jessi, eu quero matar esse cretino.

Era a primeira vez que via Zack ser tão sincero a respeito de uma coisa assim e subiu um frio incontrollável pela minha espinha. Virei-me para Eric e ele deu de ombros.

– Estamos aqui pra isso.

Quase quis dar-lhe um tapa, mas que diferença ia fazer?

Na verdade fiquei com medo. Bater em Zack é bem mais fácil, porque ele só ri.

Virei novamente para frente e só percebi que estava prendendo a respiração quando Eric lançou-me um olhar demorado. Instintivamente, falei em voz baixa.

– Olha, se quer saber, é impossível uma pessoa morrer segurando a respiração. O nosso cérebro

instintivamente...

– Eu sei, querida Jéssica – ele me interrompeu sorrindo – o que estou esperando é um ataque do coração.

Dei uma alisada no peito por sobre a blusa. Tadinho do meu coração, e isso porque já o poupei de muitos filmes de terror.

Subitamente um bilhete cai sobre a minha carteira jogada por cima do ombro de Dante. Ele me mandou um bilhete? E agora? Devo abrir?

É claro que vou abrir. Minha curiosidade é muito maior do que meu medo.

Desdobrei-o como se estivesse desativando uma bomba.

Ou armando.

No bilhete, havia apenas uma frase com uma caligrafia impecável:

Eu vou te matar.

Beijos,

Dante

Engasguei com meu próprio cuspe e rapidamente virei meu rosto para Eric. Estava literalmente cara a cara com a morte.

Eric deu de ombros lançou-me um olhar que dizia tudo: “o que eu posso fazer?”

– O que estava no bilhete? – Zack bradou atrás de mim, com voz alterada.

Respirei um pouco antes de responder. O que eu devia falar? Devia mentir?

– Não é nada, Zack – decidi, por fim – ele só me perguntou que matéria é essa.

Eric fez uma careta. Ele detesta mentira e aquela era tão óbvia que quase doía.

– Jessi, pelo amor de Deus – Zack tentou conter o riso por trás da fala – se quiser mentir, minta direito. Agora me diga: o que estava naquele bilhete?

Eu sei que ele tentava ser simpático para me convencer, mas mordeu meu lábio. Se ele quisesse também podia usar esse poder estranho de manipulação? E Eric? Também podia?

– Zack poderia – respondeu Eric lendo meus pensamentos, com os olhos fixos no professor – mas ele não quer. Ele tem poderes demais e pode arriscar-se a...

Zack então lhe deu um pontapé.

Eric virou-se para ele quase espumando.

– Sabe, eu posso levar pessoas a te matarem, mesmo sem ter ordem pra isso.

Era só o que faltava. Que mania Zack tem de querer enfrentar a morte o tempo todo.

– Vocês dois querem parar? – gritei, visivelmente alterada – A situação já está tensa, eu até...

Parei quando notei a classe inteira olhando pra mim. Claro que ninguém via o Eric, e eu sempre me esquecia disso.

– Está tudo bem – Zack riu virando-se para a sala e Eric ainda soltou um sorriso discreto – Jessi se esqueceu de tomar o *Gardenal*. E o *Valium*. E o *Prozac*.

Voltei-me para frente com mais raiva do que antes. Eric e Zack vivem brigando e se acertando e eu ainda me meto na confusão mortal dos dois. Digo, imortal.

– Você ainda não me respondeu o que tinha no bilhete – Zack insistiu, com os lábios perto do meu ouvido.

Senti um novo arrepio, mas esse era bom.

– Tente adivinhar com seus poderes idiotas de vampiro.

Ele irritou-se e começou a dar pequenos chutes na minha cadeira, pois sabia que isso me enlouquecia. Percebi que Dante estava se divertindo com a situação. Os ombros dele tremiam levemente, como se estivesse contendo uma gargalhada. Enquanto eu estava cogitando comigo o que eu poderia fazer pra contornar o problema, um novo bilhete caiu sobre minha mesa.

Sério, daqui a pouco quem vai matar Dante sou eu.

Sim, claro, eu sei que é minha obrigação.

Você é uma caçadora de vampiros, não é? Uma caçadora do Conselho. Andei pesquisando sobre você. Responda.

Beijos,  
Dante

Eu não precisava responder. Eu sei que não, não me sentia manipulada para isso; não sentia nenhum tipo de influência sobre mim. Mas de alguma forma queria contornar a situação. Poderia fazer Dante ser parte do nosso grupinho, não é? Mais um pra fila dos imortais.

Estava me sentindo totalmente em desvantagem. Afinal, era a única mortal.

E mulher.

Sendo eles tão gatos, bem, acho que quem estava em desvantagem eram eles, não eu. Tadinhos.

Arranquei um pedaço do meu caderno e comecei a escrever uma resposta. Eric lançou-me um olhar desconfiado ao meu lado. Mas o que ele realmente queria que eu fizesse? Talvez fosse melhor manter a calma e tentar um acordo de paz. Eu sou da turma do “paz e amor”, ok?

E se eu for?  
Me deixe em paz,  
Jéssica

Joguei o bilhete por cima do ombro dele e esperei. Dante começou a desembrulhar lentamente o papel e Zack começou a me cutucar.

– Você respondeu o quê praquele idiota? O que está acontecendo, Jessi?

Recostei-me no banco e sussurrei, esperando que aquela palhaçada acabasse, mas assim que respondi a Zack, um novo bilhete caiu sobre minha mesa.

– Zack, estou tentando contornar a situação. Talvez ele nos deixe em paz. Até agora não aconteceu nada, tá? Não fique estressadinho agora.

– Jessi, ele só está brincando com você! Não revele nada importante; Dante é mais traiçoeiro que uma cobra...

– Vai me contar algo do seu passado e deixar-me a par da situação?

Ele estalou a língua e encostou-se no assento, encerrando a discussão. Mas por que ele não revelava logo isso e matava minha curiosidade?

– A curiosidade matou o gato, querida Jéssica – soou a voz profunda de Eric ao meu lado – Já levei alguns...



Por que os comentários de Eric soavam sempre como ameaças pra mim?  
Desembrulhei o bilhete recém-chegado.

Se é uma caçadora do Conselho porque não matou Zack?

Com amor,  
Dante

Suspirei e respondi.

Você não conhece Zack, não é?

Me esquece,  
Jéssica

Dante parecia estar se divertindo, porque era um papel atrás do outro. Senti Eric lançar-me um olhar de mistério.

– Senhorita Jéssica, pretende levar essa troca de bilhetes a algum lugar? Zack não parece estar muito satisfeito.

Não respondi; apenas preni a respiração quando chegou um novo bilhete na minha mesa. De repente outro bilhete também parou na minha mesa, vindo de Zack. Decidi abrir o de Dante primeiro.

Você também não parece saber muito sobre ele. Posso te revelar tudo o que quiser saber. Mas preciso que se encontre comigo. Sozinha.

Com carinho,  
Dante

Então resolvi abrir o de Zack:

Pode me dizer o que raios a mocinha está fazendo trocando informações com esse psicopata? Acho bom parar agora, senão sua coleção de DVDs da Buffy já era!

Todo seu,  
Zack

Agora me diga se isso não era extremamente irritante?

Suspirei. Cara, que novela. O que eu devia fazer em relação a Zack? E Dante? Ele realmente não pensava que me encontraria com ele sozinha, né, por favor. Quase tinha um letreiro luminoso que

apontava para o bilhete e piscava com luzes neon: “a-r-m-a-d-i-l-h-a”.

O melhor era resolver a situação da melhor forma possível. Escrevi um bilhete para Zack: Eu sei o que estou fazendo. Depois a gente resolve isso num amasso.

Não me torra,  
Jessi.

Daí um outro para Dante:

Você só pode estar brincando. Jamais deixaria que isso acontecesse. Não ficaria sozinha com você nem se fosse o último vampiro do mundo.

Me esquece, seu biruta, Jéssica

Acho que só isso era suficiente. Embrulhei os dois bilhetes com cuidado e irritação e joguei-os por cima do ombro de cada um. De repente percebi ambos tencionarem. Por alguns segundos não houve movimento de nenhuma das partes. Cocei a cabeça estranhando e Eric lançou-me um olhar divertido.

– Hã... Jéssica querida...

– Quê? – sussurrei, com um misto de indignação.

– ...você trocou os bilhetes.

Congelei, lembrando o que havia escrito para ambos. Eu disse pra Dante que... ai, meu Deus! Bom, deixa pra lá. Melhor, se ele por acaso tentar me matar de novo, pode ficar com medo por achar que sou louca.

Virei para trás. Zack escreveu *Buffy* numa folha de papel, me mostrou e fez um sinal de corte na garganta.

Já era. E ainda estou pagando por eles.

Quando a aula acabou, prendi a respiração e esperei pelo pior. Será que Dante era tão safado quanto Zack e realmente esperaria que eu desse em cima dele? Virei para Eric.

– O que Dante está pensando?

– Você não acha mesmo que vou te dizer, acha? – o semblante de Eric ficou sombrio de repente.

– Por favor... eu quero saber se ele quer me matar...

– Pensei que isso era óbvio.

– Bem, pode me dizer se ele está pensando nisso agora?

– Posso dizer que ele esteve pensando nisso desde o momento em que entrou aqui.

Engoli em seco. Zack levantou-se de súbito.

– Ele pode querer o que quiser. Antes vai ter que passar por cima do meu... bem, por cima de mim.

– Passar por cima do seu cadáver ou por cima de você dá no mesmo.

– Está tão gozadinha hoje, Jessi – Zack virou-se para mim com aquele sorriso de lado característico –

Quer mesmo ver quem ganha numa competição de tirar sarro?

– O senhor mestre dos vampiros sempre ganha em tudo, não é?

Subitamente silenciámos. Dante mexeu-se, arrastando a carteira para trás e virou-se para nós, lançando-nos um olhar misterioso. Parecíamos estátuas de cera. Zack cerrou os dentes e comecei a ficar

tensa. Sempre que ele ficava nervoso demais os caninos começavam a apontar ou os olhos dele mudavam de cor. Eric também pareceu estar refletindo.

Subitamente, fomos cercados pelas garotas de torcida. Num minuto estávamos sozinhos e no outro senti que estava no meio de uma arquibancada de um jogo de campeonato.

Cheguei a pensar que elas iriam nos defender da mesma forma que fizeram quando Vincent nos atacou, mas o objetivo delas era outro.

– Olá, querido – adiantou-se Linda para Dante, balançando tanto a cabeça quanto aquelas bonequinhas havaianas de painel de caminhão – Nós somos do comitê de boas vindas e queríamos...ahn...te dar as boas vindas.

E eu queria dar um dicionário pra ela, tadinha.

Comitê de boas vindas, sei. Só caras gatos são os alvos desse comitê; eu bem lembro que elas queriam me bater quando cheguei.

Dante ergueu seus olhos verdes profundos para as meninas e parecia que elas estavam ainda mais encantadas do que antes. Qual é? Dante é gato, certo, mas Zack é muito mais e elas nunca babaram assim. Parecia que estavam totalmente de quatro por ele ou a fim de tirá-lo de mim antes que eu o pegasse também.

– Jessi, vamos sair daqui – sussurrou Zack ao meu ouvido – É a mim que ele quer atingir. Temos que sair daqui antes que ele as mate.

Engoli em seco e comecei a gaguejar.

– D-d-do que você está falando? Ele... ele não ousaria...

Zack olhou para Eric e este acenou afirmativamente. Como assim, Dante ia partir para a batalha sem nos dar chance de nos preparar?

– Na verdade ele nos deu muitas chances, senhorita Jéssica – Eric meteu-se em meus pensamentos – deu a Zack dois anos.

– Como é?

– Eric – cortou Zack, enquanto me puxava pelo braço para fora da sala – eu pensei que você tinha dito que isso não era da sua conta.

– Se a senhorita Jéssica quiser saber, eu digo. Como vai me impedir?

Agora já estávamos do lado de fora da sala e Zack estava com um dedo apontado para o rosto de Eric.

– Você sabe melhor do que ninguém o que sou capaz de fazer – a voz dele sumiu antes de acabar a frase, como se estivesse dizendo isso mais para si mesmo do que para a morte à sua frente.

– Acho – o mensageiro não se abalou nem por um instante – que minha pergunta agora seria: você ainda é capaz de fazer? Ou de voltar a fazer? O que te impede agora, Zack?

Meu vampiro colocou a mão sobre a fronte e gemeu.

– Sim... – Eric continuou – é por isso mesmo que Dante quer se livrar de Jéssica.

Aquilo gelou meu sangue.

– O que raios os dois imortais estão discutindo, hein? O que Zack é capaz de fazer? Por que Dante quer me matar?

Os dois falaram ao mesmo tempo e apontaram um para o outro:

– Pergunta pra ele.

Quando estava pronta para retrucar (ou soltar um palavrão), a porta da sala se abriu. Estávamos apenas nós três sozinhos no corredor; todas as turmas das salas já tinham seguido para a próxima aula.

E Dante vinha sozinho.

Meu coração queria ver o que estava acontecendo, da mesma forma que das vezes anteriores, já que

ele batia direto na minha garganta. Engoli saliva, tentando fazer a voz soar rígida, mas não consegui.

– O que... o que você fez com elas?

Tudo bem, elas poderiam não ser aquele tipo de gente que você quer ter por perto, mas quem mais torceria pelo time de basquete do Rick? Eu que não.

Ele deu uma olhada para trás, pôs as mãos no bolso e falou com voz suave.

– Só estão dormindo. Deve ser cansativo pular com pompons por aí.

Eu queria entrar na sala para verificar, mas me segurei. Provavelmente devia ser verdade – falo da parte delas estarem dormindo – já que não escutei grito algum. Afinal se ele tivesse agarrado uma só para fincar os dentes nela, as outras teriam tido um ataque histérico. Não digo por qual motivo, mas teriam tido, com certeza.

O silêncio voltou a reinar. Para uma mulher sociável como eu – ou tagarela, depende do ponto de vista – isso era inadmissível. Mas Dante foi o primeiro a se manifestar. Ele aproximou-se de nós, e eu instintivamente coloquei-me atrás de Zack e ele deu passo à frente para me proteger.

– Do que está com medo, Jéssica? – Dante ergueu uma sobrancelha com ar divertido – Não era você quem queria me dar um amasso?

Zack virou para trás e olhou para mim erguendo a mesma sobrancelha.

– Falha de envio de bilhete – retruquei, sentindo minhas bochechas queimando – Nunca aconteceu com você, não?

Zack pareceu segurar uma risada e voltou-se para frente. Eric apenas assistia a cena, como se não estivesse ali. A morte vive rondando a gente.

Há há há , a morte vive.

– Bem, Zack – Dante continuou ferino – parece que encontrei você novamente, mas não se preocupe. Na verdade, eu só tenho uma pergunta. Criou juízo?

Sabe, essa foi uma pergunta muito estranha. Quer dizer, conheço Zack há uns 6 meses e tenho certeza que isso é uma coisa que jamais aconteceria.

Meu vampiro não respondeu nada. Ele apenas fitava Dante com olhos fixos e mãos nos bolsos. Contudo, tenho certeza que se eu o tocasse ele me morderia. Instintivamente, claro.

– Ora... pelo visto, ainda vamos ter muito trabalho, não é? – Dante estendeu a mão, com tranquilidade – Vamos esquecer tudo isso. Vamos voltar a ser amigos, como sempre fomos.

Eu respirei aliviada. O vampiro loiro queria uma trégua! Isso é ótimo, não é? Seríamos agora a turma do barulho. Pelo menos poderia haver algum barulho depois dessa tensão toda, seria maravilhoso. Silêncio pra mim sempre foi sinal de problema. Meus pais sempre faziam isso quando eu aprontava alguma.

Zack permaneceu alguns segundos olhando para a mão estendida de Dante e preendi a respiração, esperando um ato de bom senso do meu vampiro. Então ele deu um sorriso de lado e respondeu.

– Só toco em merda por descuido.

– ZACK!!

Eu quase quis arrancar a mão dele do bolso e forçá-lo a apertar a mão de Dante, mas puxei-lhe pela camisa e sussurrei:

– Zack, não seja besta! Não vê que ele pode nos matar?

Meu vampiro sacana apenas riu.

– ‘Nós’?

Eric meteu-se, com sua torturante e linda voz profunda.

– Zack tem razão, senhorita Jéssica. A única mortal aqui é você.

Revirei os olhos.

– Que seja! Não pode ao menos aceitar uma trégua? Pode fazer isso por mim?

– Ai, safadinha – Zack deu leves batidinhas na minha cabeça – acha mesmo que é simples assim?

Dante veio para cá com um motivo. Na verdade, ele sempre me encontra com um motivo e, dependendo da minha decisão, isso pode mudar.

– Eu estou por aqui com histórias de detetive! Que decisão? Que motivo?

A voz de Dante invadiu nossa conversa como uma brisa indesejável.

Bem, nunca pensei que uma brisa podia ser indesejável, mas o fato é que a voz de Dante era suave demais para ser comparada com a de algo mais selvagem. Ele parecia aquele tipo de assassino frio e calculista que acalma a vítima para pegá-la de surpresa.

– Eu posso informá-la se quiser saber, Jéssica. Acho que você não vai conseguir arrancar nada de Zack. O que me diz?

Eu engoli em seco e cheguei a cogitar, mas não tive tempo de resposta.

– Ela não vai encontrar com você, idiota – a voz de Zack elevou-se como um rugido – Lembra-se que a matou? Nem Jessi seria tão estúpida!

Ah, é.

– Bem, se a curiosidade dela foi maior... – Dante sorriu como um gato.

Embora o ditado seja ‘ a curiosidade matou o gato’ neste caso acho que se eu for curiosa, é o gato que vai me matar.

Zack virou-se pra mim com braços cruzados.

– Jessi, se você se encontrar com ele eu mordo você.

Ergui uma sobrancelha.

– Certo – ele corrigiu – então nunca mais mordo você!

Pronto, agora sim soou como uma ameaça.

Dante não esperou que eu respondesse. Apenas sorriu e nos deu as costas, como se nunca tivéssemos representado nenhuma ameaça pra ele.

Por um momento desejei que Vincent voltasse logo.

## Amigo ou inimigo?



Zack e eu chegamos às 21:00 no quarto das *otakus*. Como se não bastasse chamar apenas a mim para a diversão com as séries intermináveis de *animes*<sup>[1]</sup> – sério, porque desenhos animados têm que ser tão grandes? Ninguém mais fica satisfeito com um episódio de Tom e Jerry, não? – agora começaram a chamar Zack junto. E ele não se faz de rogado, claro.

Eric não nos acompanhou desta vez. Acho que ele anda tendo mais trabalho com Dante por aí, afiando as presas. Espero que o vampiro loiro não nos dê mais problemas. Ao menos por enquanto.

– Bem, aqui estamos – respondi, quando Estela abriu a porta portando duas orelhinhas de coelho na cabeça – espero que seja bom!

– Vai ser bom sim, chefe! – respondeu ela, toda animada – Hoje vamos revelar nosso grande segredo!

Zack e eu nos entreolhamos. Só falta nos dizerem que não eram *otakus* coisa nenhuma e que na verdade combatiam o crime ou forças ocultas à noite.

Bem, não iam deixar de ser um pouquinho estranhas.

Só iam ter um uniforme diferente.

Sofia, Ana, Dine e Bobby estavam sentados em almofadas jogadas pelo quarto. Zack estava meio calado, talvez pensativo com tanta coisa acontecendo. Certo, estou feliz de vê-lo se preocupando um pouquinho com a situação agora, mas não deixo de estar um pouco tensa. Ele tenta disfarçar sorrindo pra mim quando o encaro, mas sei que ele só está tentando amenizar a situação. Às vezes Eric deixa escapar uma coisa ou outra, mas nunca encontro a morte sozinha. Se bem que também não fico muito entusiasmada em ter a morte como companhia.

Zack acomodou-se em um dos travesseiros e deu umas batidinhas no chão ao lado dele indicando onde eu deveria sentar. Revirei os olhos e me aproximei, pisando fundo. Não importa onde eu me sentasse, eu sei que me seguiria. Já conheceu um vampiro tão previsível assim?

Hum, provavelmente você não conheceu nenhum, desculpe. E se conheceu e está vivo, bem, meus parabéns.

Bobby estragou a surpresa das meninas.

– Bem, Jessi, agora você vai saber o motivo do grito de guerra: “Jessi...James! Equipe Rocket decolando na velocidade da luz!”

– Hein? Quer dizer que essa é uma frase de desenho animado?

– Desenho animado não, chefe – corrigiu Dine, com um dedo no ar – Anime. Por favor, não misture as coisas.

Suspirei. Minha vida é mesmo uma novela.

Ou uma piada de humor negro? Ainda não me decidi.

Depois de alguns minutos do anime ter começado, Zack passou os dedos pelos meus cabelos e senti um arrepio gostoso subindo pela espinha. Ele estava silencioso novamente, e pensativo. De repente, Sofia para o filme e se vira pra nós, indignada.

– Então, que palhaçada é essa aqui?

Eu me virei para ela confusa.

– É isso mesmo – concordou Bobby do outro canto – Zack está calado e nem te sacaneou ainda. Ou pior, ele está até atencioso. Podemos saber o motivo?

– Eu também não ia dizer nada – chegou Ana, a doidinha, jogando lenha na fogueira – mas vocês são realmente o casal mais legal que eu conheço. O único que não me dá vontade de vomitar. Então por quê?

Eu não sabia o que dizer, mas Zack adiantou-se.

– Meu passado voltou para me assombrar – ele foi direto ao assunto, sentando-se e mantendo uma postura calma – Tenho medo de que algo possa acontecer a Jéssica ou a vocês. Um antigo... amigo desse passado quer acertar as contas comigo. E não quero envolver ninguém nisso porque é uma coisa minha que...

– Pode parar – cortou Estela – é assim que você trata amigos que passaram por uma tremenda fossa com você?

Eu segurei, mas acabei caindo na gargalhada junto com todo mundo. Fossa, esgoto... até hoje a gente não se cansou das piadinhas?

– Sem contar que nós temos nossas artimanhas, Zack – avisou Bobby, quase se inflando de tanto orgulho – Não é qualquer um que pode nos pegar. Nós podemos ser espiões, por exemplo! Podemos informar todos os passos do seu... amigo! Do mesmo jeito que as meninas fizeram com você quando passavam informações para a Jessi...ai!!

Estela deu-lhe a cotovelada tarde demais. Zack estendeu-me um olhar divertido que já dizia tudo: “essa informação vai ser utilizada para te zoar até o fim da sua vida.”

Uma comédia. Isso que minha vida é.

– Bem, a gente fala sobre isso depois, ok? – cortou Zack, tentando dar outro rumo à conversa – Agora quero ver a continuação desse desenho do bicho que brilha. Qual o nome dele mesmo?

– Edward?

Bobby e Zack levaram uma chuva de almofadas. Homens não cansam mesmo, não é?

– É *Pikachu*<sup>[2]</sup>, seu babaca– cortei logo, exausta de tanta zoeira com Crepúsculo – e calem a boca porque quero ver a Jessi e o James.

A tensão já tinha sido quebrada e Zack já estava se sentindo melhor. Meu casaquinho estava cheio de pipoca, minha blusa toda desfiada e nem faço ideia de onde foram parar minhas sandálias.

Fiquei pensando em como seria bom se aquele momento durasse para sempre. Mas como minha vida na verdade é um filme de terror, eu recebi uma mensagem estranha no celular assim que Zack levantou-se para pegar mais pipoca junto com Bobby na cozinha. Havia um número identificável; então é diferente das mensagens que eu volta e meia recebo de pessoas me ameaçando. Sabe como é, fã-clube de vampiro é uma coisa de doido.

Olá, querida. Vai mesmo me ignorar assim? Acha mesmo que não posso te passar informações sobre Zack? Não acha que vale a pena se arriscar por isso?

Dante. Eu sentia isso com todos os glóbulos vermelhos do meu sangue.

Apertei o botão de deletar antes que Zack resolvesse mexer no meu aparelho. Por sorte eu tirei o toque de musiquinha que soava quando alguém me mandava mensagem. Isso porque Zack adorava fazer isso em qualquer horário: no meio da aula – sim, mesmo sentando atrás de mim –, no meio da educação física, na biblioteca, no meio da missa...

Ele sentou-se confortavelmente ao meu lado com um balde de pipoca amanteigada, deixando cair algumas na minha calça e manchando o jeans de gordura saturada.

– Já pedi pra você não colocar tanta manteiga nesse troço – retruquei, tentando disfarçar a tensão na voz – Sabe quanto de colesterol manteiga tem?

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Em primeiro lugar, isso não tem gosto de nada. Em segundo, você parece estranha. Pálida, uma veia saltando na testa... o que há? Está preocupada?

*Putz*, ele me entendia como se eu fosse um livro infantil aberto.

– Bom, pra começo de conversa, pipoca não tem gosto de nada porque você só sente gosto de sangue. Isso sim tem um gosto horrível. E segundo... Não, eu só... o desenho está me deixando nervosa.

Todos na sala olharam pra mim.

– *Pokemon* te deixa nervosa? – falaram os cinco *otakus* ao mesmo tempo.

Bobby olhou pra Ana e ela acenou com a cabeça:

– Sim. Vamos esquecer o anime do *Death Note* por enquanto.

Não sei do que estavam falando, mas fiquei aliviada.

A sessão terminou e, depois que Zack e eu nos despedimos, começamos a andar em silêncio pelo corredor. Alguns minutos depois, eu segurei no braço dele e percebi que estava interrompendo sua linha de raciocínio porque ele se retesou por um instante.

– Está pensando em Dante? – murmurei, apreensiva.

Ele não disse nada por um tempo, mas segurou minha mão e, em seguida, envolveu-me com um braço por trás.

– Jessi...eu queria poder falar mais, mas correria o risco de ter você por perto para querer me ajudar.

– Zack, sou sua caçadora. Vamos deixar bem claro aqui. Eu não vou te ajudar; não vou lutar com vampiro nenhum por sua causa e a única coisa que tenho que fazer é te matar.

Ele segurou os lábios numa linha reta como se estivesse tentando não se romper numa risada.

– Certo... tornar-se minha namorada, salvar-me de psicóticas adoradoras de deuses malucos, proteger-me do caçador mais perigoso do conselho e bater em líderes de torcida faz parte do seu plano?

– Bem, talvez faça – recuei como uma adolescente que foi pega no flagra, mas não quer confessar – você não sabe se na verdade sou perigosa, não é? Quem sabe eu sou a caçadora mais perigosa do Conselho e que, na verdade, Vincent é que é meu pupilo? Quem sabe estou armando tudo isso pra deixar você caído aos meus pés e te pegar quando estiver fraco demais pra reagir?

– Você morreu e voltou por minha causa, lembra? Não deixou que me entregasse – ele continuava tentando conter o riso.

– Bem, talvez eu possa ter mentido todo esse tempo.

Ele me fitou por alguns instantes. Nós estávamos sozinhos no corredor escuro, já passava da meia noite e o silêncio era tão profundo que doía.

Como eu já disse antes, muito tempo em silêncio me dói.

Subitamente, Zack puxou-me forte contra ele e me beijou com intensidade nos lábios. Um beijo cheio de amor, paixão e me entreguei, fechando os olhos. Fiquei totalmente sem ação e tive que esticar fortemente as pernas para não permitir que meus joelhos se dobrassem e eu caísse no chão. Os braços dele me envolviam com desejo e senti que ia derreter naquele abraço. Joguei os meus braços por cima do seu pescoço e ele me apertou com mais força ainda. Não queria que aquilo terminasse nunca.

Minutos depois ele me soltou e abri meus olhos com um gemido. Zack me olhou fundo nos olhos, passou a mão nos meus cabelos e sorriu de lado.

– Acho que não.

Quando chegamos à porta do quarto, meu vampiro olhou apreensivo para os lados.



– O que foi? – respondi meio tímida, os lábios ainda pinicando por causa do beijo no corredor – Você não está planejando entrar, não é?

Ele deu aquele sorriso característico e piscou.

– Se eu quisesse, nada iria me impedir. Mas agora... tenho que ir atrás de alguém.

Não posso negar que me senti um pouco desapontada, mas mantive a compostura. Minha vontade mesmo era de agarrá-lo pela gola, puxá-lo pra dentro e gritar: “Vira homem e me beija!” Mas ele com certeza ia cair na gargalhada e estragar todo o momento como sempre faz. O que é bastante cansativo, quer dizer, será que todo vampiro gosta de cortar o clima quando as coisas estão esquentando? Deve ser por isso que eles têm essa temperatura gelada. É só apertar que eles escapam como se fôssemos cruces.

Tirando o Conde Drácula, acho. O cara tinha uma porção de mulheres. Mas sei lá, por isso que ele deve ter morrido; afinal, pagar pensão para tanta gente deve ser dose.

Bem, também levemos em consideração a preocupação dos vampiros, dessa onda toda sobre eles por aí. Uma fã deve ser mais perigosa que um barril de água benta.

Estou mesmo defendendo esse cretino ou me justificando por ele cair fora e não ficar aqui comigo para passar a noite?

De repente percebi que ele me olhava fixamente, quase não conseguindo mais conter o riso que escapava pelos lábios.

– Então, Jessi? Perdida em devaneios? Aposto que seu amigo imaginário pensa que você é louca.

– Só estava pensando, seu babaca. Às vezes a gente tem que parar um pouco e pensar em outras coisas, sabe? Você entende, não é?

– Claro. Deve ser muito difícil pra você fazer duas coisas – ele deu tapinhas leves na minha cabeça – mascar chiclete e andar de elevador, por exemplo.

– Você não estava de saída, Zack? – falei entre os dentes.

Ele deu um risinho.

– Sim, já vou. Quer que eu chame o Eric pra te fazer companhia?

– NÃO! – respondi rápido demais e tentei consertar – Hum, digo, a companhia dele é ótima, mas quero descansar, obrigada.

– Certo... – ele deu-me as costas e seguiu em frente – Te vejo amanhã, Jessi.

Dei um suspiro quando me vi sozinha na porta do quarto. Nada de sessão da meia-noite? Nada de tentativas de me morder? O que vou ficar fazendo de meia noite às seis da manhã? Dormir?

Estou tão desacostumada com isso que chega a parecer absurdo. E pensar que alguns meses atrás só de passar da meia noite eu virava abóbora.

Quando fechei a porta do quarto, recebi uma nova mensagem no celular. Suspirei com um certo pesar. Será que todos os vampiros estão por dentro das tecnologias? Ou celular deixou de ser tecnologia? Meu Deus, estou tão velha assim?

Jessi, apenas me responda uma coisa: quando Zack passou a andar vestido de preto? Quando você o conheceu ele já andava assim?

Certo, aquela foi uma mensagem mega estranha de Dante. Parei para pensar um pouquinho. É, realmente ele não andava; da primeira vez em que o vi, usava um sobretudo branco enorme. Da segunda, uma roupa meio de pirata, uma blusa branca com mangas soltas e calças de couro com botas. Desde que nos conhecemos ele tem andado com roupas mais descoladas, até jeans eu já o vi usando – certo, ele reclamou que coçava – mas as roupas dele começaram a ficar escuras. Agora fiquei muito curiosa.

Digitei uma mensagem para Zack:

Zack, responde logo: porque desde que você me conheceu você passou a usar roupas mais escuras e modernas?

Sentei na cama e esperei pela resposta. Não precisei esperar mais que dois segundos. Como ele consegue?

Pergunta estranha, safadinha. Pensei que todos os vampiros deviam usar preto, só isso.

Será que ele estava falando do estereótipo dos vampiros? Será que ele passou a usar preto porque eu achava que devia ser assim? Zack tinha umas bobearas que eu vou te contar... mas por que Dante se importava com isso?

Pensei em responder a mensagem de Dante, mas fiquei com um pé atrás. Ele não podia me rastrear usando a tecnologia do celular, podia? Não estou tão por fora assim, mas sei que o poder de um vampiro pode fazer isso tranquilo. Dante parecia ter mais poderes que Zack... mas Zack não é o mestre dos vampiros? Ele não devia...?

Digitei a mensagem de resposta para o vampiro loiro:

Eu não tinha percebido, mas sim, ele passou a usar mais preto e roupas mais descoladas depois. Por quê?

Enviei, coloquei o celular na cama e massageei as têmporas. O que Dante pretendia? Confundir-me? Zack já fazia isso muito bem, obrigada.

Resolvi tomar um banho bem longo e quente enquanto esperava pela resposta. Enquanto isso, pensava. Será que fiz bem em responder ao Dante? Será que ele me daria as respostas que eu precisava saber?

Bem, eu sou uma caçadora de vampiros. Eles é que deviam ter medo de mim, não o contrário. Será que pareço meiga demais? Não, provavelmente a resposta é de que eu sou incapaz demais.

Quando voltei ao quarto, peguei instintivamente o celular. Nenhuma resposta. Talvez eu devesse ficar feliz, mas não foi o que me ocorreu. Uma estranha sensação começou a subir pelo meu corpo, uma aflição incômoda de que falei mais do que devia. Mas tinha sido só aquilo: ‘não, agora ele usa roupas modernas e escuras’. Será que falei demais? Há algum código dos vampiros que não deixa vampiros usarem jeans? Qual é, e a sobrevivência do mais adaptado? Eu sei que estudei isso nas minhas antigas aulas de ciência. *Darwin?* Sei lá.

Percebi que realmente estava perdendo as estribeiras – expressão velha, corta – por estar fazendo perguntas demais para mim mesma. Alguém tinha que responder essas perguntas. Eric? O cara some quando a coisa aperta e só dá resposta enigmática. Zack? É capaz de tirar sarro de mim fazendo de conta que está realmente me respondendo. O Conselho? *Affe*, com certeza não. Os caras mandaram uma amadora caçar o mestre dos vampiros e agora ela o namora debaixo do nariz da organização inteira! Meus pais? Piorou. Eu namoro Zack debaixo do nariz deles também. E são caçadores de vampiros! Não, não me sinto mal. Eles também me enganaram por anos. Dentista e professora? Fala sério.

Eu não queria admitir, mas todas as respostas para as minhas perguntas apontavam para Dante. Eu corria o risco de ir falar com ele? Bem, só se fosse num local aberto. E com testemunhas. Isso o pararia, não é? Pra garantir, eu levaria um frasco de água benta. E uma estaca. Essa última não me ajudaria em nada, pois não tenho força pra usar, mas me sinto segura com ela. Do mesmo jeito quando você vai fazer prova com seu lápis favorito.

Fiz um chá, lembrei-me de Eric momentaneamente e chamei-o duas vezes. Ele não apareceu. Não tive coragem de chamar pela profissão dele, então fiquei quieta.

Gemi quando coloquei a cabeça no travesseiro sabendo que não ia pregar o olho, mesmo sabendo que Zack não ia me perturbar aquela noite. Eu iria falar com Dante, eu sei que sim. Ele é a única escolha que tenho antes das coisas apertarem para o meu lado.

Mas ele também pode querer apertar meu pescoço.

## Segredos de quem?



Durante o dia eu sabia que nem Zack nem Dante dariam as caras, então era natural eu pensar em fazer alguma coisa idiota, claro. Coloquei um casaquinho de veludo vermelho, um tubinho preto e botinhas. Daí mudei outra vez. Eu devia parecer um detetive, não uma colegial de *Beverly Hills*. Coloquei um boné, calça jeans desbotada e top branco. Hum, calça jeans não permitiriam uma fuga rápida. E se...

– Está escolhendo roupas para aprontar, senhorita Jéssica?

Pulei para o lado, instintivamente pondo a mão sobre o coração. Eric arqueou uma sobrancelha.

– Como você sempre... deixa pra lá. O que faz aqui? – sacudi a cabeça e momentaneamente arregalei os olhos – Você não teve nenhuma premonição de que eu vou... não, né?

– Infelizmente, não – ele sorriu e eu soltei a respiração – mas eu estava meio entediado, já que os dois estão dormindo. Eles me deram muito trabalho ontem à noite.

– Como assim? Zack e Dante? O que aconteceu?

Ele balançou a cabeça, pesaroso.

– Bem, não muita coisa. Um está testando o outro. Mas realmente algo precisa ser feito. Estão planejando um ataque. As hordas estão vindo...

– Hordas? Ai, meu Deus! Quem está planejando um ataque? Desembucha logo! São os outros vampiros, não é?

Ele ergueu-se.

– Não é segredo pra você que Zack tem muitos inimigos e isso inclui os vampiros revoltados. Os renegados. Zack tem um passado negro, senhorita Jéssica. Ele colecionou inimigos ao longo do tempo.

– Me deixe por dentro, Eric. Tenho saber no que estou me metendo.

– Eu não deveria dizer isso, já que quero que você morra – minha nossa, ele é tão sinistro! O pior é saber que ele diz isso com o maior carinho – mas não quero que você corra tanto perigo ou possa ser usada para atormentar Zack. Devia deixar tudo nas mãos dele. Ele me pediu para te dizer isso ontem. Vai embora.

Caí sentada na cama. Zack mandou-me ir embora? Eric sentou-se ao meu lado e nem percebi o calafrio que ele estava causando em mim. Talvez porque minha alma já estivesse gelada por dentro.

– Ele me mandou... ele mandou você dizer isso?

Eric limpou a garganta.

– Bem, ele a quer longe quando a guerra estourar. Está muito preocupado com você.

– Pois pode dizer ao senhor Zack que daqui não arredo o pé!

– Não arreda... o quê?

– Eu quero dizer que não vou fugir. O que o Conselho iria pensar?

Eric ergueu uma sobrancelha.

– O que eles já sabem. Que você é incompetente.

– Pode ser – engoli meu orgulho, que já nem é muito – mas já sofri muito por causa dele. E eu... Eric, o que mais Zack tem... além de mim?

– Um fã-clube?

– Além disso.

– Um caçador no pé dele? Vampiros ao redor do mundo querendo matá-lo?

– Coisas boas, Eric. Coisas boas.

– Você se inclui?

Revirei os olhos. Passar tempo com Zack estava deixando Eric muito metido a engraçadinho.

– Eu vou até o fim por Zack. Eu sei que ele faria o mesmo por mim.

– Senhorita Jéssica... terá que me convencer a revelar o passado de Zack. Não posso revelar coisas ocultas a não ser que me seja concedido. Mesmo porque ele ficaria um bocado zangado e ia querer descontar. E eu não tenho paciência para os jogos dele da mesma forma que você tem.

– Certo, Eric... então me responda. Zack mudou depois que me conheceu?

Ele deu um sorriso discreto.

– Mudou sim. Talvez seja isso que...

– Que...

– Bem, esqueça. Acho que é melhor você falar com Dante de uma vez.

Dei um pulo e me recompus.

– Como sabe que quero falar com Dante?

– Seus pensamentos estão uma bagunça, senhorita Jéssica. Mas isso está gritando na sua mente feito corvos irritados. Faça de uma vez.

– Mas... bem, achei que estivesse louca...mas se você diz...

Espere aí... eu estava aceitando conselhos da morte?

– Isso é um plano sujo para me matar? – fiz um gesto de choque meio exagerado – Como sabe que eu queria falar com Dante se não revelei isso a você? Eu sei que só pode ler a mente se o pensamento está relacionado com você de alguma forma!

– Sujo? Ora, por favor. É fácil eu ler que você quer falar com Dante. Afinal, é um pensamento suicida.

Ah, tá. Agora me sinto melhor.

Decidi por um par de shorts e Eric torceu o nariz. Ele sempre me diz que espíritos puros não gostam quando as pessoas expõem o corpo demais. Eu normalmente reviro os olhos e pergunto se estou bonita. Ele diz que não faz diferença alguma e acaba o papo. Então nem vou começar.

A morte é tão previsível.

Eu andei normalmente pelos corredores e segui para a sala do diretor. Ali ficavam os arquivos dos alunos, mas tinha gente demais ali na frente da sala naquela hora. Não eram dez da manhã? Os alunos não deveriam estar de cama agora com ressaca? Por que resolveram se tornar jovens responsáveis de uma hora pra outra? Saco.

Eric estava bem no meio do corredor, tranquilo, com aquelas roupas brancas esvoaçantes e cabelos prateados brilhando no sol da manhã que entrava tranquilo pelas vidraças. Ninguém podia vê-lo, então ele podia dançar a Macarena que ninguém estava nem aí. Senti um pouquinho de inveja, mas me recompus. Quer dizer, eu já estive assim. E translúcida. E não foi legal.

– Psst, Eric?

Eu estava encostada na esquina do corredor, fitando nervosa a porta que dava acesso à sala do diretor. Ela parecia vazia, mas duvido.

– Por que está escondida, senhorita Jéssica? – ele lançou-me um sorriso e um olhar curioso – Não é crime ficar parada no corredor. Todo mundo está fazendo isso.

Eu lancei o olhar ao meu redor e realmente percebi que muitos estavam rodando por aí, carregando

sucos da cantina e ainda se espreguiçando.

– Eu sei – sussurrei – mas é que me sinto mal por fazer coisa errada – ele riu – mas o que eu ia te pedir era que entrasse na sala do diretor e visse se ele está lá dentro.

– Nem preciso entrar lá. Não está vendo que todo mundo diminui o passo quando passa por ali? Bem, ele está sim. E não vai gostar de saber que você resolveu mexer na ficha de Dante só porque é filha do embaixador.

– Então leia meus pensamentos e veja se meu plano vai dar certo.

– Eu não sou adivinho, senhorita Jéssica – ele revirou os olhos.

– Bem, pode não ser, mas é um espírito puro. Sendo assim, consegue prever pelas nossas ações e nossas motivações se as coisas podem dar certo ou não. Eu li muito sobre anjos, tá? Mesmo que você não seja propriamente um. Agora me diga: vai dar certo ou não?

– Não.

– Droga. Certo.

Continuei olhando para a porta da sala e ele acrescentou.

– Nem é preciso ser um espírito puro pra saber que esse plano é idiota demais para dar certo.

Olhei para ele com irritação. Meu plano era gritar ‘fogo’ e fazer todo mundo sair correndo, incluindo o diretor. Mas acho que ele já deve estar acostumado com esses joguinhos.

O diretor, não o Eric. Mesmo porque se alguém gritar ‘fogo’ ele não vai fugir pra saída e sim ir para onde o fogo está acontecendo, só pra começar a trabalhar.

*Brrr...*

Enquanto pensava em alguma coisa, Bobby passou por mim no corredor, com uma pilha de livros de RPG embaixo do braço. Quase esbarrou no Eric, mas parou instantes antes, sentindo calafrios. Bobby pode não vê-lo, mas não sei como Eric consegue isso, sério.

Ele virou-se para mim.

– Jessi, o que faz aqui parada? Não devia estar no quarto dormindo para ser atormentada por Zack à noite?

Eu nunca sei quando as pessoas estão usando sarcasmo, embora eu o use o tempo todo.

– Bobby, quero entrar na sala do diretor, mas preciso que ele saia de lá. Alguma ideia?

– Claro. Agora? – ele falava como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

– Hã...sim.

– Certo, então segura isso, por favor. Depois me entregue, viu?

Eu olhei para a pilha nos meus braços e acenei com a cabeça.

Então Bobby pegou um dos livros quaisquer e tacou na janela da porta, estilhaçando-a em mil pedaços. Eu mal piscava. Só tenho amigo doido.

O diretor saiu da sala bufando, com aquele olhar de ‘quem quer que tenha sido, não pode ter ido muito longe’ e Bobby nem se mexeu, com um sorriso de gato no rosto.

– Quem...? – seu olhar caiu naturalmente sobre o adolescente sorridente, que mesmo não sendo o culpado ia pagar caro por rir dele. Mas o coitado do diretor teve uma surpresa.

– Fui eu, panacão! Tenta me pegar! – Bobby acenou, pronto pra correr – Se bem que depois de passar tanto tempo atrás da mesa sentado só deve correr com um chicote batendo na bunda!

Eu arregalei os olhos, enquanto meu amigo passava por mim que nem um raio com o homem bufando em seu encalço. Todos correram atrás para ver se o diretor alcançava o doido varrido e lancei um olhar suspeito para Eric.

– Não, ele não vai matá-lo – Eric respondeu, quase rindo – se não me engano isso é crime. Mas considerando a forma física de ambos, seu amigo está seguro. O diretor não vai alcançá-lo. Mas Bobby

vai ficar em apuros mais tarde.

Fiquei cogitando se os poderes da filha do embaixador poderiam tirar meu amigo dessa furada e dei de ombros. Uma coisa de cada vez. E sei fazer duas coisas ao mesmo tempo sim, antes que você se lembre de Zack. Posso vasculhar a sala e pensar num jeito de surrá-lo, por exemplo.

Quando o corredor esvaziou, virei o boné para frente e cruzei o caminho rapidamente, entrando direto na sala. Fechei a porta atrás de mim e suspirei. Dei um pulo quando vi Eric na minha frente e contive o grito.

– O coração, novamente? – ele provocou, erguendo a sobrancelha – Cuidado, senhorita Jéssica.

Revirei os olhos e pisei fundo, indo direto ao gabinete que continha os arquivos. Qualquer informação sobre Dante, qualquer coisa que o entregasse ia ser vital. Vasculhei a letra D com os dedos tremendo. Ainda bem que o diretor não organiza os arquivos com os sobrenomes das pessoas, como todo mundo faz. Ele acha que é impessoal. Seria um problema eu tentar descobrir o sobrenome de Dante. Ia mandar uma mensagem de texto? Podia aproveitar o perguntar o número da carteira de identidade. Dante *Suckblood*? Dante *Bloodway*? Dante *Kissmy*...

– Achei! – contive o tom de voz quando notei que ia sair estridente – Aqui está... Dante *Sherwood*. Hein? O cara tem o sobrenome do Robin Hood?

– Sherwood era o nome da floresta em que Robin Hood morava, senhorita Jéssica.

– Tanto faz. De qualquer forma, o que isso faz dele? Um Robin Hood vampiro? Rouba sangue dos gordos para dar para os magros?

Abri o arquivo e tentei memorizar tudo o que podia.

*Dante Sherwood. Transferido da Universidade de Harvard — aham, sei — aluno aplicado, boas notas, reservado. Hábitos noturnos, amigo de Zack. Os dois parecem evitar um ao outro, mas é cedo para dizer. Emancipado, pouco fala de sua família, mas afirma que Zack é um primo distante. Não tenho paciência para outra reunião com Zack e suas gracinhas. Deixa quieto. A maior parte do tempo o tal Dante passa fora da universidade, então enquanto não me aborrecer, pouco me importa. Hospedado temporariamente no prédio de Zack, 3º. Andar, quarto 312.*

Engasguei com a risada. O que houve com o diretor Anderson? Quando ele passou a ser assim, tão descolado? Imagina apresentar esse relatório aos pais de alguém? Acho que o diretor está cansado de ser diretor. Vou deixá-lo ser caçador por uma semana e aí ele vai aprender a amar o trabalho.

– Não achou nada interessante, senhorita Jéssica?

– Emancipado? Dante é emancipado?

– Dante não tem família. Os pais dele morreram há muito tempo, antes que se tornasse vampiro. Zack o atacou quando estava sozinho, saindo de um lugar... Quando estava prestes a matá-lo, Dante agarrou-o pela gola e pediu para ser como ele.

Meus olhos arregalaram-se sem que eu pudesse evitar.

– Então foi assim que tudo aconteceu? Zack já era mestre dos vampiros naquela época?

– Sim, e bastante famoso. Dante pesquisava tudo sobre sua... aham, não-vida. Zack não estava gostando. Um dia o encurralou quando estava saindo de uma biblioteca e o atacou.

– Dante queria ser como Zack? Como assim? E o que o próprio achava disso?

– Deixe de ser afobada, querida Jéssica. Bem, Zack irritou-se. Dizia que não iria tornar nenhum

humano vampiro. Deixou-o viver, mas Dante não desistiu.

– Zack deixou-o viver? Que estranho... ele me dizia que não deixava suas vítimas continuarem vivas...

Eric revirou os olhos.

– Sim, eu sei, e é estressante. Mas acontece que Zack e Dante eram grandes amigos muito antes disso tudo acontecer. Dante tinha 10 anos quando conheceu Zack, aos 24. Ele ainda não era vampiro, e Dante apenas um garoto que ansiava por conhecimento, o que irritava muita gente na época. Afinal, era comum ser analfabeto.

– CDF? Nerd?

– Como quiser. O fato é que alguns meninos o encurralaram no beco e estavam prestes aurrá-lo. Zack estava passando por acaso e ameaçou os meninos. Dante ficou admirado com a firmeza e com o porte de Zack. Os meninos, é claro, correram feito loucos. Zack era famoso por ser filho de um figurão.

– O pai de Zack era um figurão?

– Ah, sim. Os dois viviam em pé de guerra, por serem muito parecidos. Essa é uma história que cabe a ele te contar, senhorita Jéssica.

– Bem, tá, tá – abanei a mão, louca pela fofoca – continua! E daí? Depois que Zack colocou os meninos para correr?

– O menino sempre ficava à espera de Zack pelo caminho da escola ou ia bater na casa dele, sendo que Zack sempre o recebia muito bem. Inclusive deu a ele inúmeros livros e o encorajava a se dedicar aos estudos.

Suspirei. Que pai maravilhoso Zack seria.

Sim, porque como caça ele é péssimo.

– Quando Zack desapareceu – Eric continuou, ignorando meu ar sonhador – houve boatos na cidade que diziam que havia sido morto, contraíra a praga, brigara com o pai, entre outros.

– Nossa, já havia fofoqueiros desde aquela época? Nem conseguiam decidir qual boato espalhar...

– Mas Dante havia visto Zack uma noite, então sabia que ele ainda estava vivo. Só que Dante ia crescendo e não desistia. Ficou vidrado em acontecimentos estranhos e era só isso que pesquisava. Ele se mudava para onde esses acontecimentos aconteciam. Começou a receber ameaças de morte quando estava já com 25 anos. Eu até que ficava perto dele algumas vezes.

– E ele morreu?

– Sim, senhorita Jéssica. É por isso que ele fica rondando por aí.

– Eu pensei que você não soubesse o que era sarcasmo... – abaixei a voz, ficando vermelha.

– Bem, na verdade, é isso o que quero dizer. Ele morreu, virou vampiro.

– Zack...?

– Não, como eu disse, Zack não o matou, apenas deixou-o semimorto à beira do caminho e foi embora. Dante gritou por ele, mas o vampiro apenas o ignorou.

Senti um nó se formando na minha garganta.

– Não sinta pena de Dante. Zack o fez para que ninguém o fizesse. Ele sente desprezo por ser quem é.

Senti outro nó. Só encontro homem desajustado.

– Dante tinha bom conhecimento sobre ervas medicinais e conseguiu puxar algumas do bolso, colocando-as sobre a ferida e estancando o sangue. Tomou um elixir e aguardou até que as forças retornassem. Tem uma grande força de vontade, sou obrigado a dizer. No dia seguinte, foi mais fundo; buscou o covil dos vampiros, esperou que os mais fortes saíssem e seduziu uma vampira recém-transformada. Ela ficou encantada com a beleza dele; ainda mais porque implorou a ela que o transformasse para que sempre pudessem ficar juntos. Ela resistiu por um certo tempo, mas acabou cedendo.

- Ela tinha trinta?
- Senhorita Jéssica...
- Desculpe, desculpe...continue!
- Ela o transformou... então Dante a matou.
- Ele... O QUÊ?

– Ele dizia que não ia deixar ninguém ficar entre Zack e ele. Zack nunca soube disso, mas acho que desconfia; vampiros que tornam outros humanos vampiros são severamente punidos. Como o culpado nunca apareceu, Zack deixou pra lá. E ele também tinha desprezo pelos da sua raça, então não sentia falta de ninguém.

Eu estava pasma. Dante era um psicótico. Zack, um lobo solitário. Que maravilha. O Conselho sabe disso?

- Ele se tornou o braço direito de Zack, até que...
- Até que... – eu repeti, engolindo em seco.
- Até que você se deu bem entrando aqui na sala do diretor, mas se não sair rapidinho, vai acabar entrando numa fria. Ele está vindo aí.

Pisquei algumas vezes tentando entender o que ele estava falando, então dei um grito abafado, catei os livros de RPG do Bobby e corri para o corredor. Depois os larguei no chão outra vez e voltei para a sala, para enfiar de volta o arquivo ‘descolado’ de Dante no gabinete.

Eric caminhou calmamente pela porta e eu ainda percorri alguns metros acelerada e com a respiração pesada. Mas não estava exausta, apenas com a respiração presa. Informação demais.

– Senhorita Jéssica, revelei tudo isso para que você não se meta na vida desses dois. Há muito mais do que imagina. Dante é insano, de verdade. Ele manipula as pessoas, e não tem limites. Mas ainda admira Zack, então não vai fazer nada que Zack não queira. Ainda.

– Como assim? – levantei-lhe olhos aflitos e depois disfarcei olhando para frente, enquanto seguíamos pelo corredor.

– Quando ele vir que Zack não é mais como costumava ser, Dante será capaz de tudo para fazê-lo voltar ao que era. Assassino, frio, insensível.

– Por quê? – eu dei o maior grito quando dois rapazes passaram e fiquei olhando para meus sapatos, tentando consertar – Por que eu calcei essas drogas de salto para sair, por quê? Eles doem tanto...!

Esprei os dois saírem, me recuperei do meu primeiro mico do dia e voltei-me novamente para Eric.

– Você bem que podia aparecer pra todo mundo, né? Estou cansada de bancar a louca varrida!

– Pensa no caos que seria se todo mundo pudesse ver a morte.

– Bem, eles não saberiam que você é a morte...

– Mas ainda assim eu chamo muita atenção; tenho uma beleza incomum para vocês, humanos. Mulheres ou homens poderiam se apaixonar por mim e como justificaria minha presença súbita nos lugares?

– Tá, tá – já estava por aqui com homem metido – mas voltando ao assunto, por que razão Dante quer que Zack volte ao que era antes? Ele está bem melhor agora!

– Bem, ele... – os olhos dele arregalaram – *Uff*, já volto.

Subitamente, Eric sumiu. Fiquei apavorada. Engraçado, quando Eric aparece do nada eu fico com os nervos à flor da pele, mas quando ele some assim eu fico louca de medo.

Significa que ele teve que ir trabalhar.

*Brrr!*

Segui pelo corredor remoendo todas as informações que Eric despejou sobre mim. Dante queria que Zack voltasse ao que era antes. Mas tentou me matar. Tentou matar Zack também. Será que planejava



despertar algum instinto no meu vampiro? Algo que fizesse Zack voltar a ser um assassino possuído?

Não quero nem imaginar! Sempre reclamo dele, mas o que seria de mim sem o safado, irritante, gozador e sexy do meu namorado? Como seria Zack calado, frio, calculista? E olha que ele já tentou me matar uma vez.

Quando a gente se casar, vou jogar isso na cara dele para o resto da vida.

Entrei no quarto pisando fundo e liguei a televisão. Estava no noticiário e não me surpreendi ao ver que a polícia tem andado ocupada com algumas mortes estranhas em locais isolados. O que vai ser dito agora? Epidemia? Suicídio coletivo? Chupa-cabra?

O Conselho vai acabar descobrindo, eu sei. Lascou-se tudo.

Enquanto pensava em possíveis desculpas para os próximos e-mails adoráveis que iria receber, fitei com o olhar meio perdido os livros de RPG do Bobby em cima da minha cama. Um deles chamou minha atenção: “Vampiro, a Máscara”. Eu devia aprender a jogar isso, não é? Pelo menos deve ter alguma dica, ainda que seja ficção. Se bem que já não tenho tanta certeza.

Enquanto folheava, percebi que havia uma ficha de personagem, esse tipo de ficha que você tem que preencher para jogar. Clã, poder, personalidade, etc. Mas o que me chamou a atenção foi uma estranha lacuna: pontos de humanidade. O que raios queria dizer? Ali deixava bem claro que você poderia perder pontos, mas o que isso poderia significar? E se você perdesse todos os pontos?

Instintivamente peguei o telefone.

– Alô? – Bobby falou tranquilamente, como se há algum tempo atrás não tivesse sido perseguido por um vingativo diretor de universidade.

– Você está bem?

– Sim, sim – ele riu – só um pouco cansado. Conseguiu o que queria?

– Hum, acho que sim. E você? Vai sobreviver?

– Ora, claro! Só fui suspenso por dois dias. Eu aleguei a ele que tive um surto depois de cheirar muitos vapores ácidos no laboratório. Como isso é frequente, ele me liberou outra vez.

– Frequente? Outra vez?

– Ahn, é, deixa pra lá. E aí? Posso te ajudar com mais alguma coisa?

– Bem, estou aqui com seus livros de RPG, e tem uma coisa aqui que me deixou com dúvida...o que são pontos de humanidade?

– Aah, do Vampiro, a Máscara? Bom, simples. Se o vampiro, no caso você, atacar muitas pessoas ou acabar liberando poderes demais, vai perdendo pontos de humanidade, você sabe, perde o que é ser humano ou sentimentos humanos.

– Hum... e o que acontece se você perde todos?

– Bem, o vampiro fica louco, descontrolado. Melhor começar um novo jogo.

– Ahn, sei. Mas é... você pode recuperar pontos de humanidade?

– Antes de ficar louco, sim. Depois disso, eu não sei bem. Depende muito do mestre, sabe?

– Ah, tá – cortei um pouquinho, não estava muito animada para escutar explicações complicadíssimas dos jogos do Bobby – mas então... acha que isso poderia acontecer na vida real?

– Bom, o que seria vida real, Jessi? Quer dizer, há pouco tempo a gente nem sabia que vampiros existiam na ‘vida real’.

– *Touchè*. Certo, bem, quando quiser pode vir pegar os livros aqui. Vou perguntar ao oráculo as respostas de que preciso, agora.

– Oráculo? Caraca, só tem novidade com você, né, Jessi? Putz, quem é?

– Google.

Com sorte, obtive muitas informações sobre esse jogo. O engraçado é, que sendo Zack o mestre dos

vampiros, será que ele está sabendo dessas estranhas leis? Ou ele mesmo se inspirou nelas? Hum, supondo que o jogo não existe a tanto tempo quanto ele, acho que não. Mas então pode ter vindo de algum vampiro fofoqueiro...

1. Jamais se revelar para um humano. Não pode, por exemplo, sugar o sangue de suas vítimas no meio da rua para recarregar as suas forças, tudo deve ser feito do jeito mais discreto possível. Zack já bombou na primeira parte. Eu sei, as *otakus* sabem, o Conselho sabe, Johnny, o porteiro deve saber.

2. Se o vampiro quebrar a “Máscara” passa a ser perseguido por caçadores de vampiros nas cidades em que estiver. Então ele já bombou nessa também. Afinal, o Conselho inteiro está no pé dele.

A parte que mais me interessava era: “algumas missões podem restituir seus pontos de humanidade”. Tá, mas quais? Como se faz? Jogando a droga de um dado e esperando tirar 6?

Isso o oráculo não soube me explicar. Se bem que também não sei se aplicaria a Zack. Afinal ele é o *mestre* dos vampiros. É ele quem dita as regras, embora os próprios vampiros queiram matá-lo. Então quem está comandando essa porcaria toda? Não faz sentido algum.

Bem, não sei por que fico me incomodando tanto com isso agora... Zack continua bem humano pra mim. Sacana, impulsivo e impossível. Não tenho muito do que reclamar.

Não percebi que já havia passado algum tempo no computador. Quando vi já estava entrando em sites de promoções e sorteios de blogs. Também estava procurando uma música e digitando no Twitter. Mas minha mente estava a mil.

De repente caiu a ficha: Dante estava hospedado no mesmo prédio que Zack, era o que dizia o relatório do diretor. Será possível? Ele não tem um pingão de bom senso, colocando dois vampiros lado a lado?

Hum, tudo bem, ele acha apenas que são dois rapazes sem nenhum senso comum, o que não deixa de ser verdade. Mas o que vai acontecer quando os dois se esbarrarem espontaneamente no corredor?

Por que o filme sangrento “Jogos Mortais” me vêm à cabeça?

## Segura...?



Não percebi como já era tarde. O sol já estava se pondo e eu ainda meio perdida nos emails. É triste perceber como a vida de um caçador de vampiros não tem graça durante o dia. Bobby passou no meu quarto mais cedo, me explicou mal e porcamente como se jogava os sistemas de RPG, eu disse que entendia pra ele me deixar em paz e se foi. As meninas estão com as caras enfiadas nos livros de química por causa da prova que vão ter hoje – ufa, dessa eu escapei! – e só agora percebi que está na hora dos vampiros saírem da toca. Com o quê me preocupo agora? Zack? Dante?

Não deu tempo de começar a lamentar pela vida que tenho; senti um vento nas minhas costas e uma presença no quarto. Respirei aliviada quando vi que era Zack.

– Estava me esperando? – ele estava sentado no batente da janela quando o notei, e veio andando lentamente para o meu lado.

– Nunca estou te esperando, você sabe. Simplesmente você aparece. Bem, pensei que estaria lutando com Dante agora. Imaginei você saindo do quarto às seis da tarde ao mesmo tempo que ele, os dois cruzando no corredor e começando uma batalha sangrenta até às cinzas.

Ele sorriu. Algo bateu dentro de mim. Zack acabou de perder duas piadas. ‘Cruzando no corredor’ – era a deixa para ele dizer ‘e tivemos quantos filhotes?’ e ‘uma batalha sangrenta’ – ele devia dizer ‘ah, safadinha, é só eu te ver que você já vem abrindo meu apetite’.

Bem, talvez seja a tensão do momento.

Quando estava bem próximo de mim, inclinou-se e cheirou meu pescoço, eriçando todos os pêlos da minha nuca.

– Senti saudade do seu cheiro...

Meu coração começou a bater no ritmo da marcha nupcial.

Tem algo errado aqui.

Não, meu coração sempre bate nesse ritmo, mas estou falando de outra coisa. Essa não é a maneira que Zack tem de demonstrar afeto por mim. Ele tira sarro da minha cara depois me dá um beijo no rosto. Ou então me agarra do nada no meio da madrugada tentando me morder e me matando do coração.

Zack suspirou na minha pele e prendi a respiração. Será que a aproximação de Dante está deixando meu vampiro romântico? Ou ele pirou de vez?

Mas ainda tinha outra coisa que estava me incomodando. Ele não estava com aquele cheiro de baunilha que tinha estado esses dias.

– Zack...

– Hum...? – ele encostou os lábios no meu pescoço.

– Você... não costuma passar perfume antes de sair?

– Jéssica, minha querida...vampiros não passam perfume...

Ele me abraçou lentamente e fiz um esforço descomunal para dizer ao meu cérebro: “ele nunca me chamou de ‘Jéssica, minha querida’...”

– Hum, Zack... – respirei fundo para falar, já que estava para me derreter ao sentir a mão dele

passando pelas minhas costas – Sabia que eu comprei a nova coleção de Crepúsculo?

– Hum... – ele passeou os lábios pela minha orelha – que interessante...

– É...capa dura – suspirei – edição de luxo... está bem ali na mesa...

– Hum...

– Ao lado daquela caixa de fósforos...

– Parece interessante...

Quando ele deu pequenas mordidas no meu pescoço, eu tive que empurrá-lo, mesmo sentindo vontade de bater em mim mesma.

– O que foi, Jéssica querida? – ele pareceu alarmado.

Eu me afastei dele lentamente e alcancei meu spray de água benta. Ele subitamente estremeceu, como se aquilo lhe trouxesse lembranças ruins.

– Você lembra disso, não é?

– Não sei do que está falando, Jéssica.

O sorriso dele endureceu e os olhos pareceram perder o brilho. Engoli em seco.

– Você não é o Zack.

O vampiro riu, como se eu tivesse falado um absurdo.

– O quê?

– Zack jamais deixaria de destruir os meus livros, não importa a situação. Zack jamais me chama de “Jéssica querida”. Zack jamais perderia a oportunidade de me zoar, mesmo que estivesse tentando me agarrar. Revele-se.

Senti-me em um anime; aquele desenho animado japonês que as meninas me forçam a assistir. ‘Revele-se’, acho que vem de um anime chamado *Sakura* pegadora de cartas, não é? Opa, desculpe. Não se traduz nome de anime. *Sakura Card Captors*. Ainda bem que as *otakus* não estão aqui para lavarem minha boca com sabão.

O cabelo dele foi perdendo a cor, assim como o olhar, de azul para verde, mas o sorriso enigmático permaneceu. Aposto que a cor da minha cara também estava mudando. Eu estava ficando branca feito... bem, feito vampiro.

As belas feições de Zack foram mudando lentamente até formar as feições ainda belas, mas assustadoras, de Dante.

– Boa noite, caçadora.

– Então é assim que você tenta conquistar minha confiança? – retruquei, tentando não desmaiar – Tentando se passar por Zack?

– Bem, quase funcionou.

– Você ia... me matar?

– Eu não tenho muita certeza. Ou a deixaria morrer ou a transformaria em vampira, como eu. Como Zack nunca quis me deixar ser.

– Ai, passado é passado, não é mesmo? Por que tanta implicância?

O sorriso dele desapareceu. Péssimo uso de palavras.

– Ahn – gesticulei, tentando consertar – mas que tipo de poder é esse seu aí, hein? Modificar a aparência? Parece bem legal. Eu ia ficar o tempo todo parecendo a Angelina Jolie. Quem mais você gosta de parecer? Essa sua aparência aí é de verdade?

Ele deu um sorriso rápido, lembrou-se de que estava zangado, fechou outra vez a cara e sentou-se na minha cama.

– Zack poderia usar isso se quisesse. Ele poderia fazer qualquer coisa, mas não. Nosso ‘querido’

mestre suprime todos os poderes que tem – usou um tom sarcástico no ‘querido’ e depois inclinou a cabeça para o lado – mas você poderia fazer isso, sabe, ter esse poder. Se eu a tornasse vampira... aliás, por que Zack não fez isso, já que ele gosta tanto de você?

– Aparentemente é justamente pelo fato de ele gostar muito de mim. Hilário, não?

Dante esticou a mão e esmagou uma das maçãs que estava na cabeceira. Tudo bem que ela já estava meio passada e eu não pretendia comer, mas me deixou aborrecida ver aquele suco escorrendo pela mão dele. Que direito ele tem de deixar minhas pernas tremendo, hein? Que abuso.

– Claro – o vampiro murmurou – ele deve gostar muito de você...

Engoli em seco. O spray ainda estava na minha mão, coçando, mas Dante poderia tomar aquilo da minha mão com facilidade se quisesse. Eu o tinha pegado desprevenido a primeira vez; tenho certeza de que ele não ia deixar acontecer de novo.

– Ele te disse quando vai embora?

– O quê?

Aquilo me pegou desprevenida também.

– Bem, ele não comentou nada sobre ir embora...

Os olhos de Dante ficaram vermelhos.

– Eu não vou embora – sou a voz mais sexy do mundo no canto do quarto.

Se houvesse uma trilha sonora naquele momento o ápice seria agora, quando Zack apontou na janela parecendo meu cavaleiro das trevas.

Vai, Batman, acaba com ele.

– Eu pensei que tinha deixado claro que Jessi estava fora dessa briga, Dante.

A voz de Zack soou seca e fria como eu nunca tinha escutado antes. Se eu fosse Dante estaria me mijando agora.

Nossa, já pensou se eu tivesse que matá-lo?

Aham, eu sei que deveria, mas não enquanto ele for meu namorado, certo? Deixa ele me trocar por uma lambisgoia que faço isso com prazer e nem preciso ser paga.

Dante ergueu-se lentamente, jogando o que restava da maçã para o canto do quarto.

– Ora, eu não me atreveria a enfrentar o mestre de todos os vampiros numa batalha em tão poucos metros quadrados.

– Ei – protestei instintivamente defendendo meu quarto alugado de universidade; era pequeno, mas era meu. Sem contar que estava cheio de lembranças maravilhosas. Ah, se as paredes falassem...

“...as pessoas pagariam um dinheirão para verem minhas paredes falantes”, parafraseando *Homer Simpson*.

Oh, não! As minhas piadinhas ridículas começaram. A tensão já dominou minha mente.

– Não imaginei que você ousaria pisar no quarto dela – os caninos de Zack saltaram e seus olhos ficaram totalmente vermelhos – Então ignorou uma ordem direta minha. Não achei que seria louco a ponto de me desafiar dessa forma.

Achei que Dante iria retrucar na mesma moeda, mas ele pareceu estar estudando a situação. Deu um passo para trás e desviou o olhar de Zack. Será que ele estava tentando bancar o sonso ou estava mesmo com medo?

– Acho que agi sem pensar. Perdoe-me.

Zack riu.

– Adotando outra estratégia? Muito esperto. Mas não pretende sair dessa tão facilmente, pretende?

Bem, achei que já era hora de eu tomar o controle da situação. Afinal, uma batalha dentro do meu quarto poderia ter consequências desastrosas, mesmo que pudesse ser sexy e excitante. Afinal meus

livros e DVDs correriam sério perigo. E as roupas que levei séculos para passar? Não, nenhuma luta compensaria isso.

A não ser, é claro, que por um momento eles rasgassem as camisas e começassem a lutar sem roupa... tem essa opção?

Foco, Jéssica, foco.

– Meninos, meninos – isso soou tão ridículo – acho que aqui não é lugar pra isso. Vocês não preferem um local mais aconchegante como um penhasco ao pôr do sol, cercado de árvores com folhas amareladas caindo ao sabor do vento, um castelo sinistramente iluminado por lampiões no alto de uma colina ou... – dei de ombros – um ringue?

Eles ainda se encaravam até que senti um súbito arrepio.

– Oi, Eric! – cumprimentei antes de ele aparecer.

– Olá, querida Jéssica – ele surgiu do nada, colocando-se ao meu lado, com aquele sorriso sinistro característico seu – Olá, irresponsáveis. Prevejo mortes hoje. Agora. Será que podem me deixar descansar pra variar? É extremamente fatigante ter que ficar atrás de vocês o tempo todo.

– Sou obrigada a concordar.

Zack cruzou os braços e os olhos dele perderam um pouco da intensa cor de vermelho. Dante recuou alguns passos para trás e ficou bem próximo da janela.

– Zack... mestre... não percebe que tudo pode voltar a ser como antes?

Zack aproximou-se dele e segurou em sua gola.

– Só tem um problema, Dante... – aproximou-se do seu ouvido e sussurrou – eu não quero que as coisas voltem a ser como antes.

Ainda pude notar o olhar revoltado de Dante antes que Zack o empurrasse da janela.

– Ele não vai descansar, você sabe.

Eric anunciou depois que um silêncio incômodo tomou conta do quarto após a saída de Dante. Ou da ‘jogada’ de Dante. Haha.

Zack sentou-se na beirada da cama e colocou a cabeça entre as mãos. Nunca o tinha visto tão preocupado.

– Eu sei.

Eu me aproximei e passei os dedos naqueles cabelos que conseguiam ser mais sedosos que os meus. Affe, perfeição deveria ter limite.

– Zack, não precisa ficar preocupado comigo. Você sabe, eu sou uma caçadora de vampiros. Eles é que têm medo de mim.

Zack tirou a cabeça das mãos e fitou-me intensamente.

– Isso não é hora pra brincadeiras, safadinha.

Sei que ele tem razão, mas senti uma pontinha de orgulho ferido lá no fundo.

– Ele pode voltar essa noite – Eric anunciou, sempre com aquela animação de matar – Dante é imprevisível.

– E eu não sei? – Zack levantou-se e começou a circular pelo quarto – Só tem um jeito. Vou passar a noite no quarto da Jessi.

– Oba!

O sangue subiu todo para o meu rosto, tenho certeza. Mas foi sem querer que o ‘oba’ escapou, sério! Poxa, Zack é gato pra caramba, faz tempo que eu queria uma companhia dessas e ele andou meio estranho esses dias, dá um desconto.

Mas Eric não pareceu feliz com a ideia e com certeza não daria desconto algum.

– Você deveria ter vergonha – Eric acusou-me e dei de ombros. Eu tive vergonha, oras. Por alguns segundos – e não pense que vou deixá-los sozinhos.

– Estraga-prazeres – murmurei.

– Bem, uma hora você vai sair – Zack ainda teve a coragem de provocar a morte (ô novidade) – e aí Jessi e eu vamos ficar sozinhos...

– Você nunca sabe quando a morte irá aparecer... ou reaparecer – Eric sorriu.

Certo, agora a noite vai conseguir ficar ainda mais tensa que antes. Ninguém merece.

– Mas ainda tem algo que não entendo... – murmurou meu vampiro, enquanto fitava a janela, quase como se esperasse ver Dante passando e dando tchauzinho – eu esperei por ele do lado de fora do quarto assim que anoiteceu. Sei que Dante não passou por mim e o quarto dele não tem janelas. Como...?

Eu levantei a mão.

– Ahn... Zack, se lembra do livro dois, digo, quando Dante me matou lá no salão?

– Não lembro não – ele sorriu – Quando foi?

– Ah, você lembra sim – retruquei com um sorriso de vitória – você sabe, naquele dia que você disse que me amava.

Ele corou e foi a coisa mais meiga que já vi.

– Você tinha morrido. Não tem como saber.

– Não foi, Eric? Ele não disse?

Eric suspirou.

– Sim, disse. E daí? Aquele dia não foi muito alegre pra mim. Detesto quando se metem no meu trabalho.

– Ahn, tá – cortei, antes que ele quisesse ter a ideia de terminar o que tinha começado, você sabe, me levar para o céu – logo depois que Dante te atacou ele desapareceu. Você não lembra disso?

Zack arregalou os olhos como se tivesse tido uma súbita iluminação.

– Teletransporte? Mas... claro, eu lembro! Ele deve ter conseguido o poder logo depois de ter bebido seu sangue, porque esse é um poder muito incomum para os vampiros.

Fiquei calada. Poder incomum. Há. Eu grito feito uma mandrágora e ele chama de teletransporte um poder incomum.

– Droga... Eric...

– Eu sei, Zack. Agora não há como prever os movimentos de Dante. Mas ainda assim não acho que ele se atreveria a matar Jéssica, não ainda. Ele está oscilando entre um desejo e outro. Tem medo de perder seu afeto e sabe que, se Jéssica tornar-se vampira, há uma possibilidade de você voltar ao covil dos vampiros.

– Isso jamais...

– Eu sei. Mas você conhece Dante. Acabamos de falar que o vampiro é imprevisível.

– Ele é um idiota.

– E você é mestre dele – acrescentei, sem querer ficar alheia à conversa.

Zack sorriu e sentou-se ao meu lado, quando me sentei na cama.

– Safadinha... você consegue se tornar facilmente a fonte de todos os meus problemas, mas não consigo ficar longe de você.

– Que romântico – cortei, meio seca, mas não pude evitar ruborizar um pouquinho.

Então Dante não sabia se queria me matar? Teria alguma maneira de eu me aproveitar da situação? Antes que ele tomasse a decisão, pelo menos? Que, de acordo com minha sorte, claro que todos nós sabemos qual é.

Zack fitou Eric por alguns instantes e murmurou:

– Então? Não tem ninguém para levar agora?

– Não posso deixar os dois sozinhos, posso? Você não tem juízo e Jessi... bem, tem muitos hormônios.

– E daí? Não é como se você fosse o rei da moralidade.

– Zack... – Eric suspirou, ainda com os olhos fixos na gente – você se lembra do que eu disse há algum tempo atrás, logo depois que você trouxe Jessi de volta à vida? Que eu poderia revelar-lhe alguns segredos se promettesse se comportar?

Zack não respondeu, mas ficou com o olhar perdido no vazio.

– Ex... vampiros – ele acrescentou.

Eric sorriu e sumiu subitamente.

O silêncio estava mais leve, mas eu estava louca de curiosidade para saber o que Zack estava pensando.

– Você acha que ele falou sério? – ele finalmente soltou depois que percebeu que eu também estava em silêncio e isso era um pouco raro.

– Sobre ex-vampiros? Como posso saber? Você sabe que Eric fala por meio de enigmas.

Ele ligou a TV e deitou-se na minha cama, jogando os sapatos para o outro lado do quarto. Junto com a porcaria da maçã que Dante também tinha jogado antes.

O que os homens têm contra arrumação, hein? Quer dizer, da minha bagunça cuido eu e já é difícil mantê-la do jeito que eu gosto.

– Zack, posso fazer uma pergunta?

– Já fez – ele sorriu, mudando os canais no controle como se este fosse um piano, para ver se encontrava algum que interessasse.

– Duas? – tentei outra vez.

– Essa conta com a anterior?

– Preste atenção, engraçadinho. Você costumava mesmo usar preto antes de me conhecer? Afinal, qual foi o motivo mesmo de mudar? Eu queria mesmo entender.

Zack sentou-se subitamente na cama.

– Que... que raio de pergunta é essa? Eu sei que você já me perguntou antes, mas estou começando a ficar grilado. Por que isso importa tanto, hein?

– O que foi? É só uma pergunta, precisa reagir assim? – ergui uma sobrancelha.

– E se eu disser que não, que nem eu disse antes?

– Vou poder te perguntar por quê?

Zack sacudiu a cabeça parecendo meio ofendido.

– Como ficou sabendo disso, Jessi? Dante te contou? Aliás, o que ele fez com você? Por que você deixou que ele entrasse aqui? Uma caçadora não deve durar muito tempo permitindo que vampiros entrem no quarto.

– Que bombardeio de perguntas foi esse? Eu comecei primeiro e você não respondeu!

– Eu sou mais velho, então me deve essa.

– Você é mais velho do que qualquer coisa – murmurei – Dante assumiu sua forma. Eu pensei que ele fosse você até perceber que ele deixou que meus livros do Crepúsculo continuassem intactos.

Zack arregalou os olhos e assumiu uma expressão de pura surpresa.

– ELE O QUÊ?

– Bem, talvez ele não implique tanto com Crepúsculo quanto você, oras!

– Não, Jessi... bom, isso também, mas... você disse que ele tomou minha forma de deus grego?

– Você... não sabia que ele tinha esse poder?

– Não, é que... – ele esfregou a cabeça, nervoso – Vampiros não costumam usar muito os poderes



porque... bem... o fato é que Dante não tinha muitas habilidades antes de eu partir.

– Chegamos a um ponto interessante, senhor vampiro. Partir de onde? Partir por quê?

– Você quer conversar ou dar uns amassos?

– Não... não muda de assunto... e agora, o fato de usar preto...

Zack passou a mão pelas minhas costas e subiu os dedos pelo meu pescoço causando-me um arrepio delicioso.

– Você... ainda não me contou por que...

Ele continuou me ignorando, passeou os lábios pelo meu pescoço e deu leves mordidas na minha orelha.

Nossa, que *dejà vu!*

– Hum... espere um instante...

Ele me soltou por um momento, pegou minha coleção de Crepúsculo e jogou rapidamente pela janela.

– Onde estávamos?

Aah, sim. Agora sim é o Zack que conheço.

Saco.

Antes que eu pudesse protestar, Zack beijou-me intensamente empurrando-me até eu perder o equilíbrio e cair sobre a cama, deitando-se ao meu lado. Minhas mãos moveram-se para o peito dele e acabei desabotoando uns dois botões de sua camisa sem querer.

Sim, nem eu acredito nessa. Não foi sem querer. Foi instinto.

Eu não me empolguei muito com o fato do clima no quarto estar esquentando. Isso porque eu sabia que a qualquer momento Eric ia entrar do nada no quarto para...

– Boa noite, assanhadinhos. Estou interrompendo alguma coisa? Espero que sim.

Zack deu um suspiro e eu, um grito.

– Caramba, Eric! Você não tem nada melhor pra fazer?

Ele abriu um sorriso maroto.

– Melhor que isso? Acho que não.

– Sabe, materializar-se assim na frente dos outros pode causar um ataque fulminante no coração.

– Jura? – ele sorriu ainda mais abertamente e eu me encolhi.

Zack sentou-se balançando a cabeça.

– A morte sabe ser desagradável, não é?

Eric fitou-o com intensidade.

– Eu pensei que ainda se lembrava do que eu te disse da última vez.

– Ex-vampiros. Isso é lenda – Zack retrucou com um olhar que carregava um misto de dúvida e conformidade – Já pesquisei sobre isso. Não há como acontecer. É como ser ex-corno. Eu estou morto, não faz diferença. Tudo é frio e sem vida aqui desse lado.

Mas faz o clima esquentar. Epa, pensei, mas não falei alto.

Eric deu um sorriso como se estivesse tentando explicar a uma criança porque o sol ia nascer no dia seguinte. Não que para um vampiro isso fosse muito animador.

– Tudo no mundo é possível. Eu sou um mensageiro da morte, Zack. Eu posso afirmar com tranquilidade que já vi de tudo.

– Aposto que nunca viu alguém lambe o cotovelo – retruquei.

– Claro que sim – ele me olhou como se eu tivesse acabado de falar algo totalmente fácil de acontecer – e se quer saber, também já vi alguém morder a própria cabeça.

– Mas como é que...

– Já chega de bobagem, Eric! – Zack gritou, visivelmente aborrecido – Isso é um plano maligno para

impedir Jéssica e eu de ficarmos juntos!

– Você é um super gênio do mal – acusei também.

O mensageiro suspirou e balançou a cabeça.

– Não vai ser pior pra ela quando você for embora? Ou pretende torná-la vampira para ‘viverem’ escondendo-se juntos, destruindo outras vidas e vendo a cara um do outro por toda a eternidade? Isso seria melhor?

Zack calou-se. Todas as duas opções pareciam terríveis. Acordar e não ter Zack ao meu lado. Acordar a eternidade inteira com ele ao meu lado e sem nada pra fazer.

Enquanto o meu vampiro sacudia a cabeça sem ter o que dizer, Eric aproximou-se dele lentamente. A morte me dá mesmo arrepios.

Muito literalmente falando.

– Eu vi todo o seu sofrimento enquanto você passou todos esses anos lutando, escondendo-se, morto de sede. Sei que não quer separar-se de Jéssica, mas não quer esse mesmo futuro eterno pra ela. Então talvez seja melhor que se vá e a deixe viver em paz. Esses anos dela vão passar para você como se fossem um sopro.

Zack emudeceu. Eu também, porque temia muito a resposta dele. Não consigo imaginar passar as noites dormindo sem ninguém me dando susto. Conseguir ler todos os meus livros sem ninguém arrancando as páginas do final. Isso parece terrivelmente tedioso só de pensar.

Zack ergueu a cabeça e fitou-nos com olhos sombrios. Então murmurou.

– Yo soy paraguaio...e vim para te matar.

Eric ergueu a sobrancelha. Eu tentei impedi-lo de pronunciar a pergunta, mas não consegui.

– Para o quê?

Zack estufou o peito.

– Paraguaió!!

E pulou pela janela. Eric olhou pra mim com curiosidade.

– O que raios foi isso?

– É a nova piada sem-graça de Zack. Ele faz isso quando não tem o que dizer. Eu já disse um milhão de vezes que não tem graça nenhuma, mas ainda assim...

– A piada é isso? Ele diz que vem para matar, eu pergunto para quê ele vem e ele responde ‘paraguaio’? Minha nossa, vocês mortais riem de cada coisa...

– Tem alguém rindo aqui?

Tenho que admitir que a primeira vez que Zack me contou só não ri porque eu não tinha entendido. Foi então que me dei conta da pergunta que estava me coçando para fazer.

– Como alguém morde a própria cabeça?

– Bem, é simples. É só...

Um grito horrível cortou o ar e atingiu minha janela com agudos em si. Corri para debruçar-me sobre ela e tentar enxergar de onde veio aquele barulho agonizante. Quando voltei meu rosto para Eric, ele parecia aborrecido.

– O que foi isso? – perguntei, sem saber se queria mesmo descobrir a resposta.

– Dante aprontou das suas.

– Ele matou...?

– Ainda não... mas se continuar assim...

Eric desapareceu, mas saber que ele não ia buscar alma alguma me deixou mais tranquila, embora muito aborrecida por agora não poder saber como se morde a própria cabeça.

Desci correndo para o jardim, procurando encontrar o dono ou dona daquele grito. Parecia ter sido de

mulher, mas vai saber. Tem homem que se libera quando toma susto, né?

Zack estava ajoelhado no jardim, cercado por um bando de estudantes. É só acontecer uma desgraça qualquer que o povo junta feito abelha no mel. Notei que ele estava ao lado de uma mulher caída no chão, parecendo desmaiada.

Aproximei-me dele, provavelmente parecendo pálida. Sei que não tinha sido ele, mas estranhamente a mulher tinha marcas profundas no pescoço.

Duas. Pontudas. Uma do lado da outra. Oh! O que poderá ser?

Desculpe, sarcasmo outra vez. Às vezes simplesmente não consigo controlar.

As *otakus* também estavam lá e, por incrível que pareça, não estavam chamando atenção dessa vez.

– Zack... – murmurei.

– Jessi, não fui...

– Eu sei. Mas você viu o que aconteceu?

– Não, Jessi, mas só uma pessoa pode ter feito isso.

As *otakus* aproximaram-se e balançaram a cabeça ao mesmo tempo.

– Sim – suspirou Sofia – Robert Pattinson.

Eu tive que segurar o fôlego para não rir em meio àquele desastre todo. Zack torceu o nariz.

– Como está a menina? – perguntou Bobby, que estava ali acompanhando as doidinhas e seco de curiosidade para saber o que divulgar nos blogs.

Zack olhou ao redor as pessoas curiosas.

– Ela está bem, pessoal. Só perdeu os sentidos quando me viu sem camisa.

– Zack! – falei entre os dentes.

As pessoas riram e começaram a dispersar.

Eu gelei. Aquilo era sério? Elas realmente acreditaram nele? E aquelas duas marcas profundas no pescoço, ninguém queria saber o que era? Tudo bem vampiros estarem na moda hoje em dia, mas isso é ridículo. Quer dizer, não é como se você os encontrasse saindo do armário agora que estão em alta.

Fitei as *otakus* e Bobby. Também começaram a afastar-se, e Bobby ainda estalou o bico, achando que a história era irrelevante demais para virar notícia. Acho que ainda estava boquiaberta quando Eric aproximou-se, porque nem deu para tomar susto mais.

– Poder de persuasão – ele comentou como se não fosse nada.

Zack levantou os olhos e sorriu.

– Fazia tempo que eu não usava esse poder. Achei que já estava enferrujado.

– Tome cuidado – retrucou Eric, com um semblante sério.

– Por quê? – me intrometi, achando aquilo o máximo – Por que Zack não pode usar esses poderes fantásticos que ele tem? Eu só tenho poder estúpido, mas se eu tivesse uns poderes legais assim...

Zack lançou um olhar questionador para Eric e este deu de ombros.

– É arriscado para um vampiro utilizar-se de seus poderes a torto e a direito, Jessi – meu vampiro explicou, embora parecesse relutante em falar – assim como beber sangue sem parar. Eu... já fui assim. Dante me conheceu nessa época. Quando um vampiro mata demais ou utiliza de seus poderes sem controle, ele pode acabar perdendo o que resta de...

– ...humanidade – completei, pensativa – Parece aquele RPG sinistro.

– Saco, já fizeram RPG disso também? – Zack balançou a cabeça, aborrecido – Esses vampiros fofos...

Eric olhou no relógio. Senti um arrepio profundo.

– Então, Zack... – murmurei, alarmada – acho que está passando da hora de levar a guria para o hospital, né?

Por sorte, o diretor do hospital não estava quando aparecemos; nem nós nem ele temos boas recordações de todas as vezes que aparecemos por lá. Não sei por que, mas tenho a sensação de que a quantidade de seguranças aumentou na porta desde nossa última estada.

Zack simplesmente colocou a garota numa maca do lado de fora enquanto os enfermeiros estavam tomando um cafezinho.

– Mas Zack, a gente não tem que...

– Detesto burocracia – ele me cortou, sorrindo de lado – e depois, você está preparada para dar alguma informação sobre o que aconteceu?

– Bem, e *você* sabe o que aconteceu?

– Dante a atacou, obviamente.

– Mas... bem, ele não a matou, então é uma boa coisa, não é?

– Ah, Jessi... era uma armadilha e não tive outra alternativa além de cair nela.

Subitamente ele puxou um pequeno canivete suíço do bolso e aproximou-se perigosamente do pescoço da garota.

– O QUE VOCÊ...??

Ele fez um sinal com os lábios, para que eu ficasse quieta, enquanto fazia um corte de uma ferida à outra na pele da menina. Como ela já havia perdido uma boa quantidade de sangue – incrível como os vampiros sabem quando é hora de parar...ou não – aquilo não causou um estrago muito grande, mas fiquei pasma.

– Duas marcas no pescoço causariam muito sensacionalismo dentro da universidade, Jessi – ele comentou, limpando o canivete na roupa da menina ( já estava meio suja mesmo) e o guardou no bolso – assim vai parecer que ela apenas teve um corte profundo.

Acenei levemente com a cabeça. Era verdade; não parecia mais uma dentada e sim um corte feio no pescoço, causado por um acidente qualquer.

Saímos em silêncio, procurando não chamar muita atenção. Depois de alguns minutos, sacudi a cabeça, enquanto fitava a rua pela qual estávamos descendo de volta para a universidade.

– Ninguém se feriu. Quer dizer, ninguém morreu. Em que armadilha você disse que caiu lá atrás?

– Vamos lá, limpe a cabecinha para começar a juntar informações. Esquece a aula de biologia de ontem. Talvez aquele capítulo da novela ou o livro O Vampiro Armand da Anne Rice...

– Cala a boca e abre o bico.

– É um doce de caçadora, senhoras e senhores! – depois a risada começou a parar e ele foi ficando mais sério – Jessi, eu tenho poderes fenomenais, fantásticos, absurdamente além da capacidade humana de imaginar.

– Uau. Nossa, pra você ser perfeito só falta humildade, hein?

– Bem, então desde ontem não falta mais nada. Continuando – ele pigarreou e olhou por sobre o ombro por um instante – O fato é que ser o mestre dos vampiros me possibilitou absorver tipos de sangue poderosos por muitas e muitas centenas de anos. Adquiri os poderes de outros vampiros. Adquiri habilidades que não cheguei nem a usar. O problema é que cada vez que as uso... algo morre em mim. Não sei bem explicar, já que estou... tipo, morto. Mas é como se coisas que eram importantes antes deixassem de ser.

Eu pisquei, atordoada.

– Então Dante está querendo fazê-lo usar esses poderes para... você perder todos os resquícios de humanidade que ainda te restam?

Ele parou na minha frente, deu cascudinhos leves na minha cabeça e deu aquele meio sorriso que sempre me deixava derretida.

– Olha, parece que esses meses de universidade estão te fazendo muito bem! Já está pensando com clareza!

– Como ousa? – tenho certeza que fiquei vermelha, mas quem se importa? Já estava cansada dessas indiretas em relação às minhas capacidades, que já não eram lá muito boas – Não esqueça que sou sua caçadora! Quando menos esperar eu vou enfiar uma estaca no seu coração ou...

Zack revirou os olhos.

– Desculpa, me enganei – ele riu e começou a correr pela rua – Você continua sem um pingão de bom senso.

– Olha só quem fala, seu...! – corri atrás dele, mas não consegui disfarçar o sorriso.

Tudo parecia estar tão bem! Será que Zack realmente foi aquela pessoa horrível que tanto ele quanto Eric tentam me convencer? Que interesse então teria Dante em fazer meu vampiro voltar a ser o que era? Talvez seja porque sente saudades da época em que ambos ficavam juntos... ou será que ele desejava o posto de Zack? Desejava ser o mestre? Porque sinceramente acho que meu caçado permitiria isso de bom grado.

Quando o alcancei, escorei nele enquanto puxava todo o ar que podia para poder recuperar o fôlego. Ele me fitava com olhar divertido, como se respirar fosse um hábito engraçado.

– Z...Zack, me responde uma coisa, por favor...

– Como é ficar sem respirar? Muito prático, eu diria.

Ele de repente deu um passo para o lado me fazendo perder o ponto de apoio e quase caí de cara no chão.

– Como você é engraçado. Só precisa desenvolver o poder de fazer as pessoas rirem das suas gracinhas.

– Elas riem. Eu sou gato, sou vampiro e qualquer coisa que eu faço as meninas morrem de amores. Vai entender. Se eu soltar um arrotto de ogro vão dizer que foi o máximo e pedir pra eu fazer de novo, agora na escala de dó. Só que meus poderes não funcionam com você. Digamos, se eu fosse o super-homem, você seria minha criptonita.

– Minha nossa – eu murmurei, incrédula – isso foi um breve resquício de romantismo? Oh, meu Deus, repete pra eu salvar a cena no meu celular?

Ele deu uma piscada.

– Hum, você caiu? Claro que meus poderes funcionam em você, Jessi. Você é como um livro de desenhos aberto. Daqueles com figuras beeeem grandes.

– Quando você vai parar de agir feito idiota? – corei, tentando caminhar na frente dele.

Zack de repente jogou os braços em volta da minha cintura, virou-me de frente para ele e apertou-me com intensidade junto ao seu peito, murmurando em meu ouvido.

– Adoro livros de figura...

Nós trocamos um beijo leve a princípio que foi aumentando de intensidade. Joguei minhas mãos em volta de seu pescoço, enquanto ele carinhosamente descia as mãos pelas minhas costas e os lábios pelo meu rosto, até meu pescoço. Como pode uma caçadora de vampiros sentir-se tão segura com um vampiro tão fortemente agarrado ao corpo dela são coisas que eu queria entender. Ou não; talvez eu constatasse que era louca – excêntrica – mesmo. Mas Zack era tão... bem, a despeito de ser tão sacana e abusado, era lindo, tinha uma voz sexy, era forte, esperto, tinha olhos maravilhosos e eu parecia tudo que ele tinha no mundo.

Para sacanear e agarrar, mas ainda assim não é o sonho de qualquer garota?

Quando finalmente eu consegui uma pausa para respirar, consegui murmurar – parecia que eu estava ronronando, mas ainda assim, me esforcei.

– Você quer mesmo continuar sendo o mestre dos vampiros? Por que não passa o legado para frente?

Subitamente ele tencionou e senti suas mãos segurarem com firmeza minha cintura. Depois de alguns instantes, levantou meu rosto levemente para que eu pudesse encará-lo nos olhos.

– Jessi... se eu não fosse o mestre dos vampiros, vocês, mortais, estariam ferrados. As leis que determinei para que as suas vidas pudessem ser poupadas são quase como uma proteção judicial. Para que vocês pudessem viver tranquilos...

– Bem – insisti – você e Eric vivem dizendo que você era meio da pá virada antigamente... Dante diz o mesmo.

– Meio da pá... como é? – ele, riu, me soltando.

– Affe, você sabe. Da pá virada, meio errado, perigoso, sei lá.

– Ainda se usa essa expressão nessa década?

Eu bati o pé e seguí andando, sabendo que ele viria atrás de mim, e admito que adorava toda aquela atenção.

– Jessi, Jessi... só se deixa de ser mestre dos vampiros... deixando o mundo.

– Como... como assim?

– Bem, eu diria ‘morrendo’ mas isso soaria idiota.

– Como a maioria das coisas que você diz. Quer dizer que se você deixar de existir...

– Não é bem assim. Vampiros não são lá uma classe muito unida. Sempre algum amotinado contra o poderio do mestre surge para dar um fim à existência dele.

– Então quer dizer que Dante pretende te ma...por um fim à sua existência?

– Eu realmente não sei.

Zack ficou com o olhar perdido no infinito por algum tempo. Sei que ele devia estar lembrando algum fato do passado, coisa que não estava muito satisfeito de remoer a julgar por sua expressão.

– Dante adora o chão que você pisa, não adora?

– Ora, e quem não adora?

Ele rompeu numa gargalhada gostosa que por mais que eu quisesse rebater eu tinha que ficar calada. Eu não ia mesmo conseguir argumento nenhum pra sair dessa.

– Bem, por que acha que Dante arrumou uma armadilha? – desviei o assunto com presteza – Pode ser que ele simplesmente tenha ficado com sede e atacado a moça, não é? E se não a matou é porque tem um resquício de humanidade dentro de si.

– Dante sabia que uma morte na universidade poderia ser atribuída a mim por causa do meu passado. Sem contar que aquelas marcas seriam totalmente incriminadoras. Pense, Jessi, ele deve ter vasculhado meu histórico. Eu tinha que ocultar aquele ataque; pra esconder algo tão público eu teria que utilizar de meu poder para não levantar mais suspeitas ou uma possível investigação. E tive que usar: o poder da persuasão.

– Bem, e você usou... está se sentindo diferente?

Ele deu de ombros.

– Só estou com sede.

– Bem... – cocei o pescoço, me sentindo meio incomodada – mas Dante agora já deve estar satisfeito. Então nada de morte ou ataques por hoje. Podemos ficar tranquilos, certo?

– Se fosse verdade ele não teria matado agora há pouco – anunciou subitamente Eric ao meu lado, me fazendo dar um salto e cair em cima de Zack.

Ainda bem que ele é mais forte do que eu, senão ia ser os dois de cara no asfalto.

– Você tem mesmo que fazer isso? – sibilei, alisando meu peito, tentando fazer meu coração bater no ritmo normal.

Se bem que meu coração nem deve mais saber o que é um ritmo normal. Bater na mesma velocidade de um cachorro deve ser a coisa mais normal do mundo pra ele agora, pobrezinho.

Eric deu de ombros. Deve facilitar muito o trabalho dele dando esse tipo de susto, mas sei que o mensageiro da morte não tem autorização para me levar antes da hora.

Ao menos da segunda hora.

– Então ele matou... droga. Pude salvar a menina ontem, mas pelo visto ele fez uma vítima fora da universidade – Zack balançou a cabeça com irritação.

– Você sabe que não pode evitar isso. Tem que sair daqui, seu prazo já esgotou.

Meu coração congelou agora. Ô órgão difícil. Uma hora bate acelerado, outra para no peito... nunca sabe o que quer.

Zack me fitou por alguns instantes e suspirou, desviando os olhos para o chão.

– Agora é tarde demais.

– Tarde demais para quê? Ai, que ódio! Vocês nunca me contam nada! Para quê?

Zack ergueu os olhos para o alto, me fitou com intensidade e anunciou.

– Paraguai!!

Em seguida saiu correndo feito o irmão do *The Flash*. Eric riu e sumiu.

Agora achou graça na piada? Agora entendi porque vaso ruim não quebra.

Os vasos ruins são imortais.

Quando alcancei a universidade, Zack estava escorado na parede, jogando uma moedinha para cima, parecendo totalmente casual.

– Por que demorou tanto?

Ergui as mãos como se fosse enforcá-lo, mas parei quando vi Johnny, o porteiro, nos fitando atenciosamente. Engoli em seco – morro de medo de porteiro; parece que a qualquer momento ele vai ligar pra minha casa e contar tudo para a minha mãe – então fiz de conta que só estávamos brincando.

O clima estava silencioso novamente do lado de dentro. Uma brisa fresca soprou congelando até minha alma; então me dei conta que havia presenças na universidade. Por toda ela.

– Zack...

– Relaxe, Jessi – ele sorriu, pegando minha mão – Eles não ousariam. Nem todos me odeiam. Tenho aliados. Aliados que querem que eu volte ao meu ‘eu antigo’, mas ainda tenho, enquanto Dante não os convencer a se amotinarem contra mim. E vou passar outra noite em seu quarto, não se preocupe.

Vai passar outra noite em meu quarto? Então quem tem que se preocupar é você, amor. Rawr.

Bati na minha cara instintivamente. Que isso, Jessi? Perdeu a linha?

– Parece que sim – anunciou Eric e tropecei no meu próprio pé. Eu queria ter a capacidade que Eric tinha de dar susto nos outros desse jeito – Eu também vou passar a noite no seu quarto.

– Lá vem o guardião da moralidade – Zack revirou os olhos.

– Como se você também não pensasse da mesma forma. Sabe que se perder o controle você a quebraria como uma boneca de porcelana. Não que isso não fosse bom pra mim.

Eu imaginei uma boneca de porcelana se partindo e tive vontade de vomitar.

Zack sorriu.

– É bom ter você por perto, mensageiro chato.

– Eu sei disso, vampiro irritante – Eric retribuiu o sorriso.

Eu não acho. Fura-olho.

Eric ergueu a sobrancelha, mas não disse nada. Tenho que me lembrar que ele lê meus pensamentos e nem sempre eles são muito puros.

– Não acha que já está na hora de pensar em se confessar, senhorita Jéssica?

Eu corei e xinguei baixinho. Um desperta em mim pensamentos impuros; o outro lê meus pensamentos impuros. Assim é covardia.

Zack me abraçou e me senti segura, apesar de sentir dezenas de olhos sobre mim. Uma hora esse ataque ia acabar estourando. A gente só tinha a morte ao nosso lado e isso não era muito confortador.



# 6

## Um acordo perigoso



Após uma noite muito mal-dormida, tentei compensar dormindo o dia todo, mas nada me relaxava. Tentei organizar minha gaveta de meias, meus livros – é impressão minha ou estão faltando os novos? – e até assisti romances, mas nada. Estava tão cansada que nem conseguia fechar os olhos, não é revoltante? Meu corpo doía de tensão, minhas costas estavam um bagaço, meu pescoço estalava quando eu mexia. Almocei quase sem perceber e fui para o quarto outra vez. Que tédio de dia. Vou acabar virando vampira por conveniência. Esperei algumas horas depois que a tarde foi passando e fui cambaleando até a biblioteca.

Eric e Zack haviam conversado a noite toda. Não sobre assuntos relevantes, o pior foi isso. Mas foi sobre histórias da minha vida que nem me lembrava mais – Eric mencionou essas partes – e fatos recentes da minha vida dos quais eu não me orgulhava muito – Zack comentou esses. E até altas horas Zack ficava fazendo carinho na minha cabeça cantando no meu ouvido dizendo que estava querendo me fazer dormir. O problema é que ele cantava Metallica. E o mais assustador era que a voz dele era maravilhosa.

Então Eric disse que eu teria pesadelos à noite se ele continuasse – mal sabiam eles que meu pesadelo era os dois me atormentando dentro do quarto – então resolveu ele mesmo cantar alguns salmos lindos da Bíblia. Foi maravilhoso porque Eric tem uma voz angelical que parece transportar você para outro mundo.

O problema é justamente esse. A morte não é música para meus ouvidos. Eu sentia calafrios pelo corpo todo e Zack achou que eu estava com frio. Então me cobriu dos pés à cabeça e eu praticamente derreti ali embaixo. Eric ouviu meus pensamentos irritados e abriu a janela para deixar a brisa entrar. Aí morcegos entraram e eu gritei fazendo o maior escândalo e Zack riu de rolar no chão. Eric me censurou dizendo que morcegos se guiam pelo radar e eu simplesmente estava deixando-os confusos. Eu disse que era Zack que atraía os morcegos porque deviam ser seus servos da noite querendo visitá-lo. E mais uma vez Zack afirmou que era verdade, pois isso indicava que não havia dúvida de que ele era o Batman.

Acho que isso já é uma explicação clara de que eu mal via objetos na minha frente e nem gritava mais ‘ai’ quando batia a canela em alguma cadeira desavisada pelo caminho. Ou um aluno amarrando o tênis sentado no corredor.

As *otakus* mandaram mensagens no meu celular a tarde toda perguntando se eu não ia acabar de ver o resto da temporada de Pokémon com elas. Jesus amado, quantos episódios tem esse anime? Parece que nunca acaba! E agora que sei por que elas gritam “*Jessi! James! Equipe Rocket decolando na velocidade da luz! Renda-se agora ou prepare-se para lutar, lutar, lutar*” então nem me interessa assistir mais. Gostei, achei fofo, mas minha paciência acabou depois do episódio 185.

Desliguei meu celular para elas não insistirem mais e achei que seria uma boa ideia pesquisar mais sobre vampiros e clãs na biblioteca.

Certo, mentira, eu queria dar uma fugidinha para descansar em uma daquelas cadeiras com mesas, confortáveis, antes de ser incomodada. Se me incomodarem é só eu fazer ‘SHHH’ que eles se afastam.

Simples assim.

Bati a cabeça no batente da porta antes de entrar e chutei a mesa da bibliotecária com a canela enquanto procurava um local desocupado. Se mais algum imortal resolver passar outra noite comigo eu juro que vou gritar.

Infelizmente não cheguei a testar meu lugar de repouso. Uma corrente elétrica percorreu todo o meu corpo: a biblioteca não estava completamente deserta. Não tinha ser vivo algum – só a bibliotecária, mas ela conta? – mas isso não implicava que não havia uma presença ali. Olhei, alarmada, o horário. Eram 18:05. Como um vampiro chegou tão rápido aqui logo depois que o sol começou a se pôr? Não podia ser Zack, mesmo que ele quisesse brincar. E não estaria aqui; estaria queimando meus livros sobre vampiros lá fora. Engoli em seco e comecei a percorrer os corredores. A presença era forte; seja quem for, não teria passado despercebida por mim apesar de eu estar tão exausta.

Quando passei a quarta fileira de estantes lá estava ele. Lindo, loiro, com aquele jeito de enlouquecer – por favor, não o compare com Zack, ele é tudo isso e tem um jeito próprio de *me* enlouquecer – com um sobretudo de couro vermelho jogado aberto sobre o corpo e botas de cano longo até o joelho. Qual era o nome daquele jogo do Bobby? *Devil May Cry*? Aí está a própria encarnação do... mocinho. Só que loiro e com caninos.

De mesmo nome, aliás. Dante.

Alguém lá em cima está zoando comigo.

Dante virou-se para mim, praticamente me atravessando com o olhar. Era a primeira vez que nos encontrávamos sozinhos. Engoli em seco ao me lembrar da garota que ele deixou quase seca ontem no jardim. Será que comigo também seria ‘quase’?

– Hum, bonita sua roupa – realmente não consegui pensar em nada melhor pra dizer.

Ele deu um meio sorriso e fechou com força o livro que estava lendo. Era a capa de *Orgulho e preconceito*? Ah, não. Era a capa de *Orgulho, preconceito e zumbis*.

As mangas de seu sobretudo estavam puxadas até metade dos braços e senti vontade de me abanar ao ver aqueles bíceps. Não que eu fosse trair Zack, por favor, ele sempre vai dar de dez a zero naquele assassino inescrupuloso, mas fala sério, não estou morta.

Tipo eles. Credo.

– Olá, protegida de Zack... – a voz dele soou sombria e seca, como se estivesse contendo alguma emoção mais forte – onde está ele agora? Provavelmente dormindo, claro.

Eu dei um passo para trás quando ele aproximou-se. Coloquei a mão em meu bolso. Cansada do jeito que estava nem reparei ter saído sem meu mini-spray de água benta. Só tinha um dente de alho no meu outro bolso. Não acho que ia dar em nada além de me deixar com mau hálito.

– Como... aham, chegou aqui tão rápido? – minha voz soava como voz de vítima, aguda e estridente.

Ele fechou os olhos e sorriu.

– Um dos meus muitos poderes... você esqueceu? Foi você mesmo quem me deu... Teletransporte. Posso estar em qualquer lugar, a qualquer hora... graças ao seu sangue.

Quando dei mais um passo para trás, acabei encostando na parede e ele chegou tão perto de mim que cheguei a sentir o seu cabelo em meu rosto. Pegou uma mecha de meu cabelo e começou a olhá-la e brincar. Era um jogo de gato e rato, eu podia ver isso nos olhos dele. Ele era o gato – literalmente, um gato – e eu uma rata – tá, um hamster, porque eu estava muito bem vestida. Meu pêlo era melhor.

– Olha, eu entendo isso perfeitamente – suspirei, tentando me dominar.

– Entende? – ele murmurou, cheirando a mecha do meu cabelo.

– Claro. Quer dizer, é bem comum. Eu sou a mocinha, certo? Eu venho aqui pra universidade, tento capturar o vampiro mais lindo do mundo e a gente morre de amores um pelo outro. Aí chega outro

vampiro boa pinta e começa um triângulo amoroso. Claro, afinal isso é muito comum em clichês. Não é culpa sua...

– Como é? – ele deu um passo para trás, com uma expressão meio aterrorizada, como se eu tivesse acabado de destroçar um coelho com as unhas.

– Bem, não é assim mesmo que são histórias de vampiros? Sempre querem lutar por uma mortal... ei, também não precisa ficar com essa cara! – comecei a ficar ofendida. Talvez eu pudesse estar um pouquinho errada, mas precisa reagir desse jeito?

– Acha que quero ficar com você? – ele repetiu, fazendo uma cara de desprezo que por pouco não levo minha mão pra passear na cara dele. Assim, bem rápido.

– Então por que persegue a mim e ao Zack? Por que quer tanto nos separar?

Ele balançou a cabeça e me olhou com um brilho felino.

– Você é louca! Não quero você! Eu quero Zack!

Um silêncio altamente constrangedor pairou no ar por alguns segundos. Eu sei, Zack é lindo de morrer – haha, olha a piada implícita – e sei que muitos caras na universidade já chegaram a se vestir de marinheiras por causa dele – espero que não tenha que te lembrar do fato. Mas ainda continuo sendo a mocinha. E droga, não, ele não é o Batman!

– Espera aí, acho que você não entendeu direito... – ele fitou-me parecendo um pouco corado, apesar de ser pálido feito cera.

– Tudo bem, tudo bem – eu dei tapinhas no braço dele, tentando me acalmar depois do choque – não tenho nenhum preconceito, mas ainda assim, acho que Zack não é chegado...

– Não, não! Não é isso! – ele sacudiu as mãos, tentando se explicar – Zack é meu mestre! Meu amigo, meu ídolo! Ele era tudo pra mim até começar a se importar com vocês, mortais! – essa última palavra soou como se tivesse sido cuspidada fora.

– Entendi... você é obcecado por ele.

Dante estava prestes a responder, mas mudou de ideia. Então era isso. Dante queria Zack de volta ao clã.

Era mais uma novidade na minha vida. Um psicopata estilo *A mão que balança o berço*. Ou a mão que balança o caixão.

– Você então não quer o lugar dele? Não quer ser o... mestre, então?

O rosto dele pareceu adquirir um aspecto sombrio, mas que pareceu se dissipar após alguns instantes.

– Não quero o lugar de Zack, ele é perfeito...

– Concordo.

– ....como mestre.

– Bom, isso já não sei...

– Mas se ele tiver perdido o bom senso... – Dante cerrou os punhos – eu vou fazê-lo recuperá-lo! Zack vai voltar a ser o que era!

Eu pigarreei. Imaginar que Zack já teve bom senso é de duvidar. Se bem que não sei o que é considerado ‘bom senso’ para um vampiro.

Será que finalmente eu ia entender alguma coisa dessa história?

– E como ele era?

Dante me fitou com ar de dúvida e sorriu por alguns instantes.

– Curiosa? Ah, esqueci que ele não te contou sobre o passado, não é?

Revirei os olhos. Esse mistério todo estava me matando.

Dante na minha frente e escolho justo esse jogo de palavras. Matando.

– Desembucha logo, caramba! – perdi a paciência – Você já falou algumas coisas e disse que, se eu

me encontrasse com você, ia me contar tudo! Então manda ver, projeto de Drácula.

Os olhos de Dante flamejaram. Epa, tenho que aprender a controlar meus impulsos. Numa luta de mau humor e impulsividade tenho certeza de que ele ganha.

O vampiro suspirou. Engraçado como alguns deles ainda bancam os humanos apesar de desprezá-los. Tentei consertar e bancar a inocente.

– Não entendo! Por que Zack não me contou essas coisas? Ia facilitar tanto a vida saber o que está acontecendo...

Dante aproximou-se tanto de mim que pude sentir seu hálito gelado em minha face novamente.

– Tem a ver com as leis que ele mesmo criou, querida Jéssica. Mortais que sabem muito a nosso respeito devem ser eliminados.

Engoli em seco. Então era por isso que tantas coisas eram omitidas de mim?

– Se por acaso você ficar sabendo demais, do passado, da nossa localização, dos nossos planos – ele continuou – você deixaria de ser a protegida dele. Nós teríamos o direito de acabar com você. Assim como aqueles vampiros que te revelassem alguma coisa. Então esse passa a ser o nosso segredinho...

– Protegida... – eu pisquei, confusa – Mas então vocês ainda o obedecem? Não dá pra se decidir não?

Ele me fitou com uma pontada de desprezo.

– Zack foi nosso mestre por muitos anos. Não é fácil simplesmente deixar de obedecê-lo. É nosso dever, apesar de tudo. Muitos ainda o seguem. Muitos o temem.

– E você não?

Ele sorriu, mas não pareceu achar graça.

– Quem tem medo do lobo mau? – Ele cantarolou.

Mas devo admitir que eu até gosto do lobo mau. Quer dizer, ele te cheira melhor, ele te vê melhor, ele te ouve melhor... coisa que muito cara não faz.

– Mas é claro... que se você descobrir sozinha nossos segredos... – Dante novamente aproximou-se; um lado da franja caía sobre o olho e dava a ele um ar meio sinistro, meio sexy – Zack não poderia me condenar, poderia? Afinal, não é tarefa de uma caçadora do Conselho reunir todo tipo de informação possível a respeito dos vampiros que deve caçar?

Caçadora do...Ah, tá.

Nem me lembrava mais.

– Hum, certo, então por que não me conta tudo logo? Já abriu o bico mesmo...

– Ora, isso não teria graça nenhuma, teria? – ele quase me espremeu na parede de novo. Isso estava ficando muito irritante, já – Vamos fazer um joguinho. Você terá que buscar as informações, que tal? E cada vez que as conseguir, será obrigada a passar por uma prova.

– Deixa eu ver se entendi... cada vez que eu conseguir uma dessas informações privilegiadas você vai tentar me matar... acertei?

– Garotinha esperta...

E agora? Digo sim? Digo não? Saio correndo, me tranco no quarto e me entupo de chocolate?

– E se Zack ficar sabendo? – arrisquei, empurrando-o de leve.

– Eu não conto, se você não contar... – ele deu um sorriso sedutor, mas não caio mais nessa. Já percorri muita estrada, querido.

– Bem, qual a primeira prova?

– Você nunca vai saber. Isso já faz parte. Do nada você pode pensar que está bem, mas no próximo minuto... pode ser uma de nós... ou simplesmente estar morta.

Eu tentei me recompor. Apertei meus dentes para que meu queixo não batesse. Nenhum vampiro na face da Terra me respeita.

– E se eu não topar?

O rosto dele adquiriu uma expressão tão dura e fria que parecia ter virado mármore. Seus olhos ficaram instantaneamente vermelhos e minha pele sentiu-se queimar. ‘Que boca grande você tem, Jéssica’, como diria meu querido lobo mau.

Em um milésimo de segundo eu estava – outra vez – pressionada contra a parede, com o corpo de Dante me apertando contra ela e suas mãos impedindo minha saída. Quando falou, senti seu hálito gelado circundar-me atingindo minha alma.

– Se não topar tornarei sua vida um inferno de qualquer forma! Eu não desistirei de te perseguir, de te atormentar, de tentar te MATAR – sou bastante convincente pra mim – até Zack perceber que vocês mortais são só alimento! Lixo! Pó!

– Certo, certo, vocês se alimentam de lixo, pó... já me convenceu... – minha voz era quase um fio.

Eric subitamente apareceu atrás de Dante com olhos arregalados. Algo ali não ia prestar.

– Escute, mortal... – ele insistia, com olhos flamejantes, e seus caninos apontaram, iluminados pela fraca luz que provinha de uma lâmpada desavisada acima de nossas cabeças – só não a mato nesse instante porque sei que eu não poderia contra Zack, mas já fiz isso antes e posso fazer de novo! Zack a deixará! Dei-lhe apenas a oportunidade de poder ver *por que* isso acontecerá e não há nada que você possa fazer para mudar!

– Entendi, sou forçada a participar do jogo! Agora pode me largar? Não levou a sério quando eu disse que ia te dar uns amassos, certo? Então olha a folga comigo!

O pescoço dele tencionou e senti como se ele estivesse pensando se valia ou não a pena acabar comigo naquele instante. Minha perna flexionou instintivamente e dei-lhe uma joelhada lá onde, em qualquer homem, vampiro ou não, sente uma dor lancinante. Papai falou pra eu evitar isso, às vezes, mas faz tempo que não uso essa tática. Posso não ter lá muitos poderes como caçadora, mas nada me impede de agir como mulher.

Dante deu três passos para trás e me fitou como se tivesse acabado de despertar de um sonho. A dor não foi tão forte assim, mas o pegou de surpresa. Ele passou as mãos pelo cabelo e suspirou.

– O jogo começou – ele murmurou apenas e desapareceu na minha frente.

Escorreguei pela parede e caí sentada no chão, arfando nervosa.

– Então... – falei com Eric sem olhar pra ele – veio me fazer uma visita?

Eric ajoelhou-se ao meu lado.

– Ele ia matar você. Mudou de ideia no último instante.

– Imaginei... se eu não tivesse chutado...

– Não foi isso – ele balançou a cabeça, enfático – Isso não o teria parado. Dante tem reflexos rápidos; ele estava apenas pensando no que faria Zack sofrer mais...da última vez que Dante matou você, Zack preferiu deixar de existir. Lembra-se? Ele ia esperar o nascer do sol. Dante não quer que isso aconteça.

– Da última vez que Dante me matou... isso soa muito surreal.

– Você ainda estaria lá, gozando do descanso eterno, se não tivessem se interferido no meu trabalho – ele fechou a cara, deixando claro seu aborrecimento.

– Hã... é, desculpe por isso. Mas isso significa que também minha missão aqui na Terra vai ficar bem complicada.

– Considero-a impossível. E Dante não descansará enquanto não trouxer o antigo Zack de volta à ativa. E devo confessar que no momento estou torcendo por você.

– Não sei como agradecer... – murmurei mal-humorada, me levantando escorada na parede.

Zack apareceu segundos depois correndo feito louco e mal conseguiu parar, indo de encontro à parede. Se eu ainda estivesse ali, o cara me esmagaria.

– Jessi! – ele gritou, alarmado – Por Deus, você está bem?

– Como soube que eu estava aqui?

– Eu não sabia... assim que acordei, arrombei a porta do quarto de Dante para ver onde ele poderia estar e... eu sabia que tinha alguma coisa errada. Já que você não estava em seu quarto, corri para tentar descobrir de onde vinha a presença que senti – ele sacudiu a cabeça, irritado – Eu sabia que ele viria atrás de você... eu tenho que matá-lo.

– Zack, me responde uma coisa – resolvi pressioná-lo, já que parecia prestes a explodir. Podia ao menos explodir com alguma informação – Você vem matando alguns vampiros por aí, não vem? Por que Dante é uma exceção? Não que eu deseje mal a ele... Certo, talvez eu deseje.

Eric respondeu essa.

– Ele não pode fazer isso, senhorita Jéssica. Enquanto Zack não começar a liberar o poder que tem guardado dentro de si, vão lutar de igual pra igual. Pode ser arriscado, se considerar os truques que Dante pode ter na manga. E alguns poderes de Zack, com certeza, podem ser despertados durante a luta. Já os outros vampiros são fáceis de eliminar – Eric revirou os olhos; provavelmente estava se recordando de alguns que teve que levar.

– Mas se ele liberar os poderes que você diz...

– Posso esquecer a minha humanidade – Zack foi enfático – Posso voltar a ser o que era antes. Um assassino.

Engoli em seco. Zack não era mais o vampiro que o Conselho temia. Mas Dante poderia forçá-lo a ser.

– O que você precisa fazer para Dante deixá-lo em paz? – murmurei.

Por um instante eu vi dor passar pelos olhos de Zack, mas ele sacudiu a cabeça e olhou para o outro lado. Eric ergueu a sobrancelha.

– Eu... eu não vou fazer isso – o vampiro murmurou.

– O que Zack tem que fazer? – perguntei a Eric. Espíritos puros não podem mentir.

– Deixar você. Partir. É o prazo que eles deram e Zack descumpriu-o.

– Prazo? – repeti, sem entender – Ele não é o mestre? Não é ele que manda nessa joça?

– Eric – Zack ergueu a voz – acho bom você ficar na sua.

Eric deu uma risada sinistra.

Se bem que toda vez que a morte ri, parece algo sinistro. Eu não imagino flores quando Eric ri, apesar de ser um som agradável.

Espera, penso sim. Numa coroa de flores. Em uma lápide.

– O que vai fazer se eu falar? – meu amigo morte insistiu – Essa é a verdade.

– Você sabe que Jessi não pode saber dessas coisas. Eu instituí isso.

– E se por acaso eu ficar sabendo? – joguei, bancando a sonsa.

Ambos olharam pra mim.

– Desculpa, Jessi, mas você deixa passar tudo – Zack riu – se descobrir alguma coisa, eu sei que foi alguém que contou. Pensemos na sua última prova de história, por exemplo...

Eric balançou a cabeça concordando.

– Verdade, senhorita Jéssica. Se descobrir alguma coisa só se estiver na sua frente com um farol apontando pra ela e dizendo: PISTA.

– Muito boa essa, Eric! – Zack bateu nas costas dele rindo – Mas acho que nem assim...

Sacudi a cabeça, irritada.

– Sabe, Zack, vou te dar um gatinho. Aí você vai ter sete vidas pra cuidar e deixar a minha em paz.

De repente uma luz brilhou nos olhos dele.

– Um... gato!

Eric pareceu entender.

– Isso faria com que soubéssemos quando Dante...

– Perfeito!

Minha boca abria e fechava parecendo um peixinho dourado.

– Escuta aqui, vocês dois... não sei do que estão falando, mas nem quero saber. Não posso ficar nem perto de gatos, sou totalmente alérgica! Meu rosto coça, meus olhos lacrimejam e espirro sem parar.

Zack abriu um sorriso animado.

– Ah, isso está cada vez melhor!

O papo gozador e sinistro terminou aí. A droga do sinal tocou e eu nunca vi um vampiro mais contente para voltar para a sala. Ele não viu aquelas aulas trocentas vezes? Certo, ok, ele frequentou inúmeras universidades, mas aquelas matérias deviam ser bem batidas pra ele. Quer dizer, ele não precisa ler sobre a Segunda Guerra Mundial. Ele esteve lá.

O motivo maior era a presença de Dante. Estando na sala de aula, Zack podia estar a par de seus movimentos e golpes. Eu meio que estava entendendo, só que infelizmente (ou felizmente?) o cara não estava lá. Ao menos ainda.

Sendo Zack o mestre dos vampiros, Dante estava sujeito a ele e suas ordens. O mestre metido não lançou aos vampiros nenhuma ordem a respeito de não me matar; ao que parece faz muitos anos que ele não proclama ordem alguma ao eleitorado dele. Entretanto, os vampiros pareciam ter receio de me atacarem, com certeza temendo alguma retaliação por parte do próprio. Alguns com medo de perder sua afeição, como Dante – é mole? Eu que deveria estar no centro desse triângulo amoroso.

Veja bem, não é que eu me considere linda e tal, mas puxa, estou dentro de uma história de vampiros e suponho que eu seja a mocinha. Afinal estou viva até agora. Então Dante devia morrer de amores por mim.

Droga, acho que eu mesma vou pôr fogo nos meus livros. Zack tem razão; livros de vampiro nem sempre são muito verossímeis.

Bem, voltando à parte dos vampiros que têm medo de Zack, Dante, ao que aparenta, tem medo do que meu vampiro pode fazer. Ele não revela o que sabe pra mim porque então estaria sujeito às leis dos vampiros. Mas tentar atacar o mestre não é contra as leis dos vampiros?

– Na verdade não – Eric respondeu e me fez gritar na sala por causa do seu súbito aparecimento. Por sorte o professor ainda não tinha chegado, mas estou tão cansada de pagar mico – Zack nunca proclamou nenhuma lei sobre matar o mestre dos vampiros. Na verdade, qualquer um é livre para fazê-lo, da mesma forma que Zack fez com o mestre anterior.

Zack revirou os olhos atrás de mim.

– Já disse que foi sem querer.

Virei para trás com olhos arregalados.

– Como alguém mata um mestre dos vampiros sem querer?

Ele deu de ombros.

– Vou fazer o quê se sou demais?

Virei pra frente bufando. Nunca conheci um vampiro tão metido.

– Você conheceu outros antes de Zack? – Eric me perguntou.

– Ele nunca sabe quando estão do lado dele ou querem matá-lo, não é? – desconversei.

– É o caso de Dante.

– Mas... se eles podem matar Zack... por que não o fazem?

– Por que  *você*  não o fez? – retrucou Eric.

– Ora... porque ele é forte demais pra mim!

– Eles têm a mesma desculpa.

Zack deu de ombros atrás outra vez.

– Como é chato ser gostoso.  *E*  poderoso.

Sacudi a cabeça.

– Vou recapitular: Dante tentou matar a mim e a  *você* . A mim, conseguiu, mas a gente sacaneou o Eric e eu voltei... desculpe, por isso, Eric – ele balançou a cabeça, irritado – Como a reação do mestre foi de querer morrer, ele teme que Zack realmente morra por minha causa – sinistramente romântico – mas provavelmente Dante vive uma dualidade, ou seja, ele quer seus poderes, mas não quer perder  *você* ... certo, Zack? Então comigo fora do caminho, o mestre babaca dele, ou seja,  *você* , pode voltar a ser o que era. Já os vampiros que nos atacam são os que querem outro mestre... tá. Até aí eu entendi. Mas  *você*  também tem aliados?

– Claro, o fã-clube das meninas da torcida.

Revirei os olhos.

– Não, idiota, estou me referindo à galera do além.

– Sim, Jessi – ele deu um sorriso misterioso – embora não saiba dizer quem está do meu lado e quem não está. Mas todos sem exceção querem te matar.

– Ah, não tenho a menor dúvida – suspirei – mas e quanto ao lance de  *você*  se vestir de preto? Por que Dante fica tão aborrecido de te ver assim?

– Tem a ver com o ego de Zack – murmurou Eric.

– Parece que tudo tem – retruquei, suspirando.

– A verdade, Jessi – meu vampiro endireitou-se na cadeira – é que eu dizia que como eu era o mestre, o superior, devia usar branco ou cores variadas. Eu não queria me camuflar na noite, e os vampiros me admiravam por isso, por essa minha ousadia. Todos eles usavam negro ou cores escuras. Eu sempre estava em destaque.

– Então, o simples fato de  *você*  usar preto, significa que  *você*  deixou claro que não deseja mais ser o mestre... é isso?

Zack bateu palmas.

– Até que esse tempo na universidade está te fazendo bem, Jessi! O Conselho não está gastando à toa, afinal!

– Para de ficar me zoando – falei entredentes – eu vou te matar!

– Promessas, promessas... – murmurou Eric.

– E posso saber por que  *você*  passou a usar preto, afinal? Quer dizer, quando te conheci  *você*  ainda usava branco... até hoje lembro daquele enorme sobretudo com o qual te vi pela primeira vez... Quem disse que todos os vampiros têm que usar preto?

Zack corou ligeiramente e Eric sorriu.

– Ele quer entrar no  *seu*  estereótipo, senhorita Jéssica.

Eu me virei para trás quase sem fôlego.

–  *Você*  fez isso só porque  *eu*  acho que vampiros devem usar preto?

– Achei que isso a deixaria mais confortável...

–  *Você* ... isso foi... hum, certo – corei levemente, mas não queria mostrar – e o fato do cheiro de baunilha? Por que anda ultimamente cheirando feito doce?

– Bem, isso é para disfarçar meu cheiro mesmo. Não posso arriscar,  *você*  sabe. É uma maneira de ficar seguro.



– E por que exatamente *baunilha*?

Ele chegou bem próximo ao meu ouvido e tive que apertar os dentes para não soltar um suspiro apaixonado.

– Porque eu sei que você ama baunilha. E sei que você me ama. Então usando baunilha você vai me amar ainda mais.

Eu sorri feito idiota até avistar Dante entrando na sala. Aí meu sorriso congelou.

Como não podia deixar de ser, ele veio caminhando para o nosso lado. Parou instantes antes e deu uma acenada para Eric.

– Como vai, morte?

Eric não respondeu, apenas limitou-se a fitá-lo.

– Você pode ver... – murmurei.

Ele inclinou-se e deu um beijo em minha bochecha e depois se sentou na cadeira à minha frente. Minha nossa, que ousadia!

– Claro que posso, querida Jéssica. Ou devo chamá-la de Jessi?

Zack empertigou-se. Devo admitir que senti um calafrio gostoso ao ver que os olhos dele estavam mudando de cor por causa do ciúme.

Epa.

– Zack, pare! Seus olhos... – virei para ele, alarmada.

Ele colocou a mão no rosto, irritado, tentando esconder o olhar. Alguns alunos se voltaram para nós – mais pelo susto de terem visto aquele beijo inocente (?) roubado – e parecia que eu tinha visto Linda espumar.

Será possível que o *poodle* não tinha sido vacinado?

Coloquei a mão de leve no ombro de Zack e procurei falar manso.

– É uma gracinha ver você com ciúme, mas preste atenção: é isso que Dante quer. Se você perder a cabeça vai acabar se revelando para os alunos e lembre-se: vampiros estão na moda. Já estão saindo, mas ainda assim, todo mundo está louco para ver um.

Dante sorriu.

– A curiosidade humana não é divertida? Mesmo que acabem feridos, eles são como gatos.

Eric sorriu discretamente, sentado ao meu lado no ar, como se estivesse pensando em uma piada particular. Aposto que tinha a ver com o que Zack e ele haviam comentado antes.

– É só se entregar, Zack – Dante murmurou por cima de meu ombro – volte ao seu clã. Você sabe que todos nós te queremos de volta, assim que você esquecer essa piedade idiota a respeito dos humanos.

Eu não sabia o que fazer, mas estava mesmo morta de curiosidade feito um gato.

Zack inclinou-se.

– Desapareça, Dante. Estou cansado de cuidar de vocês. Minhas ordens estão lá para serem seguidas e são perfeitas. Cuide você mesmo daqueles imbecis.

Dante retesou-se. Minha nossa, será que eles não podiam fazer isso lá fora? Eu ainda estava bem no olho do furacão.

– Acontece que não podemos viver numa anarquia – o vampiro loiro retrucou – Os clãs estão se dividindo. Eles respeitam você e te querem de volta. Eu quero seus poderes e seu cargo, é verdade, mas também quero você...

Zack ergueu uma sobrancelha.

– ...de volta – Dante sibilou.

Eu tentei pensar em coisas alegres. Sei lá, o último episódio de *Glee*. Sacanagem o que a Rachel fez com o Finn. Que casal chato, esses dois. Mas ao menos cantam bem.

– O que você sugere? – Zack sorriu – Venham me pegar, então. Desta vez, eu não vou embora. Traga seus soldadinhos. Vamos ver se eles podem com Zack Redpath.

Dante ficou mudo. Uau, tenho o namorado vampiro mais sexy e *bad boy* do mundo!

– Então me entregue seus poderes e vamos embora – Dante parecia tenso.

Zack soltou uma gargalhada quando o professor entrou. Ele já estava a um bom tempo atrasado, mas bem que podia não ter aparecido. Zack de súbito começou a cantar.

– E se eles querem meu sangue... terão o meu sangue, só no fim...e se eles querem meu corpo, só se eu estiver morto, só assiiiiim...

Dante bufou.

– Se nós eliminarmos essa humana você voltará, eu sei.

Eu senti calafrios, mas Zack manteve a voz num ritmo suave.

– Toque em Jéssica e você VERÁ a luz do dia.

– Uau, mandou bem! – virei para trás e meu vampiro e eu batemos as mãos no alto, trocando um ‘*high five*’.

Dante abriu uma cara de puro horror. Depois seu rosto modificou-se, parecendo o *Grinch*, querendo arruinar o natal.

– Se é assim, Zack, tudo bem. Mas pode ser que tenhamos um desperdício de sangue desnecessário – ele quis dizer derramamento de sangue, né? – se você quer arriscar os humanos que passou a amar. Está vendo aquela loirinha ali? – Dante apontou para a Linda, o *poodle* raivoso – Nós temos um encontro depois da aula. Ela está seca pra me encontrar – depois continuou rindo – mal sabe ela que vai ficar mais ainda quando eu terminar.

Arregalei os olhos para Zack. Certo, Linda podia ser um desperdício de espaço, mas não deixa de ser *poodle*, digo, gente. Zack sacudiu a cabeça e olhou para Eric. Ele balançou a cabeça afirmativamente. Ah, que saco.

Dante piscou para Linda e ela começou a dar risinhos. Minha parte má dizia: “ah, deixa ela ver o que é bom.” Minha parte boa dizia: “Bem feito para o namorado dela.”

Epa, minhas partes estão de acordo?

– Zack – murmurei – por mais que ela seja irritante, não podemos deixar isso acontecer.

– Sim, tem razão – ele sacudiu a cabeça – vai despertar mais suspeitas.

– Hum, não era bem isso que eu quis dizer, mas tudo bem. Se quiser eu tenho um spray de água benta aqui. Posso acertá-lo agora mesmo.

– Jessi, sei que não pensou muito no caso... na verdade, sei que não tem o hábito de pensar muito, mas pode imaginar como vão reagir ao ver a cara de um aluno derretendo?

– Ora, nunca iriam imaginar que é água benta!

– Não. Iam pensar que é ácido. E você seria presa.

– Ah, eu só “tava brincando”.

– Claro que estava – ele deu tapinhas na minha cabeça.

O professor pediu silêncio e a sala ficou quieta. Entretanto, estava difícil desviar a atenção da turma, com os dois caras mais lindos da universidade sentados perto de mim. Queria poder desfrutar dessa graça de Deus, mas não dava. Dante a qualquer momento poderia colocar tudo a perder. Uma aluna apareceu quase morta ontem – por falar nisso, ela está bem. Zack tinha apagado parte da memória dela, então a coitadinha realmente acredita que teve um desmaio causado por perda de sangue de algum objeto cortante que passou voando perto dela, quase dilacerando sua jugular. Um aviãozinho de aço, por exemplo. A universidade abriu uma investigação a respeito de algum jogador de bumerangue psicopata. Já quem ele matou fora da universidade, a polícia ainda está investigando...não sei se quero que eles

descubram. Não acho que a cadeia possa segurar um vampiro irresponsável.

Mas tenho medo do que pode acontecer se *meu vampiro* usar aqueles poderes de novo.

Suspirei fundo e voltei-me para frente, onde Dante estava sentado.

– Certo, o que quer para ficar longe da Linda?

Ele pareceu sorrir, mas não virou para trás.

– Está com ciúmes?

– Nossa, demais – meu sarcasmo ataca de novo – escuta aqui, sanguessuga irritante, digo, Dante querido... por que isso não fica só entre a gente? O que vai conseguir com isso, hum? Se investigadores começarem a invadir a universidade, vai sobrar pra você também!

Ele lançou um olhar sinistro por sobre o ombro.

– Quem disse que quero ficar aqui? Só estou tentando fazer Zack sair, e ele vai ser forçado a isso.

– Ora, por favor, não dá pra ficar longe das pessoas daqui? Ataquem um ao outro – e a propósito, Zack vai fazer picadinho de você.

– Só se ele despertar seus poderes... – ele virou-se para mim – e é isso que pretendo fazer.

Engoli em seco. Uma batalha entre eles colocaria em risco a humanidade de Zack.

Meu vampiro me cutucou por trás.

– A senhorita pode fazer o favor de parar de compactuar com o inimigo?

– Ele vai matar a Linda! Tudo bem, ela não vai ganhar nenhum prêmio Nobel, mas eu não posso deixar isso acontecer!

– E não vamos deixar... – ele suspirou – certo. Dante... você e eu. Lá fora.

Dante virou-se para trás.

– Vai ser um prazer...

De súbito, ambos abriram a janela e pularam para a noite. A classe começou a rir, embora alguns tenham se assustado. Revirei os olhos. Cada dia que passa nossa presença aqui é mais alarmante. Eric desapareceu do meu lado.

A batalha era até a morte? Digo, até um dos dois morrer e não quero dizer alcançar Eric numa corrida. Até à morte, haha.

Eu tinha que sair da sala.

– Aham, professor? – chamei, cruzando os dedos – Será que posso me retirar por alguns instantes?

Ele virou-se, parecendo meio irritado.

– Onde estão Zack e Dante?

– Ah, é... bom, eles... (estão num arranca-rabo, digo, arranca-presas lá fora) eles foram ao banheiro.

Ninguém delatou, mas todos começaram a rir.

– Silêncio! – senhor James irritou-se – Como foi que saíram sem que eu os visse?

– Hum, estavam muito apertados e saíram voando. Posso ir também?

A classe riu de novo. Provavelmente tirando sarro da minha falta de talento e criatividade para dar desculpas. O professor torceu o nariz e voltou-se para o quadro.

– Já sabe a resposta, senhorita Jéssica.

Bufei. Eu tinha que fazer alguma coisa. Quer saber? Minha reputação já era mesmo. Olhei para baixo, pela janela. Estávamos no segundo andar e sinceramente, saltar a janela já me deixou com muitos traumas. Quero manter minhas roupas no corpo, obrigada.

O professor não me deixava sair, então pela primeira vez na minha vida, vou tentar ser expulsa de sala. De propósito, quero dizer. Estendi os braços para frente, segurei no ar e comecei:

– Vruuummmm...vruuummmm...

Os alunos me olhavam com cara de espanto ao me verem imitar um carro em sala de aula. Mas não

me deixei abalar. Já paguei micos fenomenais, isso não é nada. Crianças, não tentem isso na escola.

– Vruuummmmm – já comecei a desviar dos postes na minha imaginação.

– SENHORITA JÉSSICA, FAÇA O FAVOR DE PARAR!

– SCRIIINCHHH!! – imitei o barulho do freio.

A sala inteira veio abaixo, às gargalhadas. O professor começou a ficar vermelho.

– Muito engraçado, senhorita Jéssica, muito engraçado. Agora faça o favor de ficar quieta.

Certo, essa não foi suficiente. Tenho que bolar outra.

– Caramba, Jéssica – comentou Andrew, um aluno meio nerd, algumas cadeiras atrás – Zack está te deixando bem engraçadinha, hein? Daqui a pouco vai ser intitulada a palhaça da sala.

Virei para trás com um sorriso enorme.

– E daí? Pelo menos não sou professor.

A classe caiu na risada novamente. *Strike 2.*

– Senhorita Jéssica... vire...para... frente – o professor James falou entre os dentes.

– Falou, ‘fessor! – Gente, estou me revelando.

– Agora, classe, vou falar dos organismos autótrofos. Anotem, por favor: são todos os organismos que têm a capacidade de transformar a matéria inorgânica em matéria orgânica utilizando a luz solar e produzindo o oxigênio...

Eu tossi e falei bem alto:

– Isso é o que você pensa.

O professor falou no meio das risadas, mas ouvi claramente.

– Senhorita Jéssica, queira se apresentar na sala do diretor.

Eu dei um sorriso largo, mas logo disfarcei, antes que ele soubesse que sair era exatamente o que eu vinha tentando fazer. Vai que ele me deixasse assistir aula, de castigo?

Saí da sala meio corada, mas com o espírito renovado. Quem foi que disse um dia que eu era previsível? Quando apressei o passo para sair do corredor, dei de cara com as *otakus* e Bobby. Eu poderia juntá-lo ao grupo e intitulá-los de ‘os *otakus*’, mas ele jurou que agora é só *geek*. Viciado em tecnologia e não rato de computador como eu costumo dizer.

– Chefa, o que está fazendo fora da sala? – Sofia adiantou-se, com olhos arregalados.

– Hum, bem, eu... dei um jeito de sair. Não estou orgulhosa disso (só um pouco, mas elas não têm que saber), mas eu realmente precisava. E vocês?

– Nós fingimos ataque de tosse, ué. Os professores normalmente se irritam fácil.

Só isso? Eu tive que pagar mico e me tornar a palhaça da sala quando podia simplesmente fazer de conta que estava doente? Droga. Estou mesmo por fora dos truques novos de estudante. Ainda bem que sou filha do embaixador, porque senão...

De repente notei que os olhinhos de todos brilhavam de empolgação.

– Problemas, chefa?

Eu gaguejei para responder. Nunca saí de sala a não ser quando fosse extremamente necessário, culpa de meus anos e anos de aluna certinha.

– Ah, imagina, é... é só... bem, você sabe, Zack e eu temos o hábito de brincar de gato e rato e no momento ele...

– Que legal! – aplaudiu Estela, toda animada – Vamos participar! A sessão de anime fica pra outro dia!

– Epa, não, esperem aí! Acontece que Zack está lá fora em uma batalha até a morte contra o vampiro que me matou na... ai, não!

Elas começaram a dar saltinhos e Bobby balançou a cabeça.

– Vai ter que arrumar uma desculpa melhor agora para afastar a gente da ‘festa’ que está rolando no momento, Jessi. Você nos deixou de fora da última vez.

– Mas foi para o próprio bem de vocês!

– A gente decide isso, tá? – as orelhinhas pendendo da cabeça de Dine balançaram e cortaram a seriedade que ela estava tentando impor à própria voz.

Suspirei. Se eu pelo menos agir como se o negócio fosse mesmo sério – e é – elas não vão interromper a luta para exigir uma exclusiva com Dante e postar num blog da vida.

– Certo, olhem aqui... Dante não está brincando. Ele usa de tudo que é artimanha para conseguir o que quer e agora mesmo ele...

Não consegui terminar a frase porque Linda irrompe no corredor parecendo uma Maria Fumaça – e não a Maria Gasolina que na verdade é.

– Quem você pensa que é, garota? – ela gritou no corredor.

Ela queria o quê? Um escândalo para aparecer em alguma revista da *Vogue*? Ou só estava ensaiando? Porque até a cara de raiva dela parece algo armado.

– Até antes de você gritar eu podia jurar que era a Jéssica – respondi, com a cara mais boba que consegui fazer.

– Muito engraçadinha! Acha que pode sair por aí, pegando os caras que você quiser? Já tem o Zack! O que mais poderia querer?

Sou obrigada a concordar.

– E você tem o Rick, não tem?

Ela jogou os cabelos para trás e murmurou, com desdém.

– Você é louca. Não sei de quem está falando.

As *otakus* e o Bobby *geek* se entreolharam. Ela estava falando sério ou só estava bancando a sonsa?

– Rick... o capitão do time de basquete. Aquele que chutei no meio das pernas. Seu namorado.

Ela fez uma cara mais confusa ainda.

– Está louca. Eu nunca namorei aquele cara. Se namorei, não me lembro. Agora, de volta à conversa...

– Você realmente não sabe que é namorada do Rick?

– Você é quem está empurrando ele pra mim! Eu acabei de ser convidada para sair com o Dante, aquele gatinho, e você está tentando atrapalhar nosso namoro!

Persuasão...o mesmo poder que Zack usou para convencer àquelas pessoas ao redor da menina ‘esvaziada’ (sério, não consigo pensar em palavra melhor) que não tinha acontecido nada além de histeria de fã. Mas Dante não precisava convencer a Linda de que ela não tinha namorado... ela teria topado sair com ele de qualquer jeito.

– Linda, então você afirma não ter namorado o Rick?

– Tudo o que sei é que você roubou Zack de mim não sei como – ela torceu o nariz me fitando de cima a baixo – mas não vai tomar o Dante!

Virei-me assustada para meus amigos.

– Certo, temos uma situação dramática aqui.

– Juro que nunca vi alguém esquecer que namora o cara mais playboy da escola – Dine balançou a cabeça com uma expressão incrédula.

– Isso é obra daquele vampiro loiro miserável. Se Linda esqueceu que namora o Rick, não oferecerá resistência para sair com Dante, e poderá matá-la sem ninguém desconfiar.

– Mas e quanto a Rick? – Bobby pondera – Onde ele se enfiou?

– Com certeza está dormindo na biblioteca ou treinando na quadra. Mas agora a gente tem que se livrar da Linda.

A dita cuja cutucou meu ombro. Deus, detesto quando as pessoas fazem isso.

– Escuta, eu estava falando com você!

De repente várias portas se abrem de supetão e cinco garotas de saíotes estilo fita do Senhor do Bonfim surgem de cara amarrada. Ai, mais encrenca.

Linda ainda continuava me olhando de cara fechada, tentando não mostrar rugas, mas algo tinha que ser feito. Eu precisava me livrar de todas elas o quanto antes.

As *otakus* se colocaram em posição de batalha, Bobby revirou os olhos e eu bati na testa. Uma tática. É disso que preciso, ir direto à fonte do problema.

– Certo, Linda...então. Você disse que não se lembra do Rick, certo? Então com quem você foi ao baile de formatura?

Ela piscou, como se tivesse tentando usar algo enferrujado já faz tempo. O cérebro.

– Eu... eu não lembro... Acho que não fui.

– Aai, como assim não foi, Li? – uma das garotas entrou na conversa – Você usou um vestido Dior!

Ninguém se esquece de ter usado um Dior!

Ela pareceu mais confusa ainda.

– Então... então eu fui sozinha!

As garotas de torcida torceram os rostos com expressões de horror de segunda.

– Está louca, Li? Nenhuma garota de torcida, especialmente a líder, vai sozinha ao baile de formatura!

– Totalmente out! – replicou a outra.

– *Demodê!* – completou a morena.

– *Horrorível!* – enfatizou uma ruiva.

– Mas então... – Linda respirava com dificuldade, como se estivesse com um bloqueio – com quem eu estava?

Como se tivesse recebido um chamado do além, Rick começou a correr o corredor na nossa direção. Que *timing*, hein, cara?

A líder de torcida lançou um olhar na direção dele e franziu a testa.

– Eu... eu conheço ele...não conheço?

Rick parecia correr em câmera lenta, como se estivesse participando de um filme. O desfecho seria um momento romântico em que ambos cairiam ao chão, abraçados, e se beijando com intensidade. Mas havia algo errado. Linda realmente não se lembrava de Rick. Eu precisava fazer alguma coisa.

Virei a garota delicadamente, respirei fundo e dei-lhe um tapa firme na cara. Não posso garantir que foi leve, mas garanto que não devo ter deixado marcas. Por mais de dez minutos, suponho.

– JESSI!! – as *otakus* gritaram assustadas. Não acho que o fizeram por terem se indignado, mas com certeza por terem se surpreendido com minha ousadia.

Não sou de distribuir sopapos em público, a não ser no Zack e nele não dói.

Linda esfregou o rosto enquanto as garotas gritavam chocadas, mas ela não esboçou reação. Parecia que estava acordando de um sonho.

Rick correu mais depressa já elevando a voz pra mim.

– Você está louca? Como ousa bater na minha namorada assim? Você devia...

– Rick?

Linda o parou e ficou em silêncio segurando o ombro do capitão de basquete, como se estivesse fazendo um tipo de exame de reconhecimento.

– O que foi, Li? Essa selvagem te machucou?

Selvagem? Eu ajudo a namorada do cara e é assim que ele me agradece? Com mais um apelido para minha lista?

– Não, ela... eu gosto dela.

Todo mundo engasgou e eu olhei para minha própria mão. Terei eu ganhado o poder da ‘mudança de opinião usando o próprio punho’?

– Ficou maluca, tadinha – a morena rodou o indicador na direção da cabeça e a ruiva acenou.

– O que a gente faz agora, Li? E o Dante?

Linda olhou para a morena como se ela tivesse acabado de soltar um arroteo.

– Quem? Tá louca? Eu estou com o Rick! Que tipo de menina vocês acham que eu sou?

Elas ficaram caladas. Provavelmente têm a mesma opinião que a minha.

As *otakus* me olharam confusas. O que havia acabado de acontecer? Será que Linda estava fingindo?

– Então você não sabe quem é Dante, certo? – arrisquei – Então... você não planejava encontrá-lo porque é namorada do Rick, não é?

Linda fez uma careta de desprezo.

– O que você é, afinal? Um robô?

– Bem, então não quer que batamos nela, Li? – perguntou a morena como se fosse a coisa mais natural do mundo.

– Por quê? Ela merece, mas deixa pra lá... – Linda então sussurrou pra elas como se eu não estivesse ouvindo – Ela fala sozinha, esqueceram?

Minha nossa, as meninas tem escrúpulos. Que grande passo para a humanidade.

– Mas ela bateu em você... – tentou insistir a ruiva.

– Em mim? – Linda pegou o braço de Rick e foi caminhando com ele de volta para a sala – E quando foi isso, Jennifer? Ai, vocês tem cada uma. Ensaio amanhã pela manhã, não esqueçam.

As meninas fizeram um muxoxo e voltaram para suas respectivas salas. Como foi que todas saíram ao mesmo tempo para atacar, de qualquer forma? Elas têm um chamado silencioso ou coisa assim? A voz de Linda não tem um alcance extraordinário, mas deve funcionar como apito de cachorro.

– Mas o que raios acabou de acontecer aqui? – Bobby coçou a cabeça, confuso. Todos nós estávamos.

Olhei para a minha mão por um momento. Será que fui eu? Será que eu realmente desenvolvi um poder diferente ou Linda apenas nunca tomou um tapa na cara na vida? Hum, não, eu dei um soco nela da última vez e a única coisa que a garota fez foi abrir o berreiro. Ei, não me orgulho disso!

– Hum, Bobby, você quer ir mesmo lá onde está acontecendo aquela batalha mortal?

– Óbvio! Nada do que você disser ou fazer vai me convencer a mudar de ideia! Vamos logo antes que acabe!

– Hum, você permite que eu te use como experimento científico?

– Tenho cara de rato de laboratório?

– Tem. Posso?

– Claro, por que não?

Virei-lhe a mão na cara antes que me arrependesse. As *otakus* deram um grito agudo e me fitavam como se eu fosse a Samara do filme “O Chamado”.

– CHEFA!!

Bobby esfregou o rosto e pareceu atordoadado.

– Bobby, eu não quero que você vá comigo. Você pode...hum, meninas, o que Bobby detesta fazer?

– Ele detesta assistir Crepúsculo – Dine falou, ainda com a testa franzida.

Virei-me para ele.

– Quero que assista Crepúsculo e me faça uma descrição detalhada da roupa que Edward usou na festa de formatura.

– Parece legal... OK – ele deu de ombros.

Se não estivessem colados nas respectivas faces, os queixos de todas teriam ido ao chão. Nunca pensei na vida que as doidinhas conseguiriam ficar mais de dez segundos paradas e mudas.

– Funciona... – murmurei, enquanto Bobby saía apressado para o quarto – Eu tenho o poder da persuasão... na mão!

– Eu já ouvi falar de pessoas que usavam os punhos como instrumento de convencimento, mas não assim! – comentou Estela, ainda de queixo caído.

– Bem, e então, meninas? Vocês ainda querem me acompanhar ao jardim?

Elas saíram em disparada pelo corredor, prontas para encontrar os dois vampiros antes que eu mesma as alcançasse e descesse os tabefes nelas – com o maior carinho do mundo, claro. Bom, desenvolvi punhos de persuasão, não super velocidade, então deixa pra lá.

Hora de persuadir dois vampiros.



# Hora do jogo



Quando consegui chegar ao jardim, as meninas estavam sentadas no banco, parecendo frustradas. Zack estava com elas, parecendo perfeitamente bem.

– O que aconteceu? – gritei, correndo pra ele – Você está bem? Onde estão Eric e Dante?

– Ei, Jessi! – ele acenou animado – Vocês chegaram atrasadas. O show acabou; eu feri Dante e ele foi se alimentar!

Olhei diretamente nos olhos dele; estavam vermelhos, sinal de que ele mesmo acabara de se alimentar.

– E você? Bebeu bastante?

Ele sacudiu a cabeça de leve e sorriu.

– Preferia não tê-lo feito.

– Você se alimentou com o sangue de Dante, não é? Agora assumiu parte dos poderes dele.

– Sim, e estão ficando difíceis de controlar... mas vou ficar bem.

– Zack, não tem nenhuma maneira de você eliminar esses poderes incômodos?

– Terapia?

– Não, sei lá... uma transfusão? Sanguessugas?

– Só se usavam esses vermes no passado, Jessi! – ele riu – Você nem devia ser nascida! Não, eu vou ficar com esses poderes... e vou aprender a controlá-los.

Não pude resistir; eu precisava ver se funcionava com ele. Levantei a mão e a desci – com um pouquinho só – de força.

Zack foi a terceira pessoa que meti a mão na cara essa noite. Sinceramente, espero que seja a última.

– AI. Eu acabei de falar que você nem era nascida! É um elogio!

As meninas nem se abalaram mais, agora que já sabem o poder que carrego na mão. Ou então se acostumaram a me ver batendo nos outros e Deus queira que não seja isso.

– Zack, não quero ver você usando esse poder de forma alguma!

– Sabe, mamãe, a gente primeiro fala, vê se a criança obedece, só depois a gente castiga – ele resmungou, esfregando o rosto.

– Bem, você vai obedecer?

– Se eu não obedecer, vai fazer o quê, agora? Tirar meu videogame?

Eu olhei para a mão, frustrada.

– Não entendo... funcionou das duas vezes... por que com Zack...

Subitamente ele caiu sentado no chão, parecendo completamente tonto.

– Mas que raios...

– Você está bem? – ajoelhei-me ao lado dele e percebi que seus olhos já não estavam mais vermelhos, provavelmente por causa da tontura.

– Sim, mas... já está passando. Não usei poder algum, por que meu corpo...?

– É o poder de persuasão da Jessi! – Sofia bateu palmas, animada.

Zack ergueu a sobrancelha e tive que rir. Então expliquei com todos os detalhes o que havia acontecido desde o momento em que ele saiu da sala com Dante até chegar ali. O vampiro deitou no chão e foi a vez dele começar a rir quando terminei.

– Não entendo esses poderes absurdos que você manifesta, Jessi. Nunca ouvi falar disso, deve ter algo errado com seus genes.

– Muito engraçado.

– Não, não, falo sério – ele levantou-se devagar – Tem realmente algo errado nos poderes que você anda manifestando. Caçadores e vampiros têm poderes diversos, mas os seus parecem uma mescla hilária dos dois. Quer dizer...vampiros são capazes de persuadir, por exemplo. Caçadores tem o poder de enfraquecer vampiros com um soco. Mas você persuade pessoas com um tapa! Já perguntou algo aos seus pais sobre isso?

– Hum, vou lembrar de perguntar... mas e você? Por que não funcionou com você?

Zack ergueu-se devagar.

– Eu sou imune a poderes de persuasão, Jessi. Eu mesmo tenho esse poder, não dessa forma, mas apenas isso me torna imune.

– Então também não funcionaria com Dante...

– Exato.

– Mas por que você ficou tonto?

– Ai, Jessi. Esqueceu que quando você usa poderes de caçador nos vampiros eles enfraquecem? Como eu já tinha esse poder, eu simplesmente fiquei atordoado. E não fique pensando que pode sair por aí me dando tapas na cara sempre que quiser. Você tem que liberar o poder para funcionar. Aliás, também não gosto da ideia de apanhar.

– Não tive problemas nenhuma das vezes – retruquei – digo, de persuadir as pessoas. Persuadi a Linda e o Bobby.

– E por que você não libera um poder realmente legal pra variar? Algo tipo: fazer suas roupas desaparecerem?

– Ora, seu...!

Tornei a descer-lhe a mão na cara, completamente possessa. Ele riu, esfregou o rosto e declarou.

– Viu? Não fiquei tonto; você não usou o poder desta vez. Mas vamos parar com isso, certo?

Bom, eu não queria realmente parar – acho que ainda dava para continuar as experiências – mas agora tinha entendido.

As *otakus* ainda pediram detalhes da última luta, mas Zack era meio cortante. Parecia que não tinha muito o que falar, mas acredito que estava suprimindo algumas partes. Eric ainda não estava lá para eu perguntar diretamente.

Assim que elas ficaram satisfeitas e saíram, Zack virou-se para mim com um sorriso malicioso.

– Agora que nossas filhinhas saíram, que acha da gente dar uns pegadas?

Sei que fiquei corada até a raiz dos cabelos – que já eram vermelhos, então não fariam mesmo diferença – mas mantive a compostura.

– Filhinhas? Escuta, Zack, eu sei que você não está sendo completamente sincero em relação ao seu encontro com Dante. Eric não está aqui, nem ele. O cara fugiu para atacar alguém, não é?

– Talvez – ele deu um meio sorriso – mas se não aconteceu nada, pra quê se preocupar, não é mesmo? Vem aqui, vem..

Quando ele se aproximou, dei um passo para trás.

– O que foi? – ele riu – Não está achando que sou Dante, está?

– Percebi que você sempre usa desses seus truques de sedução quando quer me desviar do meu objetivo. Seja direto. Você liberou algum poder durante a luta?

– Bom saber que está ficando espertinha, Jessi! Não, desta vez não. Tomei uma grande quantidade de sangue e Dante enfraqueceu, correndo da briga. Você está certa, ele provavelmente foi atrás de alguma vítima, por isso Eric foi com ele. Vai ter que trabalhar.

– E você fala isso com tranquilidade? – arregalei os olhos, horrorizada – Não vai fazer nada pra impedir?

– Eu não... não posso impedi-lo desta vez.

Eu me aproximei; os olhos dele vacilaram para aquele tom de azul lindo onde eu costumo me perder e para um vermelho rubi, que costuma me matar de medo.

– E por que não?

– Jessi... me abrace.

Eu estranhei aquele súbito romantismo, mas não deixei por menos. Ele me envolveu com braços fortes e suspirou. Parecia estar tentando manter o controle sobre si mesmo.

– Zack... o que está havendo?

– Minha humanidade...

Eu travei. Apertei as costas dele com minhas unhas.

– O sangue... o sangue está te afetando! Você não vai atrás dele porque isso implicaria matá-lo, e talvez haja outros vampiros por perto, não é? Você teria que lutar mais e acabaria... matando algum inocente, não é isso?

– Até que você tem estudado muito, Jessi – ele murmurou – cada dia me surpreende mais...

Tentei me desvencilhar dele, mas não consegui. Zack me segurava com força, mas eu não podia deixar Dante matar um inocente que fosse.

– Zack, solte-me. Eu não vou deixar Dante atacar novamente! É minha tarefa como caçadora...

– Você não vai a lugar algum.

A voz dele em meu ouvido era firme e convincente. Alguma coisa estava acontecendo comigo. Acho que plantaria bananeira se ele me pedisse ou simplesmente desse a entender que queria que eu pagasse um mico qualquer. Deixei-me perder naqueles braços e apertei-o fortemente. Tudo parecia rodar lentamente, como se estivéssemos no meio de uma valsa e Zack fosse a única torre firme que me impediria de cair no meio do salão. Fechei os olhos por alguns instantes e quando reabri a morte nos olhava de cara feia.

– Solte-a.

Zack sequer mexeu. Eric aproximou-se como se estivesse lidando com uma cobra venenosa perto do ninho. Até eu me senti um pouco ressabiada.

– Zack, não use esse poder na senhorita Jéssica. Você sabe que não precisa disso; ela é louca por você. Pare.

Ergui a sobrancelha. Isso foi uma ofensa? Ele me chamou de fácil?

– Que poder? – murmurei, quase pra mim mesma.

– Não – disse Zack, com uma calma mórbida.

Tentei empurrá-lo de leve e ele apertou-me mais forte. Em outro momento eu estaria totalmente derretida, mas algo estava errado – só pra variar.

– Preciso da Jéssica aqui.

Eric assentiu levemente.

– Eu sei. Mas convença-a disso. Não acabe com a humanidade que lhe resta.

Deixei de abraçar Zack e murmurei ao seu ouvido.

– Você está usando seu poder de persuasão em mim?

Ele não respondeu, mas afundou a cabeça no espaço entre meu ombro e meu pescoço e gemeu. É, eu também, mas não deixei ninguém ouvir.

– Zack, Eric tem razão. Eu fico idiota quando você está por perto. Não precisa usar seus poderes de vampiro gato.

Ele afrouxou os braços devagar e ergueu olhos exaustos para mim.

– Jessi...

– Zack, o que vou fazer? Você está fraco, mas tem pessoas correndo perigo... Eu não posso...

– Deixe estar, senhorita Jéssica – Eric acrescentou, com um tom leve de simpatia e alívio – convenci Dante a assaltar o hospital. Afinal, a exposição dos vampiros na cidade também acarreta problemas para ele. Sem contar que os simpatizantes de Zack o atacariam sem dó nem piedade quando ele estivesse exposto mordendo alguém e poderia haver uma batalha indesejável entre os clãs.

– Você sabe quem são os simpatizantes de Zack? – afastei-me de meu vampiro, com um aperto no coração, enquanto ele se sentava no banco próximo, sem falar.

– Infelizmente, não. É difícil saber o que se passa no... bem, na mente dos vampiros, na verdade. Eles podem mudar de ideia facilmente. Quem está ao lado de Zack pode mudar e vice versa. São seres insuportáveis, posso garantir.

Zack deu uma risada leve, mas permaneceu sentado, de cabeça baixa. Eu me aproximei e pus a mão em seu ombro suavemente.

– Zack... tem alguma coisa que eu possa fazer pra ajudar?

Ele começou a murmurar algo, mas mal pude ouvir.

– O quê?

– Yo...

– Do que você está falando?

– Yo soy paraguaio...e vim para te matar!

Suspirei.

– Para quê?

– PARAGUAIO!!

Ele caiu na gargalhada e sumiu como um raio pelo pátio. Revirei os olhos e olhei para Eric, que mantinha um sorriso no rosto.

– Você não está rindo dessa piada idiota, está?

– Não, senhorita Jéssica. Realmente Zack precisa de você. É o fato de te sacanear tanto que o mantém humano.

– Oh, sinto-me tão feliz por isso.

Mas no fundo me sentia mesmo, apesar do sarcasmo. É bom saber que algo simples assim pudesse manter meu namorado mais vivo, mesmo que às minhas custas.

Dei uma olhada por cima do muro e fiquei refletindo. Dante já matou algumas pessoas desde que chegou, mas e os outros vampiros? De acordo com os jornais e os blogs quentes na internet há apenas algumas mortes isoladas que mais parecem vítimas de assalto ou coisa do gênero. É como se tentassem esconder a morte por dentadas, causando algum tipo de ferimento aleatório.

Será que Dante está organizando algum grupo ou exercendo algum tipo de influência, ou estão simplesmente tomando cuidado de acordo com as antigas leis estabelecidas por Zack? E quantos lá fora estão ao lado dele? Qual o problema com os vampiros, hein?

– O problema deles – a morte se intrometeu em meus pensamentos novamente – é o fato de estarem desprovidos de uma consciência. Não tem um coração a seguir. Os que seguem a Zack ou o temem ou o

admiram, e você sabe como isso é volúvel. Vampiros são demônios que habitam um corpo humano e tem uma alma estéril presa a ele.

– Bem, e quanto a Dante? Ele ama Zack terrivelmente.

– Aquilo não é amor – Eric fitou as estrelas – é o mais próximo que vi um vampiro chegar, mas não chega a ser amor; é uma admiração pura mesclada com ódio. Pode-se considerar que o que ele sente é pura obsessão, mas não amor. Só que Zack... ele parece realmente amar você. É por isso que não entendo...

– Tem algo que a morte não entende? – ele me dirigiu um olhar sério e fiquei calada. Eu nunca aprendo a manter meu sarcasmo pra mim.

– Por que o céu deu a você essa tarefa impossível? – ele continuou – Os vampiros são almas marcadas para o inferno, incapazes de sentir emoções. Como Zack...?

Ele parou. Parecia que havia se dado conta de algo.

– Zack não é uma alma marcada para o inferno, não é? – completei, surpresa.

– Ele era. Agora é como se não houvesse marca alguma.

– Mas você disse que houve vampiros que se tornaram humanos. Então eles não estavam totalmente condenados.

Eric sacudiu a cabeça.

– Eis o problema. Quando eles se tornaram humanos, a marca para o inferno é apagada, ou restaurada, dependendo da vida que eles vão passar a ter. Mas Zack... ele não tem mais essa marca embora ainda esteja nesta condição demoníaca. É como se... como se ele não tivesse um lugar certo para ir.

– Mas o que Zack sente por mim... não é admiração. O que ele teria para admirar? Meu talento inato de pagar mico? Nem ódio, senão já teria dado cabo de mim no primeiro momento. Mas eu ouvi quando ele disse com todas as palavras: ‘eu te amo, Jessica’. Aah, ouvi e ninguém tira isso de mim, tá?

Eric apenas sorriu.

– Talvez. Ou talvez ele mesmo esteja confuso em relação aos seus próprios sentimentos. Zack já está aqui há muitos anos e todo esse tempo tornou seus sentimentos estéreis. Viu toda sua família morrer e desaparecer. Todos os amigos, todos aqueles em quem confiava, sumir um a um. No fundo só lhe restava sua própria raça, que tanto despreza. Só que algo mudou nele, bem na época que você surgiu. Pode ter sido uma coincidência.

– Zack me contou que seguiu um vampiro até a igreja aqui e ele se desmaterializou na frente de seus olhos. Disse que havia ficado encantado com esse poder, e por isso está aqui desde então.

– É uma meia verdade. Ele realmente ficou fascinado, mas não está aqui desde então. Depois que esse fato ocorreu, Zack ainda vagou pelo mundo. Estava cansado. Procurou respostas para tudo, ficou em busca desse poder. Invadiu o Vaticano.

– *Putz*, isso é ofensa grave, não é?

– Mais uma. Pode anotar no seu caderninho – ele fechou os olhos como se tentasse se lembrar e continuou – Os vampiros perceberam seu afastamento. Zack passou a deixar claro seu desprezo. Mais do que isso não posso falar, mas tem a ver com um certo acordo. Depois de todo esse tempo, Zack retornou para a Pensilvânia. Ele queria entender o que o atraía para cá. Colocar uma ordem em sua mente. Mas isso não vai durar muito tempo.

Cocei a garganta.

– Por que não?

– Vou deixar isso claro, senhorita Jéssica. Os vampiros não querem que Zack volte a ter sentimentos humanos. Consideram-se superiores e Zack é o maior entre eles. É o que fez os demônios caírem, lembra-se? O orgulho. Não quiseram que Deus se tornasse homem. Revoltaram-se. Da mesma forma, os

vampiros não querem aceitar a decisão de Zack – embora ele nada se pareça com Deus, por favor. Minha esperança é de que Zack realmente esteja nutrindo sentimentos por você.

– Uau, valeu, hein?

– Mas é claro que isso também pode significar guerra.

Revirei os olhos. Tem para onde correr? Será que o Conselho está sabendo de algo e não quer me contar?

Eric ergueu uma sobrancelha e desapareceu. Parece que ele também sabe de muitas coisas que não quer me contar, mas estou cansada de ficar jogada para escanteio.

Subi ao meu quarto sentindo calafrios por todo o corpo. As palavras de Eric rodeavam meus pensamentos e eu sentia que meu cérebro poderia superaquecer a qualquer momento. Nunca fui muito ligada nesse negócio de namorado meu ficar me dizendo ‘eu te amo’. Pra mim é só um truque pra te convencer a fazer o que não quer, sabe como é. Mas no caso de Zack.. ele também precisava descobrir se era amor. Ele tinha sentimentos humanos ou eram apenas resquícios de uma vida que levou? De uma vida da qual ele sentia saudade?

Quando cheguei ao meu quarto, joguei meu casaco na cômoda e puxei a cadeira do laptop, preparada para digitar qualquer coisa na internet. Tinha muitas perguntas, mas não poderia simplesmente digitar ‘qual o segredo que Zack oculta de mim?’ porque era capaz de parar até em site pornográfico. Meus dedos tremiam no teclado. Qual a pergunta que eu queria fazer? Qual a dúvida que eu queria sanar?

Na verdade a pergunta que ficava retumbando em meu peito era: ‘você está preparada para a verdade? Você não aguentaria a verdade!’ Será que Zack me via como única maneira dele poder retornar à humanidade? Isso era suficiente para mim?

Sacudi a cabeça, decidida. Nunca fui de me preocupar muito com as coisas, porque ia começar agora? Vim para a universidade com a cara e a coragem, para enfrentar coisas que nunca acreditei que existissem. Tudo bem que no caso o dinheiro pode ter falado mais alto, mas não foi isso que me manteve aqui. Nem eu sei dizer bem. Talvez tenha sido o orgulho. Talvez tenha sido para provar pra mim mesma que eu não levo desaforo pra casa. Talvez porque nunca tenha tido um gato tão maravilhoso na minha vida que me desse tanta atenção. Vai saber.

Dei um pulo na cadeira quando o telefone tocou. Será que nunca vou me acostumar a levar sustos? Acho que ultimamente está pior. Eu sei que Dante tem poderes de teletransporte e ainda não consigo me acostumar com o meu. Triste isso.

Respirei fundo antes de atender o celular. Não reconheci o número.

– Alô? Senhorita Jéssica?

– Sim?

– O seu táxi já está aqui.

– Meu o quê? Não pedi nenhum... espera aí, quem está falando?

– Sou eu, Johnny. O porteiro.

Como raios ele tem o telefone da filha do embaixador?

– O homem do táxi me passou seu telefone...

Como raios o homem do táxi tem o telefone da filha do embaixador??

– ...ele disse que Dante o chamou para você.

Já não estou mais surpresa.

– Pode colocá-lo na linha?

Após alguns segundo escutei uma voz entediada.

– Senhorita Jéssica Cross do quarto 303?

Shhh!!! Zack nunca pode descobrir meu sobrenome! Ele ia me zoar para o resto da vida! E eu tentei

tanto mantê-lo oculto...

– Sou eu. Gostaria de saber para onde Dante pediu que me levasse.

– Ao restaurante Penne.

Engoli em seco. Tenho roupa pra isso? Quer dizer, tenho que vasculhar as minhas coisas; não quero chegar lá e ver os garçons me olhando com aquela cara de ‘quem deixou essa gente entrar?’.

Espera, estou mesmo considerando ir? Tudo bem que Dante e eu começamos nosso jogo, mas vai começar assim mesmo? Só uma coisa pode me convencer neste momento.

– O táxi já está pago?

– Sim, senhorita.

– ‘Tô saindo.

## Armadilha ou trégua?



Eu sei, você quer me bater. Eu também. Estou admirando a entrada do restaurante e o taxista já se foi faz alguns minutos. O que me aguarda lá dentro daquele lugar? Uma trégua? Um confronto direto? Camarões?

Eu devia ter deixado algum bilhete com alguém. Não que eu quisesse envolver uma das *otakus* ou o Bobby. Amo muito aqueles doidinhos para vê-los mergulhados em confusão...mais do que eles mesmos arrumam sozinhos.

Respirei fundo e chequei minha meia-calça. Não vou passar vergonha. E Dante já poderia ter me matado, se realmente quisesse.

Sinto-me tão idiota quanto as mocinhas indefesas dos livros de vampiro que ando lendo. Será por isso que as detesto tanto?

Quando passei pelo umbral da porta, cerrei os olhos para me acostumar com a fraca iluminação do restaurante. Chique. As mesas eram redondas, espaçadas, o barulho de talheres de prata batendo eram suaves, as vozes eram sussurros e todo mundo muito arrumado. Os poucos lustres que pendiam do teto faziam um péssimo trabalho, mas deixava tudo com um clima muito romântico. O papel de parede de flores era simples e quadros de atores famosos e antigos pendiam nas paredes, com autógrafos em vermelho.

Em resumo, tudo muito brega, mas parecia encantador. O melhor de tudo foi que ninguém reparou em mim quando entrei. Então devo estar bem arrumada, como todo mundo.

Dante estava em um canto perto da janela, olhando fixamente para o copo de cristal que tinha na mão. Parecia absorto em pensamentos e cogitei se devia apenas me virar e voltar, mas o táxi já devia ter ido embora. Desculpa imbecil, mas a preguiça me impede de ligar para outro ou andar, agora que já cheguei até aqui.

Prendi a respiração quando senti os olhos de Dante sobre mim quando se deu conta de minha presença. Ele abriu um sorriso que eu poderia considerar meio sinistro, mas talvez fosse impressão minha. Tudo nele já parecia meio sinistro. Seus olhos pareciam preguiçosos; será que já estava meio embriagado com o vinho? Tarde demais para fugir agora, mas ele não ousaria um movimento brusco aqui... certo?

Dei um sorriso para o garçom que aguardava algum sinal meu e ele me conduziu até o lugar onde Dante estava.

Respirei fundo para me acalmar e sentei-me à sua frente, deixando o ambiente do lugar me acalmar um pouco.

– É seu aniversário? – ele murmurou sorrindo.

– Não...por quê?

Ele me olhou de ponta a ponta.

– Porque você está de parabéns!

Revirei os olhos.

– Corta as gracinhas. Em primeiro lugar, nós dois sabemos que não é em mim que você é chegado.

Ele corou levemente e pareceu chocado.



– Ora...! Eu já disse que você entendeu mal! Zack e eu éramos apenas...

– Quem falou em Zack? Você quem trouxe ele para o assunto.

Um a zero pra mim.

Ele respirou fundo e voltou a ficar pálido como de costume.

– Muito bem... começamos com o pé esquerdo. Eu ainda quero entender porque Zack quer largar tudo por você.

– Largar o quê?

Ele colocou o copo na mesa e fez um sinal para o garçom. O homem se aproximou, virou a garrafa e colocou um pouco de vinho no copo. Dante provou, acenou e o garçom despejou o líquido na dele e na outra taça sobre a mesa. Sei que minha tolerância a álcool é baixíssima então nem vou me atrever. Quer dizer, já fiquei bêbada com um quentão numa festa junina! Posso não ter ficado totalmente boba, mas com certeza fiquei trocando as pernas por uma boa meia hora.

– Quer pedir algo para comer? Eu pago.

– Certo. Então eu quero o prato mais caro do cardápio – desafiei.

– É escargot.

– Lesma? Então quero sushi. Eu sei que é caro.

– É peixe cru.

– Entre lesma e peixe cru ainda prefiro a segunda opção. Se você coloca um molhinho ele fica...

– Enfim – Dante me cortou depois que o garçom saiu, anotando o pedido – Zack te contou sobre o prazo de dois anos?

Inclinei a cabeça, curiosa. Um dos mistérios que fiquei ansiosa para saber e nem Eric quis me contar.

– Pelo visto não – ele sorriu – Mas acredito que ele contou sobre o fato de não chefiar mais os vampiros.

– Sim – confirmei feliz por descobrir que nem tudo Zack escondia de mim – Disse-me que desistiu depois de perseguir um vampiro para dentro de uma igreja e o ver desaparecer. Ficou fascinado pelo poder e desde então mudou de ideia quanto à vida que levava.

Dante ergueu uma sobrancelha.

– Desculpe. Não-vida que levava. Digamos do modo que ele ‘tocava o barco’.

– Hum, sim. Ele mudou muito desde então. Começou a colocar muitas regras na nossa maneira de viver. O desprezo que sentia por nós começou a ser muito visível. Desprezo até por si mesmo.

Nesse momento a sua voz saiu como um fio. Parecia muito amargurado ou muito irritado. Queira Deus que seja a primeira opção.

Ele continuou a bebericar o vinho.

– Os vampiros começaram a questionar e Zack começou a eliminar todos os que se opunham a ele. Se alguém quebrava alguma regra, o mestre o punia severamente.

Engoli em seco, assim como Dante. Ele conhecia uma parte do passado de Zack que eu desconhecia e comecei a perguntar se queria mesmo saber.

– Os clãs começaram a se dividir. Alguns diziam que Zack havia enlouquecido. Outros, que a parte humana dele estava falando mais alto ou devia estar sendo guiado por algum ser divino.

Eric conta? Quer dizer, se ele estava sendo guiado pela morte, ainda que seja um ser divino...

– Tentei fazê-lo voltar ao bom senso – Dante continuou, como se nem estivesse falando comigo – Tentei explicar que era da nossa natureza matar seres humanos e que simplesmente não podia ser evitado. Éramos todos demônios e devíamos agir como tal. Zack... apenas riu. E me bateu.

Dante esfregou um lado do rosto como se estivesse sentindo ali, revivendo a lembrança, a bofetada que devia ter levado. Seus olhos mudaram subitamente para um amarelo sinistro, mas ele piscou

rapidamente e voltou ao normal. Estava decidido a manter as aparências.

– Alguns clãs o enfrentaram. Seus aliados, incluindo eu, enfrentamos os opositores, mas nem acho que Zack precisou de nossa ajuda – ele riu – derrotou a todos como se fossem de papel. No final disse que estava cansado e que não queria mais cuidar de nós.

Dante olhou para cima e parecia tentar manter um ritmo calmo de respiração, mesmo que não precisasse respirar. Chegava a ser meio ridículo, mas parece que alguns hábitos realmente nunca morrem. Pela primeira vez na minha vida fiquei caladinha. Estava curiosa demais para interromper.

– Ele nos deu as costas... e foi embora. Corremos atrás dele e o cercamos. Alguns ameaçaram voltar-se contra ele.

– ... e você?

– Eu estava entre eles. Estava disposto a deixá-lo se ele fizesse o mesmo.

– O que Zack fez? – certo, admito que estava ansiosa demais. Você também não está?

– Ameacei dizimar a cidade se ele nos deixasse. Os olhos de Zack tornaram-se vermelhos por um instante, mas em seguida ele piscou e sorriu. Então propôs um trato.

Estiquei-me toda na cadeira.

A refeição chegou, mas nem toquei nela. Engraçado como a comida sempre demora quando estamos morrendo de tédio ou desesperados de fome, mas sempre vem rápido quando estamos num papo cabeça.

Que nem garçom. Eles sempre somem. Basta ouvir uma risada ou um choro que eles vêm correndo interromper.

– Zack disse que iria nos abandonar, mas estávamos livres para tentar matá-lo. A única coisa que pedi foi um prazo de dois anos em cada local que ficasse. Depois disso partiria e um dia tomaria uma decisão sobre o que fazer. Caso ele ficasse mais que isso, teríamos o direito de invadir o local e tentar matá-lo. Ele só queria paz. Se algum de nós quebrasse essa regra e ousasse invadir a cidade em que ele estava antes do prazo de dois anos... ele nos mataria e informaria ao Conselho alguns dos locais onde os vampiros costumam se esconder. Nenhum de nós queria o fim do nosso próprio sossego. É por isso que ficamos na nossa.

Quando ele se reclinou na cadeira parecendo relaxado, eu intervim e meti um sushi na boca.

– Mas o trato *foi* quebrado – insisti, depois de engolir – Duas meninas foram mortas na universidade. Eu sei que foi ele, mas os outros vampiros o forçaram a isso.

Ele riu.

– Tratos sempre são quebrados. Vampiros não têm palavra. E por incrível que pareça, eram aliados dele. Queriam Zack de volta, mesmo que na base da chantagem. E também existem vampiros que são alienados de tudo, você sabe. Só ouviram falar de Zack, mas nunca quiseram saber de seguir alguma regra. Esses nós eliminamos por diversão. Zack, por obrigação.

– E você – murmurei – Você também quer Zack de volta...

Ele me fitou longamente e de repente ergueu a taça de vinho.

– Bem, antes eu proponho um brinde! Viu como não sou tão ruim assim?

Assenti com a cabeça. Realmente Dante me surpreendeu. Até que ele não era um cara tão mau... pelo menos naquele momento. E se de repente ele só queria um pouco de paz também?

Ergui a taça com o vinho, sorri, fiz o tin-tin característico, mas antes que meus lábios pudessem tocar o líquido, minha taça espatifou ao mesmo tempo em que uma flecha se cravava ao meu lado na parede.

O restaurante em peso gritou, mas eu mesma levei um tempo para perceber que a taça acabava de ser destruída pela flecha que passou a centímetros da minha cabeça segundos antes. Fiquei em estado de choque até olhar para a entrada do restaurante e descobrir que o autor do disparo estava lá com seu arco, olhando fixamente e furiosamente para mim. Não fiquei mais tensa. Fiquei louca da vida.

Zack.

Dante parecia transtornado, enquanto seu mestre aproximava-se da mesa. Como uma criança que acabava de ser pega brincando com o rádio relógio do pai.

Pior, o iPad.

Os seguranças ficaram sem saber o que fazer. Zack deixou o arco na mão do garçom e entrou. Como estava vestido adequadamente – estava um gato de terno e gravata, tenho que admitir – eles não ofereceram muita resistência e me fitaram. Como dei um sorriso singelo, mesmo que congelado na cara por causa do nervosismo, eles deixaram meu namorado biruta passar, ainda que relutantes.

– Zack, o seu cérebro também está morto, é? – sibilei, indignada – Você podia ter me acertado!

Ele me olhou como se eu tivesse acabado de soltar um palavrão sinistro na igreja.

– Como assim te acertado? Enlouqueceu? Sou eu, o Zack. Jamais erraria dessa distância! Cara, você tem cada uma...

Dante tinha um semblante culpado, mas não disse nada. Quando lhe dirigi um olhar para que tomasse algum tipo de atitude, foi Zack quem estendeu a taça quebrada e me apontou o conteúdo.

– Você sabe o que é isso, Jessi?

Ergui o olhar, sentindo-me momentaneamente tonta.

– O que pode ser? Vinho, né?

– Jessi, você não acha estranho Dante beber vinho?

Cocei a cabeça. Pensando bem...

– Isso é sangue, sua doida!

– Mas... eu vi o garçom abrir a garrafa...

– Viu?

Eu passei os olhos ao redor. Não havia mesmo nenhuma rolha por perto.

– Bem, por que ele traria uma garrafa da adega que tivesse o líquido adulterado?

– Se eu entregar ao garçom uma garrafa e pedir-lhe que servisse quando uma dama chegasse, o cara não acharia estranho, acharia?

Eu voltei os olhos para Dante, que fitava Zack com intensidade. Um calafrio percorreu meu corpo.

– Bem, assim que eu sentisse o gosto, por mais nojento que fosse, eu cuspiria.

– Até lá poderia ser tarde demais – Zack acrescentou, com um tom de voz cheio de significado.

O sangue na taça encheu-me de pavor. Sangue de vampiro?

– O san...o sangue é de vampiro? Esse sangue é do Dante?

Dante deu um sorriso discreto e baixou os olhos.

– Ecaaa! – gritei, torcendo o nariz – Você estava bebendo seu próprio sangue?

Ele levantou seus olhos vagarosamente pra mim.

– Só estava retornando pra fonte...

Fitei a garrafa com nojo. O conteúdo ia até a metade. Ele havia mesmo desprendido toda aquela quantidade de sangue apenas para me tornar uma vampira como ele?

– Eu vou te matar – Zack sibilou para Dante com olhos vermelhos.

O vampiro loiro engoliu em seco. Talvez temendo uma represália de seu mestre ou simplesmente sem pensar direito, virou a mesa em cima de mim com todo o conteúdo sobre ela. Zack colocou-se rapidamente na minha frente e impediu a batida. Aproveitando-se do nosso instante de distração, subitamente Dante transformou-se em corvo e fugiu pela janela.

– Não devia ter sido um morcego? – foi tudo o que consegui dizer, coberta de sushi e molho.

– Nós podemos nos transformar no que quisermos. Depende do poder de transmutação. Morcegos assustam as pessoas demais, algumas acabam matando-os por puro medo.

Aquilo tudo acabou sendo muito romântico. Zack estava debruçado sobre mim, aparando a mesa, mas antes que eu pudesse suspirar, ele acabou com o momento romântico.

– Será que não posso dar as costas para a senhora cometer uma burrice?

Revirei os olhos.

– Estava em uma negociação de paz. E você deveria me apoiar.

– Apoiar? Por pouco você não se torna uma vampira!

– Por que não fala mais alto?

De repente ele arregalou os olhos e virou a cabeça. Todos ao nosso redor nos olhavam fixamente. Os fregueses, os garçons, os seguranças.

– Jessi, vou te contar, um vampiro nunca morreria de tédio com você por perto... – ele murmurou antes de levantar-se.

– Obrigado, senhoras e senhores! – ele ergueu a voz e abriu os braços, como se estivesse saudando todos do recinto – Essa foi uma demonstração especial do grande ilusionista Zackhini e sua assistente estu...penda!

Ele ia dizer ‘estúpida’. Sei disso com todas as células do meu corpo.

– Por favor – Zack continuou – não percam as próximas apresentações do nosso grupo de teatro ‘Somos todos idiotas’! Sou Zack Redpath, e tenham todos uma boa noite!

Ergui-me sorrindo para o público, provavelmente com a cara tão vermelha quanto meu cabelo e coberta de sushi e molho, mas tentando parecer convincente.

Quando eu já estava começando a pensar que essa foi uma ideia idiota vinda de alguém idiota, alguém no canto ao longe começou a aplaudir. Em breve todos estavam aplaudindo e soltando vivas. Ergui os olhos para Zack e ele simplesmente sorriu. Sei que não usou nenhum poder de persuasão porque seus olhos continuavam azuis como um dia claro. Somos todos idiotas mesmo.

Os garçons nos cumprimentaram, o gerente nos olhou torto e aproveitei a deixa para perguntar se podiam embrulhar o restante da comida e nos deixar levar para casa.

Felizmente sim, deixavam. Mas infelizmente, também, Dante não havia pagado a conta e metade da comida já tinha se perdido no ‘acidente’ da mesa. Graças ao nosso ‘espetáculo’ resolveram não cobrar o prejuízo.

Começamos a descer a rua, um ao lado do outro em silêncio, mas eu não conseguia parar de pensar no quanto ele estava sexy de terno e gravata. Gente, é por isso que ele TEVE que virar vampiro. Convenhamos, uma obra prima dessas tinha que ser imortalizada.

– O que eu vou fazer com você? – ele murmurou mais para si mesmo do que pra mim.

– Você não me conta nada, então não me culpe. Por exemplo, como descobriu que eu estava aqui?

– Tive mais uma daquelas visões suas. Eu te vi aqui, enquanto esperava por você na sala de aula. Tive que sair feito um furacão e colocar um terno urgente. Senão poderia atrair atenção até demais quando entrasse no restaurante. Bem, confesso, queria ficar elegante. Afinal, sou bonito demais e posso incomodar as pessoas por não me valorizar como devia.

– Obrigada pela super produção. Você ficou um gato. Podia usar isso mais vezes.

– Não, obrigado, meu fã-clube já me dá dor de cabeça demais. Aliás, falando em visões, não coloque mais aquele vestido rosa florido. Além de ser brega, ele deixa a sua bunda enorme.

Eu parei no meio da rua, abalada.

– Quando você me viu...?

– Numa das visões que tive semana passada eu a vi experimentar o vestido para ir ao quarto das *otakus*. Vai por mim. Você fica melhor sem ele. Aliás, melhor sem nada.

Fiquei instantaneamente com cara de molho de tomate e ele sorriu com o canto da boca.

– Você nunca... – quase cuspi as palavras para que elas saíssem – você já me viu...?

– Ainda não, mas não perco as esperanças!

Dei-lhe uma bolsada disfarçando um sorriso. Ele era um cretino quando queria, mas um amor quando tentava ser agradável.

Acho que Zack é bipolar. Ai, isola!

A noite estava muito agradável, mas eu continuava com uma sensação desagradável no fim da espinha. Como se só estivesse segura perto dele, pois os vampiros não me atacavam, mas ao mesmo tempo totalmente desamparada perto de um vampiro que todos diziam ter sido um assassino.

– Não quero você mais perto de Dante – ele disse, olhando fixamente pra frente – Senão vou tomar medidas drásticas.

– Bem, se não fosse por ele eu não saberia do prazo de dois anos.

Zack parou subitamente, mas não pude ver seu rosto. Ele estava adiantado alguns passos. Um vento cortante passou por nós.

– Ele te contou o quê, exatamente? – ele disse num fio de voz.

Engoli em seco.

– Disse que você e os vampiros fizeram um trato. A cada dois anos que você passa em algum lugar, eles têm o direito de te caçar. Antes disso, você tem direito a um mínimo de paz. Mas algo não encaixa...

– Muita informação para o cérebro? – ele virou-se sorrindo – Devia tentar palavras cruzadas. Elas exercitam a massa cinzenta, você sabe.

Fiquei feliz de ver que não estava mais zangado, mas pau da vida de ver que ele só fica bem me sacaneando.

– Cala a boca. O que eu quero dizer é que você disse que uma vez veio aqui, para essa cidade e perseguiu um vampiro para dentro da igreja, não é? E daí começou a questionar as razões de sua existência. Mas se você só fica a cada dois anos... quando foi isso?

Ele deu um suspiro cansado.

– Foi há trinta anos.

– Então há trinta anos você tem lutado e fugido dos vampiros? Dos seus próprios discípulos?

Ele olhou para as estrelas e acenou. Senti um nó na garganta.

– Mas uma vez você me disse que ficou rondando essa igreja e conheceu padre Marconi...

– Eu parti logo depois do incidente. Conheci o padre sim, conversei com ele. Ele era até muito jovem na época. Depois disso, viajei pelo mundo, fugindo a cada dois anos e perseguindo outros vampiros para dentro das igrejas para ver se acontecia o mesmo ou se era só aqui. Não podia ficar me informando com os padres por aí, isso ia despertar muitas suspeitas. Mas padre Marconi sabia quem eu era. O *que* eu era. Então voltei.

– Você voltou então, para poder se informar melhor... Conseguiu?

– Não...exatamente. A resposta que quero ainda não encontrei quem me dê.

– E está agora aqui há mais de dois anos?

– Sim.

– Quando acabou esse período?

– Exatamente quando você surgiu.

Senti um arrepio no corpo todo.

– E... e por quê continua aqui?

– Eu estava morrendo de tédio. Você quebrou minha rotina. Agora cansei de fugir.

– Eu? Eu quebrei sua rotina? Oh, isso foi tão romântico, Zack... E as três palavrinhas que eu gosto de ouvir?

– Cala a boca?

– Eu não gosto de ouvir isso. Vamos – insisti, esperançosa – São fáceis! Começa com *eu...*

– *Eu* estou sedento!

Isso sim me deu um arrepio no corpo todo.

– Pla...planeja se alimentar de que forma?

– Bem, isso não é da sua conta! – ele sorriu, me dando um peteleco no nariz.

– Claro que é! Sou sua caçadora, tenho que proteger as pessoas de sua sede de sangue!

– Claaaaro que sim...Você não protege nem patrimônio público, Jessi. Vamos apostar corrida até a universidade?

– Ora, você sabe que eu não ganho de você na...

Parei subitamente. Um vento gelado soprou na minha nuca. Zack também silenciou e fechou a cara. Estávamos cercados, mas eu não podia vê-los.

– Zack... tem presenças aqui.

Uma voz soprou trazida pelo ar e infiltrou-se nos nossos ouvidos.

“O prazo acabou...”

Engoli em seco. Zack fechou os olhos e sorriu.

– Então me ataquem.

O silêncio permaneceu ainda por alguns minutos, mas para mim pareceram horas. Zack confia demais no taco dele.

Gente, preciso comprar um dicionário novo.

– Zack – sussurrei – quantos são?

Ele balançou a cabeça, irritado.

– São cinco.

– C-cinco contra dois?

– Dois? – ele ergueu uma sobrancelha – Está pensando em lutar? Fala sério.

– Está duvidando do meu talento como caçadora?

– Eu duvido de coisas que não existem.

– Ora, seu...

Ele estendeu a mão e me fez calar instantaneamente. Eu não ouvi nada, mas dava para perceber nos olhos de Zack que a situação não estava pra brincadeiras.

Então ele sorriu.

– Você está bem? – murmurei, angustiada.

– Chegaram mais três presenças.

– E você está feliz? – indaguei, preocupada com sua sanidade.

– Claro! Cinco contra mim era até covardia!

Ergui uma sobrancelha enquanto ele dava três passos pra frente e pulava em cima de uma sombra que surgiu instantaneamente. Dei um grito abafado, enquanto meu vampiro aplicava-lhe um golpe de judô. A figura escura caiu na minha frente e correu para um abrigo nas árvores. Outra pulou atrás dele com um grito e segurou o pescoço de Zack com o braço. Zack apanhou-o pela cabeça e jogou-o a alguns metros de distância, ao mesmo tempo em que dava um giro de 90° e acertava outro vampiro no queixo com o pé. Eu nem sei dizer direito como estava acontecendo aquela luta, porque estava rápida demais para os padrões normais de um olho humano. Comecei a aplaudir.

– Vai lá, garotão! Agora arranca a camisa!

Zack riu enquanto desferia um golpe de tae-kwon-do em um que caía antes de tocar no chão. Com a mão livre ele pegou outro pelo pescoço e jogou-o em cima de um que estava chegando. Certo, não sou

muito chegada em violência, mas devo admitir que estava me divertindo horrores. E não faria mal algum se ele rasgasse as roupas durante a luta, né? Quem pode me condenar?

Era engraçado ver que Zack conhecia tantos golpes marciais. Até agora já o tinha visto lutar karatê, tae-kwon-do, judô, krav maga, jiu-jítsu, boxe e capoeira. Não é fofo? Que mulher solteira aguenta ver isso tudo sem nem suspirar uma vezinha só?

Subitamente, enquanto ele acertava um no estômago, senti uma presença muito forte atrás de mim. Não precisava virar para saber que o atacante já estava pronto para cair matando no meu pescoço – cair matando, rá rá. Tentei manter o sangue frio – já fiz piada com isso, não fiz? – e segurei firme o frasco de água benta. Não achou que eu viria desarmada para um encontro com Dante, não é? Mesmo que eu não tenha precisado usar contra ele, isso não quer dizer que não iria, em algum momento.

Destampeei a garrafinha com a boca, girei e despejei a água em seu rosto.

– Sai pra lá, titica de dinossauro!

Ele deu um grito agudo e caiu para trás, com a mão sobre o rosto saindo fumaça. Zack virou-se para mim de olhos arregalados. Antes que pudesse dizer alguma coisa, Eric surgiu entre nós, com um semblante impassível, mas parecendo se conter.

– Corram – ele murmurou suavemente.

Zack correu pra mim e pegou-me no colo rapidamente.

– Muito bem, safadinha! Foi útil pelo menos uma vez!

Antes que eu pudesse dar-lhe uma resposta seca e estúpida, ele disparou rua abaixo. Estávamos indo em frente com a rapidez de um trem-bala e as árvores passavam quase como um borrão. Percebi que Zack estava desprendendo grande parte do seu poder quando olhei para cima e notei seus olhos ficando amarelos. Melhor que vermelhos, mas ainda assim isso não era bom sinal.

– Zack... sua humanidade... você sabe que não pode fazer isso!

A expressão dele estava firme.

– Apenas – apesar de não parecer cansado, a sua voz saía como num murmúrio – me abrace.

Bem, não precisava falar duas vezes.

Chegamos à porta da universidade em poucos minutos, apesar de ter ido de táxi ao restaurante – olha a grana boa que economizei. Zack começou a diminuir a velocidade na esquina, para que Johnny, o porteiro, não tivesse um ataque do coração.

Depois de colocar-me delicadamente no chão, Zack suspirou fundo. Seus olhos voltaram lentamente ao seu azul natural, mas dessa vez demorou um pouco mais.

– Você não devia ter feito isso – ralhei – sabe que tudo que eles querem é fazer com que despenda mais poder para você voltar ao normal... ao seu antigo normal.

De repente ele desatou a rir e colocou as mãos sobre os joelhos.

– Do que você está rindo? Olha a situação em que estamos! Não está prestando atenção?

– Ti... – ele mal conseguia fôlego de tanto rir, como se precisasse – titica de dinossauro! Ai, adorei!

De onde você tira essas sacadas, Jessi?

Tive que rir também apesar de estar um pouco preocupada.

– Pra falar a verdade essas coisas saem sem querer...

Eric surgiu de repente e caí sentada no chão com o susto. Zack gargalhou mais alto ainda.

– A situação está estável – ele se pronunciou, fazendo de conta que nem tinha notado – Mas vocês não deviam permanecer aqui.

Zack fez um gesto no ar como se estivesse tomando fôlego para falar. Agora me explica por que vampiros, que não precisam respirar, precisam tomar fôlego?

Eric respondeu, lendo meus pensamentos.

– Velhos hábitos nunca morrem.

– Jessi, vai andando para o seu quarto – Zack falou, quando já estava respirando melhor – Vou tomar uma providência agora e já te encontro lá.

Prendi a respiração.

– Você não vai atrás deles, vai?

Eric sorriu.

– Ele jamais a deixaria sozinha, Jéssica querida. Os vampiros não podem contra ele, todos sabem disso. Eles virão atrás de você.

– Obrigada, Eric – respondi com sarcasmo – me sinto bem melhor.

– De nada.



## Amigos à parte



Revirei os olhos enquanto caminhava de volta para o quarto. Bem que o Conselho podia ter me treinado antes de eu vir para esse lugar maluco. Tudo bem que meus pais são famosos caçadores de vampiros – embora eu nunca tenha nem desconfiado disso – mas isso não quer dizer que fiz estaca de chocalho na minha infância. Certo, eu tinha o Draculinho, mas ele nunca me treinou em nada.

Quem mais me treinou foi o Pterówski, meu pônei selvagem, toda vez que me derrubava no chão.

Quando entrei no quarto, segurei a respiração. Como sempre acontece algo toda vez que entro lá, resolvi nem ficar alarmada e esperar pelo pior. Eric estava sentado tomando uma xícara de chá e nem perguntei como ele chegou ali tão rápido como sempre. Sabe, quase nada anda me surpreendendo na vida. Quer dizer, até ver Zack entrando com um gatinho preto lindo a tiracolo pela janela. Quase tive um acesso.

De raiva e de espirro.

– Zack... – murmurei, tentando manter o autocontrole – acredito que tenha dito claramente a você que sou totalmente alérgica a gatos.

– Sim, só que isso não é um gato – ele disse entusiasmado, sentando no peitoril da janela.

– Então é o quê? Um ser do espaço?

– Não. É uma *gata* – ele passou a mão na bichana devagar como um vilão do mal acariciando seu animal gordo – Essa é a gata. A gata Christie.

– A gata... *Agatha Christie*? Você deu esse nome para gata só pra fazer esse trocadilho horroroso?

– Horroroso nada! Achei bem original! A-gata-Christie. Cara, eu sou em gênio!

Passei a mão no rosto para não falar em voz alta o que eu estava pensando para não perder pontos no céu na presença de Eric. Não entendi o motivo daquela covardia. Só de olhar para a gata meu nariz começava a coçar e meus olhos a lacrimejar.

– Isso é algum tipo de vingança contra mim porque você descobriu que sou a fundadora de um fã-clube seu?

– Você o quê?

– Nada. Explica logo o motivo da gata.

Ele ergueu a sobrancelha – parecendo a própria gata por alguns instantes – mas a ajeitou cuidadosamente no colo e entrou no quarto.

Neste momento a bichana pareceu sentir que algo estava errado e pulou desesperadamente para o peito de Zack, que teve que arrancá-la da camisa.

– Nossa, o que houve?

Eric revirou os olhos.

– Ela sentiu minha presença.

Então tive um estalo.

– Entendi! Os gatos temem o sobrenatural! Com a gata aqui, além de uma crise de espirros eu conseguiria sentir se há algo ‘anormal’ – desculpe, Eric – no meu quarto, certo?

Eric deu de ombros e Zack olhou para ele com olhos arregalados.

– Você disse alguma coisa para ela?

– Eu não. Ela está aprendendo a usar a cabeça sozinha.

Meu vampiro fez de conta que enxugava uma lágrima no canto do olho.

– Oh! Minha menina está crescendo...

Imbecis.

Zack tentou colocar a gata no chão, mas ela simplesmente deu um salto mortal e agarrou-se à minha blusa de lã. Quando tentei arrancá-la com desespero, aquela criatura agarrou-se com mais força e fincou as unhas, destruindo a minha roupa e minha pele junto.

– Argh! *Atchim!* Tira esse – *atchim* – animal de cima de mim!

– Ela gostou de você, que meigo!

– Eu vou – *atchim* – matar você, Zack!

Eric suspirou. Deve me considerar uma mentirosa.

– Agora chega de gracinha, safadinha – ele apontou-me o dedo enquanto eu segurava as unhas da gata Freddy Krueger – essa gata vai te ajudar com relação a Dante.

– Do que – *Atchim!* – você está falando, seu sanguessuga?

– É surpresa! Espero que seja esperta o suficiente para descobrir. Agora vamos para a aula, quero saber o que Dante está pretendendo. Você vai, assim que acabar de limpar esse nariz?

Provavelmente eu devia estar parecendo uma palhaça. Nariz vermelho escorrendo, olhos lacrimejando e o cabelo todo pra cima de tanto sacudir a cabeça para espirrar.

– Realmente não está das mais apresentáveis, senhorita Jéssica – Eric comentou com a maior boa vontade.

– Ninguém te perguntou. Agora caiam – *Atchim!* – fora!

– Certo. Vamos, Eric. Jessi quer curtir um momento a sós com a Christie! Tchau, meninas!

Quando finalmente consegui me desvencilhar daquele monstro, minha blusa estava em frangalhos. Parecia que eu tinha acabado de sobreviver a uma liquidação da Louis Vuitton. Fui ao banheiro me limpar e praguejar, enquanto tentava pensar no que aquele animal podia me ser útil. Tá, ele prevê o sobrenatural, e daí? Quer dizer, é só aparecer um vampiro ou um mensageiro da morte e ela vai destruir meu vestuário, que ótimo.

Não deu cinco segundos até eu começar a ouvir a gata miar alto e estridente. Entrei no quarto e todos os pêlos dela estavam para cima, como se tivesse levado um choque, e todo seu dorso curvado como se estivesse prestes a atacar.

Ou destruir mais roupas.

Sei que gatos pressentem coisas sobrenaturais, mas nem Zack nem Eric estavam por perto. Aliás, por que ela não se assustou com Zack? Ele não é sobrenatural? Pelo amor de Deus, vai dizer que o charme dele funciona até com animais felpudos?

Era melhor não pensar muito e prenda o ar quando me joguei para baixo da cama. Eu sei que a poeira lá me faria espirrar e algo naquela situação exigia de mim um total controle. A própria gata pulou pela janela instantes depois. Não vou dizer que fiquei triste da bichana ter desaparecido na noite – amo animais, de verdade – porque tenho amor pela minha saúde. Mas sei que ela vai voltar.

Subitamente, ergui um pouco a cabeça, encostando-me no estrado. Havia surgido um par de sapatos no chão, ao lado da cama. A julgar pelas botas de couro polido, eu sabia instintivamente quem era.

Dante havia se materializado no meu quarto. Maldito poder estúpido de teletransporte.

– Jessi? – ele murmurou – Hum. Ela já deve ter ido para a aula. Então vou dar as notícias para ela depois.

Notícias? Que notícias? Minha vontade era de sair dali debaixo gritando para saber qual é a fofoca da vez, mas tentei me recompor. Nessa mesma noite ele tentou me transformar em vampira, então não estou lá muito interessada em saber qual é a maluquice que ele aprontou agora. Estremeci quando recebi uma mensagem no celular que estava na minha mão, mas Dante havia desaparecido momentos antes. A mensagem era instigante:

“De quais amigos você gosta mais?”

Arqueei uma sobrancelha. Isso não ia prestar.

Depois de trocar de roupa com cuidado – as coisas estavam esquentando, eu não podia nunca mais andar com roupas menos chiques que as da Buffy – dirigi-me para a sala de aula, com a gata ao meu encalço. Sim, ela voltou. Engraçadinha.

Olhei para trás fazendo cara de zangada e ela parou de me seguir, escondendo-se atrás de uma pilastra. Amo animais; sofro demais quando vejo um animalzinho sofrendo, mas sem condições de passar o dia com nariz escorrendo.

Quando cheguei à sala de aula, só Zack estava sentado na cadeira de sempre. Dante nem a sombra.

Você pode pensar ‘nossa, que coincidência, tanto Zack quanto Dante tem aulas na mesma turma que você’. Coincidência coisa nenhuma. Ambos modificaram os horários e mudaram para as mesmas matérias que eu. Sei disso porque tinha me inscrito em ‘culinária japonesa’ e depois vi que ambos estavam na minha turma. Quando vi que não ia saber mesmo lidar com aquele monte de facas e cortar sushi da maneira correta, saí; ambos também.

O que mais me enerva é que nossas classes vivem lotadas. Isso porque todo mundo quer ter aula nas mesmas salas dessas duas bestas gatas.

Aquela era a última aula da noite e sinceramente, devia acabar por aí. Nesta mesma noite eu havia saído para jantar com Dante, visto Zack de terno, lutado contra vampiros, corrido no meio da rua e, de quebra, ainda ganhei um gato. Eu devia receber por hora extra.

Quando me acomodei no meu lugar, Zack já estava. Parecia meio inquieto, olhando para fora. Eric não estava e aquilo me incomodou.

– Está tudo bem? – murmurei, virando para trás.

– Defina ‘bem’ – ele continuava com o olhar perdido na janela.

– Estamos vivos, certo?

– Defina ‘vivos’.

– Affe – resmunguei e virei pra frente, ouvindo uma risadinha.

Tive medo que a qualquer momento Zack pudesse pular pela janela e partir para uma nova aventura perigosa sem mim. Mas eu não devia estar preocupada com quem podia sair, mas com o quê poderia entrar.

Christie estava miando alto lá fora.

O professor se indignou depois de alguns instantes e colocou a cabeça para fora, tentando identificar o autor do barulho. Christie o ignorou e continuou sua serenata para mim a todo vapor.

– De onde veio essa gata idiota? – ele reclamou para a turma.

Fiquei indignada. Ela podia ser uma gata idiota, mas era minha. Franzi a sobrancelha e murmurei.

– Ela só deve estar com fome.

– Você não alimentou a sua gata? – Zack disse em voz alta, e sei que foi de propósito.

– Sua gata? – o professor replicou – Senhorita Jéssica, a senhorita quer sair da sala novamente?

Finquei as unhas na carteira.

– Não, desta vez não, professor! Não é culpa minha se essa gata idiota...

– Desta vez? Está dizendo que procurou sair de propósito das outras vezes?

Virei para trás incomodada.

– Zack, dá pra dar uma ajudazinha aqui?

Ele riu e ergueu a mão.

– Professor, é só deixar a Jessi sair para alimentar a gata e voltar.

– Não é permitido ter animais na universidade – ele retrucou, severo – a senhorita pode ser suspensa.

Afundi a cabeça nas mãos e de repente lancei um olhar rápido para o celular. Ele piscava com uma mensagem de Sofia. Peguei o celular instintivamente.

– Senhorita Jéssica, será que teria a decência de...

– Shhh!!

Eu juro que fiz sem querer, mas é que quando estou concentrada em alguma coisa detesto que fiquem falando comigo. A mensagem de Sofia dizia:

“Me ajuda! Dante pe”

Dante *pe*? *Pe* o quê? Dante pecou contra a humanidade? Dante pegou lepra? Dante perturba a paz mundial?

Engoli em seco, mas o cuspe parou na garganta quando ergui os olhos e notei todos com olhos fixos em mim.

– O que foi?

– Hum, Jessi – Zack murmurou e pude ouvir o riso preso na garganta dele – você foi expulsa de sala...de novo.

Bem, no fundo fiquei feliz. Agora podia sair sem parecer desesperada; jamais conseguiria assistir aula sabendo que Sofia estava com problemas. Segurei o celular firme contra o corpo, peguei todas as coisas jogadas e segui para o corredor. Zack permaneceu sentado sorrindo e ainda me deu tchauzinho quando saí.

Meu vampiro ia acabar me seguindo, mas precisava encontrar Dante ou Sofia antes que ele quisesse tomar alguma providência estúpida. Tentei ligar para ela, mas o celular estava desligado. Eu corria pelos corredores, alarmada; já passava das dez da noite, aquele era o último horário e, com certeza, os estudantes mais ajuizados estavam em seus respectivos quartos enchendo a cara até amanhã.

Comecei a gritar alto chamando por ela, mas tentando conter a voz, sabe como é. Tenho tanto poder idiota que preciso tomar cuidado de não desenvolver mais nada ou esquecer o que eles podem causar. Daqui a pouco desenvolvo o poder de soltar um pum e sair voando.

Assim que virei a esquina, dei de cara com um aluno de olhos arregalados correndo com uma garrafa de bebida na mão. Antes que pudesse me tocar o motivo dele estar desesperado, eis que esbarro no motivo no meio do corredor.

– Senhor Anderson! – e eis a novela da minha vida.

– Senhorita Jéssica, o que faz fora da sala?

– Hum, não tenho aula agora – mesmo que ele encrenque soa melhor que ‘fui expulsa’.

– Se não tem, o que faz zanzando pelos corredores?

– Estou procurando minha lente de contato. O senhor por acaso, não a encontrou? Ela é assim, menor que um olho, meio molinha, transparente...

– Senhorita Jéssica, não posso mais tolerar esse tipo de comportamento. Não espera mesmo que eu caia nessa, não é?

– Senhor Anderson...eu gosto muito do senhor e papai também...então me perdoe pelo que estou prestes a fazer.

– Do que está falando?

Ah, meu Deus, espero que dê certo. Senão o Conselho vai ter que arrumar um novo disfarce ou uma

nova ocupação pra mim.

Joguei o braço para trás e desfechei a mão na cara do diretor. Ele piscou algumas vezes e considerei que deve ter funcionado.

– Senhor Anderson, o senhor vai voltar aos seus afazeres e me deixar em paz porque sou uma ótima aluna e preciso de uma folga de vez em quando.

Respirei fundo. Ele tornou a olhar para mim, mas com uma expressão menos severa.

– Bem, senhorita Jéssica, sua aula já deve ter acabado para estar aqui a essa hora. Favor voltar ao quarto, sim? Chega de problemas na universidade.

Minha nossa, cinco dedos na cara fazem milagre. Olha, isso é só um poder perigoso que eu tenho. Não vá pensar que distribuir sopapos por aí vão te levar a algum lugar.

Na verdade sim, a uma cela nada confortável na prisão ou um dia muito chato no tribunal de pequenas causas.

Quando cheguei ao quarto de Sofia, a porta estava escancarada. Ao começar a entrar de mansinho quase vomitei ao escutar a voz esganiçada da minha gata no corredor.

– Christie, a sua intenção é me ajudar ou me matar de susto, gata estúpida?

Ela me fitou com uma cara de ‘é você quem está entrando num quarto atacado por vampiros não eu’ e ficou na mesma. Respirei fundo, fiz carinho no peito e entrei. Estava tudo revirado, as roupas jogadas no chão, a cama desarrumada, as gavetas no chão, os mangás espalhados. Meus olhos se encheram de lágrimas.

– So...Sofia! Ai, meu Deus onde você está? Por que fui meter minhas amigas fofinhas nessa?

Christie miou muito alto. Virei para trás e engasguei quando vi Eric na porta.

– Não tenho culpa dessa vez – ele avisou, calmamente – ela sentiu minha presença.

– Por que essa gata idiota não se assusta com Zack? Ele também não é vampiro e sobrenatural como o Dante?

Ele deu de ombros.

– Vai saber. Vai ver é porque é gata, você sabe. Mulher. Zack tem esse efeito nas mulheres.

– Espera. Deixa eu rir um pouquinho – fiquei em silêncio por alguns instantes.

– Você não está rindo – replicou ele.

– Estou sim. Por dentro.

– Não está não. Está pensando em palavras.

Bufei e saí para o corredor com Eric atrás de mim. De súbito virei para ele.

– Você não... Sofia está bem, certo? Você não veio buscar ninguém, né?

– Não, só estava curioso.

– Você poderia carregar uma foice quando fosse trabalhar. Eu me sentiria mais segura se estivesse de sobreaviso – segui para o corredor, mas antes peguei a gata no colo.

– Mas às vezes alguém pode morrer de repente. Como posso saber? Sem contar que enfrentar Dante é como estar já de sobreaviso.

Engoli em seco e segui espirrando o resto do caminho.

– Não é uma boa ideia carregar a gata – ele avisou – O animal é fonte de sua alergia e isso poderá avisar Dante alguma hora.

– Eu sei, mas ela pode... bem, ela pode ficar no meu caminho.

Eric ergueu uma sobrancelha.

– A senhorita não está preocupada da gata preta cruzar a sua frente, certo? Afinal, isso é apenas uma superstição tola e não é bem visto lá no alto.

Nem me dei ao trabalho de responder. Primeiro porque ele já devia ter lido meus pensamentos

mesmo, segundo porque é um pouco verdade. Quer dizer, já ia enfrentar um inimigo perigoso ao extremo, seguida pela morte. Queria ter um pouquinho de sorte ao meu lado. Ao menos, não provocar o azar.

Escutei um choro alto. Era mais do que podia suportar e corri pelas portas que davam para o jardim jogando a pobre gata para o alto – ah, pelo amor de Deus, a bicha tem mais vidas que eu e cai em pé. Sofia estava debruçada na grama, com as mãos no rosto.

– SOFIA!

Corri para ela, abraçando-a e procurando marcas no seu pescoço.

– Você está bem? O que ele fez?

– D-Dan...Dante pe...

– PE O QUÊ PELO AMOR DE DEUS??

– PegouminhacoleçãotodadoDeathNoteerasgoutodinha!!!

Pisquei duas vezes. Por favor, faça com que seja sério. Por favor, faça com que seja sério.

– Fala devagar, ou vou te dar motivos para falar desse jeito.

Ela respirou, se recuperou e falou entre soluços.

– Da-Dante pegou mi-minha coleção do-do Death note e ras-rasgou todinha!

Eric ergueu uma sobrancelha. Mas não foi pra ela, foi pra mim. Eu pensava em fazer com ela o que Dante não fez. Matar com requintes de crueldade.

– Sofia, Zack faz isso comigo o tempo todo e vocês nunca deram a mínima!

– Mas é diferente! Quando ele faz com você é engraçado! É a maneira que ele tem de te demonstrar afeto!

– Pois ele bem que podia fazer outra coisa! Me dar um beijo, me levar pro cinema, escrever uma poesia, saco! Quando eu vi seu quarto destruído daquele jeito achei que tivesse sido sequestrada! Tem certeza que Dante não estava procurando nada lá dentro?

– Do que está falando? Meu quarto sempre está daquele jeito.

– Sofia – murmurei colocando as mãos no rosto e respirando fundo – como você sabe que foi Dante quem rasgou suas revistas?

– Ué, quem mais poderia ter sido?

Fiquei apenas olhando para ela.

– Ah, sim – a *otaku* corrigiu – mas no caso Zack só faz isso *com você*, não com a gente. Além do mais, encontrei isso no meio das páginas rasgadas.

Ela me estendeu um bilhete escrito em vermelho. Depois de ter sido atacada com adagas na porta, enfrentado ratos e fãs malucas no esgoto, aquilo nem me deu arrepios.

Desta vez, foram só as revistinhas das suas amigas. Da próxima poderão ser as próprias... me encontre agora na esquina porque tenho mais uma informação sobre Zack.

Eternamente seu,  
Dante

Quando eu olhei para o lado, pensando sobre a tal informação, Eric segurava uma foice gigante.

– O que é isso, pelo amor de Deus?

- Você disse que isso a ajudaria a ficar de sobreaviso.
- E quase me dá um ataque do coração. Você é um anormal.
- Depende do que considera normal hoje em dia, querida Jéssica.

Dei de ombros. Sofia me olhava com cara de assombro.

- Jessi... Com quem você estava...

– Deixa pra lá. Agora vai para o quarto, se tranca lá e fica quietinha. Eu arrumo outra coleção do Death book pra você.

- Death Note.

- Que seja! Edição encadernada, de luxo, agora VAI!

Ela sorriu contente e correu para a porta que levava para o quarto, saltitando feito o coelho da Alice.

- Você está mesmo pretendendo ir? – Eric me perguntou, olhando para além dos muros.

- O que você me sugere?

- Que você vá, é claro.

Quando estava pronta para suspirar tranquila, tive um estalo.

- Espera, você quer que eu morra, não é?

Ele só sorriu. Tem alguém aqui do meu lado, pelo amor de Deus?

Antes de prosseguir para a saída da universidade, corri para o quarto para me armar. Estaca, água benta, alho – apesar de só dar coceira – espelho e a gata embaixo do braço. No momento em que ia me virar, dei um grito estrondoso e cobri a boca com a mão antes de fazer mais estrago.

- Za-Zack... quer me matar do coração?

Ele estava com uma cara severa.

- Onde raios você estava planejando ir?

– Eu? Imagina! Só estava querendo dar uma volta pelo jardim. Você sabe que com a quantidade de vampiros que têm por aí uma mulher tem que se sentir segura, não é? Então, eu só estou me armando um pouquinho para o caso de...

- Você acha que sou idiota?

- Acho sim.

– Certo, mas eu quero dizer idiota a ponto de acreditar nessa bobagem. Você ia se encontrar com Dante.

- Eu??

Zack virou para o lado e perguntou ao Eric, que estava do lado da janela, fitando a noite.

- Ela ia se encontrar com Dante?

- Ia.

Zack novamente fechou a cara e cruzou os braços com expressão de fúria.

- Eric, de que lado você está?

– Você já me perguntou isso uma vez – ele disse serenamente, tentando aproximar-se da gata sem assustá-la – e eu já disse que estou do lado de quem vai morrer. Qualquer um dos dois, pouco importa.

- Você me paga, Jessi!

– Ah, por favor, Zack! Você já me encrencou de todas as maneiras possíveis. Vai ter que ter muita imaginação desta vez, para poder me surpreender.

Eric sumiu subitamente.

– Viu? – Zack gritou, apontando para onde o mensageiro estava instantes antes – poderia ter sido você que ele ia levar agora!

– Eu não posso deixar Dante matar ninguém! – ergui-me, segurando forte minha estaca – é meu dever como...

– EU VOU CUIDAR DISSO SOZINHO!

Caí sentada na cama. Zack nunca tinha gritado comigo antes.

– Jessi... – ele suspirou, esfregando o rosto – eu não vou aguentar te ver correndo perigo numa batalha que é só minha. Você é incompetente para matar vampiros; eu sei, Dante sabe e você também. O único que não sabe disso é o Conselho. Eu não suportaria vê-la se machucar, sua estúpida.

– Você gritou comigo – fiz beicinho.

– Você grita comigo o tempo todo! E ainda desenvolveu um poder que faz você gritar ainda mais! – ele riu e não pude deixar de sorrir também.

– É diferente. Eu sou assim.

Ele sentou-se ao meu lado na cama.

– Jessi, me desculpe, sério. Mas estou passando por uma série de mudanças que estão sendo um problema e faço qualquer coisa pra te manter a salvo, mesmo que seja gritar com você.

Revirei os olhos.

– Acha que só isso vai me impedir de cruzar aquela porta e me atracar com meia dúzia de vampiros para manter meus amigos a salvo? Nem seu rostinho lindo vai me impedir, Zack. E o fato de você ter gritado comigo aumenta ainda mais a minha fúria.

– Ah é?

– É!!

– Então tá.

Ele segurou meus braços com firmeza e me atirou na cama. Antes que eu conseguisse me desvencilhar, cravou os dentes no meu pescoço.

Dei um gemido e lutei um pouco antes de me render. Eu não podia lutar contra aquela sensação. Zack também gemeu de leve e fechei os olhos. Sei que ele não me faria mal, mesmo sentindo o sangue sair de mim em leves torrentes. A minha cabeça começou a rodar numa tontura deliciosa e já não ousava esboçar nenhuma reação. Acho que se Zack resolvesse me transformar numa vampira eu teria aceitado de bom grado. A ideia da eternidade já nem me parecia tão assustadora.

Quando ele finalmente me soltou, caiu ao meu lado, respirando suavemente. Eu não me mexi. Estava perdida demais naquela sensação maravilhosa que acabara de súbito, mas ainda queria estender, nem que fosse em meus pensamentos.

Ele gemeu e me beijou no rosto.

– Jessi... me desculpe...mas eu precisava...

Não respondi e nem ele completou. Acho que nós dois estávamos perdidos no momento. Quando tentei me mover percebi que estava terrivelmente fraca.

– Eu vi você... – ele respondeu, virando o rosto para o meu lado, me fitando nos olhos – vi você sangrando na calçada momentos antes de eu sair da sala de aula...

– E aí você ficou com fome? – minha voz saiu com dificuldade.

Ele riu de leve.

– Eu consegui impedir... isso é que importa. Duvido que você saia dessa cama até amanhã de manhã.

Tentei me mover e era verdade.

– Você me deixou seca.

– Na seca acho que você já estava.

– Eu vou te matar quando puder me mexer.

Zack deu tapinhas leves no meu rosto.

– Não vai não. Agora tenho assuntos a tratar – ele levantou-se e antes de sair pela janela apontou para a gata – Christie, cuide bem da Jessi. Não esqueça que ela tem miolo mole.



Suspirei fundo quando eu ouvi a janela sendo aberta e fechada por fora. Christie deitou no meu peito, mas eu estava tão fraca que nem tinha força para espirrar. Meu nariz só ficou coçando.

## Ilusão



Acordei com uma pitada leve de mau humor. Quer dizer, não por ser mordida por Zack, admito. Com certeza não gostei de ser subjugada, mas meu humor intragável se deve ao fato da gata dormir a noite toda em cima de mim e eu nem ter força para empurrá-la. Será que vou precisar de uma transfusão? Acho que não, Zack deve ser entendido em sangue.

Mas agora fiquei meio grilada. Que informação será que Dante tinha pra mim?

Escutei uma batucada na porta. Ainda devia ser por volta das oito. Amigo meu não devia ser. Primeiro porque nenhum amigo meu estaria acordado a essa hora, segundo porque amigo meu não teria a ousadia de me *acordar* a essa hora.

Levantei aos tropeços e arrumei um roupão para me cobrir – ao menos para disfarçar a roupa de ontem toda amassada – antes de abrir a porta pela metade. A cara pálida do senhor Anderson estava ali, me fitando com curiosidade.

– Vou contar tudo para papai, o embaixador – resmunguei, com cara amarrada.

Ao ver meu estado ele pareceu um pouco aliviado.

– Ah, senhorita Jéssica, que bom que está bem! E pelo seu estado, deve ter dormido um bocado, então não deve ter se envolvido com... Isso foi um gato?

– Se envolvido com o quê?

– Bem, é um gato, senhorita Jéssica? Porque a universidade tem uma série política de...

– É a televisão. Agora me responde, me envolvido com o quê?

Fosse minha cara zangada ou meu mau hálito matinal, o diretor não teve má vontade para responder.

– Bem, Zack se envolveu numa briga ontem à noite...

– Com Dante – completei, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

– Na verdade, não. Bem, Dante realmente chegou um pouco tarde e meio machucado ontem à noite, mas ele disse ter sido assaltado. Sempre os aviso de que não devem sair à noite, não é? Mas Zack... bem, ele chegou com olhos estranhos e parecia meio... selvagem.

– Selvagem?

– Bem, um aluno chegou à universidade, ferido no pescoço, e alegou que Zack...

– O quê? – eu já roia as unhas, apesar de tê-las tratado com esmalte tão cuidadosamente ontem.

– ...Alegou que Zack o atacara com algum tipo de faca ou objeto cortante. Como estava com hálito de bebida, não demos muito crédito. Algum tempo depois, Zack chegou, mas parecendo visivelmente abalado. Sangrava por causa de um corte no ombro, só resmungava e não queria falar com ninguém. Quando perguntamos se ele tentou machucar o aluno, ele apenas sorriu e murmurou: “se ele ainda tem sangue no corpo, não sei por que está reclamando. Não devia ter saído tão tarde de casa.”

Provavelmente Zack devia ter atacado o rapaz tão rápido que este não percebeu que o vampiro tentara, na verdade, mordê-lo. A bebida deve ter anestesiado o êxtase, mas ainda assim...

– E você achou o quê, seu diretor? – tentei parecer ofendida – Que eu estava numa festinha de atacar

alunos com facas? Porque o senhor sabe que já circularam inúmeras adagas aqui na universidade e...

– Sim, sim, eu sei. Na verdade queria saber se a senhorita poderia ter se machucado e... isso é mesmo um gato. Senhorita Jéssica, terei que avisar...

– Não é não. É a televisão. Já viu que estou bem, certo? Então dá licença que estou um caco.

Bati a porta na cara dele na hora em que Christie dava outro daqueles longos miados de fome.

– Por que a mocinha não saiu essa madrugada? – chiei quando ela me fitou torto – Não sabe que gatos saem durante a noite pra farra? Você é do tipo caseira? Affe.

Remexi na minha pequena despensa. Havia ainda alguns achocolatados e biscoitos. Coloquei leite para ela na minha tigela de cereais e a bichinha atacou com vontade. O pior que Christie é mesmo uma gracinha, mas bem que podia miar menos. Ou ao menos miar lá fora.

Troquei de roupa para tomar café no refeitório e deixei a janela aberta; se a bichana não era noturna, quem sabe era diurna? Só mesmo Zack para arriscar a vida da gata colocando-a na minha mão.

Dei graças a Deus que ainda era cedo e a maioria dos alunos estava dormindo, porque os poucos que passavam pelo corredor me fitavam com curiosidade. Quem será que foi o aluno machucado? Tenho medo de perguntar.

Assim que cheguei ao refeitório, me servi com algumas frutas e sentei-me à mesa, Eric materializou-se ao meu lado.

– Seu tempo está se esgotando.

Ao me ver pálida, acrescentou:

– Bem, digo, o tempo da sua missão. Zack teve sua primeira recaída ontem à noite.

– Não entendo – falei alto e depois baixei a voz, porque me lembrei que ninguém podia vê-lo – ele já havia tomado sangue de mim ontem à noite. Por que atacou um pobre aluno do nada?

– Lembre-se, Jéssica... Seu sangue está desenvolvendo uma enorme e confusa mistura de poderes. Depois que Dante o atacou, Zack ficou cego pela quantidade enorme de forças se manifestando dentro dele e perdeu a noção do que estava acontecendo. Por pouco não matou o rapaz. Quando me viu, algo estalou nele e largou-o.

– A culpa foi minha – lamentei – se eu não o tivesse deixado beber meu sangue...

– A culpa foi dele – Eric respondeu com rispidez – ele *quis* beber seu sangue, senhorita Jéssica. Existem outras maneiras de prendê-la no quarto.

– Bem, deu certo – retruquei, meio aborrecida. Epa, como ele sabia disso? – mas não mudei de ideia. Dante tinha algo para me revelar...

– Você não está já satisfeita com a quantidade de informações que recebeu a respeito de Zack? O que pretende, sabendo tanto?

– Como curá-lo.

Eric deu um suspiro profundo.

– Você sabe, não sabe, Eric? – murmurei ao vê-lo fitar o infinito, como sempre.

– Sim e não. Cada vampiro reage de uma forma diferente. Da mesma forma que os demônios têm um ponto fraco diverso. Lembra do que te falei? Alguns têm medo da cruz, outros do terço, outros ainda dos padres...

Padres! Padre Marconi pode me ajudar!

– A maneira que um vampiro pode ser... curado, é diversa e muito, muito rara. Não esqueça de que já estão mortos. É preciso...

– Ajuda divina.

– Exatamente.

Esperei meu copo de suco terminar pra sair da mesa correndo, chutando a cadeira. Padre Marconi

poderia me sugerir uma maneira de transformar Zack em humano novamente.

Os eternos apaixonados por vampiros me desculpem, mas imaginar Zack a eternidade inteira buscando outras pessoas além de mim para atazanar me enlouquece. Sem contar que ele me veria envelhecer e não ia ter plástica que durasse.

E não quero ser vampira, não, não, não. Eca.

Derrubei Ana e Bobby no corredor ao passar correndo, e parei apenas para ajudá-los a recolher o material. Bobby apontou o dedo na minha cara.

– Vai aprontar e nem chama os amigos, né? Vou avisar as meninas!

– Não sei do que está falando – minha cara pálida e cabeça despenteada deviam estar traindo minhas palavras.

– Por que Zack atacou Rick?

Empalideci. Ele foi o menino que Zack atacou ontem? Essa não.

Sacudi a cabeça, transtornada. As pessoas vão achar que foi retaliação. As malucas da torcida virão atrás de mim de novo. Que droga, até quando Zack perde a cabeça, sozinho, ele consegue sujar pro meu lado.

– Ele está bem? – perguntei, um pouco preocupada.

– Zack? Não sei.

– Estou falando do Rick.

– Quem se importa?

– Que coisa feia, Bobby – retrucou Ana – Ele está bem sim, só assustado. Ontem estava perguntando para os amigos se tinha sido só um sonho, mas tinha uma marca cortada no pescoço para provar.

– Um corte? Então Zack não deve ter conseguido mordê-lo. Ele pode ter só riscado a pele. Se estava transtornado como pensei, não teria tido cabeça suficiente para saber que iria sujar para o lado dele e disfarçado a mordida a tempo.

– Foi o que pensei. Mas o que deu nele? – pensou Bobby, grilado.

– Com o Rick?

– Com Zack! Por acaso o banco de sangue do hospital reforçou a segurança?

– Não... ele não faria isso – disse mais para mim mesma – Ele não atacaria uma pessoa.

– O que é isso no seu pescoço, Jessi? – Ana me pegou desprevenida.

– Hum, Zack me atacou ontem à noite. Mas é diferente. Quer dizer, a gente tem algo muito forte.

– Aham – respondeu Bobby, com um sorriso.

– Meu punho também é bastante forte, Bobby – retruquei.

Ele disfarçou, coçou o pescoço e mudou de assunto.

– Bem, e pra onde você está indo agora?

– Vou ver o padre Marconi. Quero saber o que está acontecendo com Zack.

– Você acha que ele pode... sei lá, estar perdendo a humanidade?

Aninha revirou os olhos.

– Bobby, a vida não é um RPG! Os vampiros do mundo real podem ser diferentes do mundo da fantasia, sabia?

Essa frase dela soou tão errada, não?

– Mas faz sentido – ele replicou – Se Zack queria se vingar de Rick por algum motivo, teria apenas descido a porrada nele, como fez das outras vezes, não foi, Jessi? E atacar você e Rick no mesmo dia...

Dei de ombros.

– Foram motivos diferentes.

– De qualquer forma, vamos ficar de olho, certo?

Despedi-me dos dois, mesmo sabendo que iam atrás das meninas para deixá-las a par do que estava acontecendo. Por mais que eu as quisesse longe disso tudo, eu sei que não ficariam. Isso é mal de *otaku*, querer enfrentar demônios no mundo virtual e real? Todo mundo quer ser *Sailor Moon* nessa joça?

O dia estava lindo e, quando virei a cabeça para trás, notei que Christie estava me seguindo. Dei de ombros; até meus animais são doidos. Será que ela vai se tornar selvagem feito meu pônei Pterówski?

Quando passei por Johnny no portão, ele se colocou na minha frente.

– Senhorita Jéssica...

– Oi?

– Soube do que aconteceu ontem à noite?

– Hum...que horas? Por que teve uma hora que eu estava no banho e não...

– Acho que sabe a que me refiro – ele pigarreou – Zack e Rick.

Cocei a cabeça. Acho que não sei disfarçar mesmo.

– Bem, eu lhe disse que Zack era perigoso, não é? – o porteiro não esperou que eu respondesse.

– Você por acaso viu exatamente o que aconteceu?

– Não, mas...

– Então, não levante hipóteses infundadas, Johnny! Só falta dizer que Zack é um vampiro e que Rick se tornou uma vítima dele!

Ele ficou mudo e quase tive um acesso de pânico. Ele não podia saber disso, certo?

Johnny abriu o portão pra mim e passei, sentindo-me um pouco confusa. Dei-lhe um sorriso sem graça e segui para a igreja. Será que padre Marconi também estava por dentro disso?

Cara, como os jornalistas dessa cidade são atrasados...

Quando cheguei na igreja, Eric já estava lá dentro, sentado em um banco vazio e seu rosto angelical parecia estar em êxtase.

– Por que demorou tanto? – perguntou quando me viu.

– Não vim voando.

– Ah, isso. Bem, se aceitasse minha sugestão e morresse...

– Bem, bem, não quero demorar, te vejo depois, beijos me liga.

Estou cansada das alfinetadas sinistras de Eric. Avistei o padre no fim da igreja organizando os cálices no balcão e dei um grito meio estridente para chamá-lo quando o vi.

– Minha filha – ele retrucou – sei que não há nenhum aviso de ‘faça silêncio’ neste lugar, tal como há em hospitais, mas suponho que já se tornou uma regra geral.

– Er...me desculpe.

Ele abriu um sorriso largo.

– Só estou brincando. Então, a que devo a honra desta visita? Como está Zack?

– Louco.

Ele franziu o cenho e abriu uma porta para a sacristia.

– Vamos conversar lá dentro, certo?

Eu não sei se ia querer a presença de Eric ali, mas foi só pensar nele que a figura já se materializou sentada no recinto.

O padre Marconi se esgueirou para trás de uma mesa.

– Eles têm cercado a igreja – ele começou.

– Eles...os vampiros? Eles têm ameaçado o senhor? – minha voz saiu com mais raiva do que esperei.

– Filha, tanto eu como você somos responsáveis por uma mudança considerável em Zack. Somos ambos odiados por eles. Quanto a mim, não se preocupe. Aqui não podem entrar; minha preocupação era apenas com você, lá fora. Como Zack estava lá para protegê-la supus que estaria segura, mas... bem, era

de supor que uma hora ele perderia sua humanidade.

– Bem, ele não a perdeu toda...ainda...

– Infelizmente é uma questão de tempo.

Abaixei a cabeça, pensando.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer?

Ele pareceu meio triste.

– Se eu soubesse...eu diria. Zack é um bom rapaz...ao menos se tornou um.

Bufei. Nem tanto assim. Diria que ele ficou menos pior.

– Escute... não se culpe, minha filha – quando o padre apertou minha mão, eu mesma não tinha notado até então que estava com lágrimas nos olhos – creio que Zack pode voltar ao normal...

Eu ergui a sobrancelha.

– ...ao normal dele, pelo menos – ele continuou.

Eric me olhava com uma expressão de compaixão no rosto. Mas eu não ia me entregar.

– Existe alguma possibilidade de Zack voltar a ser humano?

O padre Marconi pareceu meio surpreso com a pergunta e hesitou em responder.

– Ora, as possibilidades...

– É possível, não é?

– Sim, mas ele tem que querer muito e depois... bem, não é sempre que isso dá certo. Quer dizer, ouvi falar de um bispo que conseguiu, mas o vampiro acabou virando cinzas...totalmente...no final do processo...

Engoli em seco.

– Ci...cinzas?

– Você sabe...o vampiro tem que entrar na igreja.

– Entrar? Mas como que...! Padre Marconi, o senhor sabe que eles não...

– Eu sei, eu sei – ele abanou a mão, como se tentasse se explicar – mas preste atenção. Vampiros são corpos sem alma. Nem eu entendo bem. No entanto, Zack parece ter desenvolvido uma espécie de alma... ou recuperou a sua, não sei dizer. O fato é que se ele a recuperou realmente, é possível fazer com que ele volte à vida; é como se sua alma estivesse esperando uma chance de... recuperar a posse. Essa permissão só é permitida pelo alto.

Sei que Eric tinha me falado sobre isso e sei que Zack tem uma alma sim... cuja marca parecia ter apagado.

– Mas e se... não recuperou?

– Então ele morre de vez... e, acredite, vai ser melhor assim.

Finquei as unhas na cadeira. Seria mesmo melhor assim? Zack vive – tá, parece que ‘vive’ – reclamando da eternidade dele aqui na Terra, mas o que acha disso tudo?

– Não sei o que se passa no coração de Zack, filha – o padre falou devagar, como se estivesse falando com uma criança – mas se por acaso ele realmente pretende mudar de... bem, vida... e for sincero em suas ações, pode ser que ele tenha alcançado uma permissão do alto. Como você conseguiu. Só que... em sua atual situação, quer dizer, como está agora, ele não vai ser transformado.

– Entendo.

– Você precisa fazê-lo voltar totalmente ao seu “eu” natural, ou ao menos ao “eu” que você conhece. Qualquer transformação agora...

– ...será morte certa – Eric completou.

– Conjurador de pragas. Oh, desculpe, padre, não estou falando com o senhor – corriji, ao vê-lo me fitar indignado e, depois, preocupado – mas pode deixar. Vou pensar num meio de trazer Zack de volta.

Mesmo que seja na base do tapa.

Ele ergueu uma sobrancelha e dei um sorrisinho.

– Então, padre, já vou indo. E por favor, não saia da igreja enquanto eu não expulsar todos os vampiros daqui da cidade, certo?

Ele acenou calmamente.

– Certo, certo... – enquanto me dirigia para a saída, ainda me olhou de esguelha – Tem certeza que não quer aproveitar e se confessar?

Ainda era cedo, então resolvi passar na biblioteca da cidade e fazer algumas pesquisas, porque o oráculo – Google – não estava ajudando muito. Toda vez que eu digitava ‘vampiros’ me vinha a imagem de Robert Pattinson e do Tom Cruise na tela. E convenhamos, não dá pra trabalhar nessas condições.

Eric ficava me acompanhando para cima e para baixo, folheando alguns livros. Não havia ninguém na biblioteca, além da bibliotecária quietinha organizando os arquivos, então acredito que ninguém via livros voando perto dele.

– O que está procurando exatamente? – o mensageiro perguntou, enquanto folheava “as grandes maravilhas do mundo” – Não acha que vai estar escrito em algum lugar “Como curar um vampiro em 7 passos básicos”, está?

Não, isso eu digitei no Google ontem.

Alguns livros e sites diziam que se pode curar um vampiro se matar o vampiro que o transformou. Mas se Zack é o mestre deles e, provavelmente um dos vampiros mais antigos do mundo, acho que esse plano já era. Também tinham alguns sites que diziam que comer alho podia ajudar, ou enterrar o vampiro de cabeça pra baixo. Mas não dá pra acreditar em tudo que se lê hoje em dia. Afinal, tem livros que dizem que vampiros brilham no sol, certo?

Depois de passar o dia quebrando a cabeça, não havia muitas opções. Não tinha descoberto quase nada, além de como fazer um esfoliante com mel e açúcar. Bem, não é culpa minha haver um livro de esteticista no meio dos livros de mistério; culpa deles que não sabem catalogar os livros de forma adequada.

Quando saí para o ar frio do lado de fora, Eric suspirou ao meu lado.

– Vou ter que ir trabalhar. Vólto logo.

Assim que ele desapareceu, senti uma sensação ambígua. Ao mesmo tempo em que me sentia feliz por não ter a morte ao meu lado, a companhia de Eric não é tão ruim assim. Sem contar que estava escurecendo. Não esperava que já começasse a ficar tão tarde.

Minha nossa, nunca pensei que um dia chegaria ao ponto de passar um dia inteiro dentro de uma biblioteca. Espero que tenha adquirido ao menos um pouco de conhecimento por osmose.

Desci as escadas meio ressabiada. Naquela parte da cidade não costumava ter muito movimento – afinal hoje em dia se consegue tudo pela internet; biblioteca tem mais um ar de *Harry Potter* ou coisa assim – mas como eu sabia que a universidade não ficava tão longe, não esquentei muito a cabeça. Conforme ia caminhando, tomando todo o cuidado para ver se não sentia nenhuma presença pelo caminho, ia colocando minhas ideias em ordem. O que vou fazer se Zack começar a perder a humanidade? Dar-lhe um susto? E se ele tentar beber meu sangue novamente? Será que a transfusão de poder pode enfraquecê-lo de novo? O que Dante ia me contar e Zack me impediu?

Bem, não estava organizando minhas ideias, pelo que parece. Estava organizando minhas dúvidas.

Quando passei por dois prédios, ergui a sobrancelha, confusa. Não me lembrava de ter tomado aquele caminho antes. Olhei para trás. Também não sabia como retornar.

Confesso que meu senso de orientação é pior que um pombo correio alcoolizado, mas algo estava errado. Não havia nenhum ponto de referência por perto e a atmosfera parecia um pouco pesada demais.

Densa, nebulosa... como se eu estivesse para ser mais uma vítima de alguma lenda urbana.

Peguei o celular por impulso e praguejei. Como assim, sem sinal? A companhia telefônica desconta o tempo que seu telefone fica sem fazer ligação? Claro que não. Guardei-o no bolso com um suspiro. Tentei me localizar pelas estrelas. A noite estava nublada, nem adiantava.

Mesmo se estivesse com duas luas brilhantes eu não saberia também; só estou bancando a esperta.

Comecei a sentir calafrios subindo e descendo a espinha. Tentei convencer a mim mesma que tudo não passava de imaginação. Quer dizer, só porque estou cercada por uma neblina densa – não sinto saudades de Londres, tenho que dizer – e árvores estranhas e tudo mais, o calçamento acabou faz tempo e estou andando no que parece uma trilha de lama, não quer dizer...

Parei de súbito. Como raios eu tinha chegado naquele pântano? Virei a cabeça para o alto, mas só conseguia enxergar as copas das árvores. Isso é ridículo. Tudo bem que naquela parte da cidade havia mais casas do que prédios, mas eu deveria ser capaz de conseguir enxergar nem que fosse um poste de luz.

Meus saltinhos faziam barulho por estarem afundando em poças e comecei a me apressar com ansiedade. Nunca estive ali antes. Aquilo não poderia estar certo. Um pântano no meio da cidade? Onde já se viu? Para onde vão os nossos impostos?

Quase caí numa poça mais densa e me encostei em uma árvore. Isso vai acabar muito mal. Ali eu era presa fácil de vampiros.

Na verdade sou presa fácil em qualquer lugar, mas no local não havia ninguém que pudesse escutar meus gritos.

Certo, retiro o que disse. Até minha mãe ouviria meus gritos; o que quero dizer é que a ajuda demoraria a chegar.

Peguei o meu celular novamente. Sem sinal. Respirei fundo e procurei ver se sentia a presença de algum vampiro. Também nada.

– Calma, Jéssica, calma – murmurei pra mim mesma – Não é a primeira vez que você se perde. Praticamente você se perde assim que põe o pé pra fora de casa. Lembra daquele episódio patético da padaria? Até hoje sua mãe não te manda mais comprar pão.

É verdade. Mas eu não sabia naquela época que vampiros podiam me atacar na esquina. Nunca fizeram, mas poderiam. Sem contar que papai não ia ficar me procurando de carro aqui no pântano.

Quando retomei a coragem, ela se esvaiu num instante. Um uivo.

UM UIVO NO CENTRO DA CIDADE? Deus do céu, eu quero um relatório bem específico do dinheiro usado nos impostos!

Comecei a trotar procurando a entrada ou saída daquele lugar. O que faltava agora? Árvores tentando puxar minha roupa, que nem na Branca de Neve? Ou Jack o estripador atrás de uma árvore com uma serra elétrica gigantesca?

Sou mais a Branca. Ela termina com o príncipe no final, não em pedaços.

Percebi figuras negras saltando de galho em galho. Lobos não fazem isso, fazem? Bem, não importa, também avistei algumas sombras correndo pelo chão também. Ai, que saudade de Crepúsculo! Os lobisomens eram gatinhos – que ironia – e bonzinhos. Eu quero um fofinho! Um do tamanho de um poodle, de preferência.

Eu sabia que não adiantava correr, mas parecia que a densidade da neblina estava menor conforme eu corria. Comecei a ouvir um zumbido estranho, como se fosse o ronco de um motor. Será que estava salva? Ou estaria esquartejada em segundos pela serra? Ai, onde está seu vampiro favorito quando se está prestes a ser partida em minúsculos pedacinhos?

A escuridão agora era quase total. Nem via mais as sombras passando. A noite havia caído; eu mal



enxergava um palmo à frente do meu nariz e comecei a ouvir passos cada vez mais apressados e rosnados atrás de mim. Era agora. Estava muito, muito frita.

Uma luz forte começou a se formar no meio das árvores. Não podia dizer claramente o que era, mas ao menos a neblina parecia diminuir. Era central, como uma lanterna muito potente. Não, eram duas. Duas lanternas muito bem posicionadas, uma do lado da outra, fortes como holofotes.

Estavam vindo em minha direção e pareciam estar em velocidade alta. Como as árvores ao meu redor se fechavam, eu não tinha alternativa a não ser correr na direção delas. Já estavam bem perto de mim, mas os rosnados também. Quase podia sentir o hálito de um animal roçando-me o pescoço.

De súbito, senti um forte empurrão do meu lado direito e algo me agarrou pela cintura. Suspendeu-me com uma velocidade fora do normal, deu um pulo gigantesco para o lado e em seguida me colocou no chão devagar. Quando tentei gritar, uma mão cobriu minha boca e fitei os olhos do autor do susto.

– Jéssica, o que raios está fazendo? – sibilou Zack no meu ouvido – Está tentando se matar? Esqueci a data de algum mês de namoro ou coisa assim?

– Zack...? – murmurei, ainda me recuperando – O que está fazendo aqui no pântano? Como me achou?

– Pântano? – ele me fitou como se eu tivesse usando um vestido de bolinhas comprado numa liquidação – Que pântano, sua doida?

– Esse aqui, imbecil! Esse em que estamos afundados! Aliás, para onde foram os lobos? Você os espantou.

Zack ainda estava de olhos arregalados, então deu um suspiro e fechou a cara para o vazio. Mas não parecia zangado comigo.

– Ilusão... – murmurou.

– Do que está falando? Vamos sair daqui? Estou cheia de lama! Preciso descobrir como tirar a mancha da...

– Jessi – ele me cortou – Me desculpe. Mas isso vai doer mais em você do que em mim.

Antes que eu tivesse a chance de perguntar do que raios ele estava falando, Zack desceu a mão no meu rosto com uma certa força.

– AI, SEU CRETINO – gritei, esfregando a mão na bochecha com a fúria invadindo meus sentidos – CANALHA, EU VOU TE...

– Jessi – ele segurou minhas mãos, que tentavam apertar o pescoço dele – olhe em volta. Você não está em um pântano. Acorde!

Pisquei por vários segundos e olhei em volta. Demorei um considerável tempo para perceber que estava sentada no meio da rua, cercada de prédios e sem sombra das árvores ou da lama ou da neblina que me cercava instantes antes.

– Como é que...como você me tirou de lá tão rápido?

Ele suspirou.

– Ô namoradinho burrinha – ele riu, como se tentasse se acalmar – você nunca esteve num pântano. Foi tudo uma ilusão. Você estava prestes a ser atropelada por um carro, te tirei do caminho bem na hora.

– Eu sou sonâmbula? Tudo parecia tão...

– Real, eu sei. Mas isso é obra de Dante. O poder de criar ilusão dele é bem forte mesmo. Não se sinta mal por ter sido enganada.

– Bem, estou mal sim, mas por causa do tapa no meu rosto.

– Mas eu fiz isso para te tirar do encanto!

– Não tinha outra maneira? – protestei, ainda esfregando o rosto.

– Devia ter – ele confessou sorrindo – mas essa sem dúvida era a mais prática.

– A gente acerta isso depois – murmurei, já pensando na vingança – mas agora quero voltar rápido.

Tenho contas a acertar com Dante.

Zack fechou a cara mais uma vez.

– Quem vai acertar contas com ele sou eu. Você vai voltar para a universidade agora.

– Eu não vou deixar você encontrar aquele canalha sozinho!

– Jessi, não tema. Se encontrá-lo, vou usar de bom senso e persuasão.

Respirei aliviada até ele levantar cada um dos punhos.

– Tá aqui o bom senso! Tá aqui a persuasão!

– Você roubou essa piada do Shrek!

– Um ogro roubou minha fala? Isso é inadmissível.

Esfreguei a mão no rosto mais uma vez e tentei fazer um beicinho.

– Você não seria capaz de me deixar sozinha agora que me bateu, né? Não seria capaz de me deixar chorando no quarto, solitária, depois de tudo isso.

– Chantagem emocional? – ele levantou uma sobrancelha – Jessi, sou imune a isso desde... sei lá, 1920. Vai ter que se esforçar um pouquinho mais.

Estalei a língua. Então o puxei pela nuca e beijei-o com intensidade, apertando-o como se fosse a única coisa firme que eu tivesse encontrado no meio do oceano, à deriva. Ele lentamente passou os braços em torno da minha cintura e me abraçou de volta, passando a mão pelos meus cabelos com carinho. Quando nossos lábios finalmente se desvencilharam, ele murmurou.

– Certo, agora você caprichou um pouco mais. Até me convenceu. Por agora.

Sorri satisfeita. Antes tarde do que nunca. Christie se juntou a nós no caminho para a universidade.

– O que *you* está fazendo aqui?

Ela deu um miado alto em resposta.

Dei de ombros. Virei para Zack.

– E como *you* soube que eu estava aqui?

– Vim tentar me encontrar com padre Marconi, mas quando passei no seu quarto você não estava. Johnny disse que você já havia saído faz tempo. Seu celular tocou feito louco, mas você não atendia. Então só segui o rastreador.

– Que rastreador? – ergui a sobrancelha.

– O que eu coloquei em você, ora.

– Colocou ONDE, posso saber?

Ele abriu um sorriso alegre.

– Não pode, não!

– E depois não, você não ligou para o meu celular. Ele está sem sinal e... – nessa hora eu tinha puxado o aparelho da bolsa e o fitava com indignação – Ué? Ele não estava funcionando há algum tempo atrás!

– Faz parte do efeito da ilusão – Zack explicou, com o cenho franzido olhando para frente – provavelmente você o associou a outra coisa.

– Os rosnados – murmurei, irritada.

Dante havia me pegado direitinho, mas aquilo não estava direito. Sempre que ele me aprontava alguma, o certo é que me passasse alguma informação antes. Vou exigir uma assim que me encontrar com ele novamente.

– Zack... você adquiriu um novo poder quando me mordeu ontem?

Ele abriu um sorriso de ponta a ponta.

– Sim! Sei que não devo usar muito, mas é muito legal! Quer ver?

Eu não sabia se ia dizer ‘sim’, mas escutei uma voz dentro da minha cabeça.

***Alô, som! Testando!***

Dei um pulo para trás e ele riu.

– Só funciona com você, então! Testei com todo mundo, mas acreditei que só ia funcionar com você.

Gemi. Já não bastava receber mensagens idiotas no celular e ligações o tempo todo. Agora elas iam parar direto na minha cabeça.

**Jéssicaaaaa...eu sou seu cérebroo...**

– Você quer parar com isso? – retruquei zangada.

– É, eu sei que é difícil de acreditar.

– Que você agora usa telepatia comigo?

– Não, que você tenha um cérebro.

Assim que descalcei o sapato para jogar nele, senti um arrepio no fim da espinha. Parei segurando o salto na mão com os olhos arregalados.

– Eles estão aqui – ele respondeu minha indagação silenciosa – mas não vão nos atacar. Não sinto nenhuma atmosfera maligna. Só estão nos observando.

– Hum – retruquei, abaixando o salto – se eu te atacar, eles vão revidar?

Ele sorriu, malicioso.

– Quem sabe? Quer arriscar?

– Não – fechei a cara, calçando o sapato de novo – e agora você pode me falar do que aconteceu ontem? Por que você atacou Rick?

Zack ficou rígido de repente e depois de alguns instantes fitando o chão, começou a caminhar.

– Eu... não me lembro direito.

Senti uma pontada de compaixão e medo.

– Não se lembra?

– Eu... não muito. Quando estava lutando contra Dante, senti uma pontada forte nas costas. Ele já estava muito ferido e fugiu. Quando me dei conta, alguém tinha tentado me acertar com uma estaca, mas errou o alvo.

Levei instantaneamente a mão à boca.

– Tentaram te matar?

Ele sorriu do modo como me assustara.

– Sim, alguém tentou fazer o seu trabalho. Mas pelo visto é tão incompetente quanto você.

– Acha que foi um outro caçador? – continuei, ignorando a piadinha.

– Não – ele foi enfático – se tivesse sido, teria me impedido de atacar Rick. Se não impediu, foi porque queria que eu o atacasse. Só que isso foi... foi sem querer.

Eu acenei, mas não disse nada. Zack sacudiu a cabeça.

– Eu estava cambaleando, furioso. Havia uma gama forte de poderes circulando dentro de mim. Quando mordi Dante e tentei não sugar seu sangue, foi inevitável. Assim que o canalha fugiu e o cara passou na minha frente, só vi um vulto, nada mais. Estava fraco, com a visão embaçada e pensei que poderia ser outro vampiro...quando o ataquei, estava prestes a secá-lo quando Eric surgiu na minha frente. Então me dei conta de que não podia ser um vampiro. Alguém estava morrendo mesmo em minhas mãos. Outra vez.

Ele deu uma pausa. Parecia deprimido.

– Mas Rick não se lembrou disso, fique tranquilo – tentei consolá-lo – Sem contar que está bem, certo?

– Eu apaguei a memória dele, mas não o suficiente. Ele ainda sabe que fui eu que o ataquei, mas não lembra exatamente como. Depois que lhe fiz um corte no pescoço para disfarçar as marcas.

Engoli em seco.

– Você tem muito sangue frio pra fazer isso.

– Quente é que ele não é, Jessi! – Zack pareceu meio aliviado, mas continuou com o tom meio sombrio – De qualquer forma, acham que o ataquei. Eu disse que foi o efeito do álcool que ele tomou e que só estava me defendendo. De qualquer forma, acho que o diretor está na minha cola.

– Sempre esteve.

– Sim, só que agora a coisa está brava, Jessi. Vai sobrar pra você.

Revirei os olhos.

– Conta uma novidade.

Permanecemos em silêncio até quase chegarmos à universidade. Subitamente ele me segurou pelos ombros e me deu um beijo leve nos lábios murmurando.

– Jessi... você confia em mim?

Arfei um pouco para me recuperar dos hormônios e do susto.

– Não...

Ele sorriu.

– Bem, pode confiar mesmo que um pouquinho por um tempo?

Ergui a sobrancelha, ainda segura pelos ombros.

– Você vai aprontar, não vai?

– Quero que você confie em mim por um tempo. Aconteça o que acontecer, acredite que vou ser sempre o Zack que você conheceu.

Engoli em seco. Não estava gostando do rumo que aquela conversa estava tomando.

– Do que está falando, pelo amor de Deus? Vai assaltar a Casa da Moeda ou coisa assim?

Ele sacudiu a cabeça, desanimado.

– Isso eu fiz século passado...ou no anterior? Até rendeu um filme, se não me engano.

– Ora, eu não acho que...

– Jessi, apenas confie em mim. Aconteça o que acontecer, ouviu? Não esqueça que eu...

– Eu?

– Bem, eu te...

Prendi a respiração. Era agora que eu ia ouvir as três palavrinhas? Eu sei que já ouvi antes, mas Zack sempre desconversa.

Ele sacudiu a cabeça e abriu um sorriso largo.

– Eu te acho tão ingênua que tenho medo de você fazer besteira ao me ver agindo estranho.

Suspirei. Ainda não foi dessa vez.

– De que modo você quer dizer... estranho? Você nunca foi do tipo normal.

– *Touchè!* Bem, digamos que para vasculhar fundo nessa história eu terei que abrir mão, um pouco, da minha humanidade.

– Está falando sério? – me desesperei – Você sabe que isso é arriscado! Não há motivo para isso! Abrir mão da sua humanidade por um tempo...para quê?

Ele abriu um sorriso e me arrependi tarde demais de ter falado.

– PARAGUAIO!

Subitamente me jogou por cima dos ombros como se eu fosse um saco de batatas e disparou comigo pela rua.

– Zack, qual é o seu problema? – gritei, enquanto dava-lhe pequenos socos nas costas.

– Na verdade, ainda tenho que fazer uma lista para organizar todos os meus problemas – ele respondeu, enquanto corria – mas você é, sem dúvida, meu problema mais divertido.

Ruborizei, ao invés de ficar zangada.

Quando chegou à universidade, Zack me desceu na frente de Johnny, o porteiro.

– Olha só quem eu peguei enchendo a cara – ele afirmou com a cara mais deslavada desse mundo.

– É mentira, Johnny! – gritei, quando percebi os olhos arregalados me fitando – Você sabe que não bebo!

Bem, ele é porteiro, tem obrigação de saber.

– Então vai negar que estava andando a esmo pela rua e quase foi pega por um carro? – o vampiro me questionou, com ar sério.

– V-você sabe que eu estava achando que estava em um pântano!

– Viu, Johnny? Ela estava tão bêbada que chegou a imaginar coisas!

– Senhorita Jéssica, que vergonha! – o porteiro me censurou, balançando a cabeça – Se não entrar imediatamente, terei que informar o diretor.

– Mas... mas eu..

Estavam os dois balançando a cabeça, com censura. Bufei antes de passar pelo portão. Virei para trás instantes depois e vi Zack fitar a rua com interesse. Então balançou a cabeça e acenou para mim antes de seguir para a esquina.

Fitei Johnny suplicante, mas ele permaneceu impassível.

– Para o quarto, senhorita Jéssica.

– Johnny, eu não bebi! Eu não posso te dizer o que aconteceu exatamente, mas confie em mim..

– Eu sei que não foi culpa sua.

– ...sabe?

– Apenas... entre, está bem? Não é seguro seguir Zack agora.

– Ele também aprontou ontem, mas você permitiu que ele saísse! Não é justo.

Tentei apelar para a velha desculpa infantil se-ele-pode-eu-também-posso.

– É necessário que ele vá agora – foi apenas o que Johnny respondeu antes de fechar o portão na minha cara.

Todo mundo nessa universidade é cheio de segredinhos? Tenho que arrumar alguns pra mim. Ser caçadora de vampiros e suposta filha de um embaixador – cuja embaixada ninguém sabe qual é – e namorar um cara que só aparece à noite já perderam a graça. Preciso de algo estilo ‘estou indo para a próximatemorada de *Glee*, mas não conta pra ninguém’.

# Uma nova ordem do mestre



Não dei dois passos para dentro do jardim e fui recebida por Christie, a gata alérgica. Não, a gata cujo poder é causar alergia ao seu redor.

– Que mania você tem de aparecer em todos os lugares, garota – aponte o dedo pra bichana, que me olhava com curiosidade – Parece o Eric.

– O que tem eu?

Pulei para o chão e agarrei a grama.

– Parem com isso! Parece um complô para me fazer ter um ataque do coração!

Eric desceu os olhos para Christie.

– Eu adoraria armar esse tipo de truque com ela, mas parece que sua gata não vai muito com a minha cara.

Levantei cuspidando folhas e limpando a roupa.

– Imagino o porquê.

Enquanto ajeitava o cabelo e pensava numa nova resposta ríspida para dar a Eric – incrível como perdi o medo da morte depois de algum tempo com os vampiros e Zack – notei Dante passar pelo portão mais à frente, que levava a um dos prédios mais afastados. Não tenho boas recordações desse lugar. Foi lá que passei aquela humilhação com Rick. Na verdade é lá que passo a maioria das minhas humilhações.

Educação física.

Por que raios os professores acham que escalar uma corda até o teto vai salvar a sua vida no dia em que prestar um concurso público?

Tentei segui-lo à distância. Não sei que horas já eram, mas a lua estava alta. Dante seguiu em linha reta, a céu aberto, passando por algumas latas de lixo pelo pátio, mas desviou do ginásio. O frio estava começando a me incomodar, mas não tinha certeza se era apenas uma incerteza de estar me metendo no que não devia ou se era a temperatura que despencava por causa da ventania e da hora avançada. Algo em mim dizia para dar o fora, mas minhas pernas não obedeciam. Parecia que estava sendo atraída.

Não conseguia imaginar o que o vampiro loiro estaria aprontando, mas nem Eric nem Christie me seguiam. Bem, acho que não conseguiria ficar camuflada com uma gata miando o tempo todo e nem com um cara que só parecia trazer calafrios.

Dante correu ao lado das paredes do prédio alto, escurecidas pela noite. Não era fácil segui-lo, considerando que era um vampiro extremamente habilidoso e eu, uma caçadora frágil e nada esportista. Sem contar que meus saltinhos denunciavam minha posição, mas como as botas dele também não eram lá muito silenciosas, eu estaria segura se mantivesse o ritmo junto com o dele. Depois de alguns minutos correndo inutilmente pelos muros ao redor, com um salto Dante foi para o alto do prédio e sumiu da minha vista.

Bem, aqui termina minha caçada.

Dei um estalo com a língua e virei para a entrada. Não tinha percebido que havia me afastado tanto

assim do campus. Teria que atravessar o pátio de volta e com certeza Dante me veria do alto do prédio. Bem, talvez eu pudesse me esconder dentro de alguma lata de lixo até amanhã e...

Um som leve surgiu no alto e engoli em seco. Era uma armadilha. A segunda daquela noite e eu não fazia ideia de onde Zack estava.

O impacto no chão foi mais surpreendente do que eu esperava. Levei alguns segundos para recuperar a consciência e perceber que o que acontecera foi que Dante pulara do alto e aterrissara exatamente em cima de mim. Meus braços estavam presos ao chão e o corpo dele por cima do meu, a boca perto do meu pescoço. Tentei me mover, mas sentia que a força que ele punha contra mim era mais forte do que aço.

– Não importa o quanto Zack se esforce – ele sussurrou, com um misto de irritação e deleite – você sempre acaba caindo em minhas mãos. Ele pode ter quebrado meu feitiço de ilusão, mas aqui está você novamente.

Respirei fundo. O hálito dele em meu pescoço era frio, a pele dele contra minha, seca. Mirei seus olhos e eles continham um tom amarelado. Dante estava com sede.

– Você não está cumprindo sua parte do trato – murmurei, sufocada por seu peso e pelo medo.

O vampiro apenas ergueu uma sobrancelha.

– Do que está falando?

– O trato seria: você me revelaria algo de Zack e só depois tentaria me matar. Já tentou me matar uma vez esta noite e escapei. Agora é hora de revelar alguma coisa sobre Zack – engoli em seco. A verdade era que estava tentando ganhar tempo, mas não conseguia pensar em nenhum plano para poder escapar das garras dele.

– Hum – ele ergueu a cabeça um pouco para pensar, mas nem por um momento afrouxou as mãos, que seguravam meu pulso com a mesma intensidade – Deixe-me ver. Sabe onde Zack está agora?

– Ele... ele me deixou aqui e seguiu para a rua.

– Ele está em negociações.

– Negociações?

Dante olhou fundo em meus olhos e desviei-os para a lua, que brilhava redonda acima de sua cabeça. Lembro-me de algumas das lendas de vampiros sobre seu poder de hipnotismo e os olhos de Dante tinham um mistério e beleza intensos. Acho que não negaria meu sangue se ele pedisse.

– Zack há muito tempo não proclamou nenhuma lei. Ontem foi a um bar vampiro fazer algumas exigências.

– Bar vampiro? O Conselho sabe que...

– Shh. Eu ainda não acabei.

– Mas bar vampiro? – insisti – Vocês servem sangue lá? Se servem, porque Zack assalta banco de sangue se...

– É simplesmente um bar barra pesada. Há uma semana ele tornou-se um bar vampiro e Zack percebeu. Ele não permite esse tipo de coisa. Agora fique calada antes que eu te morda antes de te contar tudo.

Mordi meu lábio. Eu espero ele terminar de falar? Vai ser dose.

– Então – ele continuou, empolgado com seu próprio relato – Zack entrou lá e causou um rebuliço. O próprio mestre dos vampiros frequentando o nosso barzinho... Quando todos silenciaram, ele fez aquela pose de sempre...

– Hum, será que pode me soltar? Está ficando um pouco desconfortável...

– Nosso mestre permaneceu em silêncio por alguns instantes – Dante me ignorou completamente – Quando todos começaram a murmurar, ele se pronunciou. Disse que não demoliria nem mandaria fechar o bar, contanto que suas novas ordens fossem cumpridas.

– Mas já não faz muito tempo que ele proclamou uma ordem?

– Essa é a parte fascinante – os olhos de Dante brilharam – Zack disse que qualquer vampiro estava proibido de se aproximar de você. Que se algum deles chegasse a menos de quatro metros seria preso e julgado.

– Bem, acho que você está quatro metros adiantados, então. Chega mais pra lá.

Ele riu; um som que parecia um rosnado ou um sibilo.

– Mas nós dois temos um trato, esqueceu, Jéssica? Uma revelação e uma tentativa de homicídio? Acabei de revelar a você mais uma coisa sobre Zack. E até recente. E agora...

Quando ele aproximou os caninos grandes e brilhantes do meu pescoço, eu reagi.

– Espera!

Ele levantou o rosto com uma expressão irritada.

– O que foi agora?

– Com essa são DUAS tentativas de homicídio. Você só me revelou uma coisa. Precisa de outra pra empatar.

– Bem, ele sente cócegas.

– Mentira – eu quase ri, mas mantive a expressão firme – não sente nada! Uma vez eu tentei fazer cócegas embaixo do braço dele para ele largar meus livros e...

– Embaixo não – ele retrucou irritado – na barriga. Faça cócegas na cintura, mas só se ele estiver calmo. Se estiver irritado não vai sentir nada.

– Nossa, que estranho. Vou fazer a experiência na próxima vez.

Dante abriu um sorriso sinistro – especialmente sinistro por causa dos dentes afiados.

– Que próxima vez?

– Olha, acho que Zack vai ficar muito irritado se você tentar me matar...sabe, a lei que ele proclamou...

– Mesmo que ele me mate, vai valer a pena. Quando te matei a primeira vez e você ainda teve o disparate de voltar, Zack quis morrer. Mas agora que a humanidade dele está se esvaindo... meu mestre simplesmente vai pirar. E vai voltar a ser o mestre sanguinário e arrogante que era.

– Não se usa mais essa palavra hoje em dia.

– O quê?

– Disparate. Ninguém fala mais isso hoje em dia.

– Mas o que raios ele viu em você?

– Me faço a mesma pergunta todos os dias.

– Mas não se preocupe, querida Jéssica. Não vou simplesmente matá-la. Vou drenar você, mas depois fazer com que beba meu sangue. Vou torná-la uma de nós.

– Ah, que alívio. Achei que ia passar sem a maldição eterna.

– Você tem um contingente de sarcasmo inesgotável. Será que durará por toda a eternidade?

– Não sei... você sempre foi cínico assim ou o vampirismo deixou-o desse jeito para sempre?

Dante puxou os lábios e arreganhou os dentes com o olhar emitindo uma cólera extrema. Eu nunca aprendo a ficar de boca fechada.

Infelizmente para mim, Dante também não.

Eric surgiu logo atrás dele, carregando uma enorme foice. Aquilo não era hora para piadas, mas não acho que ele deixaria passar.

Assim que senti seus lábios tocando meu pescoço, puxei todo o ar que consegui e soltei o grito mais potente que meu poder poderia liberar.

Todos os vidros do ginásio começaram a se partir simultaneamente. Dante soltou-me, embora



permanecesse sentado em cima de mim, prendendo-me ao chão.

– Que diabos... – ele soltou meus pulsos e apertou as mãos nos ouvidos com toda a força.

Era a deixa que eu precisava. Ergui minhas costas do chão e desfechei-lhe o tapa poderoso que aprendi a dar. Não é falsa modéstia. Eu realmente aprendi a convencer usando os punhos, não foi?

Quando estapeei Dante, seu rosto virou para o lado e senti seu corpo mais leve.

– Solte-me! – gritei a ordem.

Ele caiu para o lado, com uma expressão confusa e parecendo estranhamente fraco. Assim que consegui me colocar de pé, disparei pelo campo aberto, trocando as pernas por causa do medo e da excitação, mas mantive meu cérebro repetindo: “não quero morrer, não quero morrer, quero fazer cócegas em Zack”.

Eric correu ao meu lado.

– E então? Gostou da foice?

– Isso não é hora para piadas! – retruquei, quase sem fôlego.

– Piadas? Não foi isso que me pediu? Que usasse uma foice se alguém fosse morrer?

– E...eu vou morrer?

Ele suspirou, desanimado.

– Ainda não sei. Suponho que não, se colocar força nessas pernas.

Estava quase alcançando a saída do pátio, mas sem coragem de olhar para trás. O vento cortante atravessava meu vestido de seda pura como milhares de agulhas pinicando minha pele.

– Dante... Dante está atrás de mim?

– Não... está ainda deitado no chão, se recuperando.

– Então por que raios estou correndo? – protestei, começando a diminuir a velocidade.

– Pensei que era para escapar dos vampiros que estavam espreitando no alto do prédio.

Retomei a velocidade.

– Q-que vampiros?

– Estes, que estão em seu encalço.

– Eric, não brinque comigo – minha voz falhava porque eu sabia que Eric nunca brincava. Não tinha percebido que aquele frio todo era da presença de vampiros; acho que tinha me preocupado só com Dante – quantos vampiros estão atrás de mim?

– Parecem ser dez... ou quinze... mas não sei se estão todos atrás de você.

Engoli em seco. O portão ainda estava distante alguns metros.

– Como assim? Estão atrás de quê, então? De você? Da Christie?

– Por que estariam? Eles não podem me ver e sangue de gato não deve ter o mesmo gosto que...

– ESQUECE.

Minhas pernas estavam bambas. Eu não ia aguentar aquele pique. Eu sabia que aquelas duas semanas na academia no ano passado não serviriam pra muita coisa.

De repente ouvi um grito agoniado que não soou humano. Gritei junto.

– O que foi isso, Eric?

Eric se movimentava ao meu lado com uma leveza tão silenciosa que eu não sabia dizer se ele estava flutuando ou correndo como uma garça. Com uma olhadela de rabo de olho notei duas asas transparentes em suas costas, mas sinceramente não era hora pra fazer perguntas e nada mais me surpreende mesmo.

– Um vampiro acabou de atacar outro – ele respondeu, calmamente.

– O quê? Mas... por quê? Cara, que classe desunida! Nem aguentaram esperar alcançar o lanchinho.

– Não é isso, senhorita Jéssica – o mensageiro sorriu diante da minha falta de esperteza – o vampiro quis proteger você. Sua presença realmente está atrapalhando a rotina deles.

– Está dizendo que o vampiro que atacou o outro – puxei mais ar para poder falar – estava querendo me proteger para não contrariar as ordens de Zack?

– Quando o mestre proclama a ordem, imediatamente todos os vampiros a ouvem na mente. Mas como Zack não proclama ordem há anos, há dois lados agora. Os que querem obedecer e os que querem se rebelar.

– Certo – expirei, mas ainda não me sentia tranquila – Quem está do meu lado?

– Nem eles mesmos sabem.

– Que ótimo.

– Verdade? Achei que não gostaria de ouvir uma notícia assim.

Revirei os olhos. Eric não consegue mesmo se acostumar com meu sarcasmo e eu realmente não consigo parar. Está no sangue.

Nossa, será que todos os vampiros que beberem meu sangue vão adquirir meu talento para o sarcasmo? Zack e Dante eu sei que já são assim.

Ou será que não eram?

Ouvi outros gritos agonizados, mas senti minha velocidade diminuir.

– Eles vão alcançar você – Eric anunciou com sua voz sexy e cavernosa.

– Não tem nenhuma boa notícia para me dar?

– Você vai voltar para o céu.

– Eu disse ‘boa notícia’, Eric.

– E não é?

– Bom, não exatamente agora – protestei em voz baixa.

Um novo grito ecoou perto, com o barulho de um corpo caindo a poucos metros de mim. Senti de súbito um hálito gelado em meu pescoço.

Quando fechei os olhos momentaneamente para sofrer o golpe, uma bomba de fumaça caiu do meu lado. E depois mais outra. E mais outra; todas atrás de mim.

O que raios foi isso? Parecia que estava correndo num campo minado, mas sem as explosões e membros voando. Ergui os olhos e vi as *otakus* e Bobby com estilingues, sentados em cima dos muros que levavam de volta ao jardim. A minha careta era de total descrença. Os vampiros pareceram confusos; senti que começaram a dispersar. Isso renovou minhas forças e me impulsionei para seguir adiante, desviando da grade e caindo meio voando no gramado dentro do campus.

Voltei o rosto para trás. As sombras pararam no portão e consideraram se era válido me seguir para dentro do local público. Depois de alguns segundos sumiram pelas sombras e não senti mais as presenças por perto.

A respiração voltou aos poucos para os meus pulmões.

– Jessi, você está bem? – Sofia pulou do muro e me recebeu sorrindo.

– Sof...Sofia, o que foi aquilo?

– Foram bombas!

– De quê?

– Ué. De fumaça.

– Mas elas serviam pra quê?

– Pra fazer fumaça, oras – Sofia me olhou como se eu estivesse fazendo a pergunta mais imbecil do mundo.

Talvez estivesse mesmo. Acho que vivo no mundo dos *otakus*. Nada mais parece real pra mim, só pra eles.

– Tudo bem, só mais uma pergunta...para que vocês tem um estoque disso? Não vendiam gás

lacrimogêneo? Ou pó de alho?

Eles se entreolharam.

– Era perfeito para nossa apresentação de *cosplay* – Estela abaixou a cabeça e chutou uma pedrinha – Só que cancelaram depois do acidente do ano passado.

– Não me olhem assim – Dine protestou com veemência – Eu não sabia a potência da bomba. Achei que ela faria só fumaça. Mas aí o Bobby chegou com o extintor e o segurança...

– Tá, tá, façam de conta que não perguntei nada – cortei, antes de ficar mais confusa do que já estava – Como descobriram que eu estava aqui e estava em apuros?

– Bom, primeiro porque não é novidade – Bobby respondeu, colocando as mãos no bolso – segundo porque não te vimos hoje e vimos Dante quatro...não, cinco vezes. Então nos dividimos e mandamos mensagens uns para os outros. Fui eu quem viu Dante entrando aqui e você, logo depois. Qual é, Jessi? Até eu já tinha sacado que devia ser alguma armadilha!

– Você disse cinco vezes? – cortei-o, morrendo de vergonha – Como assim? Ele é rápido, vocês sabem.

– Jessi, ele foi visto por nós ao mesmo tempo...em diferentes lugares – Ana a doidinha se manifestou – ele também é vampiro, né? Cara, queria ter um poder desses!

Todas sacudiram a cabeça com veemência, animadas. Revirei os olhos.

– Bem, está tarde. Está na hora de vocês darem o fora para o quarto. Se coisas estranhas começarem a acontecer, melhor que não estejam por perto. Deixem que a filha do embaixador cuide disso.

Eles me deram a língua, mas riram.

– Se precisar de ajuda, é só chamar, chefe!

Dei um sorriso, mesmo sabendo que não iria. Gosto demais dos meus doidinhos para ficar arriscando o pescoço deles.

Literalmente falando.

Eric materializou-se do meu lado e Christie surgiu no muro miando alto.

– E então? – Eric provocou – Não vai dar um grito e pular na grama como sempre faz quando apareço do nada?

Suspirei alto.

– Já sujei minha roupa 3 vezes hoje, obrigada. Eric, me explique uma coisa... como é que Dante não perdeu a humanidade?

Ele ergueu a sobrancelha, confuso.

– Como assim, não perdeu?

– Bem, ele não se comporta de maneira insana... até disse que Zack sofre de cócegas.

– Cócegas?

– Isso não vem ao caso...é que ele parece humano... bem, ao menos tem um porte assim.

Eric fechou os olhos e balançou a cabeça.

– Querida Jéssica... já ouviu falar que o demônio se reveste de anjo para enganar as almas?

– Sim... já ouvi.

– Lembra quando aquelas meninas do esgoto invocaram o tal deus Shangri-la?

– Uff, como poderia esquecer? As marcas na minha porta não somem com o tempo.

– Bem, ele era um demônio poderoso que as convenceu de que precisava do corpo de Zack para poder voltar. A verdade é que ele possuiria Zack, expulsaria o demônio anterior e tomaria o controle. Poderia ser pior. Talvez seu vampiro não voltasse a ser quem era, não dá pra saber. Mas eles conseguem sugestionar o cérebro humano com facilidade. Quando não conseguiu entrar no corpo de Zack, tentou habitar ou matar qualquer um de vocês. Como não conseguiu, agora voltou ao inferno. Mas quem garante

que outros não virão e tentarão o mesmo? Quem garante a você que o demônio que habita Dante não tentará tomar o corpo de Zack também? Ou o seu, por saber que Zack é louco por você?

– Está me assustando, Eric... Não pensei que fosse tão sério assim.

– Então não acredite em Dante. É assim que os humanos caem nas armadilhas. O demônio tem seus truques para convencer as almas, Jéssica – Eric virou-se e estendeu a mão para mim. Depois pensou melhor e a recolheu para trás das costas – Ele não teria hesitado em matá-la ali. Até cercou-se de seus melhores vampiros para que não escapasse desta vez. Só não esperava ser traído.

– Bem, ele parece ter desistido agora. Mas é que... tem horas que Dante parece ser só um ciumento de marca maior.

– Às vezes eles sabem ser extremamente convincentes aproveitando-se da ingenuidade das pessoas. É como dizem: A melhor arma do demônio é convencer as pessoas de que ele não existe.

Fechei os olhos por um instante.

*Zack? Você está aí?*

***Safadinha? O que foi?***

*Você está se arriscando muito por minha causa... onde está agora?*

***Você está muito Tácia hoje. Quem disse que faço isso por sua causa?***

*Tácia?*

***‘Táciachando’. Vai dormir, Jessi.***

*Não quero dormir sem você.*

Saiu sem querer. Mas como as conversas estão saindo direto da minha cabeça não tem como eu evitar. O silêncio durou algum tempo.

***Você é mesmo safadinha, minha nossa!***

*Não sente o mesmo?*

Saiu sem querer outra vez. E ele nem respondeu.

*Olha, Zack, você não está entendendo, tá? Eu quero dizer que não quero dormir sem você me aporrinhando.*

Som de riso.

***Está bem, Jessi. Percebi que é tolice tentar caçar Dante por aí. Ele tem se multiplicado. Estou cansado desses poderes imbecis. Vou ter que me manifestar também.***

*O que quer dizer?*

***Aconteça o que acontecer, não esqueça, Jessi...***

*O quê??*

***Eu te... opa, a ligação está caindo! Câmbio e desligo!***

*Zack? ZACK?*

Cara, é sempre assim. Homens devem ter alergia a essa frase. Há aqueles que dizem demais, sem convencer, e outros que não conseguem pronunciar de jeito nenhum.

– Ele faz isso de propósito. Você sabe, não é? – a voz de Eric interrompeu meus devaneios.

– Você estava ouvindo a nossa conversa na minha cabeça?

– Não deu pra evitar. Mesmo que não tenha a ver comigo, a telepatia de vocês não é muito bem controlada. Até posso entrar no meio se eu quiser.

– Por favor, não. Já tem coisa demais na minha cabeça.

Não deu pra evitar as nossas risadas.

Naquela noite afundei a cabeça no travesseiro, mas não consegui dormir. Christie miou alto uma vez e ficou toda arrepiada; então me joguei embaixo da cama e esperei para ver se podia ser Dante ou Eric.

Depois que vi as botas do vampiro loiro segurei a respiração e esperei até que praguejasse e fosse embora. Voltei para cama uns dez minutos depois; até teria continuando embaixo dela, mas minha rinite alérgica não me deixaria dormir.

Não era como se a rinite alérgica melhorasse com Christie em cima de mim, mas enfim.

Acho que eram por volta das duas da manhã quando ouvi Zack falando comigo através da telepatia.

**Jessi?**

*Hummm...*

**Já está dormindo?**

*Humhum...*

**Desculpe não ter aparecido hoje pra te aporrinhar.**

*Hummm...esdá dudo bemm....hum..*

**Eu fiquei um pouco...preso por aqui. Dante não apareceu, apareceu?**

*Ele zá foi imbora...hummm...dá pra gende falar minhã? Do cum sonu...*

Minha voz consegue ficar ridícula até quando estou adormecida.

**Você parece drogada. Está tudo bem mesmo? Parece praga de vudu.**

*Eu guero dormir...vai di cadar...*

Ouvi som de risos. Eu mal pensava; quando estou semi-adormecida além de grogue fico mal humorada.

Tenho quase certeza que ouvi um ‘eu te amo, Jessi’ baixinho, mas podia ser efeito do sono.

## Ideia Imbecil



Acordei aflita. Eu tivera um pesadelo daqueles brabos, que você acorda suando. Estava no meio da rua, sendo perseguida por um carro que, ao mesmo tempo, tinha cara de lobo e rabo. Depois disso, do outro lado da rua vinha um enxame de vampiros – bem sei lá qual é o coletivo de vampiros, embora tenha quase certeza de que é horda – então eu virava para a direita e dava de cara com Dante, segurando um pirulito. Sabe, a maior cara de psicopata.

Então eu virava para a esquerda correndo e era acompanhada por dezenas, não, centenas de gatos miando a todo pulmão, enquanto eu espirrava sem parar. Subitamente, eu estava pelada, de lingerie – claro, essa cena não poderia faltar – e Zack aparecia bem à minha frente. Eu ficava paralisada enquanto ele vinha em minha direção, mas não com aquele olhar sarcástico e doce, o mesmo que ele costumava me dirigir, mas um olhar... sedento. Acho que não há melhor descrição. Depois disso ele partia pra cima de mim e bem...foi nessa hora que acordei. Quando Zack tentava me matar.

Ele não ia só sugar meu sangue. Ia mesmo me matar. Eu tinha certeza disso.

Esfreguei o rosto – primeiro porque estava cheio de pelo de gato – segundo porque precisava me recompor.

– Isso não foi real – eu repeti pra mim mesma – É só um pesadelo. Você não estava só de lingerie de novo. Já passou.

Levantei-me cambaleando e fui para o banheiro. Esfreguei o rosto desta vez com água, coloquei a rosa que estava na minha toalha dentro de um copo d'água para não murchar e voltei para o quarto. Assim que sentei na cama, voltei para o banheiro.

Aquela rosa não estava lá antes. De Eric não poderia ter sido, já que flores são extremamente fracas e ele acaba matando quando põe a mão. Terá sido de Zack?

Bem, não posso aparecer lá do nada no quarto dele e abrir a porta. Vou ter churrasquinho de namorado. Por outro lado, eu poderia abrir o quarto de Dante e...

– Não seria uma boa ideia.

Escorreguei no azulejo do banheiro quando dei um pulo de susto e caí sentada no chão.

– Essa brincadeira nunca acaba, Eric?

Ele deu um sorriso.

– Uma hora dessas, seu coração não vai mais aguentar.

– Aposto que sim. Foi Zack, não foi? Que me deu a rosa?

– Ele nunca vai admitir. Não diga nada a ele, mas sim, foi.

Peguei algumas roupas e entrei no banheiro outra vez, com um sorriso discreto no rosto. Eric não me seguiu, mas continuou falando comigo através da porta.

– Por que não daria certo? – falei lá de dentro.

– Dante coloca armadilhas na porta. Ele tem medo que seus inimigos tentem o que você estava planejando.

– Mas Zack não coloca...

- No entendimento de Zack, seus inimigos não ousariam atacá-lo.
- Nossa, que imprudência!
- Na verdade, eu concordo com ele.
- Sabe, Eric, não são só as *fangirls* que enchem a bola dele. Você faz isso direto.
- Não sei a que se refere quando diz ‘encher a bola’. Zack não joga futebol.
- Você dá motivos a ele para ser metido, é isso.
- Ah – ele riu – admita que não estou errado.

Revirei os olhos.

- Você nunca está. Aliás, vocês dois. Só que...
- Só que...

– Porque não ando sentindo mais a presença de vampiros? Estou sempre caindo nas armadilhas dele...

– Dante aparece rápido demais para que você consiga sentir. Foi por isso que Zack deu-lhe a gata, para que ela emitisse algum tipo de sinal. E você anda com a cabeça confusa. Ou seus sentidos estão falhando...

– Ou...

– ...ou Dante aprendeu a disfarçar bem sua presença.

– Sim... eu me lembro que ele disse isso na noite do baile. É possível que eu consiga também desenvolver isso? Quer dizer, para os vampiros. Que eu possa passar por um deles?

Eric cruzou os braços.

– Não desenvolvemos dons que queremos, senhorita Jéssica. Nós lutamos com as cartas que recebemos.

– Eu quero uma audiência com meu anjo da guarda.

Desta vez foi ele quem revirou os olhos.

– Ele está sempre ao seu lado. Por que você acha que existe o termo ‘anjo da guarda’?

– Ele está aqui agora?

– Claro que está.

– Querido anjo, gostaria de esconder minha presença dos vampiros. Pode me ajudar a conseguir isso?

De repente eu sabia a resposta. Não sei como, mas sabia.

– Pancake branco, delineador e banho com cheiro de ervas – falei em voz alta – Claro, já que eles estão sempre na noite, o cheiro das folhas disfarçam e enganam. Não sei por que não pensei nisso antes!

Eric deu um sorriso.

– Porque você não pediu por ajuda antes.

– Tá, tá. Agora deixe-me pensar... se eu fosse um vampiro onde eu ia me esconder?

Eric me olhou como se eu estivesse tentando colocar pasta de dente de volta no tubo.

– Tem dois vampiros dormindo agora no prédio abandonado. Não servem?

– Bem, eu quis dizer *outros* vampiros. Onde os outros vampiros se escondem?

– Você quer entrar em um covil de vampiros? Parece que levá-la de volta ao céu vai ser mais fácil do que eu pensava.

– Bem, eles pensariam que eu sou uma deles.

– Senhorita Jéssica, você já tentou enganar algum vampiro alguma vez?

– Sério, você não está ajudando. Ah, o bar que Dante falou! Eu não sei onde é, então vou esperar que acorde e vou segui-lo!

Eric sacudiu a cabeça e foi andando para a porta. Não sei pra quê, se ele pode atravessá-la ou até mesmo desaparecer. Acho que de tanto conviver com humanos ele acaba pegando nossos hábitos.

– Bem, volto mais tarde para buscá-la.

Depois voltou um olhar direto para mim fazendo-me tremer.

– E quando digo ‘buscá-la’, é exatamente nesse sentido que está pensando.

Rá! Eu rio na cara da morte!

Mentira. Mas dou uma risadinha quando ele vira as costas.

Passei a tarde assistindo anime e jogando RPG de vampiros. Depois que Bobby me explicou e eu peguei o jeito, construí minha personagem – que era a própria encarnação da Buffy, só que vampira, diga-se de passagem – e fiz muita besteira, morrendo várias vezes. Mas ele teve bastante paciência comigo. Reclamei muito dizendo que o jogo era sinistro demais ao que ele sempre retrucava dizendo ‘você é caçadora deles e devia estar acostumada’. Quando eu dizia que nunca fui fundo assim nessa obscuridade toda, ele me chamava de piriguete de Crepúsculo e o jogo terminava, porque eu acabava jogando o tabuleiro, os dados e as fichas na cara dele. Daí ele dizia que Zack tinha razão e eu era incompetente até pra jogar, e eu metia a mãe dele – a do Bobby, não a de Zack – no meio. Depois fazíamos as pazes e começávamos tudo de novo.

Enfim, foi uma tarde bem agradável, cheia de altos e baixos.

Assim que deu 18 horas levantei num estalo. Estava tão acostumada com isso que nem precisava de relógio para saber que estava na hora de trabalhar.

– O que foi, Jessi? – Bobby provocou – Está cansada de fazer besteira no jogo e já quer recomeçar a fazê-las na vida real?

Acho que Bobby está começando a levar para o lado pessoal. Principalmente depois que os dados quicaram na cara dele de novo.

– Muito bem – disse, depois de reunir meus amigos em volta da mesa como se estivesse bolando uma conspiração – Vou fazer besteira mesmo. Preciso que seurem Zack aqui na universidade o máximo que conseguirem.

– O que vai fazer, chefe? – Ana me perguntou, preocupada.

– Nada do que a Buffy não faria.

– Ah, então, *enfim*, você resolveu caçar vampiros pra valer? – Bobby provocou novamente, levando o tabuleiro na testa.

– Façam o que for preciso para manter Zack achando que estou na universidade.

– E quanto a Dante? – perguntou Sofia, empolgada com a missão – A gente segura ele também?

– Não – respondi, um pouco ansiosa demais – eu quero que ele saia da universidade, sim.

– Você não vai segui-lo, certo? – Dine me encarou com uma sobrancelha erguida – Toda vez que você deliberadamente tentou seguir um vampiro no jogo, seu personagem morreu.

Suspirei alto e dramaticamente.

– Por favor. Isso é vida real. Acham mesmo que eu cometeria as mesmas besteiras que num jogo de RPG qualquer?

Eles se entreolharam. Bobby não perdeu a chance.

– Aposto \$10 no Dante.

As meninas o fitaram com desprezo.

– Não seja ridículo, Bobby – censurou-o Estela – Jamais faríamos uma aposta dessas...

Eu sorri até ela completar.

– ...ninguém aqui tá a fim de perder dinheiro apostando na Jessi.

Tomei um banho quente com tanta erva que já estava me sentindo um saquinho de chá. Taquei toda camomila e erva doce que tinha – Eric vai ficar desapontado, mas passo no supermercado mais tarde – e fiquei lá por quase uma hora. Ainda esfreguei as folhinhas restantes na pele pra não deixar nenhum cheiro



de mortal, seja lá qual for.

Pintei minha cara o mais branco que pude – utilizando várias camadas de pancake e rímel. Passei o delineador à prova d'água muitas vezes e depois lápis preto embaixo dos olhos para completar. Tomei extra cuidado para não deixar marquinhas na pele – onde já se viu vampiros terem espinhas?

Também coloquei lentes de contato amarelas – ainda bem que as meninas iam fazer cosplays daqueles personagens bem esquisitos e me emprestaram – e ajustei dois caninos discretos na boca. Eram os dentes que Draculinho usava. Peguei emprestado só por algum tempo; com certeza meu bonequinho não ficava fofo o suficiente sem eles. Bom, ele não daria por falta, certo?

Depois de escolher cuidadosamente meu figurino – botinhas Gucci, vestido justo de veludo vermelho, uma echarpe roxa e um sobretudo preto para parecer *bad girl* suficiente – segui para o prédio abandonado onde Zack e Dante estavam hospedados. Apenas fitei-o de longe, o suficiente para sentir a presença de ambos. As *otakus* já estavam perto da porta, prontas para interpelarem Zack assim que ele passasse. Era agora ou nunca.

Mas do jeito que eu estava nervosa estava mais para ‘nunca’. Christie miou, anunciando minha posição e eu por pouco não chutei a bichana.

– Christie, passa fora! Olha lá, Zack daqui a pouco vai surgir. Vai lá, puxar o saco dele como você sempre faz. Hoje sua dona vai fazer besteira.

Ela me esticou um olhar como se dissesse ‘só hoje?’ mas deve ter sido minha imaginação. Depois sacudiu o rabinho e seguiu para onde estavam as *otakus* e Bobby. De repente bateu uma nova saudade do Pterówski. Espero que minha gatinha permaneça a mesma e não mude por causa da dona louca que tem. Eu não sei cuidar de ser vivo nenhum.

Até uma flor viraria planta carnívora na minha mão.

Alguns minutos depois e o deus grego, digo, Zack saiu do prédio com aquela brisa leve agitando sua camisa. Suspirei instintivamente. O que a gente não faz por um vampiro gato?

Logo depois que ele saiu com meus amigos, ainda demorou alguns instantes para que Dante saísse do prédio furtivamente. Será que evitou Zack de propósito?

Querida poder saber o que ambos fazem quando se encontram. Jogam pôquer e relembram os velhos tempos? “Lembra quando você tentou morder a Marilyn Monroe? Ela nunca soube o que a atingiu” “Ah, por favor, pior foi quando você tentou morder o presidente Kennedy. Esse dia sim, vai ficar pra história!” e por aí vai.

Dante seguiu tranquilamente para o fim do pátio, dobrou à esquerda e foi direto para a saída. Johnny nem piscou; abriu o portão para ele imediatamente. Será que Johnny não o encara como um aluno normal ou Dante usou um de seus poderes contra o porteiro da escola?

Eu estava prestes a continuar meu trabalho de detetive quando notei que meu disfarce poderia assustar o Johnny. Estava extremamente pálida e estupidamente maquiada, parecendo uma Elvira rainha das trevas sem o excesso de peitos.

Cocei a cabeça. Talvez se eu passasse bem rápido poderia parecer uma daquelas mulheres sexy que ficavam seguindo Dante pra cima e pra baixo? Há. Claro que não. Não tinha como pular o muro então...

Apressei o passo, tentando parecer o mais natural possível quando atravessasse o portão. Fiz de conta que olhava para o outro lado enquanto seguia pela grade até Johnny tomar o susto, obviamente.

– Meu Deus, senhorita Jéssica! Onde pensa que vai vestida desse jeito?

Por que não posso continuar aquela pessoa totalmente ignorada e invisível como era nos velhos tempos? É como dizem: o cargo faz o monge.

– Eu... hum, vou numa festa com Dante. Ele acabou de passar por aqui, não é? Nossa, estou super atrasada...

– Senhorita Jéssica, é óbvio que não vou deixá-la passar vestida desse modo! No que estava pensando?

– Que você ia ser legal em nome dos velhos tempos? Qual é, Johnny, alguma vez eu já aprontei quando fui lá fora?

Ele só me olhou torto.

– Certo, eu quero dizer *mortalmente* – consertei.

Ele continuou com o olhar fixo.

– Tudo bem, mas ainda estou viva, não estou?

– Desculpe, senhorita Jéssica – ele balançou a cabeça com um misto de comiseração e irritação – mas não posso deixá-la passar.

– Então nesse caso...me desculpe, Johnny!

Ergui o braço e os olhos dele arregalaram-se momentos antes de ver o que eu ia fazer. Tarde demais. Minha mão desfechou um som alto quando o acertei na face.

Esperei alguns segundos para ver o que acontecia e sugestionei.

– Deixe-me passar, vai! Já estou atrasada e vou fazer o possível para chegar cedo...

Ele pareceu confuso por um instante, mas abriu o portão para me deixar passar.

– Não demore, por favor.

Eu dei-lhe um sorriso amarelo e acelerei o passo para seguir atrás de Dante, mas o suficiente para não deixá-lo me ver. Contudo, apesar de meu cheiro estar diferente, tenho certeza que ele devia sentir minha presença, da mesma maneira que eu sentia a dele. Talvez quisesse ser seguido. Meu senso aranha estava apitando.

Dante não olhou para trás nenhuma vez. Apenas seguiu a rua calmamente com as mãos nos bolsos, uma pose que deve ter aprendido com Zack. A atmosfera estava agradável, mas ainda assim eu suava frio. A lua iluminava bem o caminho e as estrelas estavam especialmente iluminadas esta noite, mas eu não sei dizer se era bom ou ruim.

Depois de andarmos por três quarteirões, e algumas poucas casas bem chiques na rua, o vampiro loiro começou a diminuir o passo. Subitamente parou e virou-se em minha direção.

– É melhor andar ao meu lado. Não acha mesmo que poderia me seguir sem que eu a notasse, não é?

Engoli em seco e surgiu das sombras como uma garotinha pega fazendo besteira. Mas fechei a cara e coloquei minha melhor expressão ‘não-tô-nem-aí’ para não fazer papel de boba, o que, eu diria, é fisicamente impossível.

– Eu já imaginei que tivesse percebido – murmurei mal-humorada – mas é que não quero que tente nada contra mim desta vez.

Ele levantou a mão direita como se estivesse fazendo um juramento.

– Juro que desta vez não vou tocar em você.

– Não acredito em você – retruquei, aproximando-me dele como se estivesse pisando em ovos – vampiros são muito mentirosos.

Dante deu de ombros.

– Pode ser. Mas hoje não estou a fim de arrumar encrenca. Você não contou a Zack que eu tentei matá-la ontem à noite e nem que a atraí para uma armadilha. Então vou deixá-la em paz por hoje.

Dei um imenso suspiro de alívio por dentro.

– Bem, muito gentil de sua parte.

– Mesmo porque é preciso ter muita coragem para seguir um vampiro que é infinitamente mais poderoso e mais esperto que você.

– Infinitamente é um exagero muito grande. Está muito ‘sissi’ hoje.

– Sissi?

– ‘Sissintindo’.

Ele revirou os olhos.

– Realmente sou obrigado a admitir que você e Zack tem o mesmo humor idiota.

Dei um pequeno sorriso.

– Mas continuo sem entender o que ele possa ter visto em você. De qualquer forma é passageiro.

– O que quer dizer? – perguntei antes que pudesse pensar. Eu não queria dar corda a ele. Dante era mais traiçoeiro que uma cobra de mau humor.

O vampiro loiro parou de súbito e me fitou com um olhar sinistro.

– Você é mortal. Se por acaso tornar-se imortal como nós, Zack vai esquecer sua humanidade para que você se adapte ao nosso mundo. Ou se morrer ou simplesmente sumir, com o passar dos anos, ainda que sejam centenas, Zack vai superar. Talvez não perdoe quem a matou, mas vai superar. Afinal de contas – ele deu de ombros – o tempo cura tudo. E para nós, vampiros, é o que mais temos de sobra.

Senti um arrepio profundo. Podia ver nos olhos dele que sua intenção não era me matar. Pelo menos agora. Então por que falava desse jeito?

– Está especialmente bela esta noite, Jéssica. Tem algum encontro com algum vampiro que não deve saber que você é humana?

Engoli em seco. Não queria dar nada a entender. Ele sorriu diante do meu silêncio.

– Planeja me seguir e descobrir para onde vou e se proteger parecendo uma de nós? Que coragem..

Subitamente virou-me e segurou-me pelos ombros. Abafei um grito quando ele colocou a boca bem próxima do meu pescoço.

– Vampiros pressentem o medo, Jéssica – sussurrou em meu ouvido – então não dê a entender que você não se sente à vontade.

– Estou ótima – minha voz tremeu um pouco e pigarreei para disfarçar. Não deu certo, pareceu uma tosse forçada – na verdade se continuar me agarrando desse jeito vão pensar que sou sua namorada e aí sim vou estar bem disfarçada. Você quem sabe.

Ele me soltou vagarosamente e sorriu de leve, escondendo os caninos atrás dos lábios.

– Não. Eu vou deixar que colha o que está plantando.

– Não faço a mínima ideia do que está falando.

– Acredito que sabe – ele voltou a andar – mas o que realmente pretende, eu não sei. E estou louco para descobrir.

Afaguei o pescoço de leve, sentindo dificuldade para engolir. Talvez tenha sido uma péssima ideia. Mas que diferença faz? Nunca tive nenhuma ideia boa mesmo. Ou ao menos Zack me faz entender que são todas péssimas e minha moral anda meio em baixa.

**Jessi?**

*Z-Zack? O que você está fazendo na minha cabeça?*

**Como raios você consegue gaguejar em pensamento? Está aprontando, né? Por que as otakus e Bobby estão me cercando tanto de cuidados? Por acaso está arriscando seu pescoço outra vez? Esqueceu que ele é meu?**

Senti um arrepio gostoso passando pela espinha, mas não ia dar esse gostinho pra ele de novo.

*Pra quê esse bombardeio de perguntas? Está com medo de que eu esteja no total controle da situação?*

**Jessi, você não tem controle de nada na sua vida! Nem controla para onde seu nariz vai!**

*Já disse que aquilo foi um acidente natural. E pode parar. Câmbio e desligo!*

**Desliga o caramba, dona Jéssica! ONDE VOCÊ ESTÁ?**

*Está gritando comigo em pensamento? Não consigo acreditar! Vai te catar, Zack! Não quero mais falar com você!*

***Safadinha, você... quando eu te encontrar você vai ver só!***

*Ai, que medo! Vai fazer o quê? Me morder?*

Oba!

***Não. Mas dependendo da gravidade da situação, posso ficar muito zangado.***

Eu fiquei excitada e irritada ao mesmo tempo. Isso é mesmo possível?

Zack parara de falar comigo. Vasculhei minha mente e suspirei fundo. Tinha mesmo irritado Zack a esse ponto ou ele só estava meio sensível?

Estranhei quando vi a careta que Dante estava fazendo.

– O que foi? – perguntei, tentando parecer normal.

– Estou imitando você. Por que sua face estava se contorcendo tanto?

– São meus poderes – respondi, dando de ombros – Você não sabe quais são. Eu só estava aquecendo.

Ele ainda me fitou por alguns instantes, deu um meio sorriso e seguiu em frente.

Eu estava a um ponto de desistir, mas quando lembrei o trabalho todo que tive para passar aquele pancake na cara, empinei o queixo e endureci as pernas dentro das minhas botinhas Gucci para que não tremessem – as pernas, não as botinhas, embora acredite que, se elas fossem vivas, estariam apavoradas de entrar em um algum tipo de perigo instantâneo por livre e espontânea vontade – seguindo Dante a alguns passos de distância.

Depois de uns bons torturantes dez minutos de silêncio e indagações internas, Dante parou diante de um prédio abandonado no meio de uma rua deserta.

Claro, tinha que ser.

O prédio conseguia ser mais sinistro do que tinha imaginado. Tinha quatro andares; as janelas cobertas com filme plástico preto. Ainda que parecesse suspeito, estava quebrada aqui e ali e uma luz fraca saía de dentro, como se seu interior estivesse iluminado por velas. As rachaduras estavam por toda a parte, como se houvessem sido feitas propositalmente ou então o prédio estava pedindo pelo amor de Deus para ser demolido por alguma borboleta que pousasse nele. Que negócios o meu inimigo loiro podia ter ali? Vampiros tinham tanto mau gosto assim? Que espelunca.

Dante não esperou que eu tomasse nenhuma atitude. Simplesmente começou a descer um lance de escadas que levava a um piso inferior, com corrimões de metal e cercado por algumas latas de lixo que só continham entulho. Abriu uma porta de madeira apodrecida, deixando que um pouco de luz vinda de dentro do ambiente batesse em seu rosto pálido. Virou-se para trás, deu-me um sorriso e entrou.

Bem, talvez não fosse tão ruim. Segurei firme meu pequeno spray de água benta na bolsa. Pressionei meu crucifixo por dentro da minha blusa. Armada de instrumentos divinos eu estava. Só me faltava uma coragem sobrenatural.

Desci lentamente as escadas e empurrei a porta o mais leve possível. Estava aberta, claro. Coloquei de leve a cabeça para dentro para verificar o ambiente. Tudo parecia bem calmo. Na verdade parecia uma pequena sala, com um sofá, uma mesa com um vaso de planta em cima e um quadro de barco na parede. Havia outra porta na extremidade da sala, e só pode ter sido por ali que Dante devia ter passado.

Comecei a sentir uma presença mais forte. Dante sempre consegue disfarçar sua presença de mim, mas desta vez ele não estava nem tentando, e eu não conseguia imaginar o porquê.

Cruzei a sala calmamente, com medo de que se abrisse um alçapão embaixo dos meus pés e me fizesse cair em um fosso de crocodilos. Mas os vampiros não dispensariam a boa quantidade de sangue que eu tenho no corpo.

Forcei a porta da extremidade da sala, mas não consegui abrir. Uma pequena portinhola abriu-se nela

subitamente e olhos amarelos me encararam.

– Qual a senha?

Olhei para trás e me senti subitamente idiota. Era claro que estava falando comigo.

– Hum... sangue?

Ouvi um barulho de trinco se abrindo e subitamente senti que idiotas mesmo eram os vampiros que criaram aquela senha estúpida. Parecia aquele tipo de senha 1234 que tem gente que ainda coloca em email.

Quando fui admitida no recinto, percebi porque Dante não ocultou de mim a presença vampiresca que emanava. Porque assim eu entraria de surpresa em um covil de vampiros que devia ter quase uma centena por toda parte.

Dei um passo para trás quando percebi que estava numa fria daquelas. O prédio tinha três andares, certo, mas era um galpão gigante por dentro, e a escuridão acima era tanta que mal se enxergava o teto. Mas eu sabia que eles estavam nas vigas, nas janelas, em toda parte. Nem imaginava que existiam tantos.

Comecei a ficar muito enjoada. A pequena sala atrás havia sido construída para enganar curiosos. Dava para ver a pequena construção da qual acabei de passar encaixada na única saída que havia.

O Conselho ia me amar para sempre se eu pudesse dar esse tipo de informação. Mas era óbvio que eu não sairia dali com sangue suficiente para poder digitar coisa alguma.

Quando dei as costas, pronta para voltar por onde acabara de entrar, o vampiro parrudo com cara de leão pálido de chácara, que permitiu a minha entrada, fechou a porta. Arregalei os olhos para ele e o homem simplesmente fechou a cara e murmurou com voz gutural:

– Qual a senha para sair?

Ah, saco.

– 1234?

Ele ergueu uma sobrancelha e dei apenas um sorriso de caninos amarelado. Enquanto cogitava comigo mesma, tentei entrar em contato com Zack, mas ele não respondia. A única pessoa que eu não queria encontrar era Eric. Realmente não fazia nenhuma questão de topa com a morte de perto.

Dante estava sentado em um tipo de bar do outro lado do galpão, segurando uma espécie de taça de líquido vermelho suspeito, divertindo-se com minha situação. Ele sorria, mas mesmo que não tivesse me encorajado a segui-lo, comecei a andar na sua direção.

Fui interpelada no meio do caminho por uma mulher morena jovem e esbelta, pálida feito cera e com mais maquiagem que uma *dragqueen*. E o pior, estava linda.

– De onde você veio?

Não respondi nada, apenas fitei-a com esperança de que estivesse realmente fazendo uma cara de desprezo por fora enquanto me derretia de medo por dentro.

Ela sorriu com seus caninos afiados.

– Forasteira...

Outro vampiro juntou-se a ela. Era alto, forte e, apesar de ser pálido também, dava para perceber que a pele era mais escura, os olhos mais densos e musculoso feito um jogador de basquete. Ai, que pena estarem todos mortos.

– Camila, para trás. Temos que interpelá-la com calma, lembre-se. Você, mulher – ele dirigiu-se a mim com uma voz cavernosa que me deixou arrepiada de um jeito bom – você está do lado de Zack ou da rebelião?

Nessa hora todos os olhos estavam voltados para mim. Não sei se é possível um olhar congelar sua alma, mas era isso que eu estava sentindo. Respirei fundo e parei. Vampiros não respiram. Vampiros não respiram.

– Isso depende – coloquei o máximo de firmeza em minha voz que minha garganta permitia – você está do lado de quem, bonito? Por que seja lá qual for seu lado, quero estar nele.

Não estou brincando. O cara era forte e com ar de perigoso. Eu que não queria ser inimiga de um cara assim. O fato de ele ser lindo de morrer não quer dizer quase nada.

O homem alto deu um sorriso e senti-me aliviada. A morena revirou os olhos.

– Bem, nesse caso – ela fechou a cara – eu te pergunto: está do lado de quem, vampira?

Lancei um olhar para Dante. Ele nem voltava o olhar na minha direção, mas parecia estar sorrindo por dentro do copo.

– Não sei, gata. Você está do lado de quem? Porque seu lado também parece ser bem interessante.

Por incrível que pareça, ouvi um leve rubor em suas faces e ela deu um sorrisinho. Ai, meu Deus. Nada mais me assusta.

Muito bem, Jéssica. Cinco minutos dentro de um bar – bar de vampiros, que seja – e já passou cantada em duas pessoas. E funcionou. Se seus pais te vissem agora, hein?

Dei mais três passos para frente e ninguém fez a leve sugestão de me impedir, mas mantiveram olhos fixos em mim. Procurei *não* respirar fundo e segui.

Mais para frente, um homem bem mais velho me parou. Dava para ver dentro de seus olhos que fora belo na juventude, mas deve ter sido transformado meio que em cima da hora. Bem, não deixava de ser bonito, mas foi *quase*.

– Você não parece vampira – ele semicerrou os olhos – Seu cheiro... é estranho.

Eles começaram a me circundar.

– Bem, eu passei muito tempo na floresta – tentei não pensar na encrenca feia. Lembrei-me do que Dante havia falado antes sobre vampiros pressentirem o medo.

Um vampiro aproximou-se mais e cheirou o meu pescoço.

– Ei! – protestei – Não fiquem perto de mim! Sou anti-social!

O círculo começou a se desfazer e eu dirigi um olhar suplicante a Dante. Ele fitou-me diretamente e abriu os lábios mostrando os caninos. Eu mesma havia me colocado naquela armadilha. O pior é que não iria ganhar nenhuma informação sobre Zack com isso.

Talvez Dante considerasse um bônus se eu escapasse?

– Qual o seu nome, vampira? – perguntou uma loira encantadora.

Talvez fosse por isso que eles estivessem tão desconfiados. Nem de longe eu era tão bonita quanto os seres de lá. Não havia parado para pensar nisso.

– Jessi...slaine – pigarreei – Jessislaine.

Eles torceram o nariz e franziram as testas.

– Jessislaine? – indagou um ruivo no canto – Que nome estranho para um vampiro.

– Hum, é que...é um nome atual. Eu fui transformada há pouco tempo e...

Aicalabocajessica!!!

Tarde demais, cérebro.

Antes eu estava rodeada por meia dúzia deles. Agora mais de trinta me fitavam com interesse.

– Recém-transformada? – a morena quase gritou – De acordo com nossas leis, é proibido fazermos isso! Quem a transformou desafiou nosso mestre de frente! Quem foi?

Prendi a respiração e fui soltando levemente. Olhei ao redor e muitos rostos ou estavam assustados ou me olhavam com curiosidade. Perguntei internamente quem estaria ao lado de Zack e me protegeria. Ou quem me mataria em questões de segundos causando uma guerra imperial.

Nunca me senti tão importante na minha vida, mas queria ser uma formiguinha pálida agora.

– Hum... – olhei ao redor, procurando um alibi e não pude evitar trocar olhares com Dante. Apontei

em sua direção – Foi ele.

Na mesma hora todos se viraram para o vampiro loiro e a atenção já não estava mais em mim. Suspirei alto fazendo dois ou três voltarem-se na minha direção novamente e dei de ombros.

– Força do hábito – e sorri com meus caninos discretos.

Dante nem sequer moveu-se. Alguns começaram a caminhar na direção dele. O barman afastou-se esfregando um copo e saiu do balcão.

– Você a transformou?

Ele levantou os olhos para quem perguntou e deixou o copo no balcão.

Sorriu olhando para mim e depois se virou para o vampiro.

– Talvez.

Eles deram suspiros de exclamação.

É isso aí. Velhos hábitos nunca morrem.

Por alguns segundos, ninguém disse nada. Dante ergueu-se e caminhou na minha direção.

– Essa bela jovem... Jessislaine – acrescentou piscando um olho – estava em meu caminho. Percebi que emanava poder logo de cara. Por que não usá-la para enlouquecer nosso mestre e fazê-lo voltar ao que era antes de amar toda essa humanidade idiota?

– Ele só tem olhos para aquela humana – resmungou uma vampira de cabelos roxos sentada um pouco ao longe. Ao que parece, todos estavam bem atentos à conversa.

– Sim – Dante sorriu – Jéssica.

Engoli em seco. Ele virou-se para mim com os olhos brilhando.

– Diga-me, Jessislaine... qual é a sensação de ser vampira?

Sorri de leve.

– Bem, estou com sede.

Ouvi leves risadinhas. Estava aliviando o clima, mas acho que não devia cantar vitória tão cedo.

– Não me diga? – Dante estalou os dedos e um homem veio trazendo um copo de líquido vermelho denso. Segurei fundo para não vomitar – Então serei seu anfitrião esta noite. Beba.

Quando ele colocou o copo em minhas mãos, procurei não olhar o conteúdo e devolvi.

– Bem, acabei de beber pelo caminho. Estou satisfeita.

Ele colocou o copo novamente em minhas mãos.

– Você acabou de dizer que estava com sede.

– Eu tinha esquecido – empurrei de volta o copo – Não ando bem da cabeça, você sabe. Acho que meu cérebro morreu também.

Eles riram. Sorri, mais confiante.

– Que estranho – Dante insistia, novamente me direcionando o copo – porque vampiros recém-transformados não se satisfazem fácil.

Empurrei a mão dele novamente.

– Estou de dieta. Quero manter minha silhueta.

– Vampiros não engordam!

Quando ele tentou empurrar o copo novamente na minha direção, eu tentei rebater e, no gesto, acabei esparramando tudo em minha roupa.

– Eca! Tem sangue no meu vestido de veludo novo!

Eles me fitaram com interesse. Interesse no modo de como fiquei enjoada.

– Ah, que foi? – me aborreci – Vocês também não ficavam com raiva quando derramavam chocolate na roupa quando estavam vivos?

Minha postura irritada deixou-os menos alertas apesar do ‘eca’. Só precisava demonstrar

autoconfiança, mas continuava a ponto de vomitar. Dante subitamente puxou a echarpe que estava enrolada no meu pescoço.

– Por que não mostra a mordida que a transformou, Jessislaine?

Para surpresa de Dante, havia mesmo uma mordida ainda cicatrizando lá. Ele cerrou os dentes, furioso. A mordida de Zack.

Morra de ciúmes, seu loiro azedo!

Os vampiros fitavam a mordida. Eles pensavam que havia sido feita por Dante, mas tanto ele quanto eu sabíamos que a história era bem outra. Até que foi bom que Zack me tivesse...aham, castigado.

– Bem, acho que estou atrasada para um compromisso. Estou já de saída. Alguém pode me fornecer a senha?

Dante sorriu com olhos cheios de vingança. Fitava algo em meu decote. A princípio pensei que fosse apenas um pervertido – não estou garantindo que não seja – mas havia um tom perigoso na maneira na qual falou novamente.

– E como uma vampira consegue carregar um crucifixo sem arder?

Baixei os olhos. Na hora em que Dante puxara a echarpe, o crucifixo saíra de dentro da blusa. Droga! O que achei que ia me proteger antes me meteu em apuros.

Bem, a culpa foi minha mesmo. Não se vai a um SPA, por exemplo, cheia de chocolates no bolso. A não ser que queira ser morta pelas gordinhas de plantão. No caso deles era totalmente o oposto, mas o princípio é o mesmo.

Nesta hora, toda a atenção estava voltada para mim. Os vampiros do teto pularam graciosamente na minha frente, como se houvessem apenas flutuado. Os da frente arreganharam os caninos, incluindo a morena e os que estavam me circundando antes. Tinha que pensar rápido.

– Eu tenho poderes pra isso! – lancei a isca – Foi por isso que vim aqui; queria apenas mostrá-los. Mostrar a todos que alguns de nós são imunes a crucifixo e outras coisas. Inclusive, se me acompanharem, provarei que posso entrar em uma igreja!

Eles começaram a murmurar entre si. Se realmente me seguissem e eu pudesse entrar na igreja estaria salva! É só ficar lá a noite toda! Você é um gênio, Jéssica!

Aham, Jessislaine!

Só que algo deu nos meus nervos. Dante não estava aborrecido. Estava sorrindo.

– Interessante, vampira – todos silenciaram para olhar para ele. Detesto a influência que ele tem sobre os outros vampiros sem Zack por perto. Acho que é ciúme do poder que está sendo roubado do meu namorado, digo, vítima – Só queria te perguntar uma coisa...

Permaneci com o nariz empinado, mas não pude evitar tremer um pouco nas bases. Suas próximas palavras foram um golpe do qual não podia me esquivar.

– ... por que está suando?

Levei instantaneamente a mão à testa. Realmente haviam começado a formar gotículas de suor ali. Vampiros não respiram. Vampiros não têm expressão.

Vampiros não suam.

Quando três ou quatro deles deram enormes passos em minha direção, alcancei o crucifixo e gritei com toda força. Meus poderes de mandrágora estilhaçaram os vidros em toda parte, mas não foi suficiente. O fato é que eu estava apavorada demais para deixar meu poder funcionar plenamente. Um me agarrou por trás e tentou segurar minha boca, mas eu lutei como pude.

– Vocês não sabem quem é a nossa convidada – anunciou Dante, como se estivesse em um programa de auditório – É a preferida de Zack. Jéssica, a caçadora de vampiros.

Precisava acompanhar minha profissão?



O vampiro que me segurava caiu para trás e vários gritaram. Estava acontecendo uma rebelião ali, na minha frente.

– Não podemos tocar nela! – um deles gritou com voz estridente – Zack deu uma ordem!

O murmurinho começou a se intensificar. Vários deram passos tímidos para trás.

Estaria mais aliviada se alguns ao redor de Dante não houvessem permanecido no lugar. Fitavam-me com interesse e curiosidade. Talvez avaliando se valia a pena arriscar a pele ou esperando uma razão para me atacar. O sorriso sinistro de Dante não diminuiu. Ele permanecia me fitando com intensidade e desviei o olhar. Nunca olhe direto nos olhos de um vampiro, já dizia minha avó.

– Talvez ele tenha dado a ordem – a voz de Dante era quase um sussurro, mas o silêncio era tanto que qualquer um podia ouvir – mas ela entrou aqui de livre e espontânea vontade. Nenhum de vocês sabia que ela era a protegida de Zack...não estou certo?

Sim, ele estava certo e sim, eu estava numa fria. Dei um pequeno passo para trás senti minhas pernas bambas e muitos vampiros sorriram para mim.

Quando fechei os olhos e desejei uma morte rápida, a única porta que dava para a saída abriu-se com um estrondo. O pálido leão de chácara foi arremessado para trás por causa da violência com que foi aberta. Houve gritos e subitamente silêncio. Uma figura negra com pose importante estava parada atenta aos movimentos e esperei a poeira assentar para dar um grande suspiro de alívio.

Zack.

A blusa dele estava semi-aberta, como se tivesse corrido a toda e ela se aberto pelo caminho. Seus cabelos, um pouco bagunçados, mas ainda dava-lhe um certo charme *bad boy*. Só que não parecia Zack. Cheguei a pensar que talvez fosse alguém disfarçado porque o poder sinistro que emanava eu podia sentir.

– Jéssica... – ele murmurou, um tom de indignação e fúria contida.

Bem, eu nunca sentira tanto medo quanto estava sentindo de meu vampiro naquele momento. Sei que ele não me machucaria, mas o reflexo do medo ao meu redor estava me contagiando por osmose.

– Zack! Você por aqui? – disfarcei, com voz esganiçada – Eu só estava batendo um papinho amigável com..

Subitamente seus olhos arregalaram-se e estranhei o gesto até olhar para baixo e perceber a mancha na minha blusa.

Sangue.

– Zack, espera... esse sangue aqui não é...

Tarde demais. Os olhos dele assumiram um tom amarelo fortíssimo e sobrenatural passando instantaneamente para o vermelho, enquanto seus caninos saltavam pra fora. Instintivamente todos deram um pulo para trás, incluindo eu.

– Então não sabem seguir simples ordens? – ele sibilou e assumiu uma voz ao mesmo tempo tensa e calma – Pensei que houvesse deixado bem claro...

Subitamente ele deu um salto alto, ficando à minha frente, voltado para os meus atacantes. Eu via apenas suas costas, e não ousava erguer muito a cabeça. Tarde demais para me arrependeu de ter ido ali. Certo, eu já havia me arrependido desde o momento em que pisara do lado de fora da universidade, mas agora era mais sério.

Suas mãos começaram a brilhar intensamente e um comprido fio amarelo e grosso surgiu crescendo na mão direita. Era flexível feito um chicote e dançava ao redor de Zack como se tivesse vida própria. Parecia um chicote brilhante; eu poderia dizer que era um sabre de luz muito comprido e dançante, mas agora não era hora de piadinhas.

Dante fitava-o assustado, mas de caninos arreganhados. Alguns deles debandaram pelas janelas no

alto do galpão, provavelmente a maioria, mas muitos ali resolveram lutar contra o mestre.

Vai, Helena de Troia. Acaba com o reino pacífico bancando a mocinha indefesa.

Bom, pacífico nem tanto, mas pelo menos gozava de certa paz.

Toquei-lhe o ombro de leve e Zack tremeu. Jogou um olhar por cima do ombro que me paralisou.

– Agache-se e fique quieta.

Fiquei surpresa, mas sem coragem de retrucar. Do jeito que estava pintada, vai que me confundisse com um vampiro também?

Quatro vampiros pularam contra Zack ao mesmo tempo, mas ele só riu e desviou-se deles com graça, girando o chicote e partindo-os ao meio. Eles viraram cinzas subitamente, que se desmancharam antes mesmo de cair ao chão. Quando voltei para trás, Eric estava ali, parado na porta, lançando-me um olhar de compaixão e irritação.

– Fiz besteira, não é?

– Você achou que estava fazendo algo certo – Eric replicou, olhando fixamente para Zack – ainda que de modo estúpido.

– Eu não sabia que era um covil de vampiros...

– Mas sabia que poderia haver alguns deles. O que pretendia fazer?

– Um acordo. Queria pedir que deixassem a mim e a Zack em paz... e eu prometeria proteção contra o Conselho enquanto estivéssemos na cidade – dei de ombros – Pelo menos não o avisaria. Ou, se achasse arriscado demais, talvez apenas escutasse os planos mais sórdidos do grupo de Dante para poder avisar Zack mais tarde. Você sabe, nós não costumamos falar muito das ideias na frente do chefe; vai que os vampiros estivessem ocultando algum plano maligno?

Eric ergueu uma sobrancelha.

– Não seria um plano ruim de todo – ele argumentou – mas eles jamais fariam planos com uma humana. Ou deixariam uma humana ouvir seus planos malignos.

– Sou uma vampira, não está vendo? – apontei para minha cara cheia de pancake.

– Mas não teria que se revelar como caçadora de qualquer modo?

– Só até o tempo em que selássemos o acordo...esqueça. Foi mesmo uma ideia idiota.

Ele acenou e eu voltei para frente.

Havia uma chuva de cinzas no local. Mal podia ver Zack naquela cerração infernal, mas podia ouvir gritos e urros. Vampiros sangram, até dava pra ver, mas pouco. Assim que morriam, viravam cinza pura e eu podia ver Eric começando a se movimentar de um lado para o outro, recolhendo que poderia ter sobrado de suas... almas? Seja lá o que fosse. O fato é que Eric sabia para onde acabariam indo. E do jeito que lutavam, acho que eles também.

Zack não se parecia com ele mesmo. Quando acertava um vampiro ou transformava-o em cinzas, sorria de modo sádico. A maneira como se movia era rápida demais para que eu pudesse enxergar, então muito da luta era apenas movimentos aleatórios que eu pudesse dar conta. Quando conseguia captar a forma dele lutando, era quase um balé, cheio de jogos de pernas e braços...

Droga! Mais uma coisa em que Zack seria perfeito para fazer. Deixaria Baryshnikov no chinelo.

Dante o tempo todo se mantinha à distância. Covarde. Provoca o leão e agora joga as iscas em cima.

O chicote desfilava no ar como uma arma bela e fatal. Apenas de tocar em um vampiro, desmembrava-o ou o cortava em pedaços. Aos poucos eles foram fugindo ou se acabando. A onda forte de cinzas foi se desfazendo lentamente, como estabelecendo um período de paz depois de uma batalha frontal. Devo admitir que foi mais rápido do que esperava; afinal foram pegos de surpresa...mas isso ia requerer uma retaliação?

Não houve mais barulho algum. Nem som de fôlego (é óbvio, mas fez falta), gemidos, nada. Podia

escutar o som de vidros no alto se estilhaçando, de vampiros fugindo às pressas, mas só. Nem sinal daquele covarde do Dante, que agora já devia ter fugido há algum tempo. Eric não parecia cansado, mas olhava o mestre dos vampiros fixamente e com uma certa dúvida no olhar.

Antes que eu pudesse perguntar o que estava acontecendo, Zack virou-se para mim lentamente. Eu não podia dizer claramente o que se passava, mas em seu olhar havia um misto de confusão e reconhecimento.

– Vamos... embora.

Ele seguiu porta afora sem nem me esperar. Devia estar mesmo zangado, mas não falou comigo conforme íamos passando. Quando lancei um olhar para Eric, ele desviou o olhar para o chão, sacudiu a cabeça e desapareceu. O que foi aquele gesto?

– Hum, Zack? – arrisquei, um pouco preocupada – Você está muito chateado? Quer dizer, eu tinha um plano, sabia? Posso não ter pensado muito nele, mas eu... você está me ouvindo?

Não podia ver seu rosto, já que caminhava à minha frente e eu tinha que correr para alcançá-lo. Quando alcancei-o, seu rosto não continha expressão alguma. Parecia feito de mármore. Eu o chamava o tempo todo de deus grego, né? Agora ele estava literalmente um.

Andamos por vários minutos em silêncio. Olhei para a noite estrelada e senti calafrios. Algo não estava certo ali. Zack nunca foi de ficar em silêncio. Quando estava zangado falava, quando estava animado, também. É um vampiro totalmente atípico, embora fosse o líder deles. Um doce de pessoa, sarcasticamente falando.

Quando avistei a universidade e estávamos já a cerca de vinte passos do portão, segurei-o.

– Zack, olha pra mim.

Ele vacilou por alguns instantes, mas me fitou. Seus olhos azuis estavam totalmente amarelos agora. Eles nunca haviam ficado tanto tempo assim.

– É a sua humanidade? Como se sente?

Zack lançou-me um olhar demorado, como se estivesse me avaliando. Em seguida deu um sorriso mostrando os caninos. Dei um passo para trás, involuntariamente.

– Como me sinto? – ele sibilou, ainda sorrindo – Vou te dizer em instantes...

Em um milésimo de segundo, senti um braço dele me envolvendo por trás, enquanto com o outro segurava meu pulso direito. Seus caninos surgiram de relance, enquanto ele puxava os lábios para trás e enterrava a cabeça em meu pescoço. Pela primeira vez – certo, segunda – eu fiquei apavorada pelo ataque de Zack. Ele não estava em sua forma natural, pelo menos não a que eu conhecia.

Novamente aquela sensação de êxtase me invadiu, mas vinda com medo e desespero. Tentei lutar por alguns instantes, mas suas mãos e braços pareciam aço. Minhas forças se esvaíam mais rápido do que eu podia perceber e me dei conta que eu não duraria muito tempo assim.

Eric subitamente apareceu por trás de Zack, e seu olhar era de confusão. Seus lábios pronunciaram meu nome lentamente em silêncio. Fechei os olhos. Se tivesse que morrer, então seria meu vampiro quem me encaminharia. Nada mais me importava. Iria com Eric, embora não tivesse cumprido minha missão.

Ao menos Eric consideraria a sua completa.

Minhas pernas começaram a falhar, mas Zack me sustentava com força. Não podia pensar em poder algum que me salvasse e meus braços não tinham firmeza para alcançar a água benta, nem mesmo para assustá-lo. Eu não queria morrer, realmente não queria, mas não tinha poder para mais nada.

De súbito, escutei uma voz firme e familiar.

– Solte-a, Zack!

Eu não saberia dizer quem havia sido. Zack tirou lentamente os dentes do meu pescoço e senti tristeza e alívio. Contudo ele me segurava firme. Não consegui mover a cabeça para ver de onde vinha a voz, mas Zack não se moveu. Seja quem for, não era um humano qualquer – embora pela voz eu poderia jurar que

fosse.

– Não se meta – meu vampiro sussurrou.

– Solte Jéssica, Zack... Veja quem você está atacando...

De súbito senti que estava sendo posta de pé pelo vampiro. Minha cabeça balançou de leve, mas pude fitar os olhos de desespero de Zack.

– Não... – seu fio de voz era de dar pena – Jessi... meu Deus, o que eu fiz...?

Eu queria dizer: “estava me atacando e me secando, vampiro imbecil” mas eu não conseguia sequer sorrir pra ele. Lentamente fui sendo posta no chão e ainda consegui ver um vulto escuro correndo para a noite e um outro parado, usando um sobretudo negro, me fitando com indignação e balançando a cabeça com diversão.

– Você me disse que voltaria cedo, mocinha. Tive que vir atrás para levá-la de volta.

Foi aí que reconheci a voz.

– Johnny...?

Então tudo escureceu.

## Um amigo caçador



Senti minha cabeça rodar antes de abrir os olhos. Tive que cogitar um pouco antes de tentar descobrir onde estava. Ontem à noite eu estava no covil de vampiros... houve uma batalha...

– Zack... – murmurei um som quase inaudível com a garganta seca.

– Ora, acordou – souu uma voz ao meu lado – achei que nem todos os sacos de sangue iriam te livrar da fria em que você se meteu.

Pisquei os olhos várias vezes para poder manter o foco.

– Johnny?

Depois olhei para cima. Um saco de sangue estava preso a um apoio ao lado da cama. Apontei, esperando que ele me dissesse sem que fosse preciso falar.

– Ah – ele entendeu – você precisou de uma transfusão urgente. Eu não podia ir ao hospital, seria muito suspeito. Então fiz um exame, descobri que seu sangue era A+ e, por sorte, é o mesmo que o meu e o da minha esposa. Fizemos uma transfusão rápida. Muito bom ter uma mulher enfermeira, não acha?

Era muita informação para eu guardar.

– Você... – tentei manter firmeza na voz, mas estava mais surpresa que fraca – você é um caçador de vampiros?

Ele coçou a cabeça. Uma mulher com a aparência alegre carregando uma bandeja com um bule fumegante entrou.

– Ah, a jovem acordou! – ela depositou a bandeja na mesa – Você escapou por pouco, querida! – depois virou-se para Johnny, censurando-o – Eu disse a você que ele era perigoso, mesmo que parecesse diferente agora.

Ele sacudiu a cabeça, sentindo-se envergonhado.

– Eu sei, amor. Mas você tem que admitir que faz uns dois anos que Zack andava na linha...

– Ah, sim? E aquelas três que ele matou? Também andaram na linha? Então o trem pegou.

Gemi com a piada. Eu devia estar acostumada, eu sei.

– Pobrezinha! – ele veio em meu socorro e colocou algumas almofadas em minhas costas para me assentarem melhor – Se meu Johnny não houvesse chegado lá a tempo...oh, não fique triste, querida!

Coloquei os dedos em meus olhos e percebi que estava mesmo lacrimejando, mas ainda estava chocada demais para sentir qualquer coisa.

– Eu estou bem. Pra falar a verdade, estou me sentindo bem confusa – ergui uma sobrancelha – o Conselho sabia desde o princípio que Zack andava por aqui? Você foi enviado quando, Johnny? Pode me explicar fazendo favor?

Ele deu um suspiro. A mulher sorriu e retirou-se, seguindo para dentro e deixando-nos sozinhos.

– Zack deve ter mencionado que há algum tempo um caçador foi enviado para matá-lo.

– Sim, e que ele fugiu. Foi o único caçador que ele não tinha matado até então – concordei, buscando em minha mente – parece que o nome dele era John... ou... – arregalei os olhos, já concluindo a palavra na minha cabeça.

– Johnny – ele sorriu.

Sentei na cama, ereta e irritada.

– *Você* foi o caçador que o Conselho enviou! *Você* foi o desertor! Se tivesse cumprido seu papel eu não teria entrado nesse apuro todo!

E nem teria um namorado. Agradeço agora? Não, meu namorado tentou me matar. De novo.

– Sim e não... – ele explicou, coçando a cabeça. Ainda mantinha o traje de caçador, com sobretudo e botas compridas, muito parecidas com as de Vincent. O seu chapéu pousava em um cabide ao lado – Eu sempre fui um caçador de elite. No que tange a esfera de Vincent, eu seria o quarto abaixo dele.

– O quarto? Quem seria o segundo e o terceiro? – interrompi.

Ele me lançou um olhar divertido.

– Hum... o seu pai e sua mãe...

Fechei a cara e lancei um olhar irritado.

– Novidade. Prossiga.

– Bem – ele continuou, desconcertado – o fato é que só quando cheguei aqui, o Conselho me informou quem eu iria ter que matar: Zack. O mestre de todos os vampiros. Não preciso dizer que pirei. Era uma tarefa que eu julgava ser muito além da minha capacidade. *Você* não tem ideia do que Zack é capaz de fazer, senhorita Jéssica.

– Eu já tive o que chamaríamos de uma visão da coisa – minha voz saiu carregada.

– Certo – ele pigarreou – Então eu planejava fugir, mas tive medo de deixá-lo agir sozinho aqui. Tinha que dar informações do que ele andava fazendo, assim não seria um completo desertor.

– O Conselho ficou satisfeito com isso?

Ele coçou a barba por fazer.

– É... mais ou menos. Meu salário caiu pela metade.

– *Você* também já tinha gastado por conta? – perguntei, sentindo empatia.

– Já sim – ele riu – então dadas as circunstâncias eu teria que arrumar um emprego que me deixasse atento aos movimentos de Zack e sabendo de tudo o que acontecesse ao meu redor.

– E conseguiu?

– Claro – ele sorriu abertamente – me tornei porteiro.

Ambos ficamos silenciosos por dentro. Acho que estávamos pensando a mesma coisa: será que todos os porteiros do mundo eram caçadores de vampiro? Faria muito sentido.

Depois de alguns segundos ele balançou a cabeça, mas ainda fiquei refletindo.

– Zack disse que *você* nunca mais apareceu... – continuei – então vocês chegaram a se encontrar, não foi?

Agora ele pareceu extremamente constrangido.

– Hum... sim... a primeira vez eu estava armado diante dele. Um dos dons que tenho é mascarar meus poderes, então Zack não chegou a desconfiar que eu era um caçador. Só que... bem, eu cheguei a tomar coragem para enfrentá-lo. Foi no auge da minha falta de dinheiro. Ele estava entrando na universidade e me posicionei na sua frente. Na época eu estava coberto por um pano no rosto, era uma marca minha.

– Para parecer um ninja? Que marca idiota – sacudi a cabeça – sem querer ofender.

– Tudo bem, mas a vantagem é que assim os vampiros não me reconheceriam nem me marcariam, certo?

– Certo, não é tão idiota assim...

– Só que quando fiquei de frente pra ele, eu... bom.

– *Você* fugiu.

– Eu... bem... é.

Revirei os olhos.

– Queria ter pensado nisso.

– Você não poderia saber, senhorita Jéssica. Nem acreditava em vampiros.

Eu ia perguntar como ele sabia disso, mas havia me esquecido. Ele era porteiro, afinal.

A esposa retornou, com uma menina agarrada na barra da saia. Era loirinha feito a mãe, mas não tão gordinha. Ela deu um sorriso enorme pra mim e percebi que ela tinha síndrome de Down. Agora entendi quando Johnny me pediu uma vez para rezar pela saúde dela. São crianças muito amorosas, mas também muito frágeis.

Ela logo me beijou e abraçou e percebi o quanto eu sentia falta disso.

– Você tem uma família linda, Johnny. Agora entendo porque você resolveu deixar de caçar vampiros.

Ele acenou.

– Bem, normalmente nos assentamos quando constituímos família – quando me viu erguendo uma sobancelha, acrescentou – bem, no seu caso não, já que ambos seus pais são caçadores, mas no meu caso... minha esposa e minha filha são tudo o que tenho.

– A senhora se assustou quando ele contou que era caçador de vampiros?

– Ele é caçador de vampiros? – ela me fitou de olhos arregalados.

Quando minha boca começou a abrir e fechar como se eu fosse um peixinho dourado, os dois começaram a rir.

– Ela só está brincando, senhorita Jéssica. Na verdade eu a conheci salvando-a de um vampiro. Acabei revelando minha profissão. Bem, na verdade não teria como negar qualquer coisa depois de ela ver com seus próprios olhos.

A mulher gargalhou alto e eu já estava simpatizando com ela.

– Eu achei tão sexy! E aquela máscara de ninja me deixou de quatro!

– Querida...

– Ora, ela me entende, não entende, Jéssica querida? Já que está perdidamente apaixonada por Zack...

Johnny arregalou os olhos para mim e eu pra ele.

– Eu sei que vocês são namorados – ele falou com cuidado – mas você está mesmo...

– Não, de modo algum – neguei, com a vergonha queimando minha cara – eu só o acho muito, muito, muito, muito...

– Entendo.

– ...muito, muito, muito, muito gato. Mas ele... é um vampiro. E de forma alguma eu quero me tornar uma.

Foi nessa hora em que me dei realmente conta do que estava falando. Não temos chance alguma de dar certo, não é?

– Sabe, Jéssica – disse a menina suavemente sentando na cama. Não devia ter mais que cinco ou seis anos – não há limites para o amor. Aprendi isso na Pequena Sereia. E você parece com ela.

Eu sorri. Realmente parecer um pouco com Ariel era uma maldição na escola.

– Que bom ver alguém aprendendo algo com desenho animado – respondi, sorrindo.

– É sim, ela vira humana no final para ficar junto com o príncipe.

Eu abaixei a cabeça. Mas eu não queria virar vampira. Nem Zack queria.

Ela cochichou no meu ouvido.

– Sabe, nesse caso você podia ser o príncipe.

Eu ergui a sobancelha. O que raios isso queria dizer?

– Vamos, vamos, Priscila – Johnny interveio, puxando a menina e colocando-a no colo – Vamos deixar a senhorita Jéssica descansar, certo?

Eu não disse nada. Ainda estava digerindo tudo aquilo. Assim que ambos saíram do quarto, Eric materializou-se.

– Você está bem?

– Defina bem.

Ele sentou-se ao meu lado na cama.

– Ele perdeu a humanidade, não foi? – minha voz saiu embargada.

– Creio que sim.

– É tudo culpa minha...

– De uma certa forma, sim.

– Você devia me apoiar – sibilei, irritada.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Não foi o que eu fiz? Ah, não chore.

Eu arregalei os olhos e depois passei as mãos pelo rosto. Realmente estava chorando agora. E não conseguia parar.

– Ele optou por perder a humanidade – Eric falou suavemente – Fez isso para protegê-la. Assim eles a deixariam em paz.

– Mas – ah, não, já tinham começado os soluços – i-isso n-não quer dizer q-que ele vai ter u-um salvo-conduto pa-para o céu?

Ele puxou um lenço não sei de onde e me estendeu.

– Bem... ele realmente fez isso por você. Mas os crimes que vai cometer por causa do sacrifício não o livrarão da culpa. Foi um belo sacrifício, mas infelizmente não o levará para o lado certo.

Nesse momento eu já não podia mais conter as lágrimas. Zack havia se tornado aquele que eu não cheguei a conhecer, porque ele tinha mudado por minha causa. E agora por minha causa ele voltara a ser quem era. Um maldito círculo vampiresco vicioso.

Eric me surpreendeu me abraçando, mas eu não tive coragem de afastá-lo. Já não temia a morte. Eu temia perder Zack, de uma vez por todas e de todas as formas possíveis. Depois de alguns momentos soluçando no ombro dele, eu fui me acalmando e colocando minha mente para funcionar. Certo, no começo da aventura eu chorava por tudo, mas agora... agora eu não temia mais nada.

– Preciso ir – me surpreendi vendo como minha voz soava mais firme – arrisco muito a vida da família de Johnny estando aqui. Agora os vampiros sabem quem sou eu e onde estou. E Zack está com eles, provavelmente e... bem, eu não sei exatamente o que ele é capaz de fazer agora.

Eric acenou com a cabeça, concordando, mas não disse nada.

Depois de algum tempo, assim que me acalmei, Eric desapareceu para me deixar descansar. Sentei-me na cama. Os raios de sol passavam pelas frestas das janelas e coloquei meus pés na frente deles para aquecê-los. Não adiantava ficar me lamentando agora. Talvez houvesse um jeito de trazer Zack de volta. Peguei meu celular e digitei uma mensagem para Bobby.

É possível um vampiro recuperar a humanidade perdida? Abs

Não esperava que ele fosse me responder rápido, já que deviam ser ainda umas oito da manhã, mas até que não demorou.

Não lembra que no jogo um vampiro sem humanidade é um vampiro louco? Você tinha que rasgar a sua ficha, esqueceu? Um vampiro sem humanidade é um vampiro sem alma. Perigoso até para os outros da sua raça. =\*\*

Suspirei. Sim, eu lembrava disso. Zack ainda tinha sua humanidade, mas seu lado vampiro estava no controle. Mandeí outra mensagem para Bobby.

O que raios deu em você para acordar a essa hora da manhã? O.o

Ele respondeu em seguida.

Não precisa acordar quem não foi dormir. ;D



*Geeks.*

Arrumei minhas coisas rapidamente e deixei o quarto. Johnny e sua família estavam sentados à mesa do café. Família de porteiro acorda cedo, não?

– O que faz fora da cama, senhorita Jéssica? Ainda está fraca! – Johnny me interpelou, zangado.

– Não, preciso ir – sacudi a cabeça com veemência – já arrisquei a suas vidas demais. Vou pesquisar algumas coisas mais sobre vampiros no Google e na biblioteca.

A mulher de Johnny sorriu.

– Menina esperta! Mas coma alguma coisa antes de sair. Você já perdeu muito sangue nessa história.

Priscila veio por baixo da mesa, cutucou minha perna e me agachei. No mínimo ela achou que estava passando despercebida. Olhei pra Johnny e ele só revirou os olhos de modo cômico.

– Psst! – ela sussurrou, me estendendo um papelzinho – Pegue aqui, olha. Não esqueça que você pode ser o príncipe, mesmo que pareça a Ariel.

Novamente esse papo. Abri o papel e havia um desenho de giz de cera, a melhor tentativa do príncipe Eric que uma criança pode fazer.

– Não precisa fazer o que a Ariel fez, tá? – ela insistiu.

Eu sorri, mas arqueei uma sobrancelha. Detesto enigmas. Sabe o Mestre dos magos no desenho “A Caverna do Dragão”? Ele me irritava horrores.

Ela voltou para o lugar dela e aproveitei o café tentando relaxar. O dia ia passar sem maiores problemas, mas a noite é que me preocupava.

Quando voltei ao prédio, comecei a sentir uma sensação esquisita. Christie veio me encontrar pelo caminho, com os pêlos todos eriçados. Os olhos amarelos de gato dela pareciam mais arregalados do que o normal.

– Olha, relaxa, tá? Vampiros não aparecem de dia. Eric deve estar fazendo sua ronda por aí. É fome? Vamos lá, deve ter sobrado leite no frigobar.

Andei com a gata atrás de mim vagorosamente. Sei lá, ela me deixou assustada com esses nervos de gato que ela tem. Parece que sabe de tudo o que vai acontecer.

Subi ao meu quarto, preparei-lhe um pires e ela mal tocou. Sentei-me na cama, inquieta e pensativa. E agora? Que seria de mim ou de Zack? Eu não podia mais voltar ao covil dos vampiros, nem disfarçada nem normal. Meu vampiro não me protegeria mais...

Saber aquilo me deu um aperto profundo no peito. Mas ele chegou a pronunciar meu nome depois de ter me atacado. Ele me reconheceu, percebeu o que estava fazendo e fugiu. Só precisava fazê-lo lembrar-se.

A humanidade dele estava lá, mesmo que inerte e escondida. Até para os vampiros Zack seria extremamente perigoso sem humanidade. Teria que ser eliminado.

Estremeci e tentei afastar os pensamentos. Pior que está não pode ficar.

Ah, meu Deus. Eu disse a frase proibida. A frase que faz mocinhos correrem perigo. A frase que desencadeia tempestades súbitas. *Sempre* pode ficar pior!

Esperei raios e trovões, mas o silêncio continuou profundo. Assim que ouvi batidas na porta, pulei de súbito e assustei a Christie. Ela me olhou de mau-humor como se dissesse “dona estúpida, é muito cedo para vampiros aparecerem, esqueceu?”. Eu respondi telepaticamente: “eu sei, mas é que eu disse a frase proibida. Você sabe! Aquela com *pior*”.

A batida soou mais forte e estremeci. Havia familiaridade naquela batida. Uma horrível, tétrica e maldita familiaridade. Abri a porta com um impulso só. Meu coração deu um pulo, saiu da minha boca e caiu na minha mão. Bem, quase.

– Bom dia, senhorita Jéssica – Vincent anunciou com um sorriso sádico – Suponho que já deve ter

matado o vampiro durante minha ausência.

Vou precisar de uma aspirina.

Com ácido.

## Um caçador nada amigo



– Como tem passado? – ele perguntou de má-vontade, como se minha saúde fosse o que menos importava no momento – Vejo que tudo continua da mesma forma.

Ele entrou sem eu convidá-lo, passou os olhos pelo quarto e pousou-os em Christie. Ela arreganhou os dentes num gesto tipicamente felino e começou a afiar as garras na minha colcha. Já eu, estava nervosa demais para pará-la.

– O que é isso? – ele indagou, perguntando para minha destruidora doméstica.

– O que você acha que é? – Vincent lançou-me um olhar de reprovação, então pigarreei e corriji-me – É uma gata.

– Disso eu sei... oh, compreendo. Foi bastante esperta em usar um gato para se prevenir. Eles preveem o sobrenatural ou quando coisas ruins estão para acontecer.

Quase respondi: ‘pois é, ela previu que você fosse chegar’ mas fiquei calada.

– Bem, e o que o traz de volta, Vincent? Foi tudo bem lá? Você sabe, na volta para o Conselho?

Uma sombra passou por seus olhos, mas ele não me respondeu.

– Parece que Zack já não vem há algum tempo ao seu quarto.

Aquilo me deu um aperto na garganta, mas procurei disfarçar.

– Eu finalmente consegui impor um pouco de respeito, você sabe.

Ele só arqueou uma sobrancelha.

– Mas e então – procurei desviar o assunto – como conseguiu se inscrever novamente na universidade? Acredito que o diretor não deve ter ficado muito satisfeito, não é?

– Ele não sabe que estou aqui.

– Oh! Espero que ninguém conte.

Soou sarcástico sem querer. Eu não queria demonstrar nada.

– Não está feliz com minha presença, senhorita Jéssica?

– Oh, imagine! – sacudi a cabeça e a mão num gesto que quer dizer ‘ah, por favor!’ – Então, quer um chazinho?

– Não perco tempo em serviço, senhorita Jéssica.

– Bom, não há vampiros agora, oras! Vamos ter que esperar a noite!

De repente passou pela minha cabeça que eu iria gastar meu dia inteirinho com aquele maluco. O salário do Conselho pareceu pequeno demais.

Mas eu que não teria coragem de pedir um aumento.

– Iremos vasculhar o quarto de Zack. Mas sinto o cheiro de um outro vampiro muito poderoso por aqui. Zack andou recebendo visitas?

– Ele sempre... bem, você sabe que há vampiros que o tem caçado, não é?

– Há um boato de que é porque querem que ele perca a humanidade. Mas não acredito nisso. É apenas um truque, para fazer parecer que Zack mudou.

Eu prendi a respiração porque sabia que ia acabar soltando um soluço. Ando meio chorona

ultimamente.

– Ele... ele mudou, sim.

Seu ar inquisitivo me assustou, mas permaneci firme.

– Ele está no quarto?

– Eu... não sei.

De repente me bateu uma curiosidade súbita. E se estivesse? E se tivesse conseguido voltar a seu normal e fugido para o quarto? Alcancei meu celular e procurei vê-lo discretamente. Nenhuma mensagem.

– Alguém deveria ter ligado?

Engoli em seco. Não esperava por essa. O que deveria responder?

– Hum, mamãe. Ela me disse que precisava falar comigo sobre uma receita que...

– Estranho lembrar-se dela enquanto estamos conversando outro assunto.

– Sabe como é. Tenho TDA, transtorno de déficit de atenção. Minha cabeça voa. Bem, ela não ligou – depusitei de leve o celular no bolso – e então, vamos?

– Parece que está um pouco fraca.

– Não comi nada ainda – a mentira era tão óbvia quanto o cheiro de café que emanava do meu hálito.

– Pensei que fosse por causa da coleção de marcas de dentes que tem no pescoço.

Toquei-as instintivamente. Não senti medo nem nervosismo. Na verdade fiquei muito irritada.

– As coisas tem andado movimentadas aqui ultimamente – respondi com secura – há muitos vampiros aborrecendo.

– Imagino. Bem, então troque-se porque vamos vasculhar os quartos dos vampiros agora pela manhã.

– Vampiros?

– Sim. Eu já pressenti que há uma outra presença muito forte aqui. Ele está hospedado aqui na universidade, não é?

– Ah. Dante.

Era a primeira vez em que via Vincent arregalar os olhos, mas foi por apenas um segundo. Recompôs-se de imediato.

– Parece que Zack reencontrou um velho amigo.

Amigo da onça, pensei.

A capa dele bateu em meus móveis quando se dirigiu para a porta.

– Fique pronta em dez minutos. Estarei lá embaixo, perto do prédio abandonado.

– Quinze.

– O quê? – o caçador se voltou, indignado.

– Fico pronta em quinze minutos. Dez é pouco.

Ele estava prestes a retrucar quando viu um novo brilho de determinação em meu olhar. Alguma coisa em mim estava diferente. Eu mesma podia sentir.

– Quinze – ele pronunciou num sibilo e saiu.

Fechei a porta e alcancei meu celular no bolso.

Bobby, informe ao diretor que Vincent, meu tio, voltou à universidade. Estamos indo para o prédio abandonado.

Bobby foi rápido no gatilho.

Espero que ele tenha memória curta. Fui.

Depois me lembrei de que o diretor estava na cola do Bobby por causa do incidente na sala. Meus amigos são incríveis.

Quinze minutos depois – certo, vinte, ainda fui passar creme no cabelo – e eu estava ao lado de Vincent ao pé do prédio. Se ele estava zangado com minha demora pelo menos não demonstrou. Estava

ocupado analisando a grama. Ou verificando se não pisou em nenhum cocô de cachorro.

– Vamos entrar.

– Você é quem manda – disse, seca.

Ele me olhou de soslaio.

– O que foi? – retruquei – Não manda?

Até eu ando meio surpresa com meu comportamento, mas depois que se perde – bem, me recuso a aceitar o fato ainda – o amor de sua vida, sua tendência é ficar meio azeda. Ainda mais na minha idade.

Entramos no prédio em silêncio e, se é possível dizer, ele parecia ainda mais sinistro do que o normal. Parecia que o edifício tinha perdido a humanidade também. Digamos que estava menos aconchegante.

Depois de alguns minutos de caminhada e subindo escadas, Vincent parou na frente da porta de Zack e ficou refletindo. Depois virou-se para a porta oposta, a do quarto de Dante.

– Nenhum deles está – ele inquiriu solenemente – Vamos invadir o local.

Dei de ombros.

– Isso é realmente sensato? Quer dizer, e as armadilhas...?

– Irei na frente. Sabe que um caçador não deve ter medo de nada.

Não respondi, mas pensei: não tenho medo, tenho juízo.

Tá, tenho medo. Mas é um medo justificável.

Ele deu um passo para trás e eu também. De súbito tomou impulso e investiu com toda a força contra a porta do quarto de Dante, partindo-a em dois pedaços compridos e levantando uma nuvem de poeira na sequência. Cobri o nariz e a boca com a mão e entrei logo depois dele. As armadilhas não tinham sido armadas. Que pena.

O quarto de Dante era bem maior do que parecia, com uma cama king-size no meio, um pequeno criado mudo com uma garrafa de líquido vermelho suspeito e óbvio, um tapete carmin tomando quase metade do quarto – que fixação esse cara tem por vermelho – algumas cadeiras encostadas, alguns livros aqui e ali – Jane Austen, Como treinar seu Dragão, e alguns exemplares rasgados de livros de vampiros.

– Hum, interessante – Vincent murmurou, pensativo – Dante andou fazendo algumas pesquisas...

Pesquisas? O cara rasgou os livros! Tá na cara que mais gente tem problemas com vampiros românticos ou que brilham.

Ou morre de inveja, pronto, falei.

Depois disso, Vincent vasculhou o armário de Dante com cuidado e admirou algumas roupas – ele não admitiria, mas é verdade. Depois disso fechou o armário devagar e disse com um tom autoritário.

– Não mexa em nada. É melhor que ele não saiba que alguém entrou aqui.

– Então pretende consertar a porta?

Ele olhou de soslaio a bagunça que fez e torceu o nariz.

– Não. Alguém da limpeza provavelmente o fará.

– Alôôô... não percebe que ninguém limpa esse lugar faz tempo? Todos têm medo de vir aqui! Podem não saber que são vampiros, mas...

– Ele pensará que foi Zack ou algum caçador à procura dele. Vamos embora, senhorita Jéssica.

– Mas então Dante vai saber que alguém entrou aqui...certo?

– Você faz perguntas demais.

Gente sem argumento é coisa triste.

Respirei fundo quando ele se dirigiu ao quarto de Zack.

– Por favor, não arrombe o quarto dele.

– Posso saber o motivo? – Vincent arqueou uma sobrancelha.

– Bem, se você arrombar, Dante saberá que não foi Zack que arrombou o quarto dele, pois que criatura arrombaria o próprio quarto?

Ele cogitou.

– Não conheço outra forma de abrir, você conhece?

– Já experimentou a fechadura?

Vincent torceu a maçaneta e ela realmente abriu. Zack sempre foi imprudente assim; ele se garante demais.

– Como sabia disso?

– Intuição – revesti meu melhor sorriso superior.

Ele entrou e eu atrás, lançando o olhar no cômodo que eu já conhecia de cor. Já entrei aqui várias vezes para ameaçá-lo, provocá-lo, arrastada de má (ou boa) vontade...

Não pense besteira, por favor. Eu já tentei intimidade, mas Eric sempre aparece na hora H.

Quando Vincent abriu o armário para vasculhá-lo, me toquei que nunca tivera a curiosidade para saber o que havia ali até aquele momento. Imaginei que ia ter uma coleção de roupas pretas de um lado e, do outro, roupas coloridas abandonadas.

De uma certa forma eu tinha razão, mas havia outra coisa ainda e segurei um soluço de susto.

– Sapatos?! – Vincent confirmou minhas suspeitas ao ver aqueles objetos arrumados organizadamente nos fundos.

Tentei manter uma cara confusa, mas estava muito irritada para conseguir mantê-la.

– Sapatos de mulher? – ele continuou, totalmente assombrado – Zack tem um fetiche com sapatos de mulher?

Eu quase rosnei. Não eram apenas ‘sapatos de mulher’. Era apenas um pé de vários ex-pares de sapatos de mulher. Os *meus* pares. Zack estava colecionando os sapatos que eu tacava nele. Até um tamanquinho de madeira estava ali no meio dos outros. Minha pantufa do lado do meu sapato Prada. Fiquei tentada a pegá-los de volta – meu armário estava tão escasso de sapatos que comecei a usar dois diferentes em cada pé – mas Vincent poderia desconfiar.

Ele cheirou dentro de alguns sapatos e *eu* torci o nariz.

– Parece que todos têm o seu cheiro.

Aquilo tinha sido uma afirmação seguida de uma acusação suspeita.

– O que você é? – retruquei – Um entendido de chulé? Coloca isso de volta. Com certeza ele coleciona sapatos de caçadora, oras.

– Você foi a única *caçadora* enviada para caçar Zack, senhorita Jéssica.

Eu sorri por dentro, mas não por fora.

– Bem, já deixamos bastante do nosso cheiro aqui – comentei, mudando de assunto – Vamos embora, certo?

Tentei esconder uma foto minha dormindo e babando que estava no criado-mudo sobre a cama – romântico, porém sacana – enquanto Vincent estava bastante espantado, ainda vasculhando o armário. Vou exigir que Zack devolva todos os meus pés de sapato solitários. Ele não tem direito a eles só porque os taquei.

Quer dizer, assim que o fazer voltar ao bom senso humanista.

Acompanhei Vincent na descida e topamos com o senhor Anderson e Bobby na escada um pouco antes da saída do prédio. Pelo visto o diretor tem realmente memória curta.

– O que fazem aqui? Senhorita Jéssica, o seu tio não...

– Reclama pra ele, tá? – apontei para Vincent de modo acusador.

O mestre dos caçadores adiantou-se e apertou a mão do senhor Anderson.

– A verdade, senhor Anderson, é que não estou hospedado aqui – Vincent soava assustador. Soava simpático – não tem do quê se preocupar. Aquele incidente foi simplesmente um ciúme absurdo por causa da minha sobrinha – ele me lançou um olhar desafiador que queria dizer ‘negue e te dou uma estacada no peito’ – mas não irá se repetir. Já estou me retirando. Vim aqui apenas para pedir desculpas a Zack, mas pelo visto ele não está. Voltarei mais tarde.

Vincent despediu-se mais uma vez com um sorriso discreto e saiu pela porta do prédio. Bobby e o diretor me olharam com indagação.

– É de família, sabe como é. A propósito, senhor Anderson, a porta do quarto de Dante está completamente destruída. Melhor mandar alguém consertar antes que ele volte.

Ele arregalou os olhos.

– Por que está...?

Dei de ombros.

– Tem gente que bate com muita força na porta, senhor Anderson.

Segui Vincent enquanto saía pelo jardim, um pouco reflexiva e ansiosa. Eu estava preocupada com Zack, certo. Mas também tinha medo do que toda aquela guerra poderia causar. Era bom ter a presença de um mestre por perto. Contudo meu coração batia ansioso.

Convidei as *otakus* e Bobby para irmos ao cinema terminar de ver o filme do Harry Potter que por alguma razão começou antes, mas o filme não finalizou. Eles tentaram me explicar que aquele era o filme 7 segunda parte, mas pelo amor de Deus. Por acaso o cinema me cobrou meia entrada do sétimo para que eu pudesse assistir a continuação dele depois?

Infelizmente não consegui prestar atenção no filme. Acho que vou alugar o DVD depois, porque nem a pipoca em minha boca eu estava acertando. Fiquei um bocado deprimida ao sacudir a cabeça e ver que não havia milhos nos fios dos meus cabelos. Que saudade de Zack.

Depois do final da sessão, eles estavam comparando o livro e o filme numa lanchonete, mas eu permanecia alheia à conversa. Estela me cutucou.

– Está preocupada com Zack, não está?

Quando ergui a cabeça, todos na mesa me olhavam fixamente. Ana, Bobby, Estela, Dine e Sofia. Meus amigos loucos e adoráveis que aprendi a amar justamente por serem assim.

– Está escrito na minha testa?

– Quer que eu escreva? – perguntou Bobby segurando um marcador.

– Escreva na sua, seu biruta – suspirei – Sim, estou. Eu quero muito que ele volte ao normal.

– Às vezes as coisas não são óbvias – filosofou Estela – o amor entre vocês é tão denso que quase dá para cortar com uma faca.

– Estaca – corrigiu Dine.

– Estaca não corta, só fura – replicou Sofia.

– O fato é – Aninha entrou na conversa – que você está esperando um passo dele, né, chefe?

– Como assim?

– Você quer que Zack diga que te ama.

Revirei os olhos.

– Olha, ele é vampiro, eu sou uma caçadora, ele é um babaca, idiota, sacana, sarcástico, metido...

– E inteligente! – comentou Sofia.

– E lindo – acrescentou Estela.

– E com corpo de deus grego – admitiu Dine.

– Que seja! – protestei, tentando não pensar no assunto – Mas ainda assim... não podemos ficar juntos. É como a Ariel e o príncipe Eric da pequena Sereia – instintivamente lembrei-me das palavras da

Priscila, tentando me relacionar com o príncipe.

– Mas houve uma transformação no final. E eles *ficaram* juntos.

As palavras de Bobby conseguiram o inimaginável. Silenciar a mesa.

– Foi lindo – disse Sofia.

Por dois segundos, pelo menos.

Dei de ombros.

– Que seja. O fato é que não quero ser vampira. E nem sei se é possível ele sair dessa... maldição. A verdade é que sou uma pessoa confusa de poderes confusos.

Bobby sacudiu a cabeça.

– Isso me lembra uma coisa, Jessi. Lembra quando estávamos jogando RPG? Algum daqueles poderes que figuravam nas fichas tem a ver com os seus?

– Não... nem de longe.

– Não acha isso estranho?

Dei de ombros. A única coisa normal naquela mesa eram os sanduíches. Até prova em contrário.

– O que realmente sente por Zack, chefa?

A pergunta de Dine me acertou em cheio.

– Eu... eu acho ele lindo, ué.

– Tem alguns garotos muito lindos por aqui... mas você e Zack são inseparáveis. Você quer que Zack diga que te ama... mas você já disse isso a ele?

Engasguei com meu *milkshake*.

– Ah, por favor! O ego dele é maior que o complexo da Disney! Se eu ainda disser que eu o amo, ele...

– Mas ama, não ama?

Eu abri a boca, mas não disse nada. De repente o assunto mudou para qual será o próximo filme que ultrapassará Harry Potter em bilheteria e a discussão voltou a ficar intensa. Mas eu não conseguia parar de pensar nas palavras de Estela. “Mas ama, não ama?”

Quando chegamos à universidade, Vincent estava no portão. Meus amigos entenderam minha olhada de “passem direto e não discutam” e o fizeram sem sequer olhar para trás, embora Vincent os seguisse com os olhos revestindo uma expressão de desconfiança.

– Senhorita Jéssica, uma caçadora não deve...

– Faz parte do meu disfarce. E você, por onde andou?

Ele não percebeu meu tom hostil e explicou.

– Procurando por Dante na cidade. Se ambos dormiram fora, deve haver um lugar secreto. Os vampiros com certeza se estabeleceram por aqui, aguardando a ordem de ataque. Então, procurei pelo covil.

– Zack... Zack se uniu a eles. Não sei se vão ficar por aqui por muito tempo.

A verdade daquele fato me acertou em cheio. Coloquei a mão no meu coração por instinto.

– Suponho que não – disse Vincent, estudando minha reação por alguns segundos – Zack não costuma ficar mudando de cidade. Ele se estabelece por um bom tempo; só tem se mudado por causa do acordo de Dante.

– Espera... então você também sabe do acordo?

Ele não respondeu, mas senti que estava escondendo alguma coisa.

– Bem, você havia me dito que o Conselho não sabia que os vampiros têm atacado Zack por...

– Realmente o Conselho não sabe – seu sorriso pareceu sarcástico – *eu* sei. Mas não importa. O fato é que Zack continuará por aqui, se algo o estiver prendendo. E esse algo serei eu. Ele vai querer uma



revanche. E estarei lá para enfrentá-lo.

Metido. Convencido. Insuportável.

– Então... a senhorita Jéssica sabe onde fica o covil dos vampiros?

– Não. Não sei não. Não mesmo.

Soei nervosa demais. Vou fazer um curso de teatro.

Ele não perguntou novamente, mas fechou a cara e retirou a besta por baixo da capa que carregava.

– Espero que realmente não saiba. Enquanto vou preparar uma armadilha para eles, fique quieta na universidade. Eu disse que Zack era muito mais perigoso do que parecia. Mas não tema – ele carregou a arma – darei cabo dele em dois tempos.

Ele seguiu em frente, me deixando totalmente para trás. Não iria segui-lo desta vez. Eu tinha uma tarefa importante.

Johnny se aproximou de mim.

– Não vai impedi-lo?

– O que posso fazer? – perguntei, como os olhos fixos na capa de Vincent indo para o fim da rua – Preciso de ajuda séria.

– Bem – ele deu de ombros – se você tiver os maiores caçadores do Conselho ao seu lado, creio que poderá subjugar Vincent.

Eu sorri.

– Você está do meu lado, certo?

– Ah, senhorita Jéssica – ele me retribuiu com um sorriso torto – não sou mais um caçador do Conselho, mas a ajudarei da melhor forma que eu puder.

– Obrigada – dei-lhe tapinhas no ombro – então vou contatar os próximos dois maiores caçadores do Conselho.

– Com certeza não será difícil contatar o seu pai, o embaixador – ele me deu uma cotovelada, rindo.

– É... mas papai, o embaixador não ficará muito contente com o que vou falar.

– Boa sorte, então! Qualquer coisa, você sabe onde me encontrar.

Ele deu um pequeno adeusinho e entrou em sua casa, que ficava ao lado da portaria. Eu tinha que lutar por todos eles. O que Vincent faria se descobrisse que Johnny era um caçador desertor? – bem, não totalmente, mas com certeza fugiu da obrigação. E por que raios o Conselho não me informou da chegada de Vincent?

Tá, eles avisaram, verdade. Mas sempre costumam me enganar/ameaçar por email. Virou moda assustar caçadoras desavisadas? Talvez eles simplesmente tenham desistido de mim.

Hum, não, minha conta bancária diz que ‘ainda não’ embora eu tenha recebido uma chamada de ‘faça alguma coisa de útil antes que seu salário seja suspenso’.

Preciso informá-los de que Zack tem cócegas.

Pode não ser muito útil, mas sabe-se lá o que eles podem fazer com essa informação?

Voltei ao quarto, joguei os sapatos para o alto, coloquei leite para Christie e comecei a digitar o número que já conhecia de cor.

– Alô? Oi, mamãe...

# Contei tudo pra mamãe



– Minha querida! Que bom ouvir notícias suas! Como você está? Querido, é a Jessi! – ela gritou no telefone para papai e tirei o ouvido bem na hora.

– Estou... estou indo, mamãe. Como está Pterówski?

– Ele está bem, pulando o muro como sempre. Ontem voltou com um coelho na boca, mas não se preocupe. O coelho está bem. Mas você parece tão tristonha... está tudo bem mesmo? Aconteceu alguma coisa? E Zack, como está?

– Perdendo a humanidade – dei um grande suspiro quando me dei conta do que acabara de falar – Ele não se lembra mais de mim.

– Ah, meu anjo... Isso iria acabar acontecendo. Ele é poderoso demais e sua humanidade, bem... já tem durado muito tempo. Não é culpa sua.

Eu contei a mamãe simplesmente tudo. Na verdade, nem sei porque demorei tanto para contar. Desta vez era simplesmente para provar a ela que era culpa minha, sim. Conte sobre minha morte e volta, sobre Eric, Vincent, sobre as brincadeiras de Zack, as *otakus*, Johnny, os sapatos que comprei na liquidação, os vestidos que comprei a prazo e meus sapatos de um pé só que meu vampiro colecionava no armário.

Vai ser o interurbano mais caro de toda minha vida.

Mamãe ouviu tudo sem me interromper um só minuto, mas também não dei oportunidade nenhuma. Ao final do meu relato, ela deu um suspiro.

– Ai, minha nossa, minha pobre filhinha... ai, coitada de mim.

– Coitada de você por que, mamãe?

– Porque vou ter que repetir tudo para o seu pai. Bom, mas olhe, querida, deixe então Vincent cuidar de tudo. Se Zack perdeu a humanidade ou está para perder, ele também se tornou perigoso para os de sua raça. Será melhor para todos...

– Não dá, mamãe. Não posso deixar pra lá.

– Ora essa, e por que não?

– Porque eu o amo, mamãe. Eu amo Zack.

Houve um silêncio tenso no telefone. Poderia jurar que mamãe falou um palavrão baixinho, mas pode ter sido minha imaginação.

– Seu pai vai ter um acesso de tosse.

– Eu sei – suspirei – mas me sinto melhor agora.

– Ah, querida... eu preferia que você tivesse se apaixonado por um maconheiro, mas enfim... acho que está no sangue.

– O que está no sangue, mamãe?

Ela ficou muda de repente.

– Mamãe?

– Não é nada. Aqui, fale com seu pai.

– Não, melhor não. Mas mamãe, eu também queria saber o motivo dos meus poderes serem tão estranhos. Sabe me dizer alguma coisa a respeito disso?

Novamente minha mãe ficou muda no telefone. Isso só queria dizer uma coisa: EPA.

– Jessi, querida... tem algumas coisas que seu pai e eu precisamos te contar.

– DIZ QUE VOCÊ NÃO TÁ FALANDO SÉRIO.

De repente ouvi um barulho do outro lado do telefone. Meu pai havia pegado o fone.

– Jessi, filha – falou, com sua voz séria – estamos indo para aí.

– Se acha melhor... mas não esqueça que você é um embaixador.

Meu pai soltou um palavrão baixinho, mas desta vez eu escutei.

– Ah, papai...antes que eu me esqueça...

– Sim?

– Traga uma escopeta. Vincent está por aqui tocando o terror.

– Detesto esse cara. Tudo bem – ele voltou a voz para longe do fone – querida, pode limpar meu fuzil...pode ser a espingarda também. Ou melhor, acho que minha besta é a melhor solução.

Depois voltou ao fone.

– Não se preocupe, filha. Não vou usar contra Vincent.

– Agora você me deixou frustrada, papai.

Depois que me despedi e desligamos, resolvi que devia fazer alguma coisa pra variar. Decidi que era hora de assistir aula, depois de já ter faltado alguns dias. Eu sabia que não conseguiria prestar atenção em nada – não só por não entender nada da matéria em questão – mas porque estava preocupada com Zack. Se ele ainda pode recuperar sua humanidade, será que Vincent poderia impedir isso, despertando o que há de pior nele? Afinal, o mestre caçador faz parte do passado negro do meu vampiro caçado.

Trombei com Aninha no corredor; ela me deu um sorriso, pegou minha mão e me levou para aula sem dizer nada. As *otakus* se juntaram a mim momentos depois e entramos juntas na sala.

Eu realmente amo aquelas meninas. Principalmente pelo fato de elas não terem aquela aula comigo, e estarem se arriscando assim mesmo. Só pra me deixarem melhor.

Ou poderem ficar fofocando sobre anime no fundo da sala, porque esse professor em questão é distraído feito borboleta em copo de vidro.

Não sei quanto tempo a aula durou. Vasculhei meu celular em busca de mensagens e depois minha mente em busca das telepatias de Zack e nada. Tenho quase certeza que ontem à noite eu ouvi uma voz fraquinha chamando meu nome, mas ultimamente minha imaginação está de matar.

Literalmente: fico sonhando que estou caindo de penhascos, sendo afogada por ondas, mas, graças a Deus, ultimamente nada de sonhar que estou andando nua por aí.

Ouvi um miado agudo. Ai, não, Christie. Agora não é hora, sua gata estúpida.

– O que foi isso?

Se até o professor distraído escutou, estou realmente com problemas.

– É um gato, professor – um aluno acusou ter descoberto a América.

– Eu sei que é um gato – ele retrucou, aborrecido e foi olhar pela janela – mas quero saber por que ele está miando aqui embaixo.

– Ah, vai saber – dei de ombros, tentando ignorar o miado zangado – por que não continuamos essa maravilhosa aula de... Essa aula, e ignoramos o pobre animal? Ele só deve estar com fome.

Apesar de ter tomado um pires gigante de leite antes de sair, gata vira-lata de uma figa.

O professor deu de ombros, mas os miados estavam cada vez mais altos e insistentes. Christie estava

realmente aflita e comecei a cogitar se não deveria sair para vê-la. Mas ao que parece a gata tinha outros planos.

Ela pulou para a árvore na frente da sala, escalou e pulou para dentro, direto para o meu colo. Não bastando, ainda enfiou as unhas na minha blusa de cashmere novinha.

– M.I.A.U!

Ela protestou, olhando-me direto nos olhos. Parecia realmente pau da vida por eu tê-la ignorado.

– Eca, tipo assim – Linda falou, ainda mais agudo que minha bichana – é um gato?

– Não, é um mini-casaco de pele ambulante – retruquei.

– Ai, cruze, Jéssica – Linda protestou, revirando os olhos exageradamente e mexendo no cabelo, com o nariz torcido – não precisa ficar bravinha só porque seu namoradinho faltou.

Agora eu chiei alto junto com a Christie.

– Vira as garras pra lá, pirralha enjoada! – protestei, com os nervos a flor da pele – Professor, posso sair para dar leite para essa gata esganada?

A sala inteira me fitava em silêncio. Eu não podia evitar. Zack realmente mexia comigo; nunca mais fui a mesma desde que ele entrou em minha vida. Não consigo deixar mais nada barato.

Joguei um olhar para o professor que queria dizer: ‘eu tive a doçura de perguntar, mas darei o fora da sala mesmo que ouse dizer não’. Ele acenou positivamente entendendo a deixa, então me ergui com Christie ainda pendurada como enfeite de natal na minha barriga e saí, parecendo uma doida.

Conforme eu ia me retirando para a saída do prédio, a gata me agarrava como se eu fosse uma tábua de salvação. Estava aflita com o que quer que estivesse acontecendo lá fora. Eu ia resolutamente para a direção que ela temia e chequei meu calendário no relógio.

TPM. Data perfeita. Não só é o dia em que não temo coisa alguma como também eu me revisto de uma coragem e ousadia que não tenho, para me arrepender só mais tarde.

Assim que senti o vento cortante na minha pele e nos meus cabelos, mantive a expressão dura. Nada poderia me abalar. Nada.

Só ele. Aquela figura despreocupada e esguia que caminhava em direção ao prédio. Zack.

Desta vez ele não estava usando preto. Vestia um sobretudo branco, o mesmo que havia usado no dia em que nos conhecemos, uma afirmação de que ele sofre de perda de memória recente. Meu vampiro mudara outra vez. Por dentro e por fora.

Mas eu não. Eu mudara pra sempre desde que ele entrara em minha vida. Comecei a desejar mais pra mim mesma, me cuidar mais ainda, gastar um pouco menos (porque eu vi que não fazia sentido gastar com livros e meias-calças já que ele as destruía de qualquer forma) ... E não ia permitir a saída dele da minha vida agora que já tinha feito um estrago nela. Ah, não, senhor.

Era Zack quem Christie temia. Ela estava apavorada com a presença dele, mesmo de longe.

Assim que dei um passo no jardim, Eric materializou-se ao meu lado. Eu não ia me assustar, mas Christie quase me deu um ataque do coração. Ela pulou pra cima da minha cabeça como se ao meu lado tivesse surgido o Freddie Krueger.

Um Freddie Krueger tremendamente gato.

– Você não está pensando em falar com ele, está? – ele indagou com uma calma de matar. Com o perdão do trocadilho.

– Você...

– Sim, fui chamado. Alguém deve partir essa noite e você sabe que eu adoraria levá-la, não é?

Engoli em seco.

– Zack iria me...?

– A perda da humanidade está deixando-o com sede. Ele a mataria antes que pudesse reconhecê-la,

mesmo que por breves instantes. Fique longe dele, senhorita Jéssica.

– Zack está indo para o prédio dele, está vendo? Não é intenção dele caçar, pelo menos aqui.

– Ele vai atacar qualquer coisa que passar em seu caminho. Veja aquilo.

Zack estava andando ao longe como se não visse nem a mim nem a Eric ou estivesse nos evitando. Ao mesmo tempo eu via uma figura passando apressada do lado inverso, como se houvesse saído do ginásio e estivesse atrasada para a aula. Ele não viu Zack, mas percebendo os movimentos tensos da minha caça, o vampiro o havia pressentido.

Rick. Aquela era a figura saindo do prédio, provavelmente por causa de um treino de última hora. Ô garoto para aparecer nas piores horas. Até no começo da história eu o atropeliei duas vezes.

Eric saiu do meu lado. Ele ia levar a alma daquele desavisado, antes que eu pudesse impedir.

Mas eu iria. Rick era apenas um adolescente irritante e metido, mas apesar de tudo era uma pessoa cheia de sonhos.

Invadi a mente de Zack tentando usar de telepatia, mas uma barreira mental me impedia de alcançá-lo. Ainda assim ele parou por breves instantes e olhou ao redor.

Isso deu tempo a Rick de passar pelo caminho do meu vampiro rapidamente, ignorando-o. Provavelmente ele ainda não percebera que era Zack, ou teria parado na sua frente exigindo satisfação ou uma explicação pela noite em que foi ferido.

Ou não, já que Zack bateu no time todo dele uma vez.

O vampiro não gostou da minha interrupção, pois desta vez me fitou ao longe de rosto franzido, mas voltou a avançar na direção de Rick, que já estava de costas. Apressei-me e coloquei-me em seu caminho. Christie já estava a cinquenta quilômetros de distância.

– Humana... saia do meu caminho – ele sibilou.

– Por que quer que eu saia? Não sou uma humana qualquer? Por que não me ataca? – epa, mude de estratégia, Jéssica – Algo te impede de me atacar, não é?

Ele deu um sorriso aberto, com os caninos à mostra.

– O “algo” que me impede de te atacar pode ser facilmente ignorado.

Meus joelhos tremiam, mas eu forcei-os a se lembrarem de que eu estava de TPM e agora minha força também era sobrenatural.

– Você encontrou-se com Vincent?

A menção deste nome fez seus olhos se arregalarem e suas presas ficarem mais à mostra.

– Você é uma caçadora!

Refleti por um instante na época em que nos conhecemos. Eu havia revelado que era uma caçadora de vampiros e tudo o que ele fez foi tirar sarro da minha cara. Mas este Zack à minha frente estava mais violento, mais sedento por sangue. O padre disse que eu o havia conhecido no momento em que estava mudando, e que eu havia sido a responsável por sua continuação. Mas e agora? Também sou responsável por isso, embora não quisesse admitir. Ele se tornou pior...para me proteger.

Mas agora quem me protegeria dele?

– Não lembra mesmo de mim pelo visto – mantive meus olhos num ponto acima da cabeça dele, pois sabia que seu olhar podia me hipnotizar – e sim, sou. Mas éramos amigos – omiti a palavra “namorados” de propósito. Não queria que ele me olhasse com nenhum tipo de desdém, o que na TPM iria simplesmente acabar comigo.

– Eu não sou amigo de ninguém do Conselho – ele retrucou com desprezo.

– Bem, eu não sou amiga de Vincent. E posso ajudá-lo a se safar das armadilhas dele.

Ele soltou algo que pareceu ou um rosnado ou uma risada.

– Eu não confio em você – foi sua resposta.

– Que seja – dei de ombros – mas eu posso provar. Posso descobrir os planos de Vincent e te avisar.

Certo, me senti a pior das traidoras neste exato momento. Mas eu sentia saudades de Zack. E já havia admitido: era totalmente louca por ele. Afinal, a gente faz besteiras quando está apaixonado.

E olha o tamanho da besteira que eu estava fazendo agora.

Ele virou a cabeça como se estivesse me avaliando e seus olhos emitiram um brilho pálido. Estava ponderando se valia a pena se arriscar. Então abriu um sorriso sem mostrar os dentes.

– Vamos ver como você poderá me informar sem cruzar o meu caminho.

Eu acenei com a cabeça. Ou ele pensou que eu poderia ser útil ou achou que eu não representava nenhum risco.

Aposto 10 pratas na segunda opção. Não, vinte.

O vampiro passou por mim, deixando o ar ao meu redor gélido e meu coração apertado. Seguiu direto para o prédio, sem olhar para trás. Imagino se Dante também voltará ao prédio ou ficará com os bandidos. E também fico pensando... o que Zack teria para fazer em seu quarto? Ou ele simplesmente não queria se misturar completamente com os outros da raça dele? Isso me daria uma esperança.

Percebi que ando refletindo demais esses dias. Antigamente a única coisa que me fazia refletir era o espelho do banheiro.

Eu sei, essa foi péssima. Não se preocupe, não largarei o meu emprego de caçadora de vampiros para ser comediante. Ah, espera, também nunca matei nenhum vampiro, então em breve serei forçá-la a largá-lo. Alguém irá fazer isso por mim.

Demissão.

Quando Zack sumiu na escuridão do prédio, Eric reapareceu ao meu lado, e Christie diminuiu a distância de mim em dois quilômetros.

– Então você não levará ninguém hoje, certo? – arrisquei, esperançosa.

Ele abanou a cabeça pesarosamente.

– Aqui não, mas Vincent eliminou dois vampiros. Tive que carregar suas almas. E você, está bem?

– Bem que você podia já saber por alto onde e quem teria que levar. Isso ia facilitar a vida. Pensei que Zack iria matar a Rick ou a mim.

– E iria. A intenção dele mudou no último instante. Está se arriscando muito, senhorita Jéssica, mas não vou dizer que não estou gostando.

Sádico.

– Não, não sou.

Ele continua lendo meus pensamentos, que saco.

– Não posso “continuar”, já que nunca parei – ele retrucou sorrindo.

Bufei e me resignei. É a vida. Ou morte, tanto faz.

O dia seguinte foi uma tortura. Vincent apareceu na porta do meu quarto às oito da madrugada. Quer dizer, tudo bem que Zack não me atrapalha mais para dormir e não tenho absolutamente nada pra fazer a noite inteira de útil, mas não dá pra dormir numa boa. Alguns hábitos são difíceis de largar e Zack quase me transformou numa coruja.

O mestre caçador me fez tomar aulas de autodefesa – apanhei horrores, parecia que tinha voltado às minhas aulas de tae-kwon-do e balé – depois recebi uma aula exagerada de como me alimentar melhor, que não vou mudar nadinha, desculpe, mas estou tensa demais para dispensar doce. Depois tive que aturar seu sarcasmo em uma explicação detalhada sobre vampiros não terem emoções e não poderem se apaixonar nunca e blábláblá. Acho que ele só tava tirando sarro da minha cara.

De qualquer forma, não vou dizer que não foi proveitoso. Afinal, ele me dava detalhes dos planos

dele sobre como iria localizar o covil dos vampiros sempre me fazendo a pergunta: “a senhorita tem certeza que não sabe onde é?” ao que eu sempre respondia: “não faço ideia do que está falando. Ei, aquele não é o Brad Pitt?” ou “Acho que você perguntou para a pessoa errada. Posso ir ao banheiro agora?” ao que sua única resposta pra as duas perguntas era um altíssimo: “NÃO”.

Infelizmente os treinos começaram a ser todos os dias e conseqüentemente eu estava exausta quando as aulas começavam. E nada de Zack voltar à universidade. Já sentia que as pessoas estavam cochichando baixinho e acabei ouvindo boatos de que Zack e eu havíamos terminado. Não deixa de ser verdade, mas o que interessa a esses fofoqueiros? O fato é que Linda e suas amigas voltaram a me olhar de cima novamente, como o fato de não ter Zack mais ao meu lado significava que eu voltava a ser um zero à esquerda.

Só que meu olhar para elas mudara. No começo, quando eu acabara de entrar na universidade, eu evitava. Agora estava louca por um ‘mano a mano’. E, sinceramente, não estava nem mais ligando para apanhar. Aqueles treinos tinham que valer para alguma coisa, oras. Eu não tinha talento para matar vampiros, mas e pra quebrar unhas de chefes de torcida? A gente nunca sabe, certo?

Sempre que Vincent ia embora para caçar, eu corria pra o quarto, escrevia em um bilhete rosa todos os planos dele e ia ao quarto de Zack, deixar o bilhete embaixo da porta. Isso era entre 4 e 5 da tarde, então não corria o risco de encontrar nem Dante nem Zack, mesmo que estivessem desaparecidos há algum tempo.

Isso se estendeu por alguns dias. Acredito que tenha sido por uma semana ou duas, mas cada hora longe de Zack me deixava louca. Eu admito. Queria ser atormentada, irritada, acordada, mordida. Nunca ninguém me dera tanta atenção antes e eu precisava daquilo de novo.

Eu só sabia que Zack ia ao quarto para ler meus bilhetes depois que Vincent voltava reclamando que fora surpreendido. Dizia que os vampiros estavam sempre à frente dele e o mestre nunca cruzava seu caminho. E, quando o fazia, já parecia estar por dentro dos seus planos e o atacava. Eu tentava acalmá-lo tentando dizer que Zack devia ler seus pensamentos ou coisa assim, mas Vincent só me ignorava e resmungava.

Bem, talvez você deva estar pensando “você não se sente culpada?” e a resposta é... óbvio que não! Que pergunta boba, hein? Vincent merece a frustração por cada músculo doído que está latejando no meu corpinho sedentário agora.

O caçador estava mais cruel nos treinamentos a cada dia que passava e mandou-me escolher uma arma para treinar. Como eu não me decidia, me fazia pagar cem flexões. Cara louco. Como se não bastasse, ainda me fazia correr por dez minutos! Sem parar! A única coisa em que eu pensava era: “vou estar linda quando Zack voltar ao normal, vou estar linda quando Zack voltar ao normal...”

Um dia, acho que depois de eu ter perdido uns cinco quilos, Vincent pareceu estar feliz nos treinos. Os pesos não estavam tão puxados e as séries já haviam baixado para quatro, em vez de dez, o que desta vez não iria levar o dia todo. Achei que o caçador devia ter arrumado uma namorada.

– Por que a animação, Vincent? – perguntei, enquanto ele lustrava sua besta pela décima oitava vez – Não vá me dizer que tem um encontro esta noite!

Ele me fitou de esguelha, não querendo diminuir o sorriso discreto, mas não querendo desperdiçá-lo comigo.

– Não perco tempo com essas frivolidades. Vivo para caçar vampiros e só. Zack é minha meta. Que coincidência. A minha também, mas por diferentes motivos.

Eu quero casar, ele quer caçar.

– Bem, então por que a alegria estampada no rosto?

Aquilo foi maneira de dizer. Só percebi que Vincent estava sorrindo porque seus lábios estavam

levemente contraídos numa curva suave para cima, mas também podia ser botox.

– Descobri onde é o covil dos vampiros.

Tentei não parecer chocada demais.

– Não me diga? – eu disse, colocando as mãos no rosto querendo tampar minha expressão. Ainda assim acho que meus olhos me denunciavam – E onde é?

– Em um galpão abandonado, até um pouco perto daqui. Era no local de um antigo bar...muito conveniente.

Engoli em seco e disfarcei com um sorriso.

– Bem, e o que você armou desta vez?

Ele me dirigiu um olhar desconfiado e sinistro.

– Desta vez serei prudente, senhorita Jéssica. Não compartilharei com ninguém.

– Você está desconfiando de mim? Zack nem aparece mais na universidade!

Com exceção do fato dele aparecer só para ler as mensagens que deixo embaixo da porta.

– Não posso mais arriscar. Mais dez voltas em torno do prédio da universidade e chega.

– Em torno da universidade inteira?

–Acho que isso é óbvio. Vou sair agora para preparar a armadilha no covil e desta vez, matarei a todos de uma vez sóEspero que desta vez eu o pegue.

– Tem certeza? Pra que a pressa? Zack vai viver...ou durar mais que você de qualquer forma!

– Corra, senhorita Jéssica – ele me cortou, dando-me as costas e recolhendo suas coisas – devo demorar. Provavelmente não estarei aqui quando terminar sua volta.

– Nem eu, digo, provavelmente não devo encontrá-lo. Boa sorte.

Assim que ele sumiu de minha vista, chequei o relógio. Eram cinco horas da tarde. Ainda daria tempo.

Fui direto para o quarto, acompanhada por Christie que se mantinha longe de mim durante todo o treino. Vai ver estava com medo de Vincent colocá-la para treinar também.

Escrevi meu bilhete rosa característico. O bilhete era simples, mas um pouco mais íntimo desta vez:

Sei que não confia em mim, mas eu tenho te avisado antecipadamente dos ataques de Vincent, não é? De qualquer forma, por favor, não vá para o covil esta noite! Por favor, desta vez a armadilha é séria, mas não sei exatamente o que é. Eu sei que gosta de desafiar Vincent, mas desta vez ele não quer uma luta corpo a corpo... por favor...

## PARAGUAIO

Eu sei, eu sei. Não tinha necessidade de escrever essa piada imbecil, mas quem sabe isso possa ajudá-lo a lembrar alguma coisa?

Depois disso, saí de lá depressinha. Não olhei para trás e fui direto para o quarto, esperando ansiosa que ele chegasse mais cedo para ver o bilhete e de forma alguma aparecesse no covil. Eu estava com o coração na mão.

Bem, é forma de dizer, mas meu coração realmente tentava de todas as formas sair pela boca sempre



que possível.

Ansiosa demais para ficar e assistir aulas ou simplesmente ficar no quarto e esperar pelas meninas me forçarem a assistir anime, troquei de roupa – coloquei apenas uma calça jeans e uma blusinha da Tommy rosa com casaquinho combinando – peguei minha bolsa e saí para o jardim. Uma volta fora da universidade ia me fazer bem. Os vampiros não estavam atacando mais; provavelmente a presença de Zack e Vincent era suficiente para colocá-los nos eixos, mas eu não estava satisfeita.

Johnny torceu o nariz para minha ideia de sair da universidade outra vez, mas acho que meu olhar depressivo devia tê-lo tocado de alguma forma. Ele abriu a porta um pouco, com uma severa recomendação de que eu não demorasse. Eu sorri, aliviada por não ter sido barrada e saí pra noite.

## Para sempre



Fiquei umas duas ou três horas fora, na verdade. Estava começando a escurecer. Entrei num café, tomei alguns cappuccinos, depois saí para o mercado, comprei leite pra Christie... eu sou uma inútil mesmo. Meus pais que me perdoem, mas por que raios o Conselho achou que, se sou filha dos maiores caçadores de todos os tempos, eu seria geneticamente a melhor caçadora? Quer dizer, vamos olhar bem para o meu DNA. Quer confusão maior que essa? Um milhão de coisas horríveis e importantes acontecendo ao meu redor e a única coisa em que penso é em comida. A verdade é que não sei lidar com as situações...às vezes acho que me desligar da realidade é uma saída, mas...não é isso que a gente faz? Procura a saída mais fácil? Para alguns são as compras, para outros, os jogos, outros, os livros...eu, a comida?

Um sentimento doído tomou conta de mim. Estou fora da realidade. Da minha própria realidade, da realidade das outras pessoas, da realidade do Conselho. O que Zack viu em mim? Sou uma deslocada mesmo. Eu fujo porque não quero aceitar...

Acho que ele gosta de pessoas assim. Afinal, ele mesmo deve pensar que não faz mais parte desse mundo. Somos dois deslocados, olha que fofo. Só que não.

Enquanto refletia sobre isso, não sei por que me senti atraída para aquele lugar. Não estou falando do covil dos vampiros, óbvio que eu não me sentiria atraída por um local que continha bandos de assassinos, mas de um local que Zack e eu costumávamos frequentar quando ele pretendia me humilhar.

O bar de karaokê.

Ele sempre me fazia decorar uma dúzia de músicas pra nós cantarmos juntos, embora só aproveitássemos umas duas ou três. Depois ele dava um show – literalmente falando – e todas as mulheres saíam dando suspiros e os homens falando “ele deve ser gay”. Eu sentia um misto de inveja, ciúme e orgulho. Minha vontade era de dizer no microfone: “posso não mandar tão bem quanto ele, mas ele é meu, então pronto”.

Sentei em uma cadeira nas mesas na frente do bar e aceitei tomar uma dose, embora minha tolerância fosse bem baixa. Algo do tipo: uma dose – sonolência. Duas doses – ataque de riso e depois cara enfiada na sopa acompanhada de sono profundo. Três doses – acordar na fonte da praça usando uma saia de cigana, top e um enfeite de mesa na cabeça.

Não estou dizendo que isso já aconteceu. É só uma suposição muito provável.

De qualquer forma, estava tão distraída com meus pensamentos que não havia percebido quando ele chegou. Só sei que quando virei para o bar, esperando pedir outra dose e uma sopa para ter minha cara enfiada nela, eu o avistei.

Zack estava lindo, usando uma blusa social branca, mas de seda, uma calça preta e botas até os joelhos. É bom ver que, apesar de ter perdido a humanidade, meu vampiro não perdeu o bom gosto. No entanto parecia esgotado, ou aborrecido. Parecia que relutava em estar ali. Os vampiros que o acompanhavam riam, me fitavam com dúvidas, apontavam para prováveis vítimas, mas eu não os via diretamente. Meu foco estava nele. Zack precisava voltar à humanidade para eu recuperar a minha

sanidade.

Ele permanecia calado e inexpressivo, encostado no balcão. Eu já havia tentado chamar a atenção dele de todas as formas que conhecia, mas nada. Nem uma reação, nem um esboço... parecia que evitava olhar para mim deliberadamente.

Subitamente eles levantaram-se como se estivessem sob uma ordem direta e começaram a caminhar para os fundos. Essa não. A armadilha de Vincent já devia estar armada. Zack não podia voltar ao covil. Eu tinha que segurá-lo aqui; tinha que fazê-lo sentir minha presença.

Era minha última chance. Sei que ainda deveria haver um traço de humanidade em Zack e não estava disposta a desistir. Subi no palco do karaokê, olhando fixamente para os vampiros do outro lado. Engraçado como riam e se divertiam como se todos ao seu redor não fossem humanos que eram só alimento para eles.

Bem, talvez fosse por isso que eles riam e se divertiam.

Percebi olhos me fitando com irritação até que vi um rapaz meio baixinho repetindo o que devia estar falando há pelo menos dois minutos.

– Vai cantar o quê?

Não sei o que me deu. Talvez por saber que Zack não era mais meu namorado ou que eu devia continuar solteira para o resto da vida. Talvez porque eu não tinha muitas músicas encabeçando meu repertório ou seja essa a que eu mais canto no chuveiro. Mas o fato é que um minuto depois eu estava no centro do palco cantando “All the single ladies” da Beyoncé.

“Todas as moças solteiras”...é, não tem melhor descrição pra mim.

O fato é que não canto mal. Até ganhei um ou dois concursos de canto pela vida e acabei levantando o público. Os vampiros pararam de se dirigir para a saída porque tinha muitas mulheres se jogando pra cima deles balançando a mão esquerda exigindo um anel. Eles pareceram um pouco sem graça, mas as vampiras acabaram entrando na brincadeira e todas começaram a dançar em volta. Parecia uma oferta de paz, pelo menos alguns minutos de calma.

Todos, menos Zack, estavam dançando e se jogando. Ele estava fitando o chão de braços cruzados e agora parecia irritado. Mas sequer se moveu.

A música acabou e todo mundo me fitava com expectativa. Eu não queria mais cantar, mas não sabia o que fazer. O rapaz estendeu a mão para me tirar o microfone e eu segurei com mais força. Zack deu as costas e começou a se dirigir para a saída. Ele ia embora.

– Não, espera... só mais uma.

O rapaz deu de ombros. Pelo menos eu não era uma histérica qualquer no palco. Isso porque eu estava controlando meus poderes, pois se quisesse...

Tentei refletir no que podia tocar a humanidade de Zack lá no fundo. Lembrei-me de que ele gostava de musicais – acredite se quiser – e que tinha um em especial que ele era vidrado. Mas qual? Já fizeram musicais de tudo nessa vida. Se bobear até da vida de Arnold Schwarzenegger.

– Moça?

Espera... eram duas bruxas... ou uma era verde, algo assim...

– Moça, há outras pessoas aqui que...

– Wicked! – gritei, subitamente lembrando-me do musical e da música em particular – *For Good!* É o nome da música!

Zack queria que essa fosse o ‘tema’ do nosso namoro. Disse que fazia todo o sentido e me fez escutar aquela mesma música por horas a fio. Literalmente, passei a madrugada inteira ouvindo – para que um dia cantássemos juntos. No dia, aquilo me irritou, mas me fez rir horrores. Hoje era minha única chance.

Nunca havia realmente prestado atenção na letra... até aquele momento. O instrumental começou, e Zack parou subitamente. Contudo permaneceu fitando o chão, sem voltar o olhar na minha direção.

Respirei fundo, me imaginei uma diva e comecei<sup>[3]</sup>.

*Eu ouvi dizer  
Que as pessoas entram em nossa vida por uma razão  
Trazendo algo que devemos aprender  
E somos levados  
Àqueles que nos ajudam mais a crescer  
Se os permitimos  
E os ajudarmos também.  
Bem, eu não sei se acredito que é verdade,  
Mas eu sei que sou quem eu sou hoje  
Porque eu conheci você.*

Zack estremeceu. Parecia que havia um duelo dentro dele. Uma força o impedia de levantar a cabeça para me fitar, mas lentamente seu olhar foi procurando o palco. As pessoas estavam em completo silêncio. Então ou eu não estava desafinando ou estavam se perguntando de onde seria a música e porque eu não estava cantando Britney Spears.

*Como um cometa puxado pela órbita  
Ao passar pelo sol  
Como um riacho que encontra uma rocha  
A meio caminho da floresta  
Quem pode dizer se eu mudei pra melhor?  
Mas porque eu conheci você  
Eu mudei... para sempre.*

Seu olhar encontrou o meu. Subitamente eu vi ali. Sua humanidade. Meu Zack sacana e sádico de sempre. Minhas noites mal-dormidas, minhas notas baixas, minhas faltas nas aulas, meu desejo de matá-lo e beijá-lo.

Ele abriu os lábios e pronunciou meu nome em silêncio. Eu estava prestes a pular do palco e gritar de felicidade, mas algo entrou em nosso caminho. Dante surgiu como uma sombra saída de algum lugar do inferno e se colocou no meio de nós dois. De súbito, agarrou Zack pelos ombros e o puxou depressa pelos fundos, sendo seguido então pelos vampiros que até aquele momento não estavam entendendo nada do que se passara.

Abaixei o microfone. Minhas esperanças passaram por aquela porta. Não havia motivo para continuar cantando. Não havia motivo nem para levantar da cama agora.

Sei que estou sendo dramática, mas vamos combinar – o que eu tinha agora? Zack ia voltar para o covil. Não me sentia nem consolada sabendo que Dante iria junto.

Entreguei o microfone para o rapaz confuso que não entendia porque eu não terminava a música e até escutei uns protestos vindos da plateia. Agradei com um sorriso e expliquei que havia esquecido a letra. Desci do palco quase não vendo um palmo à minha frente. Meus olhos estavam tão marejados que quando fui pagar a conta tive que piscar os olhos duas vezes para ver que havia dois zeros a mais nela.

Depois de xingar o barman e pagar a conta resmungando, saí para o relento, tentando pensar nas possibilidades que eu tinha pela frente.

Onde meus pais estavam afinal? Ah, eu sei, toda vez que mamãe vai viajar ela demora umas duas semanas para poder se arrumar. Isso inclui decidir o que vai levar (na verdade o que vai deixar), conseguir malas para colocar tudo, convencer papai de que tudo aquilo é realmente necessário e papai conseguir colocar tudo no porta-malas do carro. Normalmente sobrava pra mim, que ia atrás, segurando duas malas nos braços, uma bolsa no colo, e equilibrando o pacote atrás do banco para não cair na minha cabeça.

Bem, agora que estou aqui eles devem ter mais espaço, embora desta vez as coisas cheguem meio quebradas.

Quando estava cogitando se devia passar de novo no mercado e comprar um pote de dois litros de sorvete pra tomar de uma vez, senti uma presença forte atrás de mim. O vento estava gelado e a rua deserta, obviamente, porque quando me estrepo, me estrepo com classe.

Mas eu já me acostumara a sentir aquela presença. Eu costumava senti-la quase todos os dias. Virei para encará-lo. Ele estava de pé, me olhando fixamente, me avaliando. Seus olhos já não continha mais traços daquela humanidade que eu havia notado antes, mas pareciam confusos. Novamente aquele azul amarelado, como se não conseguisse decidir a cor que devia assumir.

– Por que... – ele quebrou o silêncio – você mexe tanto comigo, humana?

Eu não respondi nada. Ele deu mais dois passos lentos na minha direção. Fiquei alerta, esperando o aparecimento de Eric a qualquer instante.

– Por favor – minha voz saiu como um fio – não vá para o covil esta noite.

Ele deu um sorriso, sem mostrar os caninos desta vez.

– O que me impediria? Esta briga é entre Vincent e eu. Fique longe.

– Mas você tem lido meus bilhetes. Eu tenho te informado sobre as armadilhas dele. E agora ele desconfia de mim e não me conta mais nada.

– Pode ser uma armadilha agora, não? Você pode estar tramando algo com ele.

– E eu me arriscaria a ficar te passando bilhetes e cantando uma música na frente de todos aqueles vampiros, idiota?

O “idiota” o fez arregalar os olhos. Um brilho divertido passou por eles, mas Zack manteve-se sério.

– Por que você...?

– Por que a coleção dos meus sapatos no seu armário?

Ele pareceu confuso.

– Eu... eu não sei...

Senti-me confiante e dei um passo em sua direção. Apesar de sua expressão ser ameaçadora, não recuei. Era tudo ou nada.

Era tudo de bom e iríamos felizes para casa ou era nada de Jessi e mamãe e papai não iam nem ter tempo de dizer ‘que pena que a levamos para o pior emprego possível’.

– Também não sabe por que tem uma foto minha na cabeceira da cama? Também não sabe que foi você mesmo quem tirou a foto? E aqueles livros rasgados que tem no canto do seu quarto? Sabia que são meus?

– Fique longe – sua voz era autoritária, mas ele não se moveu.

– Era o que eu sempre dizia pra você! – gritei, exasperada – Mas você fez questão de me visitar todas as noites! Ficava gritando o tempo todo: “Jessi...James, equipe Rocket decolando na velocidade da luz!” Me deu uma gata preta e dengosa mesmo sabendo que sou terrivelmente alérgica. Aliás, foi exatamente por isso que me deu aquela gata!

Zack deu um passo para trás.

– Humana, você está indo longe demais... está ansiosa...

– Estou louca da vida! – tenho certeza de que já estava descabelada, mas não estava nem aí mais – Você bateu em um time inteiro de basquete porque eles me aborreceram. Você assistia anime junto com meus amigos e me deu um susto nojento ligando para o meu telefone falando ‘sete dias’ quando eu tinha assistido ao filme do *Chamado*. E eu... eu morri por sua causa... e voltei.

Neste instante ele arregalou os olhos e eu não aguentei mais. Pulei em cima dele, e o estapeei com toda a força, colocando todo o poder que eu podia concentrar na mão. Zack cambaleou, porque o que o enfraquecera foi o poder de caçadora, não a força. Aproveitei a oportunidade e derrubei-o no chão, em seguida sentando em cima de sua barriga durinha.

– Sua mortal louca! – ele gritou, os caninos à mostra – Eu vou rasgá-la como se fosse de papel...

Eu comecei a chorar, agarrando em seu colarinho, lágrimas de raiva, frustração, fúria. Zack permaneceu imóvel embaixo de mim, em seguida tampou o rosto com as mãos. O que ele estaria pensando? Como eu ia resolver aquela situação?

Subitamente senti que ele estava mais calmo e conseqüentemente me acalmei também. Sua voz saiu tão baixa que tive que pedir que repetisse.

– O que você disse?

– Yo... yo soy paraguaio...

Eu comecei a rir e chorar.

– Yo soy paraguaio... – ele repetiu – e vim para te matar...

Eu segurei um soluço, e comecei a rir alto.

– Para quê?

Ele tirou as mãos do rosto, abriu um grande sorriso sem caninos e seus olhos brilharam com um azul intenso.

– PARAGUAIO!

Comecei a socá-lo, com ele dando pequenos gritinhos e rindo sem parar. Eu também ria e chorava, querendo castigá-lo por todo o susto que havia me dado.

– Aiaiai, safadinha! – ele ria, se protegendo com as mãos – Tá doendo!

– Bandido, miserável, canalha, olha só toda a preocupação que você me fez passar – eu brigava e ria mais de alívio do que qualquer coisa, mas realmente queria castigá-lo – Precisava me deixar aflita desse jeito? Você não me merece...

Depois que Zack conseguiu me acalmar e eu saí de cima dele, ele me abraçou e passamos um bom tempo sentados ali, no meio da rua, no silêncio. A lua brilhava alta, como cúmplice. O vento não parecia estar tão gelado e meu coração voltara ao ritmo normal. Afundei minha cabeça na curva do seu pescoço e suspirei. Zack afagou meus cabelos e senti um sorriso se formando em seu rosto.

– Agora vamos voltar lá pra dentro.

– Para o bar do karaokê? – estranhei, erguendo a sobrancelha – Por quê?

– Você vai cantar aquela música de novo, mas comigo. E desta vez, eu vou ser a Elphaba!

Eu o abracei apertando firme, como se não pudesse mais escapar.

– Ah, Zack... senti tanto sua falta...

## Encontro familiar



Foi uma noite cansativa. Zack ficou comigo o tempo todo. Depois que saímos do karaokê, meu vampiro ainda me levou para casa no colo – segundo ele, era para compensar todo o transtorno que me fez passar – e passamos por um muito espantado Johnny no portão. Eu pisquei o olho para ele, então o caçador simplesmente fez um aceno leve com a cabeça e nos deixou passar. Zack ainda não fazia ideia de quem ele era.

Meu vampiro arrumou um filme de animação, ligou para as meninas e o Bobby para assistirmos todos juntos no meu quarto e em breve Eric apareceu, embora ninguém pudesse vê-lo. Viam apenas uma xícara flutuando no ar, quando ele fazia questão de mostrá-la. As meninas só davam gritinhos e riam; já Bobby dizia que isso era algum truque de Zack e ficou cogitando como isso poderia acontecer nas leis da física.

Christie voltou a ficar apegada em Zack, mas ainda temia Eric, miando alto toda vez que ele chegava perto.

Tinha pipoca em toda parte no meu quarto e alguém derramou chocolate quente no tapete, mas eu estava feliz. Finalmente tudo estava normal (?); eu só tinha que me preocupar mesmo era com Vincent que, provavelmente, por conta da armadilha, deve ter ficado fora a noite toda esperando por Zack. Espero sinceramente que ele tenha pegado muitos vampiros.

Quando todos saíram – finalmente –, Christie roncava alto na janela e Eric descobriu que a armadilha de Vincent tinha dado certo pelo menos contra alguns vampiros e teve que sair às pressas. Zack e eu ficamos sozinhos no quarto. Suspirei dando um jeito mais ou menos no recinto jogando as embalagens no lixo e ele me ajudou. Quando sentei na cama para descansar, ele se aconchegou ao meu lado e me beijou no ombro.

– Viu? Eu disse que daria tudo certo. Era só confiar em mim.

– Está me dizendo que planejou tudo? Que foi sua intenção perder a humanidade, se misturar com os vampiros e quase me dar um ataque do coração? Não, espera, quase me arrancar o coração, literalmente falando?

Ele revirou os olhos.

– Não seja exagerada. Só fugiu um pouquinho dos meus planos, mas eu ia voltar a mim uma hora ou outra.

– Antes ou depois de me matar?

– Como eu sempre digo, a ordem dos tratores não altera o viaduto.

– Altera sim! – irritei-me, ligando a TV – Pelo menos o meu viaduto.

Ele riu, puxou o controle da minha mão e desligou a TV.

– Senti sua falta – Zack murmurou beijando meu pescoço, me causando uma série de arrepios – todo mundo lá no covil é muito frio. Você sabe...*frio!*

Eu dei um sorriso sem deixar que ele visse. Sempre acho graça das besteiras que ele fala, não tem jeito.

Acabei virando-me e beijando-o também e ficamos trocando carícias e beijos por alguns minutos.

Eric não ia aparecer enquanto a temperatura do quarto não esquentasse muito; era só ficarmos de olho. Não quero a morte espreitando.

– Zack...?

– Hum.. – ele suspirou, beijando meus ombros.

– Pode devolver os *meus* sapatos que estão lá no *seu* armário?

– De jeito nenhum – ele sorriu, me fitando nos olhos – eles fazem parte da minha coleção. Já tenho trinta e cinco. Quando quiser me tacar mais sapatos, fique à vontade!

– Trinta e cinco?! Eu não me lembro de ter tacado tantos sapatos assim!

– Ah, é? Bom, teve aquela vez em que eu liguei pro diretor e disse que você estava com sarampo... ou aquela vez em que fiz o professor te expulsar de sala porque você tentou colar de mim – eu abri a boca pra dizer que era mentira, mas ele sabia disso e me calei – também teve aquela em que eu coloquei seu nome para teste de líderes de torcida e Linda quase teve um derrame.

– Aquilo foi cruel – eu disse, mas reprimi um sorriso. Linda tinha até fingido um desmaio e foi hilário – Tá, tá. Vou me controlar agora. Ou então tacar em você os outros pés.

– Aí não tem graça. Você não os estaria calçando.

Ficamos nessa por horas e trocando beijos ainda, até que eu não aguentei mais e acabei adormecendo. Quando abri os olhos pela manhã, Zack, é claro, não estava mais lá.

Chequei para ver se havia cinzas embaixo da minha cama, só por precaução.

Eu estava totalmente coberta, meus sapatos no chão e, ao meu lado, uma mensagem piscava na tela do celular.

Te amo, safadinha.

Cara, já era hora!

Nem preciso dizer que o dia se alternou entre maravilhoso e ruim. Maravilhoso porque sempre que eu sentia medo de algo dar errado ou do que ia ser daqui pra frente, eu checava a mensagem de Zack no celular e suspirava feito uma bobona. Quase coloquei como tela de fundo, mas achei que ia ser exagero.

Na verdade até dei uma fuçadinha no celular, sem compromisso, para ver como fazia isso, mas não dava.

Mandei uma mensagem para mamãe dizendo que Zack tinha voltado ao normal, embora não saiba exatamente o que mamãe entenderia por ‘normal de Zack’, mas deixei claro que a humanidade dele continuava firme e forte. Ela respondeu com um: “ah, que bom, querida! Vou acalmar seu pai. Ele parece meio obcecado por estacas ultimamente.” Só dei de ombros.

Agora a parte ruim do meu dia foi que Vincent estava totalmente irritante e irritado. Disse que sua armadilha havia falhado, já que Zack não estava lá – e eu descobri depois o que era: o caçador havia instalado um sistema de incêndio no prédio com acionamento de válvulas de água no teto. O fato é que era água benta. Assim que estavam todos lá dentro, ou a maior parte que ele pode ver se reunir, ligou a válvula e vários deles derreteram e desapareceram em nuvens de cinza – eca. Eu que não queria estar ali pra ver. Aposto que ia ser uma coisa totalmente estilo *Gremlins 3*.

Estava furioso porque tanto Dante quanto Zack haviam escapado. Dei um estalo com a língua de demonstração de irritação sincero. Ele não tinha pegado Dante, agora sabe-se lá o que esse vampiro loiro é capaz de fazer visto que Zack voltara a ser meu.

Por outro lado, eu estava louca para esfregar isso na cara dele.

A uma distância segura, claro.

Vincent pegou no meu pé o dia todo. Era senhorita Jéssica faça isso; senhorita Jéssica levante aqueles



pesos; senhorita Jéssica faça quinhentas flexões; senhorita Jéssica pare de vomitar. Não me deu descanso.

Disse que eu tinha até hoje para escolher com qual arma ia querer treinar. Adagas, estaca, espada, chicote ou besta.

Eu ainda preferia manter a arma sapato. Minha pontaria estava melhorando e ainda tinha uma reserva de trinta e cinco pés solitários.

Quando estava perto de escurecer, Vincent disse que iria até a outra cidade para buscar mais munição e tentar encontrar vampiros que não estivessem por ali perto. Pra mim ele estava planejando alguma coisa, mas o que posso fazer? Pelo menos não suspeitava mais de mim, visto que eu não sabia nada sobre o plano que tinha dado errado.

Agora eu poderia ir tranquila para a aula, acompanhada por Zack. Já estava começando a sentir falta das implicâncias dele. Os professores nem tinham tanto motivo para me expulsar de sala.

Assim que passamos pela porta da sala, podia ouvir os suspiros de alegria das meninas e os resmungos de inveja dos rapazes. Linda deixou o queixo cair, mas não se deu por vencida:

– Ainda está com essa aguada, Zack?

Ele torceu o nariz, olhou fixamente pra ela e retrucou.

– Desculpa... eu te conheço? – depois se virou para a turma, ignorando a presença do professor e soltou – Aliás, espero que ninguém tenha dado em cima da minha mulher durante minha ausência.

Novamente fui motivo de piadas e risos, mas sorri discretamente. As garotas de torcida fizeram caretas e me olhavam indignadas.

Ah, eu me sentia em casa...

Quando nos assentamos no lugar de sempre, aproveitei a deixa.

– Zack, escute... Lembra que há muito tempo Vincent me pediu para escolher uma arma e eu o enrolei o máximo que pude? Não dá mais. Então, qual você acha que eu deveria optar? Estacas, besta, espada, adagas, lanças, chicote...?

– Hum, definitivamente chicote.

– É? Nossa, achei tão insignificante... quer dizer, chicote para enfrentar vampiros? Bem, mas se você está dizendo...

– Sim, Jessi, escolha o chicote.

Dei de ombros. Vai ser dolorido.

Não é preciso dizer que depois da aula Zack e eu fomos para o meu quarto novamente. Precisávamos bolar um plano para driblar Vincent e ainda tinha algumas coisinhas que eu precisava explicar.

– Zack, antes de mais nada – fechei a porta do quarto, antes verificando o corredor para ver se não fomos seguidos. Sim, estou ficando paranoica – Meus pais estão vindo aí para me ajudar.

– Opa, os sogrões estão vindo? É uma ótima oportunidade para...

– É exatamente isso que eu quero evitar! Não quero que os provoque, irrite, implique, mexa com eles, elogie as roupas, nada!

– Poxa, mas como é que vou fazê-los gostar de mim?

– Você não vai agradar ninguém! Meu pai já te detesta, minha mãe tem medo de você e se Draculinho fosse vivo ia te morder!

– Ingrata! Eu até dei banho nele!

– Com água sanitária?

– Pensei que fosse amaciante...vocês, mortais, complicam tudo.

– A sua sorte foi que vi antes de você... – congelei ao ouvir as batidas na porta –Alguém está batendo. Será que...? Não, Vincent não é.

– Espera, deixa que eu abro – Zack se levantou num pulo – Pode ser que seja a família.

– Eu sei! – tentei pará-lo, mas ele me empurrou – Zack, pare, não quero que você...

Tarde demais. O meu vampiro abriu a porta num impulso e do outro lado estava meu pai com uma cara furiosa.

– Eeei, sogrã... – ele arregalou os olhos – ai, meu Deus!

– Eu vou...matar...VOCÊ!

Zack atravessou o quarto a toda velocidade e saltou pela janela, com meu pai ao seu encalço.

Cara, preciso fazer um blog pra mim. Com as histórias da minha vida eu ia ganhar mais de 10 mil seguidores.

Abri mais a porta e minha mãe pulou no meu pescoço.

– Minha filhinha! Você anda se alimentando direito? Zack não anda se alimentando direito em você, não é?

– Mamãe, além do fato dessa frase soar totalmente errada, você precisa fazer alguma coisa! Papai vai matar Zack!

– Aah, imagina! Zack é forte demais para seu pai. Eles só estão se divertindo.

Coloquei a cabeça para fora da janela. Ambos corriam numa velocidade tão grande que mal dava para enxergar.

– Papai... tem super velocidade?

– Tem sim! Pena que não pode usar na rua... assim nunca chegaria atrasado no trabalho...

– E os seus, quais são? São estranhos como os meus?

Mamãe coçou a cabeça.

– Hum... seu pai deve estar chegando. Vamos esperar por ele.

Subitamente Zack passa pela porta rindo e a fecha no mesmo instante, causando um baque surdo do outro lado, como se algo tivesse batido na madeira à toda. Depois disso, cruza o quarto e se coloca atrás de mim.

– Muito macho você, Zack – retruquei, enquanto ele se acabava de rir.

– Meu Deus, Jessi – ele ainda ria, fingindo que precisava puxar o ar – Eu sei mais dos seus pais do que você mesma!

– O que quer dizer?

Ele saiu de trás de mim e posicionou-se na frente de minha mãe, fazendo uma reverência meio cômica.

– Boa noite, Maria. Quantos anos que não a vejo – ele ergueu a cabeça abrindo um sorriso – Achei que estivesse morta.

Minha mãe retribuiu com um sorriso sinistro.

– E estava.

Engoli em seco. Por favor, diga que é figura de linguagem. Meus pais não podem ter um novo mistério. Sabe aquele filme Treze homens e um segredo? No caso dos meus pais é o inverso. Tem mais segredos do que gente.

Papai abriu a porta de supetão e apontou para Zack.

– Você! Eu vou te matar!

– Querido, já chega! – mamãe apontou pra ele – Nossa filha gosta de Zack, você sabe. Não há nada que possa fazer para mudar isso!

Papai me dirigiu um olhar suplicante.

– Ainda dá tempo de mudar de ideia.

Balancei a cabeça.

– Acredite em mim, papai. Eu tentei.

Zack abriu o sorriso de ponta a ponta.

– Jessislaine me ama.

Arregalei os olhos.

– Pelo amor de Deus, não conta pros meus pais que estive no covil...

Tarde demais. Tive que aturar dois rostos pálidos – não estou contando Zack – me fitando com horror.

– Você entrou em um covil de vampiros?

– É uma longa história, mamãe – tossi, procurando desviar o assunto – o que quero saber é...um: por que meus poderes são loucos? Dois...que história é essa de que você já esteve morta?

Papai deu uma tossida. Ahá!

– Eu, bem... – papai começou – você sabe... vampiros tem certos poderes. Eles são mais belos – como se fossem para atrair a presa – mais ágeis, mais fortes. Os caçadores, os que nascem com esse talento – sim, é hereditário, antes que você me pergunte – nascem com poderes específicos para caçá-los. São velozes, alguns também são fortes, desenvolvem certa habilidade para sentir presenças, cheiros, coisas assim. No seu caso...

– No meu caso...

Papai olhou para mamãe. Zack só sorria.

– Você disse que conheceu minha mãe, Zack? – voltei-me para ele, antes que meus pais desviassem o assunto.

– Sim...há muitos anos.

Mamãe lançou-lhe um olhar de advertência.

– Olhe, querida... – ela continuou a conversa, voltando-se pra mim – quando vampiros e caçadores misturam seus poderes, você sabe, se envolvem e tem uma criança, essa criança recebe poderes de ambas as partes. É claro que vampiros não podem ter filhos, mas quando um deixa de ser vampiro...seus poderes se mesclam e...

Caí sentada sobre a cama.

– Está – me esforcei, mas só saiu um fio de voz – me dizendo que um de vocês *foi* vampiro? E que graças a isso meus poderes vieram confusos?

Mamãe olhou para papai. Eles olharam para mim e disseram ao mesmo tempo.

– Sim.

Zack rolou na cama rindo.

– Jessi, sua vida é uma comédia.

Eu não sabia se gritava, se ria, se xingava ou se tinha um surto e pulava a janela tentando voar.

– Zack... antes que eu vá para o inferno por quebrar o quarto mandamento e tentar matar meus pais, quando e onde você conheceu minha mãe?

Ele sentou-se na cama, lançou um olhar para ela e virou-se para mim.

– Lembra-se no baile da primavera em que eu te contei a história de que houve um vampiro muitíssimo poderoso que, na verdade, era uma vampira, e foi a primeira mulher do Drácula?

– Meu...Deus...não...diz...

– Então – ele sorriu – eu disse também que nunca mais soube dela, mas soube que um caçador, o maior do Conselho, havia ido atrás da tal vampira há alguns anos e nunca mais se soube dos dois?

Minha boca já não fechava mais. Acho que ia começar a babar. Minha mãe foi vampira e meu pai foi atrás dela para matá-la. Ele era o maior caçador do Conselho, até...

...até se apaixonar por uma vampira. Como eu me apaixonei por um.

Bom, o fato é que nunca fui realmente uma caçadora decente, diga-se da passagem. Acho que foi

castigo.

Eric de súbito apareceu e revelou-se para todos. Não me surpreendi, nem mesmo quando ele disse:

– Aah, não, vocês? Todos os que têm me atormentado todos esses anos juntos...

Repentinamente entendi porque Eric dizia que tentou me matar para provocar meus pais. E porque havia dito que meus pais já o estavam perturbando há centenas de anos. Bem, meu pai não, mas minha mãe...

– Mãe... então... – falei com voz embargada – você é a vampira mais velha do mundo?

Ela torceu o nariz e meu pai caiu na gargalhada.

– Eu não sou mais vampira! Zack é o mais velho! – depois começou a resmungar – A gente gasta uma fortuna em cosméticos e vem a filha da gente e fala um disparate desses...

Então Zack arregala os olhos.

– É realmente possível, não é? – ele havia finalmente se dado conta e colocou-se de pé – É realmente possível deixar de ser vampiro!

Todos silenciaram. Mamãe coçou a cabeça.

– Possível, tudo é. Mas... a probabilidade de você morrer na tentativa é muito grande.

– Ensina para ele, amor! – o sorriso de papai foi sádico.

– Van Allen, você não pode culpá-los por se apaixonarem! – mamãe retorquiu – Lembre-se que todos foram contra nós no começo. Mas assim que deixei de ser vampira e me juntei à causa...

– Tá certo, tá certo – papai balançou a mão, num sentido de derrotado – prometo não tentar eliminar o vampiro... – depois acrescentou numa voz baixinha – mas acidentes acontecem.

Zack estendeu a mão para ele. Achei que seria um gesto de paz, mas ele não perdeu a oportunidade.

– Então o senhor me concede a mão de sua filha? Quero fazer a mesma besteira que o senhor fez!

Bati a mão na testa e mamãe gemeu. Parece que já fora acostumada com as tentativas de suicídio do meu vampiro. Papai rangeu os dentes e Eric sorriu.

– Seu moleque...

– Papai! – apontei-lhe o dedo. Depois me virei para Zack – Comportem-se os dois, agora mesmo! Agora, já que eu fui a mais prejudicada aqui, tenho o direito de falar. Um: graças a meus amáveis pais, tenho a mescla de poderes mais imbecis da história dos caçadores e dos vampiros. Graças a Eric, acabei me envolvendo com o mestre vampiro mais antigo e mais metido que existiu. Então os três irão me ajudar a sarar Zack do vampirismo.

– Você quer fazer acontecer um ato de redenção – concluiu Eric – é muito arriscado, mas é possível. Zack tem que querer muito...

– Eu quero – Zack disse com determinação – estou cansado de fugir e ser perseguido. Quero ter uma vida mortal. E normal. Quero ficar com a Jessi.

Nesta hora fez-se um silêncio desconfortável – embora eu tenha achado romântico – no quarto. O queixo do papai caiu, mamãe colocou a mão no coração nem gesto de ‘que fofo’ e Eric revirou os olhos. Christie só ficava se lambendo.

– Bem – rompi o silêncio, sentindo-me meio corada – nunca sei quando te levar a sério. De qualquer forma... mamãe, agora, por favor, será que não pode haver segredos nenhum entre nós?

Ela ajeitou-se delicadamente sobre a cadeira e colocou as mãos sobre o colo. Agora eu percebia realmente que alguns dos movimentos de mamãe eram bem singelos, como se ela houvesse recebido uma educação de séculos passados e tentasse se adaptar aos novos tempos. Será que é por isso que ela exigia tanto de mim na maneira que eu me sentava, comia à mesa ou coisas assim?

– Bem – ela começou, fitando o chão e depois olhando para Zack, como se isso a ajudasse a relembrar os fatos – eu realmente fui a primeira esposa do conde Drácula.

## Passado dos pais



– Bem, eu não diria exatamente esposa dele, afinal, não casamos na igreja. Eu não entendia naquela época porque Drácula tinha tanta aversão à igreja, mas eu gostava muito dele ainda assim. Era misterioso, sinistro, sabe? Eu também cheguei a ter um relacionamento amoroso com Van Hellsing, mas não decolou. Ele era ciumento demais. Acabou que, depois que comecei a namorar o Drácula, o Van cismou que o meu novo namorado era sinistro demais e devia ser algum tipo de morto-vivo. Achei que fosse aquele tipo de coisa que o homem faz: “ah, você gosta dele? Aposto que ele é gay.” Você sabe, Jessi.

Papai ficava calado olhando para o colo e Zack estava com os olhos atentos, como se não quisesse perder nem um só detalhe da história. Eric continuava a tentar se aproximar de Christie.

– Depois de algumas semanas namorando, apesar de meu pai, minha mãe, meus avós e minha vila inteira serem contra, acabei fugindo para o castelo dele. Sabe, eu o considerava um príncipe encantado, com castelo e tudo – mamãe riu da própria inocência – e que devia ser muito rico. Poderia dar uma boa vida para minha família e pra mim. Hahaha, vida!

– Querida... – papai falou com certo tédio.

– Aham, certo, foco, foco. Bem, depois disso, numa noite romântica de céu estrelado, Drácula me deu um vinho de aspecto estranho e acabei bebendo mais para agradá-lo... péssima escolha. Depois disso senti uma queimação forte descendo pela garganta, meu corpo começou a se contorcer... lembro-me disso como se fosse hoje. Era uma sensação horrível, como se meu corpo estivesse morrendo ali naquele instante. Uma escuridão profunda se apoderou de mim, senti todo o horror no meu peito... a solidão, o ódio, o frio, o desespero...

Nesta hora papai colocou a mão no ombro de minha mãe, cujos olhos estavam cheio de lágrimas. Zack desviou o olhar para o chão. Estava claro pela expressão de seu rosto que, apesar de fazer muito tempo, ele ainda lembrava com tristeza e horror o que aconteceu. Fiquei com pena de ambos.

Mamãe fungou um pouco e seguiu, recompondo-se rapidamente.

– Depois o conde teve o disparate de trazer três mulheres para o nosso castelo. Dizia que eram nossas novas empregadas, embora eu estivesse certa de que havia alguma coisa errada aí. As três eram muito assanhadas e não sabiam lavar uma só roupa sequer. E passavam todo o tempo atacando meu vilarejo. Quando eu reclamava com o conde, ele só me dizia: “você está de implicância, Maria!” – mamãe imitou aqui a voz do Conde Drácula, o que me fez pensar que ele tinha uma terrível voz esganiçada – e não fazia nada, só passava o dia inteiro bancando o misterioso. Até que Zack chegou ao castelo – ela deu um pequeno sorriso, embora passasse pelo seu rosto algumas inconveniências que ele causou e vieram rapidamente à sua mente.

Zack sorriu discretamente e olhou nos olhos de papai rapidamente.

– Ei, eu não fiz nada! A maioria das vezes...

Mamãe ergueu a sobrancelha.

– Zack tornava minha vida uma loucura. Quando ele bateu à nossa porta a primeira vez, exigiu falar com o Conde. Bati a porta na cara dele.

– Grossa – ele replicou com um sorriso disfarçado.

– Em seguida, bateu delicadamente e pediu permissão para falar com o Conde se não fosse muito incômodo. Aí eu mostrei quem que mandava e abri a porta para o moleque entrar.

Zack riu sem graça, mas não interrompeu.

– Ele queria aprender os ofícios de ser vampiro. Mostrei-lhe algumas maneiras e como se portar educadamente à mesa.

– E eu que achava que só precisava aprender a sugar sangue! – Zack sorriu, embora fizesse uma careta ao lembrar-se das lições.

– Com o tempo, ele estava sempre batendo à nossa porta. A princípio o Drácula foi contra, mas como Zack era muito simpático e divertido – certo, eu admito – nós dois acabamos permitindo que ele ficasse em nosso castelo por um tempo. Sem contar que ele vivia implicando com nossas terríveis empregadas – obrigada por isso, Zack querido – e fazia da vida delas um verdadeiro inferno. Mas eu detestava quando tirava o Conde de casa para levá-lo para beber.

– Ei, o cara precisava aproveitar a...morte! – Zack cortou – Ele era sinistro demais! Precisava admirar o pôr da lua, essas coisas...

Mamãe pigarreou.

– Bem, com o tempo, Zack foi começando a se afastar. Dizia que queria ver novos horizontes, essas coisas. Drácula continuou um sem vergonha. Quando Zack partiu de vez, alguns anos depois, Drácula e eu tivemos uma briga feia, principalmente porque ele resolveu começar a trazer mais vampiras para o harém dele...primeiro começou com uma tal de Lucy ou Mina, sei lá. De qualquer forma, eu já estava cansada de passar a eternidade com um homem que não me dava valor e parti. E eu era mesmo poderosa. Então fugi para as catacumbas, passei muitos anos, acho que centenas, enterrada.

– Então por isso eu não encontrava você! – Zack riu – Coloquei a maior fé de você ter largado o cara; você era como uma mãezona pra mim.

Mamãe riu e ficou corada; ela gostava mesmo de ser a mãezona de todo mundo.

– Quando acordei, centenas de anos depois, estava sedenta. Fiquei sabendo da existência de um tal conselho que foi organizado por conta do mestre dos vampiros. Quase caí da cadeira quando apanhei um dos caçadores e ele me informou que Zack era o novo mestre e que, por um acaso, o Conde Drácula morrera (de vez) alguns anos depois de eu ter fugido por causa da – bem feito – Mina. Ou Lucy? E olha o babado – foi meu ex-namorado, o Hellsing! Bem, tentei descobrir o paradeiro de Zack para tentar saber como ele havia matado o grande mestre dos vampiros, Klaus, mas quanto mais perto eu chegava de Zack, mais um novo caçador ficava à minha espreita. Eu tinha conseguido livrar-me de todos até então – nesta hora Eric revirou os olhos – mas este em especial... eu não podia. Ele estava sempre lá, o tempo todo! Quando eu estava me alimentando, quando estava fugindo, quando estava no banho...

Papai riu, depois cobriu a boca com as mãos, para tentar não interromper a conversa.

– Advinha quem era, filhinha? – mamãe perguntou-me como se não fosse óbvio.

– Papai, né? Não é nenhuma surpresa agora – retruquei de mau humor.

Zack me abraçou e deu-me um beijo na testa.

– Safadinha, sua família é hilária! Estou louco pra fazer parte dela!

Papai lançou-lhe um olhar de advertência que, é claro, Zack fez questão de ignorar. Papai começou a polir a estaca dele.

– Van Allen era o caçador mais competente do Conselho... – mamãe disse com um sorriso de satisfação – e mestre de Vincent.

Eu engasguei com a saliva e Zack jogou a cabeça para trás se rompendo numa gostosa gargalhada.

– Papai, você...!

– Ora – ele rebateu – eu fui obrigado a treinar aquele idiota por ordens do Conselho. Não sei como, mas viam nele um grande potencial... E ele só me superou porque eu parei por uns tempos. Na verdade, eu deixei que ele me superasse porque aquela guerrinha imbecil já estava me cansando. Resolvi me aposentar e só caçar uns vampiros aqui e ali para poder pagar bem as contas. Como sua mãe me ajudava, o Conselho nos deixou em paz. E Vincent foi promovido, mas eu não estava nem aí mais – ele deu de ombros.

– Bem, Vincent disse que vai me treinar a usar o chicote... então o que posso fazer?

Papai ergueu a sobrancelha.

– Aquele imbecil o quê? Bem, ele não deve ser pior do que eu fui para treiná-lo. Admito que eu passava dos limites algumas vezes.

– Papai, ele me fez dar 15 voltas em torno da universidade. Na chuva!

– Grande coisa – ele rebateu – eu o fiz dar 15 voltas em torno da cidade... pelos telhados. No granizo.

Arregalei os olhos. E eu que reclamava quando papai só me mandava levar o lixo pra fora.

– Mas talvez eu não devesse ter pegado tão pesado – ele lamentou-se – Agora acredito que Vincent pode me superar.

– Bem, a mim ele não pode – Zack disse suavemente.

Eu estava pronta para dizer: ‘deixa de ser metido’ quando vi que todos afirmavam com a cabeça, incluindo Eric. Christie ergueu a cabeça e encontrou meus olhos em silêncio querendo dizer: ‘você não duvida, né?’. Dei a língua pra ela, cruzei os braços e fiquei quieta, esperando o resto do relato.

– Acredito que a história entre seu pai e eu mereceria um livro à parte.

– Precisamos pensar num bom título – sorriu papai.

– Eu escolho, mas deixemos isso para mais tarde – mamãe deu um tapinha no joelho dele – onde eu estava? Ah, sim. Esse tal Van Allen, seu pai, realmente me perturbava horrores. Eu tentava matá-lo e vice versa. O Conselho estava ficando preocupado de que eu me tornasse mais perigosa que Zack, já que meus poderes eram grandes e eu, ainda, muito antiga. Só que seu pai não permitia ajuda alguma; assim como os outros vampiros que tentavam matar seu pai acabavam morrendo por minhas mãos. No final acabamos percebendo que estávamos totalmente ligados um no outro. E nos apaixonamos.

– Nossa, igualzinho eu e...

– Igual coisa nenhuma! – papai cortou Zack rispidamente – Nosso romance era bem sério!

Aí foi minha vez de ficar ofendida.

– Epa, pode parar, papai. Meu lance com Zack é bem sério, viu? Não vem querendo me ofender não. Já é difícil fazer Zack confessar que me ama. Não vem todo posudo que o lance aqui é pra valer.

Meu vampiro ergueu as mãos num gesto cômico e papai relaxou, mas continuou polindo a estaca, com mais afinco.

Mamãe sacudiu as mãos querendo esfriar os ânimos e seguiu.

– Certo, certo. O fato é que seu pai e eu acabamos nos entendendo também. Aí ele me trancou numa gaiola.

– Papai! – gritei ao mesmo tempo em que todo mundo deu um murmúrio indignado.

– Não era uma gaiola – ele reclamou, vermelho – Eu a tranquei num quarto com grades!

A reação de todos foi a mesma e ele balançou a cabeça com resignação. Mamãe riu e bateu em seu ombro.

– Van o fez para meu próprio bem – ela piscou o olho para ele – eu estava querendo mudar. Não queria mais ser vampira; sentia falta da minha antiga vida. Van apoiou-me muito. Só que fui

enfraquecendo.

Nesta hora nos inclinamos mais para perto. Era a hora em que mamãe ia revelar seu processo vampira-para-humana que estávamos tanto esperando. Saber do romance dos meus pais era meio esquisito pra mim, sério.

– Seu pai me protegeu dos vampiros que vinham me caçar. Afinal, eu era realmente poderosa e todos os outros queriam o meu sangue. Zack sabe como é. Enquanto isso eu só me alimentava de animais e nunca de sangue humano. A transição foi muito difícil, mas eu realmente não gostava de matar, então não foi lá muito difícil de me adaptar.

– Só que quando um vampiro só se alimenta de sangue animal – Eric entrou na conversa pela primeira vez – seus poderes vão enfraquecendo. É a essência da vida humana que sustenta o demônio que tem dentro de si.

– Mas então... se Zack parar de beber sangue humano... – refleti.

Zack virou a cabeça para o outro lado, mas antes pude captar um pequeno semblante de tristeza.

– Eu tinha seu pai para me proteger dos vampiros e dos caçadores enquanto eu enfraquecia – mamãe respondeu numa voz cheia de compaixão – mas Zack... Zack era o mais poderoso de todos. E o mestre. Ele não tinha ninguém para protegê-lo e todos o queriam matar. Nosso querido vampiro continua a beber sangue humano para não ser eliminado. Não é, Zack?

Ele não se virou, mas acenou levemente com a cabeça. Christie pulou em seu colo e ele afagou as orelhas da gata de leve. Meu coração estava apertado. Zack continuava a se alimentar de sangue humano porque não haveria ninguém para protegê-lo se caso perdesse seus poderes. Minha garganta deu um nó quando ele voltou a cabeça na minha direção e deu um sorriso leve:

– Sou muito disputado. Mas quem sabe se eu enfraquecesse, a safadinha conseguiria me matar?

Estava me sentindo tão triste que nem percebi que ele usara aquele apelido ridículo na frente dos meus pais. Papai tossiu uma vez. Ele notou, com certeza.

– Espera? Foi só isso? – cogitei, ao mesmo tempo em que tentava disfarçar.

– Quem me dera! – mamãe cogitou – Eu precisei passar por anos assim, mas tive a ajuda de um padre. Será que tem algum aqui na Pensilvânia que pode nos ajudar?

Olhei para Zack ao mesmo tempo em que sorrimos.

– Padre Marconi!

– Bem, se ele estiver disposto a ajudar, vamos precisar – mamãe se virou para Eric – Desculpe ter dado tanto trabalho esses anos todos...matei um bocado, né?

Eric só suspirou, resignado. Já havia perdoado a mamãe; ninguém consegue ficar zangado com ela muito tempo. Já papai...

– Então Zack só tem que parar de tomar sangue humano, certo? Nada mais de ataques ao hospital.

– Eu não vou parar.

Todos olharam para ele surpresos. A segurança em sua voz era alta.

– Há muitos vampiros no meu encalço, mas também muitos no encalço da Jessi. Se eu começar a enfraquecer, quem irá protegê-la?

– Epa – cortei, emocionada, mas aborrecida – eu sei tomar conta de mim, tá bem? Nem vem bancar o protetor porque...

Quando olhei a meu redor todos estavam balançando a cabeça. Até a Christie tinha erguido uma sobrancelha. Fechei a cara e calei a boca.

Papai passou a mão no meu cabelo.

– Você é tão...ingênua, querida, que nunca descobriu que éramos caçadores de vampiros...e devia ter-se dado conta por causa da cor do seu cabelo.



– Hein? O que tem o meu cabelo?

Zack sorriu.

– Esse tom de vermelho é forte demais para uma mulher comum, Jessi. Sempre achei que você pintava. As meninas te diziam que seu cabelo era perfeito para cosplay, lembra? Parece de mentira.

Passei a mão pelos meus fios. Eu só achava que minha mãe devia ter feito alguma besteira no meu couro cabeludo quando eu era pequena. Sei lá, usar henna para matar piolho ou coisa assim.

– Eu... eu nunca pintei meu cabelo.

– Notei no dia seguinte – Zack continuou, abrindo um sorriso – quando você usou minissaia.

Fiquei da cor do meu cabelo-parece-mentira.

– Eu sempre cuidei muito bem da minha depilaç...

– Eu realmente não quero saber – cortou-me papai – então podemos mudar de assunto?

Lancei a Zack um olhar de ‘te pego na saída’ e me virei para Eric.

– Existe alguma outra maneira, além de deixar de beber sangue humano para Zack chegar a ficar mortal?

Eric remexeu-se um pouco, sentindo-se desconfortável.

– Isso não é...

– ...da sua conta, eu sei – continuei, tentando ao máximo usar olhinhos do gato de Shrek – mas você é um espírito puro. Sabe quando um amor é puro, não sabe? Então olhe para mim e para Zack. Nós dois queremos ficar juntos apesar das circunstâncias... isso não é forte o suficiente para você?

Eric me fitou por alguns instantes, avaliando-me e depois fitou Zack. Levantou um dedo apontando para ele.

– O amor dele não é tão puro assim.

– Eu sabia! – papai gritou, arremessando a estaca contra Zack e ele desviando-se por milímetros, caindo na gargalhada em seguida. A dita cuja ficou fincada na parede do outro lado do quarto.

– Eu só estava brincando – disse Zack, ainda se acabando de rir – e depois... qual é, Eric? De que lado você está?

– Eu estou do lado de...

– Quem vai morrer – todos responderam ao mesmo tempo. Mamãe completou – É, nós já sabemos.

– Parece que você já havia se revelado para meus pais antes, não é, Eric?

– Sim – ele retorquiu de má vontade – queria levá-los à morte porque estavam me cansando, admito. Tentava influenciar os vampiros para que os matassem. Quando vi que não daria certo, tentei fazer o mesmo com você.

– Que coisa feia, hein? – foi só o que mamãe disse.

Revirei os olhos. O que mais eu podia fazer?

– Mamãe... mas quando foi exatamente que você virou humana? Você parou de tomar sangue humano, mas ainda se alimentava de sangue, certo?

Mamãe pigarreou.

– Eric?

Ele suspirou e sentou-se.

– Bem... lembra-se de quando Zack perdeu a humanidade, querida Jéssica?

– Como eu poderia esquecer?

– Quando um humano torna-se vampiro, seu corpo passa a ser hospedado por um... bem, um espírito maligno, posso assim dizer. Lembra-se?

– Sim. Um demônio. Estou cansada de ouvir isso.

Os olhos de Zack desviaram-se para o teto. Ele parecia estar pensando.

– O fato é que os demônios passam a vida querendo destruir os seres humanos, sua vingança por estar agora habitando o inferno. Quando eles possuem corpos de pessoas para praticar o mal, basta um exorcismo, algumas vezes bem potente, para eles saírem. Pode até levar anos, mas saem. E a pessoa, muitas vezes, como aconteceu com alguns santos, é inocente de seus ataques. Muitas vezes sobrevivem, raros casos levam à morte.

Engoli em seco. Eu corria de medo quando passava o trailer do *Exorcista* na televisão, mas aqui está Eric, querendo me passar a sinopse do filme.

– No caso de um vampiro, eles matam seu corpo, mas mantendo a alma prisioneira, eles podem continuar ali sem o corpo apodrecer. Para isso acontecer, precisam tomar sangue humano, o sangue que contém parte da vida para manter-se. Se por acaso alimenta-se apenas de sangue de animais, seu poder não cresce, como já disse. Não há as sensações humanas, o medo, o desespero, a essência. Então seu poder diminui e o vampiro enfraquece. Como aconteceu com sua mãe, o demônio já não conseguia manter-se no corpo, fraco daquela maneira. O normal seria sua mãe morrer uma vez que ele saísse, já que a alma já não poderia habitar um corpo essencialmente morto.

– Então... o que aconteceu?

– Houve uma batalha...no corpo de sua mãe. A força de vontade dela de viver e o ódio do demônio de manter-se.

– Também tive uma ajudazinha do padre da cidade.

Eu arregalei os olhos.

– Mamãe... por acaso você foi exorcizada?

Mamãe olhou para papai e eles riram. Papai balançou a cabeça.

– Só não foi mais assustador que o seu parto.

– Ai meu Deus, que horror!

– Sua mãe precisou de extrema unção quando terminou, para que sua alma não saísse do corpo imediatamente. Ficou muito doente por vários dias, mas aos poucos foi voltando ao normal.

– Então se Zack...

– Não – o vampiro foi firme.

Nós o fitamos com assombro.

– Eu não posso, já disse – ele murmurou, parecia haver um peso na garganta – não dessa forma. Vincent está por perto, o cerco está se fechando. Para eu começar a tomar sangue de animais apenas, e meu poder diminuir, vai levar muito mais que poucos anos. O demônio em mim é forte demais. Um exorcismo iria me matar na hora.

Desviei meus olhos para Eric, que assentiu vagarosamente.

– Mas Zack – tentei controlar o nervosismo em minha voz – se existe uma forma...

Ele atravessou o quarto e apertou minhas mãos na dele.

– Preste atenção, Jessi. Vocês correrão perigo tentando me proteger. Para mim é simplesmente mais fácil eliminá-los sendo vampiro. Se eu deixar de usar meu poder, vocês teriam que cuidar de mim e não posso deixar isso acontecer.

– Mas... – a minha garganta estava tão fechada que já não conseguia pronunciar nada. Estava com uma grande fluência de emoções incontroláveis dentro de mim. Não podia organizá-las nem selecioná-las.

– Escute – ele ergueu meu queixo entre seus dedos – vamos pesquisar alguma outra maneira.

Eu assenti de leve, tentando me agarrar a essa tábua de salvação. Afinal, pra quem está se afogando, jacaré é tronco.

– Certo, agora que está tudo esclarecido – papai anunciou, com uma certa acidez na voz – posso saber que marcas são essas no pescoço da Jéssica?

Coloquei as mãos instintivamente sobre as marcas dos dentes. Tentei usar de telepatia.

*Não, Zack, por favor, não fale nada, não fale nada, não f...*

– Fui eu que fiz – anunciou Zack, ignorando meus apelos – o senhor gostou?

Papai rangeu os dentes e mamãe segurou-o pela camisa quando ele se levantou.

– Van, querido... você tinha uma coleção dessas quando eu era vampira.

– Maria!

Ver meus pais discutindo assim me fez lembrar várias discussões estranhas que presenciei na época em que era pequena.

“Mas, querido, por que você não pode levar o lixo pra fora, varrer a varanda e comprar pão? Ainda estou me acostumando com a luz do sol!”

“Isso já faz 10 anos, Maria! Pode parar com a desculpa!”

Ou então:

“Gente, mulher bonita aquela da novela. Ah, também, aposto que ela deve ter só uns 200 anos”

“Maria, mulheres bonitas mortais não costumam ter a beleza durando tanto tempo assim.”

Ou ainda:

“Maria, pela última vez! Nós comemos carne assada, não crua!”

“Mas, Van, eu ainda gosto quando está fresco e pingando...”

Gente, como sou lesada. Isso também explica o fato de minha mãe sempre mandar fazer pra ela protetor solar fator 120.

De repente, batidas na porta. Todos silenciaram. Bateram mais uma vez. Não era o toque das *otakus* e nem de Vincent. Papai segurou a besta que tinha nas costas.

– Um pouco de ação tão cedo?

– Esperem um pouco – eu levantei a mão, tentando esfriar os ânimos – Papai, por acaso você avisou aqui na universidade que faria uma visita?

– Não.

– E se for o diretor? – cogitei ansiosa – Ver o embaixador nessas roupas vai deixá-lo com muitas dúvidas.

– Bem, ele pode pensar que somos uma família excêntrica.

Nossa, eu amo a mamãe.

Zack ergueu-se.

– Bem, deixa que eu atendo. Se for um problema, com certeza posso resolver com uma mão amarrada nas costas enquanto vocês ainda estarão fazendo planos.

Papai passou na frente dele e abriu a porta com descaso.

– Johnny? – ergui a voz, surpresa, ao reconhecer a figura parada no corredor – Como você... o que estava fazendo aqui?

– Ora, eu vi seu pai chegando e achei que seria uma boa me apresentar.

– Mas como você soube que ele estava aqui?

– Eu sou porteiro – deu de ombros.

Fiz sinal para que entrasse e assim que o fez, timidamente, apesar de suas roupas aparentarem ser de alto nível – um sobretudo preto com um emblema do Conselho – eu nunca havia visto uma dessas: duas estacas se cruzando no alto com um alho em baixo – ele retirou o chapéu. Zack ergueu uma sobrancelha.

– Você me parece estranhamente familiar... Quer dizer, sei que você é o porteiro, mas olhando assim com essas roupas...

– Bem – ele começou, ruborizando-se um pouco – nós já nos encontramos.

De repente o vampiro bateu a mão na testa.

– O desertor! O único caça-vampiros que eu não matei – tirando a Jessi, claro.

Johnny ficou ainda mais corado. Provavelmente estava com vergonha de ter fugido da obrigação.

– Johnny? – papai estreitou os olhos, aproximando-se – Você é o último caçador que esteve aqui então?

– Desculpe-me – a voz dele tremeu – se eu tivesse cumprido minha obrigação, sua filha não teria passado por esse problema.

– Não foi culpa sua – Zack gritou agora do fundo do meu armário, onde provavelmente estava fuçando querendo saber onde estava o vídeo-game portátil que eu acabara de comprar – Você teria morrido mesmo.

Papai ergueu uma sobrancelha, mas não rebateu. Depois desviou os olhos para o verdadeiro culpado: Eric. O mensageiro apenas sorriu, orgulhoso.

– Bem, já que estamos todos aqui, por que não pedimos uma pizza? – acrescentei, sarcasticamente.

– Pra mim sem alho, por favor – respondeu Zack, com os olhos presos no joguinho agora e esparramado na minha poltrona recém comprada na Macy's.

Papai balançou a cabeça.

– Como um mestre dos vampiros tão metido a engraçadinho e desatento como ele conseguiu passar a perna tantas vezes no Conselho? Eu devia...

Os olhos de Zack simplesmente desviaram-se lentamente do jogo para meu pai e lançaram um sinal de alerta silencioso. Ele fez parecer que não, mas senti meu pai estremecer.

– Você tem muita sorte de ser pai da Jéssica, Van.

Eu arregalei os olhos para o meu vampiro, mas ele fez de conta que não disse coisa alguma. Papai pareceu ter sossegado depois disso.

Cogitei algo que estava me deixando um pouco alarmada.

– Mas bem... então vocês vieram para me ajudar com Zack, certo? Tipo, a salvá-lo.

Papai demorou a responder, mas mamãe tocou seu ombro e falou suavemente.

– Mas claro, querida!

– Eu também quero ajudar – respondeu Johnny prontamente – quero compensar minha covardia.

– Você tem uma família agora, Johnny! – retruquei, preocupada – Isso não as colocará em perigo?

– Está brincando? – ele deu uma risada – Minha mulher me colocou na parede e disse para eu limpar meu bom nome. Sem contar que quem sabe o Conselho coloca meu nome na folha de pagamento outra vez? Priscila precisa de alguns remédios...

Papai deu-lhe um tapa caloroso no ombro.

– Quanto mais caçadores melhor! Zack não terá chance... digo, os vampiros não terão chance com a gente!

Zack desligou o joguinho e ficou de pé.

– Contem comigo também.

Papai ergueu uma sobrancelha.

– Como vou saber que não irá nos trair?

Zack virou-se para mim e me fitou por alguns segundos.

– Porque eu amo a Jessislaine.

Eu senti que perdera o fôlego. Apesar de Zack ter errado meu nome de propósito, ele admitira, na frente de todos e de mim mesma que me amava.

Estou ouvindo sinos?

– Que romântico, não, querido? – mamãe colocou a mão no peito com uma expressão de carinho exagerada.

– Não.

– Bem, não reclame. Ela puxou o *seu* lado da família.

– Ah, então a senhora não se apaixonou por mim também?

– Demorou um pouco mais – ela lançou um daqueles sorrisos que sempre derretiam meu pai.

Eca.

– Escutem, é melhor irmos andando – anunciou Johnny, tirando-me do nosso estupor por alguns instantes – só *eu* notei essa visita, mas pode ser que o diretor queira saber o que está acontecendo e vai ser um pouco difícil explicar. Vocês ficarão na minha casa; minha mulher já preparou os seus aposentos.

Engraçado como Johnny ficava tão formal às vezes. Não sei se era por influência dos meus pais ou parte do treinamento do Conselho. O único treinamento que recebi por parte do Conselho era que ficar de boca calada fazia bem pra saúde. E que Vincent sabe ser bem sádico.

Meus pais seguiram para o corredor e papai apenas apontou o dedo para Zack, em sinal de advertência. Mamãe mandou um beijo para nós e uma piscadinha e ainda puxou Eric pelo braço para longe do quarto. Apenas Christie continuava lá, segurando vela para nós dois.

– Repete – eu disse, assim que fechei a porta.

Ele sorriu com ar de quem não estava entendendo.

– Do que está falando, safadinha?

– Você sabe. Diz pra mim o que Jack diz pra Rose em *Titanic*. O que Edward diz para Vivian em *Pretty woman*.

– Hum, em que versão?

– Não desconversa!

– Eu te amo, safadinha.

Eu sorri.

– Eu também te amo, caçado.

Quando ele me envolveu em seus braços achei que meu coração fosse parar.

– Muita coisa faz sentido agora – ele murmurou, pensativo – o fato de sofrermos com água benta... o fato de não podermos entrar em uma igreja... mas por que a lenda do alho? Quer dizer, eu realmente sinto muita coceira.

Dei de ombros.

– Vai ver você já tinha alergia antes.

– Não acha estranho, Jessi?

Você me abraçar e não me beijar? Acho.

– O quê, Zack? Alergia a alho? Eu tenho alergia a batom, e daí?

– Haver um demônio dentro de mim? Quer dizer, isso não te assusta?

– Me assustou quando ele quase se apossou de você completamente. Mas depois de todos os sustos que você me fez passar, entre eles: ser pálido e só andar à noite; beber sangue; assaltar o hospital; ser extra-forte, extra-rápido, extra-gato, fazer uma fogueira com meus livros... e espera, ser imortal... meio que me acostumei com a ideia.

– Parece ser horrível quando você fala...

– Não é nenhum conto de fadas, claro.

Ele soltou-me e sentou-se na poltrona, olhando pela janela. Todas as células do meu corpo gritavam: “pula logo em cima dele”, mas mandei meu cérebro ter um pouco mais de paciência. Zack estava passando por uma sinistra crise existencial.

Cruzei os braços e encostei na janela, ao lado dele, fitando a lua.

– Então é isso? Você desistiu de ser humano?

Ele sacudiu a cabeça e enterrou-a nas mãos.

– Não é isso. Eu quero muito, mas... não posso te colocar em risco. Nem você, nem seus pais, nem as *otakus*...eu...

– Se você está pensando em me deixar, esquece. Vou te perseguir até o fim do mundo – falei com a voz ao mesmo tempo tensa e embargada. Não podia imaginar a minha vida longe dele. Meus dias seriam um tédio.

– Eu jamais conseguiria me afastar de você – ele pegou minha mão – por mais que eu tentasse, acabaria indo atrás de você, como sempre fui. Devo ficar e lutar.

Eu mordi meus lábios para não sorrir.

– Então temos que estar preparados para a encrenca.

– *Encrenca em dobro* – ele sorriu.

– *Para proteger o mundo da devastação.*

– *Para unir as pessoas da nossa nação.*

– *Para denunciar os males da verdade e do amor...*

– *Para estender o nosso poder às estrelas!* – ele ficou de pé e gritou para a janela.

– *Jessie!* – gritei.

– *James!* – ele gritou.

– *Equipe Rocket decolando na velocidade da luz! Renda-se agora ou prepare-se para lutar, lutar, LUTAR!* – gritamos juntos.

Christie nos olhou torto enquanto caíamos na minha cama rindo e nos contorcendo, quase chorando ao ver que nós dois havíamos decorado as falas de *Pokemon*. Eu sei, nós somos duas pessoas dementes.

Mas eu sou demente só há 30 anos.

Subitamente Christie eriçou-se e pulou pela janela, mas foi tudo muito rápido. O aviso foi em cima da hora e desta vez não tinha como esgueirar-me para baixo da cama.

– Que ridículo. Esta humana deixou você fraco e tolo.

A voz afiada de Dante arrepiou-me e congelou-me no lençol. Zack levantou-se de ímpeto. Já Christie nem sinal. Ela é um alarme que toca e corre. Pra que serve suas garras, minha filha?

– Você tem muita coragem, Dante – Zack sibilou.

– Você nos traiu! Mandou-nos para aquela armadilha de Vincent e não nos avisou! – Dante gritou, contendo-se. Provavelmente não seria capaz de atacar Zack no habitat dele.

Você sabe, meu quarto.

Zack torceu o nariz.

– Trair? Não seja tolo. Eu abandonei o posto de mestre e vocês têm me perseguido desde então. A cada dois anos sou obrigado a partir para que me deixem em paz.

– Mas precisamos de um mestre!

Zack fez um sinal com a mão e Dante encolheu-se, silenciando-se como uma criança censurada.

– Desde então tenho que aturar todas as tentativas patéticas de me matarem – Zack continuou – de todos vocês. Sem contar as tentativas de matar minha protegida.

Protegida? Ele disse isso mesmo? Cara, estou me sentindo. Que o Conselho não me escute.

– ... E se por acaso os caçadores do Conselho aproveitam a confusão e os atacam – Zack sorriu sinistramente – eu realmente não tenho nada com isso.

– Mas... você sabia?

Zack lançou-lhe um olhar impassível.

– Você quase me fez voltar ao monstro que eu era antes. Já corriam risco comigo.

Dante pareceu refletir por alguns instantes. Subitamente desceu em seu rosto uma máscara obscura.

– Esta é sua palavra final? Vai deixar de uma vez de ser nosso mestre? Se o fizer, estará selando seu próprio destino. Todos os vampiros que existem tentarão matá-lo para roubar seu posto. Até mesmo aqueles que ainda insistem em obedecê-lo!

Zack aproximou-se dele e levantou seu queixo, com movimentos sutis como os de uma serpente.

– Quem vai ser o primeiro?

Dante arreganhou os dentes e desapareceu.

O único som que houve depois de alguns minutos foi o meu suspiro alto, quando me dei conta de que estava prendendo a respiração até então.

– Jessi...

– Não diga nada – eu levantei-me e dei-lhe um beijo intenso, soltando-o logo em seguida – eu já me meti nessa até o pescoço quando aceitei aquela mensagem do Conselho no meu computador. Se você tentar fugir, eu irei atrás. Não tem mais volta, então não ouse me deixar encalhada.

Ele ergueu uma sobrancelha e me corrigi na mesma hora.

– Digo, de fora. Não ouse me deixar de fora.

Ele tocou meu rosto, afastou meus cabelos da testa e me deu um beijo demorado.

– Eu estou muito ferrado...

– Está com medo?

– Sim, de você me amarrar e me arrastar para o altar.

Eu sorri, depois de dar-lhe um soco de leve no braço.

– Quem manda ser tão gato assim?

– É uma maldição, você não entenderia.

Eu me afastei e o olhei torto.

– Como assim não entenderia? Está me dizendo que não sou bonita o suficiente para atrair tanta atenção?

– Nossa, olha só a hora! – ele desconversou, apontando para um relógio imaginário – Precisamos ir pra aula! Hoje é prova!

– Como se você se importasse! Já é a última aula, ninguém vai. Anda logo, me responde o que...

Ele levantou-me no ar, jogou-me por cima do ombro e ainda deu tapinhas na minha perna.

– Deixa de ser irresponsável. Mulher minha tem que tomar vergonha na cara.

– Mulher sua? – corei imediatamente, mas ainda bem que estava nas costas dele, então ele não viu – Que audácia! Isso é jeito de tratar uma caçadora do Conselho? Eu vou acabar com você!

– Entra na fila – Zack riu alto, enquanto seguia pelos corredores onde ele provavelmente iria entrar comigo na sala de aula daquele jeito e naquela pose. Eu tampei a cara já sentindo a vergonha e o mico atravessando minha reputação, mas não pude deixar de sorrir por baixo das mãos.

Tempos difíceis estavam chegando e ia ter uma hora em que eu teria saudade dessa época.

# Treinamento



Não me pergunte como, mas nem deu dez horas e as *otakus* – e Bobby – já estavam na minha porta, me enchendo o saco para conhecerem meus pais.

Não sei como eles descobriram, mas nem me incomodei em perguntar. Assim que os levei até a casa de Johnny, fomos recebidos com um café generoso da esposa dele e abraços calorosos dos meus pais, todos tentando soar os mais normais possíveis. Era óbvio que as *otakus* – e Bobby – sabiam que eles eram caçadores, mas meus pais não sabiam que eles sabiam. Não soa ridículo?

Papai quase engasgou com o café quando Aninha perguntou se todos os vampiros eram bonitos como Zack. Mamãe me olhou com uma cara de “você não fez isso”! E Johnny só deu de ombros.

– Jéssica – papai me censurou – O Conselho diz estritamente que é proibido contar às pessoas que somos caçadores! No que estava pensando?

– Em pedir ajuda, papai! – retruquei – O seu Conselho me mandou caçar o mestre dos vampiros e nem estava planejando fazer isso. Então se eles são incompetentes eu também sou – senti uma alegria enorme ao dizer isso, nem sei dizer porquê.

– Mas foi um erro... – mamãe tentou salvar.

– É, eu também erre às vezes – tentei enfatizar o “às vezes” como se fosse para convencer a mim mesma.

– Ora, não se preocupe, seu Van! – Estela sacudiu as mãos para acalmá-lo – Se não fosse pela gente mesmo, Jessi ainda estaria presa lá naquele bueiro com as adoradoras malucas.

– Presa aqui, presa lá embaixo, que diferença faz? – logo me ergui para mudar de assunto e não deixar meus pais descobrirem que fiz horrores enquanto estava aqui – Então quem quer mais chá?

Priscila me trouxe um novo desenho e puxei-a para o canto.

– Pri, por que você me diz que eu deva ser mais como o príncipe Eric? Não acha mesmo que pareço a pequena sereia, não?

Ela revirou os olhos e me senti estúpida.

– A Ariel vira humana para ficar com o príncipe. Então você deve ser como o príncipe, entendeu?

Eu sorri. Finalmente tinha entendido.

– Então se você me diz para ser como o príncipe, é porque “minha princesa Ariel” é que deve ser humana para ficar comigo, não é isso?

Ela sorriu e piscou um dos olhinhos.

– Entendido?

– Entendido – sorri – Será que posso roubar você do seu pai? Quero você pra mim.

– Não dá. Papai precisa de mim demais.

Eu dei-lhe um beijo na testa e sorri.

– É, eu entendo perfeitamente.

Voltei para a sala, onde papai exibia a besta e mostrava como funcionava cada um dos apetrechos. E eu que sou a inconsequente. Já podia ver nos olhos do Bobby onde ele iria mandar fazer uma igual.

Subitamente comecei a me sentir meio estranha. Quando anunciei que queria me retirar porque estava me sentindo meio enjoada, mamãe me olhou torto e meu pai arregalou os olhos.



– Não esqueçam que vampiros não podem engravidar ninguém se é isso que vocês estão achando, e não – podem agradecer principalmente a Eric por isso – Zack e eu nunca tivemos nada.

Os ombros de papai relaxaram e mamãe sorriu pra mim tentando não mostrar que acabara de dar um suspiro de alívio.

Despedi-me de todos eles e me dirigi para a saída sentindo o enjoo cada vez mais forte. Sempre que isso acontecia, eu acabava desenvolvendo algum tipo de poder. Ai, era só o que me faltava. O que seria agora?

Soltar raios laser com os olhos?

Deixar minhas roupas transparentes?

Soltar pum e ir parar na lua?

Uma sensação estranha começou a passar por mim e de repente meu braço começou a coçar. Daí minha cabeça, meu rosto, meu pescoço e fiquei assustada. Nunca havia desenvolvido alergia antes. Será que foi alguma coisa que eu comi na casa de Johnny? Será que fiquei alérgica a malha?

Quando voltei ao meu quarto, pronta para tomar um banho, passar uma pomada e verificar o tamanho do estrago no espelho, a sensação ficou maior.

Subitamente ao abrir a porta, dei um pulo. Se não fecho a boca rapidamente, o coração finalmente ia conseguir o intento de passar por ela antes que eu pensasse em segurá-lo.

– Vincent! – gritei, mas tentando conter a voz – O que está fazendo no meu quarto?

Ele ergueu os olhos para mim enquanto polia a besta. Saber que foi discípulo do meu pai explicava muita coisa, mas ainda não conseguia compreender como ele se tornou tão frio.

Ah, é. Ele dava 15 voltas em torno da cidade... pelos telhados. No granizo.

Foi aí que notei que minha coceira súbita desapareceu tão rápido quanto tinha surgido. O que acontecera, afinal?

– Senhorita Jéssica? Estava treinando suas habilidades, imagino.

– Eu... sim, claro.

Minhas habilidades em comer um bolinho sem deixar migalhas para trás.

Ele ergueu-se. Incrível a habilidade que o caçador tinha de, além de ser alto, conseguir preencher com sua presença todo o recinto. Sua capa vermelha quase tocava ponta a ponta do meu quarto e seu chapéu de abas largas cobria seu rosto e davam-lhe um aspecto obscuro; era quase uma sombra maligna espalhada pelo meu quarto.

– Não tem encontrado com Zack, tem? – sua voz carregava um tom ácido – Ele voltou para a universidade ou sua humanidade já não existe mais?

Havia algo errado com Vincent. Quer dizer, sempre achei que havia algo errado com ele de todas as formas possíveis, mas estava pior. Eu não conseguia decifrar seus olhos.

– Ele... – bem, eu não podia mentir. Vincent acabaria descobrindo – Zack voltou ao normal...dele.

O mestre caçador não escondeu o sorriso simples que havia se formado em seu rosto.

– Qual a arma que você optou? O treinamento vai se intensificar agora.

– Chicote.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Está certa disso?

– Por quê? Posso perguntar aos universitários?

– O quê?

– Nada. É, acho que o chicote é a melhor arma pra mim.

Ele deu levemente de ombros e apontou com a cabeça para fora.

– Então vamos.

Eu arregalei os olhos.

– Agora? Todos vão nos ver!

– Vamos sair da universidade. Seu treinamento deve se intensificar e já. Aguardo algumas mudanças para os próximos dias.

Senti uma coceira de leve na orelha esquerda. O que poderia significar?

Tudo, a coceira e a mudança.

– O que quer dizer?

Ele só estreitou os olhos e sua boca tornou-se uma linha fina. Saiu do quarto sem nem menos ter a educação de dizer que não ia satisfazer minha curiosidade.

Acho que devia ser incluída uma matéria no conselho: “como não ser grosso em dez lições”. E aposto que Vincent ia repetir e, se desse sorte, passar raspando na quarta vez.

Não foi uma semana fácil. Todos os dias Vincent me explorava, e volta e meia o chicote me enrolava no pé, na cabeça – me enforcando – na minha cintura e nos meus braços. Eu levava tantas quedas que comecei a cogitar se eu levava mesmo jeito para aquela droga de arma.

Na verdade, se eu levava jeito para alguma coisa.

Eu tinha que evitar Zack e meus pais, assim como as *otakus*. A única hora em que os encontrava era quando conseguia assistir as aulas, mas não aguentava mais. Dormia, babava e me arrastava pelos corredores. Zack ficava preocupado – que fofo – mas não havia nada que pudesse fazer. Se eu me negasse a ser treinada, Vincent poderia desconfiar e alertar o Conselho. Eu estava numa furada mesmo.

Zack sentou-se na minha frente no refeitório parecendo estar de muito mau humor.

– Jessi, isso tem que parar! Seu corpo não está preparado para tanto exercício físico.

– E eu não sei? – suspirei enquanto me concentrava em puxar meu suco de uva enjoativo. Até fazer isso parecia um grande esforço – Mas não posso. Ontem eu desmaiei por uns dez minutos e quando acordei, ele só me olhou torto e disse que fraquejei porque preciso aumentar minha resistência.

Zack rosou.

– Ele está tentando te matar por excesso de esforço, isso sim! Alguém vai ter que fazer alguma coisa!

– Quem, Zack? Você nem pode aparecer, sabe disso! Ele é esperto, só treinamos durante o dia!

– Eu sei quem – foi só o que ele disse.

– Bem, eu finalmente consegui dominar a arte do chicote. Não estou lá essas coisas, mas já aprendi a estalar sem que ele estoure no meu rosto.

– Assim eu me sinto culpado.

– Por quê? Não é culpa sua eu ter escolhido o chicote, afinal...você acreditou que era o melhor pra mim. Não é?

Zack desviou o olhar e fitou um ponto no teto.

– Eles realmente deviam começar a pintar a universidade. Ela não tem gene de vampiro, sabe? Não dura eternamente.

– Não é? – repeti a pergunta, evitando sua tentativa óbvia de mudar de assunto.

Ele virou para o outro lado, como se tivesse evitando me olhar nos olhos.

– Na verdade... é fetiche.

– O... o quê?

– É fetiche. Eu queria que você aprendesse o chicote porque eu tenho fetiche.

Meu queixo caiu, fazendo-me babar o suco de uva que estava quase descendo a todo custo pela minha garganta.

– Você... você me fez treinar feito louca com essa droga de arma porque simplesmente tem fetiche

com chicote? Não pensou nas consequências e no que eu sofreria para aprender?

Ele deu um sorriso inocente.

– Na verdade não.

– Ora, seu...

Quando pulei sobre a mesa para esganá-lo, Zack passou voando pelas bandejas de verduras, pisou em duas ou três outras mesas, na cabeça de alguns jogadores e parou de relance ao cruzar a porta do refeitório a toda velocidade, comigo ao seu encalço.

Só que ao parar eu já havia saltado no ar para pegá-lo. Trombei com ele e caímos os dois juntos rolando pelo corredor. Quando notei os sapatos de Vincent à minha frente, rapidamente me pus de pé.

– V... Vincent!

Ele nos fitou com um olhar de puro desprezo. Nunca me senti tão pequena em toda a minha vida.

– Por que está embolada no chão com esse vampiro, senhorita Jéssica?

Zack se levantou calmamente, limpou a sujeira da roupa com uma certa classe e falou sem nem mesmo olhar para ele.

– Nós estávamos em uma batalha de vida ou morte e você atrapalhou.

Bem, não deixa de ser.

Vincent colocou de leve a mão na besta que carregava um pouco abaixo da cintura e os olhos de Zack ficaram subitamente vermelhos.

Eles estavam se testando. Vincent retirou a mão, mas acrescentou um sorriso suave no rosto. Ao menos eu *acho* que aquilo era um sorriso, vai saber.

– Ousaria atacar-me aqui, mestre dos vampiros?

Ricky, conforme a lei de Murphy segue sem derrotas, ouviu a última frase enquanto atravessava o corredor para o recinto. Afinal, segundo a lei de Murphy, se alguma coisa tem probabilidade de dar errado, VAI dar errado.

– Ele disse mestre dos vampiros? – meteu-se no assunto.

– Não se importe – Zack disse para Ricky, sem tirar os olhos do caçador – é fetiche.

Rosnei com a última frase. Ricky apenas deu de ombros e seguiu para o refeitório.

– Senhorita Jéssica – Vincent chamou-me sem tirar os olhos de Zack – não esqueça que temos treinamento amanhã pela manhã.

Ele esperava que meu vampiro mostrasse alguma reação, mas este permaneceu impassível. Meus joelhos doeram só de pensar naquelas horas de sofrimento futuro.

– Por que perde o tempo dela e o seu? – ele sorriu – Sabe que Jéssica jamais conseguirá me derrotar. Nem você. Não há necessidade de todo este treinamento. Ela é incapaz. Nós dois sabemos disso.

Tudo bem que Zack estava tentando me proteger, mas senti a bile subindo na minha garganta. Como assim?

Vincent torceu o nariz, provavelmente cogitando se fui eu quem dissera sobre o treinamento ou se ele havia simplesmente visto. Ou talvez estivesse concordando que realmente não havia esperanças pra mim.

– Pois ela treinará ainda mais – sua resposta me deu um frio na barriga – Para enfrentar um vampiro tão antigo e ainda por cima mestre de todos eles, precisa ter a capacidade no máximo. Se morrer durante o treino será por uma boa causa, não acha?

Zack permaneceu impassível, mas eu podia ver sua mandíbula apertar. O caçador queria ver se ele teria alguma reação, mas eu torcia que não. Por fim, Zack deu apenas um sorriso sádico.

– Bem, é sua discípula. Faça o que acha que deve fazer.

Ele simplesmente nos deu as costas e seguiu pelo corredor, mas, conhecendo bem Zack como eu conheço, ele fez isso para não atacá-lo ali, no meio de todos os alunos. Afinal, o mestre dos vampiros

nunca dá o braço a torcer.

Mas depois eu vou imprensá-lo na parede só pra discutir um pouquinho a relação.

Como eu estava imaginando, Vincent marcara mesmo um novo treinamento para o dia seguinte. Não eram nem 7 da madrugada quando aquele psicótico bateu à porta do meu quarto. Zack evitara me encontrar naquela noite, para que Vincent não desconfiasse que andávamos nos encontrando – vamos combinar, que homem mais mal-informado! – então até que tive uma boa noite de sono... antes de acordar com uma coceira daquelas. Sério, o que pode ser isso? Desenvolvi alergia ao Vincent ou era algo mais sério? Tudo bem que só de ver aquele homem eu sentia até vontade de vomitar, mas alguma coisa deve estar acontecendo.

Foi de muito mau humor que ele permitiu que eu comesse uma barrinha de cereal. Quando saímos da universidade para o treino, percebi um brilho maligno nos olhos dele e minha coceira começou com uma intensidade estranha. Não demorou muito para que começasse a ficar empolada.

Desta vez o treino não parecia só intenso, parecia uma espécie de vingança. Até abertura de pernas esse homem queria que eu fizesse. Gente, alguém precisa lembrá-lo de que não sou mais uma adolescente, embora isso esteja na cara. Não literalmente falando, porque realmente *pareço* uma adolescente.

Não muito depois do meio dia, eu desmaiei. Devo ter passado quase uns dez minutos desacordada porque, quando recuperei os sentidos, Vincent já tinha colocado obstáculos de maratona em volta da universidade. E esses obstáculos continham adagas afiadas, cascalho e até buracos suspeitos no trajeto.

– Já descansou? Ótimo. Agora corra. Você tem dez minutos para correr em volta da universidade e, se por acaso diminuir a velocidade, vai fazer outra volta.

– Descansei? – perdi a cabeça só de ouvir – Eu desmaiei, seu sádico! Pra mim chega! Eu não dou conta disso tudo; nem almoçar e tomar café você me deixou! Está tentando me matar?

Ele ergueu-se e sua presença tomou o ambiente. Encolhi-me por instinto, mesmo que não fosse essa minha intenção.

– Se não é capaz de cumprir uma simples tarefa como essa, não é digna de ser caçadora do Conselho. Neste caso, eu mesmo redigirei uma carta para eles informando sua demissão.

– Mas eu...

– Caçadores devem passar por um treinamento rigoroso para poderem lutar contra os vampiros em pé de igualdade. Se não é capaz, desista. Se não, vou acreditar que a única coisa que quer é ficar com um vampiro e isso é um dos maiores crimes que um caçador pode cometer. Crime que sua *família* cometeu.

Engoli em seco. Ele me pegara direitinho. Queria me fazer desistir ou morrer no treinamento; aí eu estaria fora de seu caminho. Que sujeira.

De súbito, uma voz substituiu o palavrão que já havia se formado em minha boca.

– Ela não vai mais treinar por agora.

Vincent estreitou os olhos ao reconhecer meu pai, que estava chegando pronto para uma caçada. Usava botas até o joelho, um sobretudo marrom de couro e um chapéu de caubói.

Ai, papai. Estou há tão pouco tempo na Terra e ainda entendo mais de moda do que você? Não nego que estava estiloso, mas é tão estranho ver meu pai assim.

– Van Allen... – sibilou Vincent em voz quase inaudível.

– Não me chama mais de mestre? – papai sorriu.

– Eu já o superei. E você não passa de um traidor.

Meu pai simplesmente ergueu uma sobrancelha.

– Você jamais entenderia o que é amar alguém, Vincent. É por isso que não me superou. E não, não

sou um traidor. Maria não é vampira e é uma caçadora, como nós.

– Ela não é como nós! – Vincent rosnou.

– Não – papai sorriu com frieza – ela é melhor.

Vincent subitamente relaxou. Era como se tivesse alguma carta na manga e não ia permitir que papai o abalasse.

– Como quiser, Van. O fato é que sua filha está indo pelo mesmo caminho e Zack é o mestre dos vampiros. O pior de todos eles, o arqui-inimigo do Conselho. Está do lado de quem no momento? – ele sorriu – Devo informar ao Conselho de uma outra possível traição?

Papai colocou as mãos no bolso, um gesto típico de Zack. Freud explica.

– Faça isso. Tenho muitas coisas que eu soube ao seu respeito que também adoraria dividir com o Conselho.

– Não sei do que está falando...

– Um passarinho vestido de preto me contou.

Há. Está mais para um morceguinho. Estava claro que Zack passou algumas informações privilegiadas para meu pai.

Vincent trincou os dentes, mas manteve o rosto impassível. Com um aceno quase imperceptível de cabeça, virou as costas para nós e saiu, levando com ele sua presença maligna.

– Como soube que eu estaria aqui?

Papai deu de ombros.

– Ontem à noite Zack apareceu para fazer uma visita. Até que aquele moleque não é tão ruim assim.

Eu sorri. Zack até confrontou meu pai para que ele pudesse me ajudar.

– Claro que não é. E aposto que está com saudades dos meus ex. Se parar para pensar, não eram tão ruins assim, não é?

– Eu devia imaginar que poderia ficar pior – ele sorriu.

Eu levantei-me, sacudi a poeira da minha roupa e tentei caminhar normalmente, mas minhas pernas já estavam roxas e saía sangue de arranhões em várias partes do meu corpo.

– Estou louca por um café – resmunguei.

– Vamos. Johnny fez um almoço daqueles. Depois você continua.

Arregalei os olhos.

– Continuo o quê?

– O treinamento, lógico. Mas vou pegar mais leve que o Vincent, pode deixar.

– Hum. Vai me mandar levar o lixo pra fora?

Ele passou os braços ao redor dos meus ombros.

– Não – ele sorriu – Mas cada exercício que você fizer a seguir foram sugestões da sua mãe.

# Corrida



Papai não foi pior que Vincent no treinamento, verdade, mas chegou bem perto. O pior mesmo foi ter que aguentar mamãe do lado dele gritando e batendo palmas. Não nego que foi um incentivo a mais, mas me senti meio estúpida. Eu parecia um cãozinho sendo amestrado.

Agora que Dante deve ter espalhado a notícia de que Zack definitivamente desistira deles e resolvera tornar-se humano, devíamos estar prontos para tudo. Meu vampiro até começou a trancar a porta do quarto.

Minha pergunta principal seria: quando ia começar? Vincent sumira depois daquela discussão/papo amigável com meu pai. Eu estava um pouco preocupada, sem dúvida. Já fazia cerca de uma semana. Christie não dava sinais de sentir presença de nada; até Eric passava para dar uma visita porque andava meio folgado.

Na medida do possível dele, pelo menos. Mas também parecia estar um pouco alarmado, tomando mais chá que o normal.

Zack não me evitava mais e me agarrava nos corredores, mandava mensagens brincalhonas no celular e mostrava a língua para as meninas que ficavam suspirando por ele. Era uma clara demonstração de não-estou-mais-nem-aí. Para mim Zack estava subestimando a situação, embora tenha ido aos meus ‘treinos em família’, comentando o quanto eu estava perdendo peso rápido.

O que, é claro, fazia me dedicar ainda mais.

Não vou negar que foi um tempo bom, apesar do cansaço. Ele me enchia de chocolate, passava horas batendo papo com minha mãe, lembrando velhos tempos e até papai começou a falar um pouquinho com ele, já não mais tão carrancudo.

Zack ainda se recusava a beber sangue animal – ainda bem, porque eu tinha pena dos bichinhos, fossem eles quais fossem – e meu pai foi obrigado a concordar com ele. Se realmente houvesse um ataque em massa dos vampiros, o mestre não poderia perder nem um só grama de todo o poder que tinha. Era necessário lutar com todas as nossas armas.

Mas por quanto tempo? Não poderíamos derrotar todos os vampiros da face da Terra, certo? E se Zack virasse humano, será que nos deixariam em paz ou iam querer vingança?

Papai começou a contatar o Conselho. Disse que a melhor forma de conseguir ajuda era expondo o problema e acreditar na capacidade deles de discernir o que seria o melhor a fazer.

Pra mim a gente estava era embarcando em outra furada. Quer dizer, estou namorando Zack há alguns meses e eles continuam me pagando...vai entender.

Quando completou duas semanas, perto das 5 da tarde, pedi uma folga para poder ligar para o padre Marconi. Ele com certeza seria um grande aliado.

– Boa tarde, padre! É a Jessi!

– Oh, olá, filha – subitamente sua voz mudou de tom – Está tudo bem? Zack meteu vocês em outra encrenca?

– Ele não sabe fazer outra coisa, padre! Ainda ontem... não, espera, não posso desviar do assunto. O

negócio é sério. Assim... Zack quer ser humano.

Ele não disse nada por quase um minuto, mas pude ouvir sua respiração no telefone.

– Já falamos disso antes, mas... estão mesmos dispostos a isso?

– Não temos outra escolha – suspirei – Zack se recusou terminantemente a ser o mestre dos vampiros e aguardamos ataques em massa muito em breve.

– Filha, olhe... lembra-se? Eu disse que ninguém conseguiu...

– Minha mãe. Ela era vampira e conseguiu! Foi, ahn, exorcizada! Quem sabe está no sangue?

– Sua mãe...? Bem... sabe, quando uma pessoa é possuída por um demônio, ela não é responsável pelos atos que comete, porque o demônio possui o corpo da pessoa, mas não sua mente. No caso de um vampiro, as mentes de ambos estão fundidas. Só que Zack é um caso à parte. A força de vontade dele é forte, mas seria mais forte que o ódio do ser dentro dele? É um grande risco a se correr. Em casos de exorcismo já houve pessoas que morreram no processo. É bem possível que Zack não resista...

Engoli em seco.

– O problema, padre, é que não há escolha. É tudo ou nada... – meu coração estava na mão – não há alternativas para nós. Se acaso... acontecer alguma coisa, pelo menos Zack estará livre desse...problema para sempre.

– Está bem. Venham hoje à noite. Vou preparar tudo para a chegada de vocês.

– Vai tentar um exorcismo? – quase gritei, empolgada – e ao mesmo tempo não – pra ver isso.

– Não, é arriscado demais. Zack pode perder a cabeça e matar quem estiver por perto. Eu vou tentar algo mais radical. Enfraquecer o demônio para que Zack encontre poder para expulsá-lo ele mesmo.

– Não me deixa na expectativa, padre! Conta tudo!

Ele deu uma risada leve no telefone, mas depois assumiu um tom sério.

– Não deve ficar empolgada para ver isso. Vai ser um pouco assustador e... bem. Vamos rezar.

Eu sacudi a cabeça afirmativamente e depois me senti imbecil, já que ele não estava olhando. Quando coloquei o fone no gancho, senti que havia selado o destino de Zack. Hoje? Será que devíamos arriscar tudo hoje? Será que não poderíamos ter mais um tempo a sós e...

Ouvi batidas na porta e minha mente começou a processar informações muito rapidamente. Zack, Vincent, Dante, Eric – não, ele entra sem ser convidado – papai, mamãe, Johnny, o diretor, *otakus*.

Cara, eu estava mesmo ficando popular.

Eram as *otakus*. Era só refletir sobre as batidas na porta.

– Boa tarde, pessoal! – exclamei, mais animada do que devia quando abri a porta. A verdade era que eu pretendia disfarçar a tensão.

– Não vem com papo furado, Jessi – cortou Dine, de mau humor – Você ia embarcar na maior aventura e não pretendia levar a gente!

– C-como assim? Do que está falando?

Foi aí que reparei em suas roupas. Tudo bem que não andavam muito normais, mas além das tradicionais orelhinhas, todos vestiam botas, roupas vermelhas e pretas, sobretudo de vinil e rabinhos de cavalo. Também estavam cobertos de utensílios: estacas em coldres, cintos cheios de garrafinhas de água benta e colares de alhos. Não vou negar que me senti orgulhosa como nunca, mas fiquei na minha.

– Você ia partir com Zack para uma missão! Não tente negar, a gente sabe que você acabou de falar com o padre Marconi!

– Epa! Estão me espionando?

– Esqueceu que Bobby é *geek*? – Estela pôs as mãos na cintura.

– *Geek* ou hacker? Até celular meu vocês rastreiam?

– *Geek* ou hacker, tanto faz – Bobby deu de ombros – Sou muito bom no que faço.

Trinquei os dentes, de raiva e preocupação.

– Nem adianta querer tirar a gente dessa, Jessi – retrucou Ana, antes que eu pudesse pensar em alguma desculpa fajuta – a gente está bem por dentro. É hoje que Zack vai se transformar, certo? Vamos estar lá pra ajudar! Vocês não podem ficar sozinhos nessa.

Eu sorri internamente. Não eram fofos? Loucos de pedra, mas fofos.

Como todos os animes que me fizeram assistir.

– Escutem, vocês tem que entender – insisti – a única caçadora aqui sou eu!

– Só no título – Sofia rebateu – porque a gente é tão caçador quanto você!

– Ah é? Quantos vampiros vocês mataram?

– Nenhum. A mesma quantidade que você.

Podia muito bem dormir sem essa.

– Certo, só os deixarei ir se prometerem fugir na menor sombra de perigo.

Eles sorriram animados pensando em como burlar minhas ordens. Dava pra ver escrito na testa.

Fomos ao jardim, esperar por Zack. Eu andava de um lado para o outro, tentando ao máximo não roer minhas unhas recém-pintadas. O vento estava gelado e subitamente a coceira recomeçou.

– Mas que droga...!

– Jessi, está com catapora? – Bobby ergueu uma sobrancelha, ao me ver coçando os braços com raiva.

– Não, parece... sei lá o que parece. Isso começa do nada e pára do nada. Já passei tudo que é pomada, mas...

– Ei, aquele ali não é seu pai?

Virei a cabeça na direção que Dine apontava e realmente o reconheci. Não entendia o que o tinha feito arriscar-se assim entrando aqui dentro da universidade, mas fui ao seu encontro.

– Jessi, para dentro, agora. Uma batalha vai começar hoje.

Gelei. Não. Hoje não.

– O que... do que está falando?

– Recebi uma mensagem do Conselho. Há uma turma de vampiros movimentando-se para cá a toda velocidade. Isso começou...faz uns dez minutos.

Eu dei um grito. Zack chegou ao mesmo tempo em que quase sofri um desmaio.

– O que foi? – ele disse, chegando com seu costumeiro meio sorriso – contou a ela como foi exatamente que ela nasceu?

Papai ergueu uma sobrancelha.

– Espero que você não seja responsável pelo que está ocorrendo...

– Ei, eu não sei quem sumiu com todos os livros de *Crepúsculo* da cidade! Se as *fangirls* estão destruindo tudo a ferro e fogo...

Revirei os olhos.

– Parem os dois. Isso aqui é muito sério. Papai, Zack está do nosso lado. Na verdade, nós estamos do lado dele, já que queremos ajudá-lo a tornar-se humano.

E eu também estou do meu lado, já que quando Zack se tornar humano, vou poder casar de véu e grinalda na igreja.

– Isso se Zack sobreviver, já que as chances são mínimas.

Eric surgiu e dirigiu a última frase para mim, mas não retruquei. Ele realmente não faz por mal, mas tem horas que eu queria dar-lhe um tabefe.

– Isso seria muito rude de sua parte.

Eu só dei um suspiro alto. Nem meus pensamentos estavam em paz.



– Na verdade eu costumo deixar muita gente descansar em paz – ele sorriu.

Eu resmunguei e mudei de assunto.

Reuni todos ali – mamãe e Johnny chegaram alguns minutos depois e se juntaram ao grupo. Estava claro que desta vez ninguém poderia ficar de fora – e contei toda a conversa que tive com o padre Marconi.

Zack ficou em silêncio. Fitava o chão como se estivesse tomando uma decisão difícil. Toquei no braço dele de leve e seu rosto levantou-se para me fitar. Seus lábios iam mover-se, mas mudou de ideia no último minuto. Um sorriso discreto tomou seu lugar.

– Bom, então vamos lá no padre Marconi, galera – invocou Bobby, animado – antes que eles cheguem!

– De modo algum! – retrucou papai, furioso – Vocês não passam de um monte de adolescentes! E não sei quanto tempo podem chegar aqui. Para humanos vir de outras cidades levaria uma, duas horas. Eles são demônios. Podem chegar em poucos minutos, considerando a força de suas pernas e seus poderes sobrenaturais. Vocês todos devem ficar aqui enquanto Maria e eu...

– De jeito nenhum digo eu! – cortei-o com ousadia e meus pais me olharam com assombro – Os vampiros querem Zack e vão pular aqui para dentro da universidade para caçá-lo e todos com quem ele anda! O próprio Dante vai querer minha cabeça. Não podemos arriscar a vida dos alunos. Já chega de toda essa palhaçada. Vamos encontrar o padre Marconi agora e fim de papo.

Mamãe colocou a mão na boca e papai fechou a cara. Depois de alguns segundos, suavizou a expressão e disse, com doçura.

– Sem dúvida alguma você puxou sua mãe na teimosia e a mim na razão. Estou muito orgulhoso.

Ele bagunçou o meu cabelo como se eu fosse ainda uma pirralha. Muito embora eu deteste que alguém faça isso comigo, eu sorri, confortada. Íamos passar por uma dificuldade grande e todos nós estávamos arriscando a vida. Quer dizer, o que exatamente Zack estava arriscando eu não sei dizer. A alma?

– Isso é ridículo – Zack cortou, furioso – Isso é entre mim e eles. Humanos fracos como vocês deveriam ficar de fora, só isso. Por que não se metem na sua própria vida e eu cuido da minha... não-vida?

As *otakus* abriram a boca com aquela demonstração de total desprezo de Zack, e papai ficou impassível. Eu entendera o que ele queria, mas não pude resistir.

Virei-lhe a mão na cara. E não foi para usar meu poder, não.

– Não vai nos tirar dessa, gracinha. Estamos todos juntos. Depois de tudo o que passamos, vamos enfrentar a parada toda até o final! E ai de você se ousar nos deixar pra trás nessa furada.

Zack esfregou o rosto e resmungou, embora estivesse contendo o riso.

– Era só dizer: “eu vou sim” e pronto. Não precisa me agredir, sua bruta. Sua mãe não te deu educação?

– Dei sim – ela se defendeu – e isso é exatamente o que eu ensinei.

Mamãe passou o braço em volta dos ombros de Zack.

– Vai ser bom lembrar os velhos tempos, quando nós mesmos nos livrávamos dos vampiros que assolavam as terras do Conde, lembra? – ele deu um sorrisinho de recordação – E depois, você pode ser a única chance de eu poder ver minha filha casada. Com certeza vou me empenhar para que isso aconteça, nem que me mate.

– Mamãe!! – meu rosto ficou imediatamente vermelho.

– Escuta, rapaz – papai apontou-lhe um dedo – com certeza não faço isso só por você. Ou até mesmo pela Jéssica. Faça isso primeiro para me livrar da maior quantidade de vampiros que eu puder. Em segundo, para poder tirar esse peso de ser mestre das suas costas. Ninguém merece ter que comandar um

bando de incompetentes.

Não sei por que eu senti que essa última frase se encaixava perfeitamente nessa situação.

Zack deu um suspiro alto e nos fitou um a um.

– Vocês sabem o que estão arriscando por minha causa. Eu não me perdoarei por nada que possa acontecer com vocês. Acho bom se cuidarem; jamais conseguiria conviver com isso.

– Não faz diferença o que disser – retrucou Bobby, dando de ombros – Faríamos isso de qualquer jeito. A gente acha você legal. Somos amigos, certo?

Zack abriu a boca para dizer algo, mas seu olhar dizia tudo. Sorriu e fechou os olhos.

– Obrigado. Aconteça o que acontecer, pra mim, desde o princípio vocês já me salvaram.

Meu vampiro me olhou demoradamente e meu coração acelerou. Depois deu uma piscadinha e voltei a respirar antes que a parada respiratória piorasse. De súbito, lembrei-me de algo que precisava fazer urgentemente.

– Eu... esperem, preciso ir ao meu quarto. U-r-g-e-n-t-e-mente!

– Mas, minha filha – protestou papai – temos que sair já!

– É uma questão de vida ou morte! Volto já!

– Mas aqui também é uma...

Corri antes que ele terminasse a frase. Eu não podia sair assim. De forma alguma, não na batalha final, depois de ter gastado uma fortuna com o conjuntinho roxo mais perfeito e adequado para uma batalha épica.

Quando voltei para junto deles, eu vi alguns olhos arregalados. Espero que seja por causa das minhas roupas chiquérrimas e não por causa da minha total falta de bom senso.

– Eu não acredito que isso tudo foi por causa de...

– Ah, não! – Zack cortou papai, parecendo indignado – A Jessi vai maravilhosa para a batalha das nossas vidas e eu assim, desarrumado?

– Vocês estão loucos – protestou papai, apesar de estar bem ajeitado com seu sobretudo de couro – É melhor corrermos agora para...

Já era tarde demais. Zack correu ao quarto dele enquanto meu pai praguejava em silêncio e minha mãe dava-lhe pequenos tapinhas nas suas costas.

Zack voltou com um traje de tirar o fôlego. Estava com uma roupa azul marinho de seda, roupas justas, botas de couro e uma capa comprida, deixando-o com um jeito cuspidado de príncipe. Até as *otakus* deram grandes suspiros e Bobby revirou os olhos. Mamãe deu uma aplaudida.

– Adorei o traje, Zack! Não está lindo, querido?

– As madames já terminaram? – papai resmungou contrariado – então podemos fazer o favor DE IR?

Zack conferiu seu traje estilo século passado – mas totalmente perfeito nele – conferiu os braceletes de prata e sorriu.

– Ah, sempre quis usar isso. Claro, vamos lá, tio.

Papai arregalou os olhos e precisei empurrar Zack para meu pai mesmo não mordê-lo. Meu vampiro simplesmente deu as costas, esperando a comitiva segui-lo pelo caminho até a entrada. Quando chegamos lá, me virei para Johnny.

– Mas quem vai ficar na portaria até você voltar?

– Minha esposa. Ela sabe bastante da vida de todo mundo para poder se virar aqui até eu voltar.

– Acho que não é exatamente isso em que consiste a tarefa de um porteiro, mas enfim... – Dine deu de ombros.

Como se tivesse sido invocada, ela apareceu e deu tchauzinho enquanto nos dirigíamos para a rua. Senti um grande aperto em meu peito. Ela precisava de Johnny. A família dele. Johnny tinha que voltar e

eu ia garantir isso.

Subitamente minha coceira ficou tão intensa que eles começaram a me olhar estranho.

– Jessi, meu amor... – mamãe tocou em meu braço, preocupada – você ficou perto de gatos novamente?

Olhei ao redor. Christie estava parada na entrada junto com a esposa de Johnny me olhando com cara de ‘agora que minha dona se foi, quem vai me dar comida?’.

– Eu tenho uma gata, mamãe, mas ela não me dá coceira. Na verdade, isso começou há pouco tempo. Começa e pára do nada.

Zack lançou um olhar para o meu pai e ele acenou.

– Também senti – ele respondeu.

Vóltei-me para eles.

– Senti o quê?

– Você está emanando poder. Aliás, está acontecendo agora.

– De que tipo? – exaltei-me – Tenho alergia ao poder que estou desenvolvendo? Vou ter visão de gato ou coisa assim?

– Não, Jessi – Zack riu – sua coceira é o poder. Agora, do que se trata não sabemos ... quando você sentiu essa coceira pela primeira vez?

– Hum, na casa do Johnny. Depois fui para o meu quarto na universidade e Vincent apareceu. Depois de um tempo, a coceira parou. A segunda vez foi quando Vincent estava com aquele treino violento que meu pai impediu. Cheguei a achar que tinha alergia a Vincent, mas a coceira não dava o tempo todo quando ele estava por perto... e ele nem está aqui.

– Parece uma alergia a perigo – Johnny comentou.

Todos nós olhamos para ele.

– Minha nossa, faz sentido. – Zack arregalou os olhos – As vezes em que Jessi estava aflita se coçando mais eram as horas de maior encrenca. Jessi, você não pára de me surpreender... Seus poderes estão ficando tão originais! Você tem um sentido aranha alérgica!

Dei uma olhada zangada para meus pais e eles ligeiramente disfarçaram.

– Bem, você não deve ficar brava com eles, Jessi – meu vampiro riu, segurando-me pela mão – Afinal, quando tivermos nossos filhos, eles vão ter todos esses poderes ridículos e talvez até pior. Afinal, sabemos o que acontece quando um vampiro e um caçador se juntam, mas e alguém que já tem poderes ridículos e um vampiro? Podemos até criar uma nova raça.

Calei-me. Mas não pelo fato de sentir pena dos meus futuros filhos – é claro que senti – mas mais pelo fato de Zack estar pensando neles!

Suspirei ansiosa. Minha vida – nossa vida – juntos dependia muito do que iria acontecer esta noite. Será que se não desse certo durante a transformação poderíamos interrompê-la a qualquer momento? Agora fiquei aflita.

– Hã, não é por nada não – comentou Sofia, parecendo um pouco angustiada – mas por mais que eu goste de ficar aqui, passeando pela rua tranquilamente com meus amigos, o fato de Jessi estar se coçando não é um problema? Quer dizer, se ela tem alergia ao perigo, isso não significa que...?

Todos se entreolharam.

Saco.

Foi uma debandada geral. Saí em disparada pelo asfalto, acompanhada pelas *otakus* mais de perto e Zack ao meu lado. Mamãe e papai ficaram mais atrás para cuidar da retaguarda e Johnny no meio. Precisávamos chegar à igreja o mais rápido possível e até que fiquei feliz por causa de todo o treinamento que eu tivera até então. Mas devia ter treinado com minhas botinhas novas. Estavam novinhas

e não amaciadas ainda.

Lembrete mental: lembrar de jogá-las no Zack.

Eric subitamente surgiu ao meu lado, correndo conosco por alguns segundos.

– Muitas mortes hoje. Cuidem-se!

E desapareceu. Engoli em seco. “Qual dos lados?”, eu quis perguntar, mas não deu tempo. Zack aproximou-se ainda mais de mim e apertou minha mão.

– O que tiver que ser, será – ele murmurou sorrindo.

Mas talvez o “que tiver que ser” eu não queira. Preciso de Zack. Ele precisa ser salvo.

Tentei afastar todo tipo de pensamento negativo que me rondava e apertei o passo. Não demorou alguns segundos para que eu começasse a sentir as presenças. Pelo murmúrio audível que escutei ao meu redor, não fui a única.

– Quantos, Maria? – papai perguntou; estava claro que era um poder de minha mãe.

– Dezessete. Mas tem mais vindo – ela afirmou com segurança.

– Droga – meu pai resmungou baixinho – Era nessas horas que aquele imbecil do Vincent devia estar por perto.

– Vamos dar conta – falei, mesmo sem me sentir certa disso – só precisamos estar juntos.

Nem bem eu acabara de dizer e uma presença negra pulara na minha frente. Se Zack não tivesse me segurado eu teria ido direto ao seu encontro.

Ia ser o lanchinho mais rápido da história.

O vampiro tinha olhos vermelhos e arreganhou os dentes para o mestre e depois para mim. Zack revidou fazendo o mesmo e gentilmente empurrou-me para cima das *otakus*, fazendo-nos cair em efeito dominó.

– Ô sutileza – resmungou Bobby, que ficou por baixo de todo mundo.

Zack fez novamente aquele estranho poder de deixar sair um chicote estilo *Star Wars* da mão e cortou o vampiro tão rápido que antes deste cair já tinha virado pó. Neste instante, outro vampiro pulou em suas costas, levando uma estacada rápida disparada pela besta do meu pai. Sem trocadilhos, por favor.

Zack virou-se e sorriu falando “valeu, sogrão”, o que provavelmente fez meu pai lamentar-se de tê-lo ajudado.

Mamãe subitamente deu um grito e eu quase dei outro, aflita com ela.

Mas na verdade quem gritara feito uma mulher foi outro vampiro que ela segurara e acertara com uma estaca tirada do espartilho.

Credo. É muito estranho ver seus pais lutando. E ainda imaginar que te colocar de castigo era a pior coisa que eles podiam fazer contra você.

Bobby puxou Estela quando uma vampira a cercou e encheu a monstrega de água benta com o spray que eu tinha entregado para eles.

Então. Todo mundo trabalhando e a otária aqui só narrando a luta.

Zack me puxou para continuarmos a corrida.

– Eric não está por perto!

– Está sim – ele retrucou – está invisível porque assim pode trabalhar mais rápido. São muitos vampiros. Precisamos de uma tática.

– Estamos correndo! O que podemos fazer? Tacar cruzeiros de madeira?

Ele ergueu uma sobrancelha e sorriu.

– Suas ideias são tão originais quanto seus poderes!

Ele retardou o passo, emparelhou com meu pai e cochichou algo. Meu pai só assentiu, pensativo e carregou a besta.

Espero que Zack não tenha me pedido em casamento.

Bem, não ainda.

O meu vampiro voltou para frente do grupo, só que acelerou um pouco mais. Na verdade se ele quisesse, já teria conseguido correr rápido o suficiente para chegar à igreja, mas não queria deixar ninguém para trás.

Em seguida começou a fatiar – sim, foi isso mesmo que você entendeu – árvores pelo caminho, deixando-as de tamanho menor; enquanto meu pai passava e acertava os destroços bem no meio com estacas usando a besta, formando uma pequena cruz em cada um.

Uma cruz de madeira meio estranha, disforme e cheia de lascas, mas não deixava de representar uma.

– Isso é suficiente? – preocupei-me – Porque se fosse assim, não seria complicado para vampiros saírem por aí, temendo esbarrar em alguma construção com madeiras transpassadas?

Zack sorriu.

– Sua perspicácia me assombra, Jessi. Realmente não, então borrifem água benta nas cruzes. Isso será suficiente, mas apenas para mantê-los afastados. Então não tentarão nos cercar pelos lados; os ataques virão somente por trás ou pela frente.

Acenei com a cabeça e liderei meus amigos a derramarem a água em todos os formatos de cruzes que eles deixavam ao passar. Era uma ideia louca, mas podia dar certo.

De fato, as presenças que tentavam se aproximar, assustavam-se e decidiam dar uma longa volta para nos atacar pela dianteira – os quais eram instantaneamente mortos pelo chicote light saber de Zack – ou pela traseira, sofrendo nas mãos de meus pais e Johnny. Sem contar que algo estranho estava acontecendo: Alguns vampiros deliberadamente atacavam outros que estavam nos cercando. Com certeza faziam isso por apoio a Zack, mas sei que esse apoio acabaria assim que seu mestre deixasse de ser vampiro.

Quando eu já estava sentindo que tudo podia dar certo afinal, uma presença poderosa cruzou nosso caminho mais uma vez e Dante e Zack ficaram cara a cara.

Permaneceram imóveis por um tempo, estudando-se. Todo o nosso grupo parou na rua, começando a ser cercado por sombras. As presenças não avançavam, mas pareciam esperar. Instintivamente recuamos para mais perto uns dos outros, enquanto o poder intensificava-se como uma tempestade se formando.

– Estamos muito ferrados, não é? – murmurou Bobby para Johnny, que calculava quantas estacas ainda tinha para jogar. Não muitas.

– Estamos, garoto. Mas vamos morrer lutando.

– Ninguém vai morrer aqui – resmunguei, sentindo minhas forças voltando até que despencaram de uma vez quando Eric surgiu – Ah, não. O que você está fazendo aqui?

Eric deu de ombros.

– O que acha que estou fazendo?

O mensageiro da morte não se distraiu comigo por muito tempo. Logo seu olhar fixou-se nos dois vampiros mais poderosos dali, cujos olhares estavam fixos um no outro.

Quando dei um passo à frente, Zack barrou-me e me olhou de cara feia.

Cara feia pra mim é fome, tá?

Bem, não no caso de Zack. Nem zangado ele consegue fazer cara feia. E não é bem fome que ele sente normalmente.

– Zack...volte para nós – Dante murmurou, como se estivesse tentando hipnotizá-lo.

Meu vampiro apenas sorriu.

– Já escolhi meu lado.

Dante rosou, mas subitamente suas feições suavizaram e ele sorriu. Dava para ver a tensão ainda

firme em seu pescoço.

– Será este mesmo o melhor lado? Quer envelhecer em poucos anos, deixando para trás toda sua beleza e força e depois desaparecer da Terra como se nunca houvesse existido? Olhe para nós, Zack! – neste momento os vampiros saíram de suas posições e entraram em nosso campo de visão, silenciosos e impassíveis, alguns sorrindo com desdém. Estávamos mesmo cercados – Permaneceremos assim para sempre! Nada se coloca contra nós, nada pode nos impedir. Esses caçadores são mortais. Todos se extinguirão e nós permaneceremos. Podemos fazer tudo, Zack! TUDO!

Dante havia levantado a voz, mas manteve a tensão do seu discursinho filosófico estagnada. Será que Zack mudaria de ideia? Não. Ele é mais teimoso que mula empacada.

O mestre dos vampiros deu um passo a frente e seu rosto ficou apenas centímetros de distância do rosto de Dante. Senti uma pontinha de ciúme, mas ainda bem que meu vampiro não joga no outro time.

Em todos os sentidos.

– Tudo? Eu já fiz tudo, Dante. Até maquinista de trem já fui. Li todos os livros da biblioteca de Alexandria. Fui pra Marte. Trabalhei no FBI. Já passei no TCU.

Cretino. Precisa jogar na cara de todo mundo?

– O fato – Zack continuou falando, sentindo-se totalmente à vontade – é que tudo me parece um grande vazio. Sou uma casca vazia. Já era para eu ter partido; aliás, todos vocês. A terra nos rejeita. O céu não nos aceita. O que resta para nós? Acordar dia após dia torcendo para que uma noite não seja igual à outra? Existir apenas para buscar energia vital nas coisas vivas? Pois eu estou de saco cheio. Quero as coisas pequenas da vida. Um nascer do sol. Comer pipoca assistindo um filme. Ter medo, ter desejos, ter sonhos. Arriscar-me, acordar ao lado da mulher que amo, ir trabalhar. Ter filhos. Ter rugas.

Que lindo! Zack e eu queremos *quase* a mesma coisa!

Quer dizer, rugas? Falemos sério.

– Pois você pode fazer...

– Não, não posso! – Zack cortou Dante, parecendo irritado por ele ter interrompido seu desabafo – Você se tornou insensível. Todos nós. Por quê? Porque as coisas simplesmente perderam a graça. Não há surpresas. Não há expectativas... não há esperança.

Alguns dos vampiros rosnaram e recuaram. Aquelas palavras realmente mexeram com alguns deles, mas não o suficiente.

– Pois quando você tiver uma vida, eu a arrancarei de você! – gritou Dante, dando um passo para trás, como se estivesse tentando afastar-se das palavras frias de seu ex-amigo.

– Bem, mesmo depois que eu morrer... – Zack sorriu – quero ir para algum lugar melhor do que aquele para o qual todos vocês estão destinados.

Os vampiros gritaram e protestaram, sentindo revolta com aquelas palavras e o desprezo de Zack. Houve alguns gritos de ‘traidor’ no meio deles, mas meu vampiro permaneceu impassível. Papai tossiu duas, três vezes. Mamãe roeu as suas unhas impecavelmente perfeitas. Estela falou um palavrão e eu nem lembrava mais de que estava usando roupas de grife.

Era o fim mesmo.

– Isso tudo é culpa sua! – ele gritou pra mim, os caninos brilhando à luz da lua, e seus olhos vermelhos refletiam todo seu ódio – SUA CULPA! HUMANA ESTÚPIDA!

De repente tudo pareceu andar em câmera lenta. Dante desviou de Zack e partiu em minha direção puxando algo de dentro do sobretudo. As *otakus* gritaram e meus pais correram para tentar posicionar-se à minha frente. Zack tentou segurá-lo pela gola, em pânico, mas o alvo de Dante mudou no último segundo. Ele voltou-se para Zack e atingiu-o no peito, atravessando-o. Era uma estaca em sua mão.

Um grito agudo correu no ar, derrubando todos os outros vampiros em fração de segundos, incluindo

os caçadores de meu próprio grupo. Demorou alguns segundos até eu perceber que fora eu quem estava gritando.

Joguei-me por cima de Zack, enquanto papai dava um chute em Dante jogando-o para o outro lado antes que pusesse as mãos em Zack novamente. Meu vampiro esvaía em sangue e seus olhos ficaram subitamente muito amarelos.

– J...Jessi...

– Não se mexa! Temos que parar esse sangue! Ai, meu Deus, por que nós...

– Shhh – ele me cortou, com um sorriso cheio de sangue escorrendo pelo canto – ele não me acertou em cheio. Ainda estou aqui, só que estou perdendo muito sangue...

– E com ele, boa parte do seu poder – papai ajoelhou-se ao seu lado – temos que tirá-lo daqui, mas agora vai ser impossível. Estamos em minoria.

– Bem, estávamos antes, não? – objetei, mais aliviada por ver que Zack estava bem. Pelo menos, não totalmente morto. Quero dizer, ele ainda existia, certo?

– Hum, detesto admitir, mas com Zack ao nosso lado, não eram páreo para nós. Podia haver centenas deles que estávamos em vantagem.

– Papai, está enchendo a bola dele.

Ele deu de ombros.

– Ei, respeitem um moribundo – Zack protestou sorrindo.

– Você não é moribundo, mas está perdendo muito sangue – mamãe entrou na conversa, ajoelhando-se ao seu lado – Qualquer um deles poderá te derrotar no estado em que se encontra... – ela lançou um olhar de aviso para meu pai quando ele abriu um sorriso sádico – estamos derrotados, Zack. Talvez seja hora de considerar mudar... de lado.

Olhei atônita para mamãe, assim como todos os nossos amigos ao nosso redor.

Zack rosnou, ofendido.

– Prefiro morrer...deixar de existir!

Mamãe sorriu, satisfeita.

– Foi só um testezinho. Não se preocupe, morreremos todos com honra – ela deu um suspiro – mas não vou poder ver minha filhinha casada.

– Mamãe, isso não é hora de pensar em uma coisa dessas!

Admito, ela pensou apenas alguns segundos na minha frente.

Papai arrancou a estaca de Zack e ele urrou de dor, enquanto um jato escorria como cascata do peito.

– A habilidade de cura não será rápida o suficiente – preocupou-se Johnny – ele vai acabar desmaiando e só acordar quando estivermos todos mortos.

– N... não... – gemeu Zack, tentando se sentar.

Eu o empurrei de novo e coloquei a sua cabeça no meu colo.

– Fica na sua aí, caçado.

Ele deu um riso forçado e acabou espirrando mais sangue. Papai carregou a besta, deu uma olhada rápida ao redor e percebeu que os vampiros começaram a avançar lentamente, estudando nossas reações.

– Jéssica, você precisa ficar com Zack e impedi-lo de fazer alguma besteira.

– Tarde demais – comentei rapidamente.

– Bem, eu também não estava por perto quando você cometeu a besteira de gostar dele.

– Alôôu... e você e a mamãe, hein?

– Gente, isso realmente não é hora de lavar roupa suja – comentou Sofia, aflita – Eles são muitos, e caçadores diplomados aqui só tem quatro. Três, se considerarmos o talento.

– Obrigada.

– De nada. Mas o que nós podemos fazer além de assistir?

– Não se preocupem, pessoal – disse Ana, animada como sempre – os mocinhos sempre vencem!

– Bem, e se estivermos num universo paralelo e eles serem os mocinhos na verdade? – inquiriu

Bobby, filosófico.

– Isso é ridículo, Bobby – rebateu Dine.

– Só estou fazendo uma análise. Você sabe, como se eu fosse um psicoterapeuta.

– Com certeza, você é psico alguma coisa.

– Meninos, meninos – papai retrucou, ansioso – Já que não podem fazer nada, poderiam por favor jogar toda essa água benta acumulada nos sprays de vocês enquanto lutamos?

Eles sorriram felizes por estarem sendo úteis. Todos menos eu. Segurei firme a cabeça de Zack e olhei enquanto o sangue estancava devagar. Zack estaria extremamente fraco depois que isso parasse. Arranquei um pedaço de sua capa e amarrei no ferimento, para ver se o ajudava a fechar mais rapidamente.

– Ei – ele sussurrou com dificuldade – você não deveria arrancar um pedaço da sua própria roupa para me ajudar?

– Arruinar minha roupinha de marca? – resmunguei, enquanto tentava dar um nó de escoteira que nunca fui – Nem pensar.

– Que pena...

Johnny pegou um vampiro com a besta e meu pai chutou um que tentou escapar fugindo das mãos da mamãe. As *otakus* e Bobby atacavam sem dó todos os que caíam, mas ainda estávamos em desvantagem numérica. Uma grande desvantagem embora agora sem sinal de Dante.

Sacudi a cabeça. Nem alcançar meu chicote – olha, lembrei dele – eu poderia, já que segurava firme Zack para que ele não mexesse.

– Zack...

– Hum? – ele mal abria os olhos.

– Você precisa de sangue.

Ele arqueou uma sobrancelha e tentou me fitar, mas parecia estar com a vista meio embaçada.

– O hospital está fora do caminho, Jessi.

– Temos um suprimento de bom tamanho aqui.

– Está falando dos vampiros? O sangue deles só me dá poder, Jessi, não sustento e nem força. Não vai me curar rapidamente...

– Estou falando de mim.

Ele abriu os olhos com espanto e resmungou.

– Esqueça.

– É pegar ou largar.

– Eu largo.

– Zack, você precisa desse sangue! E é sangue de caçadora, não é? Tenho muito poder aqui; vai facilitar muito a...

– Não! – ele sentou-se, empurrando-me – Estou fraco demais! Eu poderia matá-la sem querer! Puxar mais sangue do que deveria.

– Você não disse que engordei? Tenho bastante – soei mais seca do que pretendia.

– Isso é gordura, não sangue! Devia ter bebido mais água, isso sim! – o sorriso dele pra mim me fez querer esmagá-lo.

– Anda logo e não discuta. Pense bem, Zack. Se não beber o sangue agora, em breve vai desfalecer e quando acordar...talvez já estejamos todos mortos.



Aquilo mexeu com ele; pude ver em seus olhos a luta interna que travava.

– Mas... mas e se eu...

– Não pense, apenas faça! Como você sempre fez, aliás. Vai parar pra pensar justo agora?

Ele olhou ao redor, tentando pensar em outro meio. Parecia extremamente confuso e angustiado.

– Zack, eu te amo. Faça isso por nós... faça isso por mim.

– Por favor – ele murmurou – se eu começar a enfraquecê-la, me empurre.

– Vou tentar.

– Eu não confio em você – ele sorriu.

– Nem eu – dei de ombros.

Ele empurrou meus cabelos para o lado e aproximou-se do meu pescoço devagar. Eu podia quase ver a tensão em seus ombros e estava certa de que ele podia ver a minha. Estava pronta para dar todo o meu sangue se isso o curasse. Zack era o único que podia nos salvar, mas sei que não era só por isso.

– Jessi... – ele murmurou, segundos antes de enfiar os caninos em meu pescoço.

Estremeci no começo, aflita. Depois a sensação da mordida me abateu e me deixei levar pelo êxtase. Fechei os olhos enquanto mal podia sentir o sangue deixar meu corpo, embora desta vez tenha começado a sentir um pouco de frio, uma leveza grande que começava a me abater como se fosse uma calmaria na tempestade. Ele me abraçou e passou os dedos pelos meus cabelos e me entreguei, passando as mãos pelas suas costas até começar a senti-las formigarem e enfraquecerem. Meus braços caíram pendentes ao meu lado; parecia que não mais faziam parte do meu corpo. Zack não parou nem um segundo. Eu sei que ele não pretendia me matar, mas também percebi que lutava contra si mesmo para me largar. Eu não dava sinais de estar fraca para ele. Realmente não queria que parasse.

Subitamente ouvi – e senti – um ‘clonk’ na minha cabeça, acompanhado de um outro ‘clonk’ e um gemido de Zack. Ele me soltou rapidamente e esfregou o topo da cabeça. Quando me recuperei e olhei para o lado, mamãe estava diante de nós com um sapato na mão.

– Vocês não têm juízo? – ela protestou, mas não parecia zangada. Só levemente.

– Mas, mamãe... era a única forma de...

– Eu sei, eu sei – ela baixou o tom de voz – o que vocês deveriam ter feito é pedir para um de nós assistir. Se eu não tivesse visto a cena agora há pouco, sabe lá Deus quando Zack ia parar!

Ele deu um muxoxo.

– Eu já estava quase acabando.

– É, a Jéssica também – mamãe cortou, contendo um sorriso.

– A senhora está brincando? Olha só o tamanho desse quadril! Tem muito mais de onde saiu esse sangue todo!

Eu o fitei de olhos arregalados da mesma forma que a minha mãe.

– Nunca mais me chame de gorda! – exclamei.

– Nunca mais me chame de senhora! – mamãe exclamou.

Papai veio correndo, arfando, esgotado por causa da batalha.

– Mas o que está havendo aqui?

– Nada – gritamos os três ao mesmo tempo.

– E que marcas recentes são essas no pescoço da Jessi?

Eu tampei instintivamente com a mão.

– Hum, foi um vampiro muito malvado.

– Muito, muito malvado – mamãe balançou a cabeça.

– E parece que Zack está melhor, não? – papai inquiriu, levantando uma sobrancelha.

Aquilo não foi bem uma pergunta, mas uma constatação.

– Que coincidência incrível, não? – ele sorriu e pôs-se de pé – Olha, o sangue já estancou! Vou lá para a batalha!

Sutileza de um elefante numa loja de cristais.

Papai lançou um olhar de mim pra mamãe e resmungou:

– Em casa a gente conversa.

Eu gelei, mas mamãe fez um gesto de ‘não liga não’ para o ar.

Ela que amanse a fera; prefiro enfrentar os vampiros.

Zack voltou com intensidade e até mesmo eu arriscava um ou outro estalo de chicote para mantê-los afastados. Onde estava Vincent afinal? E por quanto tempo íamos aguentar aquele ataque? Ainda faltavam alguns bons metros até podermos alcançar a igreja e estávamos prosseguindo a passos de formiga. As cruzes bentas improvisadas funcionavam, mas não o suficiente. Dava para perceber que até mesmo os caçadores profissionais – papai, mamãe e Johnny – estavam ficando esgotados e as *otakus* e Bobby chegaram a se machucar. Eu não podia suportar aquilo.

Quando estava prestes a disparar na linha de frente, Zack começou a fazer uma estranha expressão. Como se estivesse prestes a... espirrar?

Vampiros espirram?

Quando olhei para papai, ele parecia estar fazendo a mesma cara que eu, então nem me atrevi a perguntar.

Todos pararam por alguns segundos para tentar entender a cena. Tempo suficiente para que Zack concluísse o espirro... e tirasse o fôlego de todo mundo. Uma grande explosão de fogo e vento varreu o chão como um círculo ao nosso redor até atingir os vampiros nos telhados. Muitos gritaram e fugiram, outros não conseguiram escapar a tempo e foram incinerados, virando pó instantaneamente. Nós o fitamos com assombro.

Ele fungou, coçou o nariz e sorriu.

– Adoro sugar seu sangue, Jessi!

– Ora, seu...! – papai gritou, correndo para pegar o pescoço dele como se fossem Homer e Bart, dos *Simpsons*.

Mamãe passou uma rasteira nele e papai tropeçou, caiu e resmungou. Todos os outros me fitaram com interesse, pensando se eu acabara de conseguir mais um trauma por causa da minha família. Mas eu apenas dei de ombros.

Bem, pelo menos Zack não está soltando fogo pelas ventas; está apenas causando uma pequena explosão atômica quando espirra. Caramba, e se ele for como a Sephira do livro *Quem precisa de Heróis?* que pode destruir o mundo inteiro com um espirro? Melhor nem dar ideia pra ele. Possivelmente vai ficar o dia todo tentando.

– Bem, então agora sabemos que quando Zack for espirrar, devemos correr pra perto dele e não pra longe – Bobby murmurou, ainda espantado – Ainda bem que está do nosso lado.

Johnny tomou a frente.

– Vamos aproveitar a brecha! Vocês, corram pra igreja! Zack precisa ser transformado de uma vez!

– Mas... se ele for... Quem vai enfrentar todos esses vampiros?

– Nós, é claro! – mamãe me cortou, aborrecida – Jéssica! Desde quando você deixou de acreditar nos seus pais?

Revirei os olhos. Melhor nem começar a enumerar.

Zack me puxou pelo braço.

– Jessi, ele está certo. Não sei quantos vampiros estão por aqui; uma hora não poderei proteger todos vocês. Talvez eles desistam de mim se eu me tornar humano, mas essa é minha única chance de poder me

tornar um... ou morrer na tentativa. Mas definitivamente – ele olhou para o lado semicerrando os olhos – não quero morrer aqui. Não nas mãos dos meus adoráveis súditos.

– Os vampiros vão demorar a se recuperar e recomeçar o cerco. Vamos ficar aqui retardando-os. Se têm que ir, vão agora – Johnny ponderou com firmeza.

Respirei fundo.

– Cuidem-se.

Eles acenaram com as cabeças e as *otakus* fizeram posição de sentido. Como eu pude envolver tanta gente nessa caçada sem sentido?

O que a gente não faz por um marido, digo, por um bom trabalho.

Zack me suspendeu no colo e me levou estupidamente rápido pela rua. Os prédios passavam feito um borrão e senti que ia ficar enjoada. Agarrei-me fortemente a Zack pelo pescoço e escondi meu rosto em sua camisa. Ouvi um forte suspiro, mas pode ter sido minha imaginação.

## Algo errado



Alcançamos a igreja em questão de minutos.

Tentei me acalmar pensando que estávamos fazendo a coisa certa. Se Zack se transformasse, os vampiros iriam nos matar de qualquer forma, e ele não teria mais seus poderes. Dependeríamos apenas dos meus – completamente estúpidos – para nos proteger. Se ele não se transformasse, acabaria morrendo e os vampiros iriam nos atacar só de desaforo. Então não havia realmente uma saída. Zack não poderia ficar lutando contra todos e nos protegendo no processo. Seja o que Deus quiser.

Aliás, é justamente a ajuda Dele que estamos procurando no exato momento.

Quando chegamos à igreja, ela estava firmemente trancada. Certo, devia passar um pouco das oito ou nove da noite e a missa já devia ter acabado.

– O que vamos...

Calei-me quando notei a pedra que estava na mão de Zack. Seu olhar estava fixo no vitral.

– Zack... você não está pensando...

– Deixa de ser boba, safadinha! Só vou dar uma batidinha para acordar o padre, nada de mais.

– Mas olha o tamanho dessa...

O barulho ensurdecidor de vidros se estilhaçando completou minha frase da melhor maneira possível. Ou pior.

– Epa! – ele murmurou, fazendo uma careta.

O padre Marconi apareceu na janela quebrada segundos depois, resmungando.

– Zack, o que significa isso?

– Ei, não fui eu! E se fui, eu não estava sozinho!

Suspirei alto.

– Desculpe, padre Marconi. Zack estava um pouco aflito demais e jogou a pedra com um pouquinho mais de força do que necessário.

O padre resmungou mais um pouco, mas lembrou-se porque estávamos ali e se calou.

– Bem, esperem aqui. Vou colocar a batina.

Olhei para o meu vampiro de cara feia quando o padre saiu e ele deu de ombros sorrindo. Nunca vou saber se ele fez aquilo de propósito.

Comecei a sentir uma coceira um pouco mais incômoda do que o normal. Zack passou o braço em volta dos meus ombros com cuidado.

– Jessi, relaxa. Não é assim que uma caçadora deve se comportar.

– Como você pode saber? – retruquei – Nunca foi um caçador.

– Como não? Já matei mais vampiros do que você.

– Ai. Podia ter dormido sem essa.

– Vamos ficar juntos, Jessi. Não vou dizer pra sempre, porque a intenção é justamente essa. Não quero viver pra sempre.

– Eu... eu sei, mas... e se... e se...

– Ei, ‘e se’ é uma condição do futuro que não existe. *Se* meu pai tivesse peitos seria minha mãe, não meu pai.

– Hã? Affe, Zack. Só você pra fazer piadinhas em um momento como esse.

Ele me apertou fortemente.

– Eu sei. Mas é porque você precisa das minhas piadinhas.

Eu retornei o abraço e tentei conter um soluço.

– Preciso mesmo. Minha vida sempre foi monótona antes de você chegar. Depois se tornou agitada demais. E agora... eu não quero... eu não quero que nada mude. Vamos deixar como está, certo? Vamos sair daqui!

– Eu não vou ver você morrendo dia após dia – ele olhou bem dentro dos meus olhos – seria como *me* ver morrendo dia após dia.

– Zack... você é meu vampiro favorito.

Ele sorriu e acabamos trocando um beijo apaixonado ali mesmo, enquanto meu coração batia descompassado esperando que não fosse o último. Éramos dois cabeças-duras.

Escutamos um limpar de garganta atrás de nós e me virei rapidamente para o padre Marconi, na porta da igreja, nos olhando com as sobrancelhas arqueadas. Eu podia jurar que ele estava escondendo um sorriso.

– Bem, jovens, não podemos esperar até Zack ser transformado por completo?

Zack sorriu de ponta a ponta. Eu mordi minhas unhas.

– Estou pronto – ele deu um passo à frente.

– Então, escute com atenção – padre Marconi se aproximou parando na frente do meu vampiro – Essa possível transformação tem três etapas.

– Possível? – repeti, insegura.

– Bem, raramente alguém passa da segunda.

– Raramente? – Zack repetiu.

– Hum, quase nunca – ele concordou, relutante.

– Quase nunca?

– Certo, certo, ninguém nunca passou da segunda fase.

Eu arregalei os olhos e notei a incerteza nos olhos de Zack.

– O quê? Então como sabe que dá certo?

– Dá certo sim – ele sacudiu os braços num gesto para acalmar os ânimos – Está nos escritos do Vaticano. Não tem como errar, só vai depender de Zack. Da força de vontade e desejo que tem de vencer...e da força do demônio dentro de si.

– Aiai... por que isso está me dando uma coceira de catapora, hein?

Senti um cutucão nas costas.

Virei-me surpresa quando notei que as unhas que me cutucavam eram negras e dei de cara com uma das adoradoras de Zack, o deus grego.

– Oi, tia escrava de Shangri-la.

– Oi...epa! Já falei que não sou escrava dele. Sou a rainha, entendeu? Rainha!

– Hum, certo – ela deu de ombros nem um pouco convencida – Padre Marconi, já limpei o pátio, lavei as toalhas do altar e reguei as plantas. Já lustrei também todas as 10 vidraças da igreja – ela percebeu os cacos no chão – bem, todas as 9.

– Nossa, o que você andou aprontando para pagar uma penitência dessas? – indaguei surpresa.

– Penitência? – ela me olhou ressabiada – Não, não. Eu faço isso por prazer. Pretendo ser freira, sabe?

Eu olhei pra Zack e ele olhou para o padre Marconi. Este deu de ombros.

– Hum, você sabe que está então adorando o deus errado, né? – falei cuidadosamente para a menina.

Ela deu um sorriso meigo e senti que eu devia ter perdido algum capítulo da novela. Suspirei e cedi.

– Bem, ouçam agora – padre Marconi chamou nossa atenção – a transformação é bem simples.

Valendo 50 pontos...o que os vampiros bebem?

Eu estiquei a mão, tentando participar da brincadeira.

– Eu sei, eu sei! É sangue!

– Aah, não vale! – Zack resmungou – Alguém na plateia soprou.

O padre sorriu, mas não o suficiente. Acho que ele estava tentando chegar na ideia toda aos poucos para não nos assustar.

– Muito bem...e o que consagramos na missa? Valendo 100 pontos!

– Eu sei! – Zack levantou a mão, querendo repetir meu gesto – O Corpo e o... – subitamente parou e sua mão desceu lentamente juntamente com sua voz – ... Sangue de Cristo...

Um silêncio incômodo perpetuou por alguns minutos. Eu tentava digerir a ideia. Ao mesmo tempo em que tentava pensar se Zack poderia *digerir* o sangue sagrado.

– Você... você não pode estar falando sério... – murmurei atônita.

O padre deu um sorriso calmo.

– O Sangue de Cristo curaria Zack.

– E o mataria no processo! – eu queria gritar, mas minha voz quase não saía – Pensa bem! Se um vampiro sequer consegue passar pela porta da igreja...

– ... significa que o que ela contém é mais forte do que se pode imaginar. Os demônios nem podem entrar, não suportam crucifixo... pense bem, filha.

– Mas... eu morreria... – a voz de Zack pareceu falhar pela primeira vez – não morreria?

Padre Marconi fixou o olhar no dele.

– Muitos possessos morrem. Muitos sobrevivem. O seu caso é uma questão de possessão de mais de 800 anos. Vocês convivem no mesmo corpo, mas pensam de forma diferente. As mentes de ambos não estão mais fundidas. Ele não te controla mais, Zack. Quer continuar com ele aí? Por mim, tudo bem. Mas é o que *você* quer? Ele ainda controla você?

Zack olhou para o chão, pensativo. Eu sacudi a cabeça.

– Não, peraí, essa ideia é absurda! Se só entrar na igreja destrói o vampiro, imagina tomar o Sangue sagrado! Não, não, vamos procurar outra alternativa...

Achei que o padre Marconi fosse se zangar, mas ele deu um sorriso compassivo e senti um aperto no peito.

– Zack aprendeu a ser forte ao seu lado, Jéssica. Só algo sagrado pode destruir essa maldição.

– Mas pode levar Zack junto!

O padre calmamente puxou um embrulho da batina e virou-se para Zack.

– Pode segurar isso pra mim um instante, filho?

O vampiro deu de ombros e apertou o objeto enrolado na mão. Ergueu uma sobrancelha.

– O que é isso?

– Desembrulhe.

Ele estranhou o gesto, deu de ombros, mas removeu calmamente o lenço. Era um crucifixo.

O padre sorriu e Zack deixou o queixo cair.

– O que foi? – perguntei, com afobação – É só um crucifixo! Qual o problema?

– E eu estou segurando ele...

Meus olhos arregalaram e fitaram Zack com curiosidade.

– Você... não está sentindo nada?

– Só... uma coceirinha...

Ele sorriu e devolveu o crucifixo para o padre.

– Eu estou pronto. Qual a primeira etapa?

Não tive coragem de protestar. Aquele brilho nos olhos de Zack só aparecia quando ele estava queimando meus livros. Era a felicidade plena.

– Bem, a primeira etapa é fácil. Você só tem que se confessar.

– Por... por quê?

– Ora, não quer que eu dê o Sangue de Cristo para alguém que não está purificado, não é?

– Mas vai levar a noite toda! – retruquei e parei no meio do discurso quando notei o olhar inquisitivo do padre.

– Interessante seu julgamento, filha. Então você vai ser a próxima?

Fechei os lábios formando um bico e dei de ombros. Eles permaneceram olhando pra mim.

– O que foi?

– Jessi, nós não dividimos tudo, sabe? Vai dar uma voltinha, vai. Isso aqui já não é da sua conta.

– Não sei por quê. Eu já sei de todos os seus pecados.

– Aah, não sabe mesmo... – ele deu um sorriso malicioso – agora vaza daqui, safadinha.

Bati os pés sem esperar outra reprimenda. A menina de preto me seguiu.

– O deus Shangri-la vai deixar de ser deus?

Segurei um suspiro incômodo.

– Ele sempre vai ser um deus grego pra mim.

Ela sorriu.

– Mas agora ele vai ser uma pessoa melhor, né?

Eu a fitei com os olhos surpresos e marejados.

– Uma pessoa... sim... se sobreviver...

Dei uns passos para frente da igreja e fitei a rua. Mamãe e papai já estavam chegando correndo, acompanhados de Johnny, as *otakus* e Bobby. Soltei um suspiro de alívio. Estavam todos bem, tirando uns arranhões aqui e ali.

– Chefa! – gritou Sofia, animada – Isso é muito melhor que RPG live action!

– Onde está Zack? – papai foi o primeiro a se preocupar, o que me surpreendeu.

– Está... – cocei a garganta – se confessando.

Pra mim não era surpresa, já que eu sabia que ele tinha o hábito de fazer isso de vez em quando, mas papai arregalou os olhos num gesto quase cômico.

– E isso é hora? Nós não temos a noite toda! Eles já estão chegando aí!

Mamãe deu-lhe uma cutucada e apontou-me com o nariz. Mal sabe ela que foi a mesma coisa que eu disse minutos antes.

– Mas por que raios ele resolveu se arrepender de tudo o que aprontou só agora?

– Na verdade... é a primeira etapa do processo da transformação.

– Etapa? – papai perguntou, cauteloso – Então suponho que depois ele vai ser exorcizado?

– Desta vez não. O demônio dentro dele é poderoso demais... padre Marconi teme pela segurança de Zack...e a nossa. Eric já me disse isso uma vez.

Mamãe sacudiu a cabeça, pensando.

– Ele está certo. O demônio e Zack têm dividido a mesma mente e corpo há centenas de anos. Se ele fosse expulso, arrastaria Zack junto com ele. Eu consegui expulsar o meu demônio, mas... eu já não sugava sangue há muito tempo. E se o demônio sair e não levar Zack pode tentar nos destruir quando

estiver passando por nós...pode destruir tudo. Olha o poder que Zack carrega...ele pode liberar tudo quando passar.

– Neste caso, Zack terá que tomar outro tipo de sangue para freá-lo... ou destruir o demônio. Bom, pelo menos mandá-lo para o quinto dos infernos que é mesmo o lugar dele.

– Sangue de animais? – Johnny intrometeu-se – Mas não daria certo agora; isso só enfraqueceria Zack!

– Não... – forcei levantar minha voz para parecer mais segura do que estava – sangue de animais os faz sobreviverem, sangue de pessoas os fortalecem por causa da vida... seria o sangue...

Mamãe colocou a mão sobre a boca quando finalmente conseguiu entender.

– Sangue de Cristo? Mas... Zack não suportaria! Quer dizer, isso destruiria o demônio na hora!

– A pergunta é... quem é mais forte? – papai ponderou – Zack ou o demônio?

Engoli em seco quando notei que todos faziam o mesmo. E trinquei os dentes quando papai murmurou pra si mesmo, achando que eu não escutaria:

– Poxa... justo agora que eu estava começando a gostar do moleque?

Eu estava quase querendo voltar atrás quando escutei a voz do *moleque* animada.

– Ei, acabei!

Zack acenou com a mão alegremente quando voltou a juntar-se ao grupo.

– Só isso? – murmurei – Não tem penitência não, é?

Ele me deu um beijo rápido na face.

– Você é minha penitência, Jessi! O padre acha que já sofri demais!

Lancei um olhar atônito para o padre Marconi e ele revirou os olhos.

– Não é nada disso. O fato é que estamos um pouco apressados hoje. Prometo caprichar na penitência na próxima vez.

A frase ‘próxima vez’ ficou martelando na minha cabeça. Esperava do fundo do coração que houvesse uma.

– Bem, o que quer que decidam, pra mim está bom – disse Bobby, um pouco despenteado e aflito – não deve estar acostumado a fazer tanto exercício – mas não estou gostando desse silêncio aqui fora. Já era para terem nos alcançado, vocês devem ter notado.

Realmente a rua parecia um prelúdio para uma batalha futura.

– Pelo que me parece, é hora da segunda etapa – padre Marconi anunciou e tanto eu quanto os outros arregalamos os olhos sem querer.

Ele suspirou e deu um passo à frente.

– Vampiro, entre na igreja.

Eu não disse nada porque achei que era uma piada; aliás, fiz até cara feia porque achei de muito mau gosto.

Como permanecemos em silêncio, ele começou a ficar nervoso.

– Você não me ouviu? Mandei você entrar! Não vou te dar o Sangue de Cristo aqui fora.

– Peraí... – Zack respondeu com uma sobrancelha erguida – você está falando sério?

– Mas claro! – padre Marconi replicou com a mesma sobrancelha arqueada – Se o demônio escapar de seu corpo no momento do Sangue, ele atacará quem estiver por perto. Se você estiver dentro da igreja, ele será destruído assim que sair.

Nós todos soltamos uma exclamação de espanto indignado.

– Ele não pode fazer isso! – afobei-me, assustada.

Foi então que me lembrei que o padre Marconi mencionou que isso era necessário. Havia me esquecido até então, agoniada para conseguir o feito. Até comentou de um bispo no passado que havia



levado um vampiro para dentro da igreja e até conseguiu, mas o vampiro virou cinzas no processo. Totalmente.

– Mas...mas se eu entrar, serei fulminado já na porta! – Zack concordou, mas não parecia atento a nós. Parecia estar refletindo – Já vi vampiros comuns entrarem e virarem cinzas no mesmo instante em que pisavam aqui!

– Vampiros comuns – o padre repetiu – mas você não é um vampiro comum, é, Zack? Não quer mais ser vampiro. Não quer mais ser dominado. É bem possível que Deus permita que entre. É bem possível que sua vontade de viver, de recuperar a vida e o corpo que lhe foi tirado prevaleça sobre o demônio. É sua escolha, rapaz, de mais ninguém. Eu poderia dar-lhe o Sangue aqui fora, certo. Mas você suportaria que, quando ele saísse e não te matasse, atacasse Jéssica, por ser indiretamente responsável por sua mudança de conduta?

Ele paralisou, sem resposta para dar. Eu tinha algumas, mas como todas elas envolviam palavrões em algumas partes, preferi ficar calada.

Foram alguns minutos de extrema tensão. As *otakus* olhavam umas para as outras e até Bobby engoliu em seco.

– Zack... – papai bateu em seu ombro, parecendo procurar palavras para se expressar, julgando pelas caretas que fazia – é tudo ou nada. Se sair dessa agora, os vampiros não o atacarão. É só dizer que se arrependeu. Se ficar agora e, se por um milagre você realmente se tornar humano, eles o matariam para se vingar.

– Se Jessi não estiver comigo... pra mim não adianta mais.

Senti meu pobre coraçãozinho afobado dar um pulo de contentamento. Se Zack virar humano, prometo aprender a cozinhar melhor.

Subitamente meu vampiro arregalou os olhos quando estava prestes a dar o primeiro passo na igreja e resvalou para trás por um segundo.

– Zack, o que foi isso? – perguntei, segurando seu ombro – Você está bem? Teve outra daquelas visões?

Os seus olhos pareciam vidrados, ainda virados totalmente para dentro da igreja.

– Eu... sim... Jessi, você... você me ama, certo?

– Que pergunta é essa? Claro que te amo, idi... amor.

Ele deu um sorriso e afagou meus cabelos.

– Então eu entro. E se por um acaso eu resistir e conseguir sair dessa... eu te conto o que acabei de ver...

– Não me mata de curiosidade! – me arrependi no momento que saiu aquela infortuna escolha de palavras.

Zack olhou para trás, para o rosto de cada um deles demoradamente, como se estivesse tentando fixar na memória. Depois suspirou fundo – ou fingiu que sim – quando viu o padre Marconi se posicionar atrás do altar. Num gesto relaxado, o vampiro jogou a mão para o alto e começou a subir os degraus.

– Prestem atenção... só vou fazer uma vez, hein?

Meu coração travou quando ele estava prestes a atravessar o vão da porta.

– Não!

Joguei-me em cima dele, abraçando-o e apertando meu rosto contra o seu ombro.

– Não, Zack, isso é loucura... não faça isso, não é possível que você escape! Por favor, vamos continuar como estamos. Você invadindo meu quarto à noite, eu fingindo que vou te matar, a gente estourando as contas do Conselho...

Zack não disse nada. Apenas virou-se pra mim, me abraçou e acariciou minhas costas e meu cabelo

com tranquilidade. Aquele abraço já dizia tudo. Nada podia continuar como antes. Pra melhor ou pra pior.

– Só me prometa... – ele disse, ainda me abraçando.

– O quê?

– Se acontecer alguma coisa... e eu já não estiver mais aqui... você não tentará matar mais nenhum vampiro além de mim.

Eu preendi a respiração e gemi.

– Prometo. Sem você por perto eu não ia querer mesmo...

Papai ia falar alguma coisa em protesto, mas mamãe o conteve. Ele só resmungou em voz baixa algo como “e depois de todo esse sufoco minha filha ainda vai acabar desempregada...”.

Sinceramente não sei do que ele está falando. Eu nunca matei nenhum, e não adianta ele bancar o pai orgulhoso.

Zack se desvencilhou de mim com carinho e virou-se para o altar novamente, com um brilho de determinação no olhar. Assim que seu pé atravessou o umbral da porta, escutei um ‘tsss’ e uma fumacinha branca começou a sair do seu sapato.

Ele fechou os olhos por um momento e avançou. Comecei a caminhar ao lado dele lentamente enquanto atravessava a nave da igreja. De todo o seu corpo saía fumaça agora, e o sonoro chiado de algo queimando era alto e óbvio. Meus olhos encheram-se de lágrimas enquanto Zack caminhava arrastando-se em direção ao padre, que o esperava com expectativa. As palavras do sacerdote ainda ecoavam na minha mente: “nunca ninguém passou da segunda etapa”.

Em um dado momento, Zack parou subitamente, como se estivesse tomando coragem para seguir adiante. Eu tentei me aproximar, mas ele estendeu um braço em minha direção. Seus olhos nunca haviam ficado tão vermelhos.

– Fique... longe – sua voz soou cavernosa, distante.

Engoli em seco.

– Zack... eu estou aqui – murmurei, enquanto ele fitava o chão como se estivesse admirando as lajotas do piso – vou sempre estar aqui. Se quiser desistir de tudo ainda dá tempo. Se não, eu vou estar com você quando virmos o nascer do sol hoje... pela primeira vez, Zack.

Ele pareceu dar um suspiro de espanto e ergueu a cabeça. Seu rosto era uma máscara de dor e ódio, mas aqueles olhos... apesar de vermelhos eu podia enxergar Zack ali. Seu senso de humor cretino, seu sarcasmo irritante, seu respeito incondicional pelas coisas vivas, seu amor... Ele fechou os olhos, deu mais alguns passos e a chiadeira que seu corpo emitia estava maior. Seus caninos saltaram para fora e comecei a ouvir um rosnado que vinha de algum lugar do fundo de sua garganta. Sua pele ardia e eu podia vê-la ficando vermelha e cinza em algumas partes.

– Padre Marconi... – murmurei, aflita – Algo está errado... Zack está se desfazendo aqui... ele não virou cinzas quando entrou na igreja, mas está virando agora! O que isso quer dizer?

Ele pareceu confuso por um momento.

– Eu não sei... mas ele não virou cinzas instantaneamente quando entrou. Temos que ter fé. Zack pode vencer.

A cinco passos para o altar, Zack ajoelhou-se e começou a rosnar e falar numa voz estranha. Primeiro parecia uma mistura de línguas. Depois comecei a identificar algumas palavras e frases aleatórias. Ele estava tendo um diálogo dentro de si mesmo. A batalha contra o demônio já tinha começado... dentro dele.

– Imortal... humanos são volúveis... eles não vão se importar mais com você depois que já não for vampiro... seu corpo... meu corpo... morte... traga a morte...

A fumaça que o corpo de Zack expelia estava cada vez mais densa e as marcas de queimaduras em seu corpo já estavam grandes demais. Meu vampiro parecia que poderia se desfazer a qualquer momento. O problema é que Zack não estava apenas possuído. Aquele corpo, o corpo de Zack pertencia ao demônio. Zack já não era para estar aqui mais. Estava morto.

Mas eu também voltei, não voltei? Nem eu era para estar aqui mais! Então quem se importa?

Agachei-me ao lado dele e soprei em seu ouvido:

– Você é mais forte que esse cara! Ele não manda em você! Você é Zack Redpath, o vampiro mais metido e gato que já existiu!

– Não a escute! – a voz soou dele furiosa – Ela é uma daquelas que vão te abandonar, como todos os outros o fizeram!

– Zack, nem ouse morrer e me deixar para trás! – gritei, tentando soar mais firme que a do ser maligno dentro dele – Se não compro a coleção inteira de Crepúsculo edição de luxo!

– Não...

– E pôsteres do Edward! Vai ter fotos dele por todo o meu quarto, estou avisando!

Zack ergueu a cabeça e parecia espumar. Só não sabia dizer se era o demônio ou Zack mesmo, ficando fulo da vida.

– Jessi... James... – eu estava apelando para tudo. Meus olhos ficaram vermelhos de chorar e meu rosto vermelho de raiva. Quem aquele demônio pensava que era? – equipe Rocket decolando na velocidade da luz! Renda-se agora e prepare-se para lutar, lutar...

– Lutar...!

Zack levantou-se e sorriu, com os caninos apontados, mas sua face mostrava um ar de determinação renovado. Ele aproximou-se do padre Marconi e fitou o seu olhar nos olhos dele com ousadia.

O sacerdote ergueu o cálice no alto e Zack deu um passo para trás, receoso.

– O Sangue de Cristo.

Quando o vampiro chiou e rosnou, eu dei-lhe uma cutucada.

– Você tem que viver porque eu tenho que matá-lo. De que outra forma vou recuperar o que gastei por conta do Conselho?

Zack ergueu os olhos para o cálice com um sorriso.

– Ah... droga... Que... que assim seja. Amém.

Ele estendeu a mão, pegou o cálice e levou o recipiente aos lábios. Prendi a respiração enquanto via o padre do meu lado fazendo o mesmo. Por favor, Zack, não suma numa nuvem de fumaça, por favor Zack, não suma numa nuvem de fumaça, por favor...

Assim que o meu vampiro havia virado todo o líquido na boca, de seu peito surgiu um grito inumano e ele atirou o cálice vazio longe. O padre pegou-o no ar antes que se espatifasse. Zack rosnou e colocou as mãos na garganta gritando e se retorcendo. Padre Marconi deu a volta no altar para me pegar antes que eu tentasse abraçá-lo.

– Ele não está aguentando! – berrei com os olhos marejados quando Zack caiu no chão – Algo está errado! Algo está muito errado!

– Eu não sei – o padre parecia aflito – temos que confiar nele! Temos que acreditar que Zack vai se recuperar!

Eu consegui me desvencilhar do sacerdote e agachei-me ao lado de Zack, com medo de que o demônio me puxasse, mas ele parecia concentrado em si mesmo, lutando para respirar.

– Zack... Zack, eu sei que você está me ouvindo! Para quê você fez tudo isso, idiota? Para quê?

Ele continuava se contorcendo e eu comecei a bater nele.

– Você devia dizer PARAGUAIO! – eu comecei a chorar furiosa – Você devia dizer!

Subitamente senti que tínhamos companhia.

Eric havia entrado e atravessava a nave da igreja.

– NÃO! VOCÊ NÃO DEVEIA ESTAR AQUI!

– Jéssica... eu sinto muito...

– NÃO! – eu insisti – Você não pode levar Zack! Não agora que...

Virei rapidamente quando percebi que Zack havia parado de se debater.

– Z-Zack...?

Eric fitou-o com um olhar de pena. O padre colocou lentamente o cálice de volta no seu lugar atrás do altar. Todos estavam em silêncio; acho que até meu coração estava mudo.

O corpo de Zack exalava fumaça branca com cheiro de queimado. Várias partes do corpo dele pareciam desfazer-se em cinzas. E a cada segundo essas mesmas cinzas se alastravam, como se ele estivesse virando estátua ali mesmo.

Fiquei com muito medo de tocá-lo.

Ele era todo cinzas. Da cabeça aos pés. Aquele rosto lindo parecia uma estátua de mármore sem cor. Só o cabelo, aquele lindo cabelo, e suas roupas de príncipe pareciam intactos.

– Zack, me responde, seu cretino! – eu gritava com o que parecia uma simples representação dele no chão – Nem ouse me deixar sozinha para lutar contra aquela turma sedenta lá fora! Por favor... quem vai rasgar meus livros? Quem vai me deixar acordada a noite toda porque está entediado?

Eu já não estava enxergando por causa da quantidade de lágrimas que estavam irritantemente ocupando a minha vista. Pisquei para me livrar daquele incômodo e deixei-as escorrer pela face.

– Por favor... eu ainda tenho 35 pés de sapato para jogar em você...

Quando deitei minha cabeça em seu peito com cuidado senti um leve tremor. Uma subida quase imperceptível no tórax. Levantei-me de súbito e permaneci fitando atentamente seu tórax. Alguém tentou me dizer alguma coisa que eu calei com um sonoro SHH. O peito de Zack subia e descia calmamente, como se estivesse respirando.

*Respirando!*

– Z...Zack...você pode me ouvir?

As cinzas começaram a se desfazer e dei um grito. Quando achei que ele estava desmanchando assim que as cinzas começaram a flutuar, levadas pelo vento, percebi que havia uma nova pele aparecendo por baixo. Uma pele mais morena, mais bela, mais quente... mais viva.

Comecei a esfregá-lo, tentando fazer com que toda aquela cinza saísse e revelasse o belo homem que estava por baixo da estátua frágil. Contornei seu rosto com meus dedos, seus olhos, sua boca, seu peito, seus braços... comecei a sacudi-lo rindo como se estivesse louca. Bem, talvez eu realmente estivesse.

Não era mais excêntrica.

Era louca. Louca por ele, louca por seu amor, louca de pedra.

– É como... – o padre murmurou atônito – se ele tivesse renascido...

Zack abriu os olhos lentamente como se fosse um príncipe de contos de fadas... agora, como num sonho, ele iria murmurar meu nome.

– Safadinha...

Bom, quase.

– Sim, Zack? – minha voz saiu bem fina e chorosa, mas eu ria como se não houvesse amanhã.

– Isso foi demais... mas estou com gosto de queimado...

– Zack, se te traz algum consolo, você conseguiu ficar ainda mais gato do que já era.

Ele gemeu quando se sentou.

– Aah, mas meu fã-clubê deve diminuir... não sou mais vampiro... não sou mais misterioso... não sou

mais nada...

– Você só precisa da sua fundadora e única sócia no fã-clube... EU!

Ele sorriu quando lhe dei um beijo demorado na bochecha.

– Aah, não. Isso significa que agora você vai querer me arrastar para o altar... de novo!

Depois de rirmos um pouco, sob os olhares compassivos de Eric e do padre Marconi, eu comentei com um sorriso.

– Espera... você disse que havia tido uma visão instantes antes de entrar aqui, não foi? O que tinha sido?

Ele ficou subitamente vermelho e fiquei encantada.

– Eu vi... nossos filhos Jessi. Uma menina e um menino... ela tinha seus olhos...e ele, meu sorriso.

Desta vez nem o orgulho me impediu de cair no choro na presença de Eric e Zack. Eu sabia que ia ter que aturar todas as piadinhas depois.

Comecei a fazer cócegas em Zack. Desde que Dante havia me revelado que meu vampiro, digo, ex-vampiro tinha cócegas, eu queria fazer isso. Ele se contorcia rindo e gritando “pára, sua doida” e eu o apertava mais ainda. Ele ficava uma graça rindo sem parar.

Quando cansei, e ele parou pra respirar, percebi que escondia algo no canto do olho.

– O que foi isso?

– Isso o quê? Isso no meu olho? Alergia, oras! Essa igreja está cheia de poeira! Pra que serve o dízimo que a gente paga, hein?

O padre Marconi ergueu uma sobrancelha.

– Não sabia que você contribuía...

– Bem, posso me tornar sócio?

O padre só suspirou. Olhei feio para Eric.

– Você me pegou de novo, né? Zack não ia morrer! Eu sempre caio nessa.

Eric ficou subitamente sério.

– Eu não disse que seria agora e nem quem seria. Eu realmente achei que seria ele depois de vê-lo... naquele estado. A batalha só está começando e... há uma força muito grande lá fora.

– Uma força? – Zack ergueu-se me usando como sustentação – Dante?

– Não... esta força é superior a qualquer uma que eu já tenha sentido. Igual-se à sua, Zack... na verdade... se igualava.

Zack olhou para sua pele, que brilhava maravilhosamente com um teor moreno dourado. Nota mental: assim que essa aventura acabar, vou mordê-lo.

– Meus poderes se foram, então?

– Talvez sim... talvez não – Eric começou com seus enigmas outra vez.

– O demônio se foi, não é?

– Mas Deus recuperou seu corpo... quem sabe tenha restituído alguma coisa em você ou permitido que algo permanecesse depois de todo o sacrifício que você fez. Lembra da mãe de Jéssica, Maria? Ela ainda tem alguns dos poderes.

– Mas... quais poderes ainda tenho?

– Só vamos saber quando você for lá para fora, não? – Eric ergueu uma sobrancelha.

– Vamos, Zack! – me adiantei, cada vez mais aflita – Estou preocupada com nossos amigos!

Ele acenou uma vez e disparou para fora a toda. Bem, aí está um dos poderes que Zack manteve... a super velocidade. Isso é sujeira. Eu sempre quis esse, saco.

Ele percebeu, parou na porta e virou para trás rindo. Eu acenei irritada, mostrando que tinha notado. O ex-vampiro deu de ombros e pulou para a noite.

Quando Zack sumiu da minha vista e eu estava prestes a segui-lo, senti uma sensação estranha. Não era ruim, muito pelo contrário.

Olhei rapidamente para trás e tive uma visão maravilhosa de um ser brilhante que me sorria. Meu coração se encheu de paz e amor e fiquei emudecida. Ele não era meu anjo da guarda, mas então...

– Sim – Eric me respondeu, com um sorriso pleno e divertido – Ele é o antigo anjo da guarda de Zack.. Parece que você renovou a missão dele outra vez, assim como você fez com o seu.

Subitamente o ser sumiu, não deixando nada no ar. Eu teria pensado que havia imaginado tudo, se Eric ainda não estivesse sorrindo apesar de toda a batalha que estava prestes a se desenrolar lá fora.

Sei que estaria praticamente em êxtase se não estivesse sentindo tanta coceira em minha vida. Nem a catapora se compara ao que estou sentindo exatamente agora.

Dei de ombros.

– Bem, quem está na chuva...

Quando corri para fora, vi Zack imóvel, parado no meio do gramado que cercava a igreja. Fui caminhando lentamente até ele, ao perceber que todo aquele silêncio não era nada, nada agradável.

– Zack?

O rosto dele era uma máscara.

– Consegue ver alguém? – ele murmurou.

Olhei ao redor. Realmente não havia ninguém. Nem vampiros, nem *otakus*, nem meus pais. Era uma atmosfera mórbida e sinistra, do tipo aqueles de abertura de faroeste, quando aparece um arbusto voando.

# A batalha final e um inimigo inesperado



– Meu Deus... – murmurei, esperando pelo pior.

Subitamente escutei um grito e olhei para o muro da esquerda. Não foi um dos nossos, mas um vampiro que gritou. Estela acabava de dar-lhe uma mordida.

– Viu como é bom? – ela deu a língua para ele.

Nesta hora percebi que as *otakus* e Bobby haviam sido capturados e Estela acabava de denunciar sua posição. Os vampiros, claro, não gostaram nada daquilo. O loiro alto que a segurava a jogou por cima do muro e ergueu um dos braços para esbofeteá-la enquanto a menina caía. Ignorei minha cautela e corri o mais perto que pude, jogando o meu chicote contra ele, enroscando seu pulso e imobilizando-o com a surpresa.

– Essa doidinha é minha amiga, sanguessuga do inferno! – gritei, puxando o chicote com mais força ainda e derrubando-o no chão.

Eles arreganharam os dentes e Zack partiu para cima, dando uma voadora em um deles, fazendo-os soltar Ana. Os outros quatro recuaram levando Bobby, Dine e Sofia.

Os vampiros não pareciam prontos para um ataque. Era como se estivessem esperando um sinal. Ou então estavam apenas muito surpresos com o bronzeamento súbito de Zack.

Estela e Ana se juntaram a nós. Eu procurava aflita pelos meus pais até que os vi totalmente imobilizados no portão da frente, cercados por quatro vampiros cada um.

– Você é mole, hein, Van? – Zack provocou.

– Ora, moleque! Eles nos pegaram desprevenidos...

Mamãe permanecia muda, olhando discretamente para os lados. Eles também pareciam estar estudando o que estava acontecendo.

Zack estufou o peito e gritou a plenos pulmões, que devo dizer com prazer que agora funcionavam.

– Meus adoráveis ex-súditos! É melhor nos deixarem ir, já que não posso mais ser o mestre de vocês!

Eles o encaravam com dúvida e se entreolhavam. Alguns pareciam chocados e surpresos. Outros praticamente espumavam de tanto ódio.

Havia pelo menos quarenta deles por todos os lados que pude enxergar. E era bem provável que chegassem mais. Mas onde estava Dante?

– Olhem bem pra mim! – ele continuou, totalmente orgulhoso de si mesmo – Sou humano novamente! É hora de vocês encontrarem um novo mestre!

O silêncio durou poucos segundos. Em breve houve muitos gritos furiosos de “TRAIDOR” e alguns simplesmente rosnaram com os olhos vermelhos esperando vingança. Eu sempre disse que nunca tinha descanso, né?

Agora é bem possível que eu vá rapidinho descansar em paz, se é que me entendem.

Mamãe e papai sorriam. Certo, papai revirou os olhos até que eu o olhei e ele disfarçou a expressão. Estela e Ana cutucaram Zack.

– Você conseguiu ficar ainda mais bonito, como pode? – Estela comentou, animada.

– Acho que a forma dos homens de antigamente não existe mais – concordou Ana.

Suspirei alto. Espero que Zack não deixe isso subir à cabeça.

– Meninas, nem eu pensei que tudo era possível...até ver que minha própria beleza superou minhas expectativas.

Tarde demais.

Uma voz cavernosa e familiar soou bem alto, chamando nossa atenção para o canto direito, onde havia muitos vampiros agrupados.

– Você tem razão, Zack... é hora dos vampiros encontrarem um novo mestre. Infelizmente para você... um mestre jamais virou humano antes. Então a tradição deve continuar. Ou seja... você deve morrer.

Ele surgiu, imponente, com sua capa vermelha, seus longos cabelos negros e seu chapéu cobrindo parte do seu rosto.

– Vincent? – murmurei, espantada.

Ele parecia diferente... estava mais pálido, mais sinistro e uma presença estranha emanava dele.

– Traidor!! – meu pai gritou segundos antes de eu ter percebido.

Um vampiro. Vincent havia se tornado um vampiro.

– Você... – murmurei atônita – por quê?

Ele ergueu a face. Os olhos dele faiscavam em um tom sinistramente vermelho.

– Bem, talvez os poderes de Zack tenham deixado essa luta desequilibrada por tantos anos. Mas também pensei que agora lutaríamos de igual pra igual. É uma pena que vá desfrutar de sua humanidade por apenas alguns minutos, Zack. Será como esmagar um inseto.

Zack trincou os dentes, com um semblante que transparecia revolta.

– Seu ódio por mim era tão grande assim? Sua necessidade de me derrotar o fez mudar de lado?

– Mudar de lado... – Vincent aproximou-se, parecendo se divertir com aquela situação – Sim, eu posso dizer que este lado foi mais tentador. Não acha tentador, senhorita Jéssica? Foi o que te atraiu da primeira vez, não?

Meus lábios tremeram. Não foi o lado vampiro que foi mais tentador. Zack é que era tentação, oras. Ele não sabe o fascínio que Zack exerce sobre meus hormônios.

– Não se dirija a ela, sua víbora – Zack rosnou, colocando-se na minha frente – Jessi pode ter cometido algumas deslizadinhas no Conselho, é verdade, mas ela nunca quis passar para o lado negro. Não como você fez!

– Ah, mas que injustiça – Vincent sorriu novamente e cada vez que ele mostrava aqueles caninos pontudos, eu sentia algo arrepiante por dentro – Não sou um vampiro qualquer. Eu sou o vampiro mais poderoso de todo o mundo agora. E uma vez que eu derrotar você – ele ergueu um dedo ameaçador para Zack – Não haverá mais ninguém à minha altura. Eu meterei mais medo no Conselho do que você jamais fez.

– Isso é ridículo – Zack sorriu sarcasticamente – Depois de mim, Dante é o vampiro mais poderoso e maligno que conheço.

– Dante? – Vincent olhou ao redor e colocou um dedo no queixo, como se estivesse pensando – Oh, sim... aquele vampiro que estava atrás de vocês dois. Bem, o que posso dizer? Realmente, ele tem um grande poder... que está em mim agora.

Meu queixo caiu e senti que minha voz subiu dois tons.

– Você matou... Dante?

Seus olhos faiscaram.

– Fizemos um trato. Eu mataria você se ele me tornasse um de vocês. Afinal, com meus poderes de caçador mais os de vampiro, eu ficaria tão poderoso que ninguém seria páreo para mim. Dante



concordou. Só que o tolo achou que se juntaria a mim e que ele seria seu próximo sucessor, Zack. Só que assim que comecei a sugar seu sangue... não parei mais. Então, por ter absorvido o sangue e os poderes do vampiro mais poderoso depois de você... me tornei tão forte quanto ele.

Zack deu um passo para trás, totalmente surpreso. Não parecia triste, mas não estava nem um pouco contente. Aquilo foi um golpe. Sei que Zack sabia que Dante era cuidadoso com essas coisas. O seu desespero de tomar o lugar de seu mestre era tão grande a ponto dele ceder seus poderes? E acabar daquele modo, tão...tão patético? Zack e Dante não eram mais tão grandes amigos como no passado, mas...a visão do garotinho que vivia lhe perguntando as coisas devia estar em sua mente agora. Queria poder bater nas costas do meu vampiro e dizer que ficaria tudo bem, mas eu sei que essa é uma probabilidade remota. Era até capaz de vermos Dante pessoalmente em breve.

– Agora... – Vincent continuou seu monólogo como se tivesse planejado aquele discurso por dias – eu tenho ambos os poderes dentro de mim. Os poderes de um vampiro... e os do caçador mais forte do Conselho. Não há como escaparem. Mas será um desprazer matar um reles humano...

*Zack? Você está me ouvindo?* – arrisquei, tentando a telepatia.

***Esse poder ainda tenho*** – ele permaneceu olhando para frente – ***vamos poder economizar celular.***

*Temos que descobrir o que você ainda tem... enquanto isso, precisamos libertar meus pais e as otakus.*

***E o Bobby.***

*Sim, e o Bobby. Alguma ideia?*

***Sim. Eu vou lá, derrubo todos eles, dou a volta em torno do Vincent fazendo o cara de bobo e fujo com seus pais nos meus ombros. Moleza.***

*É, se você ainda fosse vampiro, idiota. Mas agora você é um reles humano... como eu.*

***Mas ainda sou gato.***

*Que seja! Agora quer fazer o favor de imaginar algo útil?*

O ex-caçador, entretanto, parecia alheio à nossa telepatia.

– Bom, Zack... – Vincent continuou, com sua voz cavernosa – agora sou um vampiro... e como todos os vampiros...

– “Como todos os vampiros?” Peraí, o que você faz com os vampiros? Que coisa deprimente!

Levei cerca de dois minutos para entender a piadinha. E quando entendi, não sabia se ria ou chorava. Quer dizer, as piadinhas de Zack estavam cada vez melhores, mas o *timing* dele estava cada vez pior.

O novo-vampiro ex-caçador rosnou.

– Parece que seu vampirismo terminou, mas não levou junto seu senso de humor dos infernos.

– Se fosse dos infernos teria ido para lá junto com o demônio que me habitava, não?

– Pois eu vou mandá-lo para junto dele! – Vincent gritou, possesso – Você e meu ex-mestre... mas onde ele...?

Enquanto Zack conversava e enrolava o nosso novo inimigo, papai havia dominado os vampiros e partido para cima de Vincent, desferindo-lhe um soco certo. Mamãe havia aplicado golpes de taekwon-do nos outros seis que a rodeavam e imobilizou um por um, acertando as estacas em dois de cada vez. Um passou-lhe uma rasteira, ela praguejou limpando a roupa e jogou seu sapato fino de sola de madeira direto no coração dele.

Vincent recuperou-se da surpresa e agarrou o pescoço do meu pai erguendo-o alto. Mamãe correu direto para meu pai e chutou o inimigo, mas ele desviou-se a tempo. Contudo Van encontrou uma brecha no descuido dele e apoiou os pés nos ombros largos de Vincent dando um impulso rápido para trás, fazendo o recente vampiro soltá-lo.

Zack correu para o lado onde as *otakus* estavam, mas subitamente foi cercado por cerca de vinte

vampiros, e a cada segundo juntavam-se mais. Ele recuou. Era óbvio que seus aliados já não mais lhe ofereceriam suporte. Provavelmente fora a gota d'água.

O padre e a jovem-ex-louca-futura-freira estavam dentro da igreja, olhando tudo boquiabertos. Subi os degraus e pedi que entrassem rapidamente ao que prontamente obedeceram, não sem antes me passarem um monte de conselhos que julgavam ser úteis, mas que infelizmente não prestei atenção em nenhum.

Finalmente eu conseguira avistar Johnny. Ele estava caído do outro lado do muro, imóvel. Meu coração deu um pulso. Não havia vampiro algum perto dele.

O que significava que ele havia deixado de ser uma ameaça.

Pulei por cima de dois vampiros que tentaram me pegar, desesperada ao imaginar a expressão que sua família faria ao descobrir... Não!

Cheguei ofegante, ajoelhando-me ao seu lado assim que o alcancei. O pulso dele estava fraco e havia uma mordida grande no pescoço de onde o sangue escorria lentamente. Dei um grito quando vi dois olhos amarelos me fitando fixamente à frente.

Era Christie, provavelmente tentando se manter o mais longe da batalha possível.

– Mas o que raios você está fazendo aqui? Veio seguir Zack, também? Nem os animais conseguem ficar longe do *meu* namorado?

Ela miou em protesto e arrepiou-se. Senti a bile subir pela minha garganta.

Com certeza devia haver algum vampiro por perto, embora eu sentisse a presença deles o tempo todo, rodeada do jeito que estava. Eu não podia deixar Johnny daquela forma, mas não podia ser pega. Girei nos meus calcanhares e passei a rasteira na presença atrás de mim, que estava prestes a me fincar os caninos, derrubando-o no chão.

Contudo ele se recuperou rapidamente, antes mesmo que eu tivesse a chance de me levantar. Com um pulso jogou-me no chão segurando meus braços com força contra a calçada. Chutei e me contorci, mas sofri para poder me libertar. Minha gata miava em pânico e Johnny nem sequer mexia. Enchi meus pulmões o máximo que pude e soltei o grito mais poderoso que podia, deixando o vampiro atordoado por segundos suficientes para eu conseguir soltar uma das mãos e alcançar a arma que estava mais perto da minha cabeça.

Christie.

Segurei-a pelo rabo e joguei-a contra o rosto do meu atacante que se debateu surpreso ao sentir as unhas dela cravadas contra o rosto. Ele me soltou resmungando e girando tentando se livrar da minha gatinha estúpida, mas quando Christie segura em algo, só larga até desfigurá-lo.

Sério mesmo, pergunte para as minhas meias-calças.

Eu aproveitei a confusão e, suspirando fundo, rasguei parte da minha saia, deixando-a ainda mais curta. Com o tecido amarrei o pescoço de Johnny com firmeza suficiente apenas para estancar o sangue e não sufocá-lo, enquanto o corpo do caçador regeneraria gradativamente. Caçador é quase um super herói, não?

Arrastei-o para longe da batalha, deixando-o embaixo de uma árvore enquanto ele resmungava. Isso era bom sinal.

– Não, amor... fala pro chefe que eu estou doente... eu não quero levantar agora...zzz...

– Claro que não quer – resmunguei, mesmo sabendo que ele se referia à esposa.

Quando voltei para cena de batalha, percebi que Zack, minha mãe e meu pai estavam cercados. As *otakus* e Bobby estavam correndo em círculos, mas ora eram pegos, ora não. Meu ex-vampiro havia conseguido libertá-los, mas acho até que se quisessem teriam se libertado sozinhos. Vai entender esse povo...

Zack suspirou aliviado quando me viu.

– Jessi, está tudo bem? Eu ouvi seu grito...

– O mundo inteiro ouviu, na verdade – mamãe tentou suprimir uma risada.

– Jessi, nós estamos querendo sair do cerco e você se junta a nós? – papai me perguntou visivelmente irritado.

– Eu não gosto de ficar sozinha... – resmunguei, me sentindo um pouco idiota.

– Que interessante, safadinha... quanto maior o perigo, mais curtas ficam suas roupas?

– Aah, é uma longa história, mas acho que você não deixa de ter razão.

Johnny vai me comprar uma saia nova logo depois que ganhar um aumento.

Voltei-me para Zack, que descobriu que podia usar o poder de seu chicote *star wars* para afastá-los o máximo que podia. Entretanto sua agilidade quando lidou com aqueles vampiros anteriormente não estava mais a mesma. Tudo bem que ele eliminava cerca de 10 a 20 vampiros com uma só agitada do chicote, mas antes tinha mais força e fôlego. Minha mãe percebeu minha agitação.

– Escute, Jessi, Zack acabou de perder uma parte enorme do seu poder. Na verdade, ele tem uma constituição muito boa, porque eu mesma levei semanas para me recuperar. Por mais que ele seja o máximo – papai olhou para ela de soslaio – não aguentará esse ataque por muito tempo e em breve irá enfraquecer.

– Que bobagem – o ex-vampiro respondeu, ainda sem tirar os olhos da luta – eu consigo cuidar disso tudo sozinho!

Um dos vampiros que Zack enrolou com o chicote virou cinzas em pleno ar, mas cobriu nossa visão para o outro que se esgueirava por trás dele. O inimigo rompeu nosso bloqueio e atingiu Zack no ombro com garras enormes, arrancando sangue em torrentes.

– Ai! – ele gemeu, cambaleando para trás – Isso não doía tanto assim!

– Para trás, moleque – bradou papai, querendo assumir a dianteira e atirando quase 4 estacas por segundo numa besta larga – Deixa os mais velhos assumirem o posto!

Zack deu risada.

– Eu sou o mais velho aqui! Tenho mais de 800...

– Tinha – mamãe o cortou com uma piscadela animada – Agora você tem cerca de 30 anos e de hoje em diante só vai envelhecer.

Eu engoli em seco, não sabendo se me sentiria feliz com aquilo, mas mudei de ideia quando vi o rosto iluminado de Zack.

– Agora eu posso ser normal...

– Depende muito do que você chama de normal – cortei-o com um sorriso cínico, em seguida dando um grito alto e desconcentrando os vampiros à frente do grupo, que Zack cortou imediatamente com o chicote.

Eram muitos. Quanto mais eliminávamos mais apareciam, como se fossem cabeças de uma maldita hidra. Todos os vampiros do mundo resolveram nos atacar, sem mais nem menos? Será que Lestat ou a Rainha dos Condenados apareceriam por ali, para tentar acabar com a gente também?

– Zack, precisamos saber que outros poderes você tem! – sussurrei pra ele, enquanto sacudia o chicote fazendo mais uma dezena de vampiros desaparecer – Quer dizer, quanto tempo mais vai demorar a bateria do seu chicotinho?

Como se fosse uma ordem direta a luz da mão de Zack começou a desaparecer lentamente e foi diminuindo até sumir na palma da mão dele.

– Ô boca, hein, Jessi? – Zack resmungou.

– Bem, agora temos mesmo que saber que outros poderes você ainda tem! Eu não sabia que você

precisava ligar na tomada, né?

Ele deu uma risada leve, enquanto metia o pé em um vampiro que chegou muito perto.

– Estou enfraquecendo... não estou acostumado a ter sangue quente correndo nas minhas veias... ao menos sangue que seja realmente meu.

Mamãe aproximou-se, enquanto distribuía socos e chutes e não errava um só.

– Zack, você tinha poderes demais, embora pertencessem ao demônio. Agora que ele se foi, quase todos devem ter partido, a não ser aqueles que você despertou há pouco tempo.

– Você quer dizer...

– Tente se lembrar do que liberou nesse ano que viveu junto de Jessi.

Ele franziu a testa tentando recordar-se das coisas que passamos juntos. De uma certa forma, temos que agradecer a Dante. Se ele não tivesse forçado Zack a despertar alguns desses poderes, provavelmente meu vampiro estaria muito mais fraco agora.

Se bem que ele também não teria sofrido tanto – e nem eu – se os mesmos poderes tivessem permanecido adormecidos.

Enquanto rodava para acertar um vampiro desprevenido na boca do estômago, percebi que Vincent só sorria, permanecendo à distância. Estávamos ficando cansados. Eram mais vampiros do que eu achei que pudessem existir na vida, e muitos deles só permaneciam afastados porque ainda desconfiavam de Zack. Havia muita cinza ao nosso redor, mas também havia sangue e isso os estava deixando loucos. Contudo, nenhum deles se atrevia a nos morder diretamente.

Bem, também não sei como se morde indiretamente, mas você entendeu o que eu quis dizer.

Vincent deve tê-los instruído, com certeza. Ele queria nosso sangue, literalmente falando. Três caçadores e um ex-vampiro, o mais poderoso que já existiu. Cara, o ex-caçador devia estar com uma sede daquelas.

Um vampiro atingiu meu pai na perna, e outro conseguiu acertar minha mãe nas costas, rasgando o tecido e arrancando sangue. O cerco ficou menor. As *otakus* conseguiram desviar de alguns deles e se aproximaram, fechando o grupo. Subitamente ouvi o som da voz de Johnny gritando e barulho de luta perto do muro. Pelo visto ele resolveu levantar na hora mais imprópria.

Eric surgiu a nossa frente com um olhar de compaixão. Era chegada nossa hora.

– Eu tive uma ideia! – murmurei, esperançosa.

Zack ergueu uma sobrancelha.

– Não adianta querer mudar de profissão agora, Jessi!

– Há-há-há. Desculpa, essa risada é o máximo que consigo fazer. Agora volto logo.

Desapareci e reapareci ao lado de Johnny, que acabara de levar uma facada na perna direita. Christie pulou no meu ombro e eu segurei o espirro. Abracei o caçador enquanto ele gemia e chutei o vampiro nas partes baixas para mantê-lo afastado só o tempo suficiente para que eu me teletransportasse para o lado de Zack novamente, desta vez carregando o amigo ferido. E com Christie pendurada na minha blusa como se fosse um enfeite de natal.

– Bem vindo ao campo de batalha, Johnny – resmungou papai, mas oferecendo um sorriso solidário.

– Será um prazer morrer ao lado dos mais poderosos caçadores do Conselho.

Papai lhe deu um tapinha encorajador no ombro.

– Tudo é possível. Talvez a gente escape, quem sabe. Jessi disse que teve uma ideia.

– E essa é toda a esperança que a gente tem? – Zack rebateu com uma cara de espanto.

O olhar de Eric não concordava muito com o semblante de meu pai, mas o mensageiro virou o rosto para mim com um raio de esperança. Eu acabara de ter uma ideia meio louca, mas ainda assim era tudo de que eu dispunha.

Acho que era a primeira vez que ele não queria nos levar. Afinal, nadar, nadar e morrer na praia...vamos falar sério, até a morte achou que isso seria sujeira.

Respirei fundo ao notar que estávamos todos esgotados e esperei que os vampiros se aproximassem ainda mais. Então peguei uma mechinha do meu cabelo e cutuquei o nariz de Zack com ela, fazendo cócegas. Ele me olhou com uma cara de “eu me transformo e você que perde o juízo?” e de repente começou a levantar o rosto como se fosse espirrar.

Joguei-me no chão em cima dos outros assim que consegui o que queria. O recém poder adquirido de Zack – o espirro superpower plus – varreu do mapa dezenas de vampiros, formando primeiro um círculo ao nosso redor e depois atingindo todos os inimigos num raio de 100 metros como se fosse uma bomba atômica. Vincent voou para o alto – exibido – assim que notou o ataque repentino de Zack, definitivamente surpreso. Depois esboçou um sorrisinho cínico, provavelmente imaginando como seria bom ter correndo em suas veias aquele maravilhoso poder de fogo.

Com o perdão do trocadilho.

Isso definitivamente enfraqueceu as bases deles, mas só por algum tempo. Agora tinham começado a se ajuntar à distância, planejando um ataque em massa. Por vários minutos a única coisa que se ouviu foi o som resfolegante da nossa respiração. As *otakus* estavam apenas arranhadas aqui e ali, mas estavam todas esgotadas. Bobby tinha um corte feio no ombro, mas parecia bem. Mamãe, papai e Johnny estavam no chão, tentando manter os ferimentos estancados, mas qualquer movimento brusco faria o sangue jorrar novamente.

Vincent aproximou-se como se fosse uma sombra e parou diante de nós com toda sua constituição traidora maligna e pálida nos fitando com interesse. Estava distante de nós apenas alguns passos, avaliando e estudando para ver se tínhamos alguma outra carta na manga. Eu estava ajoelhada ao lado de Zack, ambos exaustos com o uso do poder e totalmente entregues. Eric sacudiu a cabeça, mas ainda parecia esperançoso. Eu não tinha mais ideia de que poder eu poderia dispor agora.

Zack parecia não mais se aguentar e caiu de costas na grama.

– Zack! Zack, você está bem?

– J... Jessi...

A voz dele era um murmúrio. Estava tão exausto que mal falava. Vincent percebeu e antes que eu pudesse levantar-me para impedi-lo, pulou para cima do meu ex-vampiro, preparado para fincar os caninos em seu pescoço. Rolei para o lado e fiquei por cima de Zack, segurando os ombros de Vincent para trás.

– Zack é meu! Eu cheguei primeiro, tá ouvindo?

Ele deu uma risada sinistramente cavernosa. Ele sempre teve aquilo ou piorou depois que virou vampiro? Veio no pacote?

– Zack já era meu há muitos anos antes de você ter vindo.

– Sabe, quem olha para você nem desconfia que...

– Tudo é uma grande brincadeira para você, não é Jéssica? – ele me cortou e o modo como pronunciou meu nome me deu grandes arrepios – Só que de todos os tipos de sangue que tenho para provar aqui, definitivamente o seu não está na minha lista. Não quero os seus poderes idiotas.

Dito isto, ele sacou um punhal de dentro da capa e consegui segurá-lo centímetros antes que penetrasse em minha testa.

– Pare! O que está fazendo? – gritei apavorada, sabendo que não seria páreo para a força de Vincent. Meu grito de Mandrágora pôde enfraquecê-lo um pouco, mas não o suficiente. Ele era forte demais.

Minhas mãos estavam começando a ceder. Eu tentava segurar o cabo junto com o caçador, mas a lâmina estava ficando perigosamente perto.

Meu pai tentou levantar-se para me ajudar, mas caiu. A ferida abriu e minha mãe tentou colocar a mão nela para estancá-la. Ela mesma não parecia muito bem. Johnny era sustentado por Bobby e as *otakus*, mas parecia estar desmaiado. Elas fizeram um gesto para se aproximar, mas eu sacudia a cabeça para que permanecessem onde estavam.

– Diga adeus à vida que você teria com Zack, senhorita Jéssica – ele sorriu com os caninos apontados e olhos vermelhos.

Zack gemeu como se estivesse tentando se levantar. Eu reuni todas as forças que ainda me restavam.

– Eu não vou...morrer...SOLTEIRA!

Dito isto, larguei o cabo da adaga e segurei a lâmina. Sangue começou a correr pelos meus dedos, mas eu mal sentia a dor. Estava concentrada, com as duas mãos fechadas sobre o metal. Senti que ela escapava de minhas mãos aos poucos.

Literalmente mesmo. A adaga começou a derreter com meu poder anormal.

Há, toma essa, Vincent! Então não queria meu sangue porque meu poder é idiota, não? Podia dormir sem essa!

Bem, não que eu não fique feliz por ele *não* querer meu sangue, claro. Eca.

Quando eu não aguentei mais a força que Vincent fazia com a arma, acabei soltando os braços e a dita cuja bateu sem ponta em minha testa, apenas me deixando com um enorme galo.

– Ai!

– Mas o que... – Vincent ergueu a arma na direção dos olhos fitando a adaga assombrado. O metal havia se dissolvido, deixando a adaga sem ponta e derretida feito a cara de Darth Vader.

Aproveitei seu instante de distração e meti a mão na cara dele concentrando todo o meu poder de persuasão.

– Afaste-se! – gritei, com convicção.

Ele deu um pulo para trás, parecendo visivelmente confuso. Provavelmente estava tentando entender porque estava obedecendo as ordens de uma caçadora visivelmente inferior a ele em tudo que fosse possível.

– Todo esse esforço é em vão – ele gritou para mim, quando fiquei de pé com esforço para me colocar na frente de Zack e meus amigos – Há ainda centenas de vampiros aqui. Vocês mal arranharam a superfície da revolta! Quando Zack for definitivamente eliminado haverá uma nova era! Eu darei as ordens e não sobrarão mais nada nem ninguém em meu caminho.

Senti que minha garganta estava apertada. Condenei a todos nós. Se Zack houvesse permanecido vampiro ou se eu realmente tivesse cumprido meu papel e dado cabo dele na primeira oportunidade – afinal, mesmo que eu fosse incompetente, tive muitas, já que ele confiava irrevogavelmente em mim – não estaríamos nessa situação. Pensar que condenei o mundo inteiro a um vampiro estupidamente mais cruel que Zack já fora me deu um nó no estômago. Zack ao menos tinha respeito pela vida, mas Vincent não parecia ter respeito por nada, a não ser por si mesmo.

Mas Zack quis mudar. Não é do feitio do bem dar uma oportunidade a todos que querem tentar, pelo menos?

Abaixei a cabeça, sentindo-me desamparada. Nunca ia conseguir conviver com toda aquela culpa. Eu precisava de um milagre.

Sentindo-me inspirada, olhei para Eric. Ele sorria, levemente. Seria sarcasmo, pois agora finalmente teria todos nós no céu como planejara? Mas Eric nunca entendeu sarcasmo e aquele sorriso era genuíno.

Abaixei a cabeça e fiz uma pequena prece. Fomos tão longe para morrermos ali, na frente da igreja? O anjo de Zack renova a missão depois de 800 anos e não fica com ela nem por uma hora? Que tipo de sádico está escrevendo essa história, afinal?

De repente, como se tivessem saído de uma corrida de São Silvestre, centenas de vampiros surgem alguns metros na rua acima. Vincent dá um sorriso sádico. Era isso.

Ergui meu rosto novamente para Eric, que continuava sorrindo à distância. Suspirei, fechei os olhos e simplesmente confiei. Se é assim que tem que ser, que seja. Se não, espero que Deus dê um jeito no rumo da humanidade, porque eu não estarei aqui pra assistir.

Ajoelhei-me ao lado de Zack e abracei-o. Mamãe e papai esgueiraram-se até mim e nos abraçaram também. As *otakus* emitiram um ‘awww’ com voz fofa e vieram até nós, equilibrando-se em nossas costas. Zack abriu os olhos e percebi que estavam marejados.

– Eu sinto muito – ele murmurou, o rosto mostrando um sofrimento inefável – é tudo culpa minha...

Eu o beijei na testa.

– Não... é só minha, Zack. Desde o princípio.

– Não – papai me deu um tapinha no ombro – é nossa.

As *otakus* abaixaram a cabeça e Bobby deu de ombros. Dele é que não era, certo?

Eric aproximou-se. Quando estava bem perto, eu sussurrei pra ele.

– Posso pedir para que seja pelo menos indolor?

O mensageiro deu de ombros.

– Por quê? A cavalaria chegou.

– Aqueles vampiros não estão do nosso lado, Eric...

– Eu não estava falando deles.

Mal ele acabara de pronunciar a frase, uma estaca fincou-se bem centralizada em uma árvore próxima a Vincent. O ex-caçador arregalou os olhos ligeiramente surpreso e virou-se, tentando descobrir que vampiro teria a ousadia de atacar o futuro mestre.

Outra estaca caiu alguns metros adiante, destruindo um dos vampiros da comitiva de Vincent. Em seguida outro.

– Mas que diabos...? – Vincent começou a procurar o atacante freneticamente.

Mas não era um atacante.

Era uma multidão de atacantes. Um emblema dava para ser visto ao longe em suas roupas e armas, enquanto surgiam às centenas pelas ruas ao nosso redor.

Duas estacas no alto se cruzando com um alho em baixo.

O emblema do Conselho.

– Aah, agora sim, meus impostos estão valendo a pena! – murmurou papai animado.

Eu mal podia acreditar. Eles vinham às pencas, à toda, indo de encontro aos vampiros que estavam surgindo, dizimando muitos antes mesmo que suas cinzas chegassem ao chão. Eu mal piscava enquanto ia admirando uma quantidade de poderes, como se fossem super-heróis estilo Lanterna Verde, Homem Aranha ou Mulher Maravilha. Batman, não.

Batman sempre será o Zack.

Como os vampiros estavam encurralados, as feridas dos meus pais, de Zack e de Johnny começaram a cicatrizar rápido por causa do tempo disponível. Christie miava em pânico quando percebera que eu a tinha trazido direto para o olho do furacão, mas agora parecia mais calma. Eric já tinha se retirado para apaustrar as almas dos demônios e levá-las para seu lugar de origem.

Alguns caçadores saíam machucados, mas pareciam aguentar firme. Nunca em minha vida eu tinha visto uma batalha tão ferrenha.

Eles estavam se aproximando, e Vincent não podia esconder a admiração, embora tentasse manter um semblante inexpressivo.

– Como sempre, você precisa da ajuda dos outros para poder vencer, não é, Van?

Ele lançou uma farpa para meu pai na voz, mas este não deixou se abalar.

– Só um tolo como você acha que pode lutar todas as batalhas sozinho, Vincent. Precisamos de amigos, mas você nunca entendeu isso. Por isso que, mesmo se tornando o mais poderoso de nós, ainda continua fadado a perder.

O ex-caçador trincou os dentes.

– Bem, tenho amigos ao meu lado, embora não precise deles, não vê?

– Amigos – meu pai riu com deboche – Esses vampiros contra quem você lutou sua vida inteira são seus amigos? Eles mudariam de lado num instante se você fraquejar. Veja o estado de Zack aqui. E isso porque ele os comandou por séculos.

Zack fez um sinal de positivo com a mão.

Vincent rosnou.

– Vamos ver então quem vai rir por último, Van.

Quando a batalha nos alcançou, foram os caçadores que nos cercaram. Muitos tinham habilidades de cura e ajudaram meus pais e Johnny num instante. Zack começou a se recuperar sozinho e já estava de pé. Outros atacavam os vampiros sem piedade, mas a batalha já durava muito. Os inimigos estavam se dispersando, sumindo nos ares transformados em cinzas ou apenas de longe assistindo. Com certeza estavam a postos esperando que Vincent fizesse algo. Já o ex-caçador partiu pra cima de Zack ao perceber que perdera a vantagem sobre nós. Meu pai tentou impedi-lo, mas recebeu um violento chute no estômago.

– Eu fiz tudo o que fiz para poder derrotá-lo – bradou Vincent, com os olhos destilando puro ódio – e só saio daqui com ele morto!

– Estive morto um tempão e só agora você reclama – riu-se meu ex-vampiro, rolando para o lado quando Vincent tentou acertá-lo com a adaga.

Zack estava melhor, mas a transformação realmente deixara-o esgotado e depois de usar de todo aquele poder, seu corpo estava totalmente fraco. Dava para ver que suas pernas tremiam e que parecia não ter estabilidade em pé. Vincent notara.

Tentei me aproximar, mas a batalha ao meu redor estava intensa, muito embora estivéssemos ganhando. Nunca pensei que houvesse tantos caçadores no mundo, e pensar nos que estavam apenas por perto! Deviam ter centenas deles.

Os vampiros começaram a perceber que aquela batalha não ia muito longe. Eles estavam sofrendo muitas perdas e, embora muitos deles tivessem confiança na força e no ódio de Vincent por Zack – sem contar aquela regra de serem fiéis ao mestre, fosse ele quem fosse (na medida do possível, claro) –, muitos debandaram. Vincent gritou ameaças de ódio. De suas mãos saíram raios que eliminaram muitos. Estremeci por dentro tentando imaginar quanto poder Vincent ainda manifestaria. Sua recente transformação devia deixá-lo ainda um pouco debilitado, assim como Zack, mas ele estava ficando mais forte a cada segundo.

Subitamente, ele jogou uma perna por baixo de Zack e empurrou-o, jogando o ex-vampiro no chão. Zack não conseguiu oferecer resistência alguma. Quando Vincent pulou sobre ele para cravar os caninos no seu pescoço, gritei com todas as minhas forças. Todos os vampiros ao meu redor foram ao chão, para a surpresa dos caçadores, mas Vincent sequer moveu-se. O desejo de matar Zack era tão intenso quanto sua sede de sangue.

Sede do sangue de Zack.

Todos que tentavam se aproximar dos dois, levavam raios descarregados pelas mãos de Vincent ou eram jogados para fora por uma espécie de campo de força invisível. Alguém já viu X-men? Estou convencida de que os roteiristas desses filmes são biógrafos de caçadores e vampiros. Vou começar a



prestar mais atenção nessas histórias de mutantes em vez de ficar procurando falhas na trama.

O ex-caçador segurava Zack no chão, enquanto fazia algum discurso do tipo eu-sou-melhor-que-você e blá blá blá. Zack virou o rosto para o meu lado e murmurou meu nome. Meus olhos encheram-se de lágrimas.

Corri desenfreada para perto de ambos, mas o campo de força me jogou várias vezes longe. Mas eu não desistia. Bobby me alcançou.

– Chefa, pára e pensa! Não adianta atacar o campo de força como se você fosse um touro doido. É uma barreira idiota, mas você tem que pensar como se estivesse em um jogo de RPG, entendeu?

Eu respirei fundo e acenei. Mas pensar, que já não era meu forte, não ajudava muito quando o meu ex-vampiro estava preso lá dentro com a versão masculina de uma Carmen Sandiego psicótica.

Parei bem em frente à barreira, tentando tocá-la sem ser repelida. Era invisível, mas por alguns reflexos dava para perceber que cercava uma área de 10 por 10 metros com Zack e Vincent dentro. O ex-caçador podia atacar quem estivesse por fora, mas ninguém podia alcançá-lo ou atingi-lo ali dentro. Ele percebeu que eu os observava. Sorriu sadicamente e mexeu os lábios de uma forma que eu entendesse:

“Diga adeus.”

Ouvi a voz de Zack em minha cabeça, arrancando-me de meu estado de torpor.

***Eu te amo, Jessi.***

A visão em seguida se transformou em um borrão. Tentei gritar, mas minha voz falhou, em choque.

Só que o primeiro ataque não veio de Vincent.

Um grande borrão negro grudou-se à sua face fazendo-o agitar-se desesperadamente de um lado para o outro, soltando Zack no chão. Antes de eu conseguir tentar entender que poder estranho podia ser aquele, reparei que parecia um borrão vivo, uma espécie de animal...

Christie! Minha gatinha alérgica estava escondida atrás dos arbustos, pronta para defender o namorado de sua dona! E eu que espirrava tanto quando ela estava perto de mim...

Sim, eu sei que não é exatamente culpa minha, mas não deixei de sentir um pesinho na consciência.

A barreira não enfraqueceu, mas eu ainda tinha um trunfo na manga. Quando Vincent conseguiu segurar a gata, estava com o rosto todo arranhado e semi-desfigurado. Puxou uma outra adaga de dentro da roupa – cara, esse homem parece com aqueles que ficam em becros escuros cobertos por uma capa escondendo todo tipo de coisa dentro e oferecendo aos passantes – e levantou-a ameaçadoramente na direção de Christie, que se debatia como... bem, como um gato enlouquecido.

Só que desta vez eu tinha parado pra pensar. Fechei os olhos me teletransportando para dentro do campo de força, me posicionando bem atrás de Vincent. Quando ele se deu conta de que eu estava ali, virou-se, mas fui mais rápida. Puxei minha nunca usada estaca do cinto e finquei-lhe no coração, quando ele estava prestes a me atacar.

Seus olhos me fitaram com espanto, mas não consegui pronunciar palavra alguma. Pareceu emitir um rosnado quando seu corpo começou a virar cinzas até sumir completamente no ar. Elas passaram ao meu redor flutuando silenciosamente com uma ameaça contida, mas inútil. O futuro mestre já era.

Christie pulou no meu ombro miando alto, como querendo anunciar ao mundo, toda orgulhosa, o que a dona dela havia acabado de fazer.

– Finalmente matei um vampiro nessa história!

Zack sorriu esgotado no chão, seus olhos faiscando de admiração e suspirei aliviada. Eu sempre sonhei com esse olhar.

A guerra entre os caçadores e os vampiros depois disso não durou muito. Ao perceber que Vincent fora derrotado, colocaram o rabinho entre as pernas como se fossem lobisomens apavorados e abandonaram o campo de batalha. Alguns caçadores ainda os seguiram. Tenho certeza que ainda deverão

existir milhares de vampiros pelo mundo, mas com certeza esse foi um golpe grande no contingente deles e uma vitória e tanto para o Conselho. O vampiro mais poderoso virou humano, o recente perigoso e poderoso vampiro eu mesma dei cabo, e centenas deles foram encurralados pelos seus caçadores. Sem contar que agora viraria um caos sem um mestre para comandá-los. Se bem que não sei se iria ser bom ou ruim.

Também vai ser uma baixa e tanto para todos os fãs-clubes de vampiros por aí.

Tá vendo? Quando finalmente consigo fazer algo de útil, arrumo mais problemas pra todo mundo.

Um grande urro de alegria estendeu-se quando os caçadores perceberam que os vampiros já estavam longe dali. Muitos me deram tapinhas nas costas, sacudiram minhas mãos e eu via meus pais sorrindo orgulhosos. É, de certa forma tudo aquilo ali foi culpa minha.

Na verdade, culpa nossa.

Bobby deu de ombros. É, afinal ele não tinha mesmo nada a ver com isso.

As *otakus* tiraram fotos de tudo, mas tiveram seus celulares devidamente confiscados enquanto os caçadores faziam de conta que não havia civis que viram tudo no local. Johnny aproximou-se de mim mancando, mas parecia que foi só uma simples torção no tornozelo, quando correu atrás dos vampiros.

Vou levar uma cesta de doces pra família dele quando voltarmos. E um DVD edição limitada com capa de luxo da Pequena Sereia para Priscila, a filha de Johnny, o porteiro caçador.

Enquanto todos se cumprimentavam e até mesmo cumprimentavam Zack, pela humanidade recém adquirida e pediam desculpas pelas tentativas de homicídio no passado, ele mantinha o rosto distante, parecendo deslumbrado. Quando cheguei perto, vi que ele fitava um ponto qualquer no horizonte.

– Zack? – aproximei-me, curiosa – Você está bem?

– Veja...

Ele apontou trêmulo para o horizonte. Era apenas um novo dia nascendo, o céu ficando rosa aos poucos, a luz retornando para o mundo, um novo começo.

Tudo muito bonito, mas e daí? Quer dizer, como diz a música *‘mas é claro que o sol vai voltar amanhã...’* Quando olhei para Zack novamente vi uma lágrima escorrer solitária pelo seu belo rosto, então entendi.

Era a primeira vez em mais de 800 anos que ele via o sol.

– Eu não me lembrava de que era tão lindo...

Sentei-me ao lado dele no muro para fitarmos, juntos, o presente maravilhoso que ele recebera, e em breve Eric juntou-se a nós. Sentou-se ao nosso lado parecendo visivelmente cansado.

– Vocês nunca me deram tanto trabalho como hoje. Por favor, não façam mais isso.

– acredite, não tenho a menor intenção – respondi com a maior sinceridade possível.

Subitamente Eric olhou um pouco surpreso para Zack, que engasgou, tossiu e riu.

– Desculpem – ele ainda ria, um pouco envergonhado – Esqueci de respirar. Algumas vezes é complicado retornar aos velhos hábitos...

Como não podia deixar de ser, Eric, Zack e eu caímos na risada, aliviados por ter um novo dia para ver.

Bem, Eric não, acredito que ele só estava feliz pela gente.

Não demorou muito para que Zack chegasse junto aos meus pais assim que o fluxo de caçadores ao redor deles diminuía. Ele cumprimentou meu pai e sorriu de ponta a ponta.

– Bom, agora que já estamos resolvidos, vim pedir a mão de Jessi em casamento.

Papai engasgou e tossiu várias vezes, para surpresa de mamãe.

Acho que ele também se esqueceu de respirar.

Mamãe deu um beijo no rosto de Zack, orgulhosa.

– Nem precisava pedir, não é, querido?

Papai só resmungou baixinho algo como: “sorte sua que me pegou num dia bom” ou coisa assim.

Depois mamãe puxou meu ex-vampiro para o lado tentando explicar pra ele como seria o casamento dos meus sonhos e dei de ombros. Quer dizer, pra mim tanto fazia; só queria casar com o homem dos meus sonhos, a maneira como seria o casamento não me importava muito.

## Final mega feliz...?



Eu sei, o final está soando feliz demais, não? Mas deixa eu aproveitar o gostinho, principalmente depois de passar tanto tempo sofrendo apuros e inutilmente economizando dinheiro para o meu terapeuta.

Zack pediu para que pelo menos não trancássemos a matrícula para que ele pudesse percorrer os corredores da universidade agora à luz do dia, para enlouquecimento das meninas. Mas eu sei que ele fez isso para jogar no time de basquete e irritar os moleques e me irritar em tempo integral.

O que não consigo entender, afinal, eu já era formada e Zack, bem, ele tem mais diplomas do que eu tenho roupas. E posso garantir que são muitas mesmo.

Demorou um pouquinho para que trocasse a noite pelo dia. Passava a noite inteira me deixando louca junto com Eric e Christie e depois se entupia de guaraná. Alguns dias ele acabou pegando no sono na carteira e se justificava na sala dizendo que passou a noite comigo.

É claro que não fazíamos nada ainda e é claro que isso chegou aos ouvidos do diretor, mas ele não devia ter acreditado. Nem eu acredito ainda. Eric redobrou a vigilância porque disse que nós estávamos ‘felizinhos’ demais.

Claro que a gente se agarrava um pouquinho quando ele estava cansado de ficar de babá. Mas agora eu não temia morrer.

Bom, o Conselho me recompensou, muito melhor do que eu esperava. Não só me deu um grande abono por ter transformado Zack em humano – claro, como se tivesse sido *eu* que quase foi transformada em cinzas – e ainda por cima um aumento gigantesco de salário pelo fato de ter ‘profissionalmente conduzido um ataque perfeito a uma grande massa de vampiros e ter eliminado sozinha aquele que poderia se tornar o pior vampiro de todos os tempos’.

Ei, palavras deles, não minhas. Mamãe bateu em meu ombro dizendo que em time que está ganhando não se mexe e que ninguém vai conduzir uma investigação a esse respeito.

Johnny se tornou oficialmente um espião do Conselho e teve seu salário triplicado por mostrar que ainda podia combater e ser de grande ajuda. Foi ele quem narrou a luta toda por email e acho que deve ter enchido demais a minha bola.

Achei que, com esse enorme abono, nunca mais precisaria trabalhar, mas Zack me convenceu a comprar uma casa maravilhosa perto da universidade apenas uma semana depois.

– Mudar pra Pensilvânia? – eu engasguei, tentando nem pensar nisso – Eu acho que este lugar já tem recordações demais pra...

– Jessi, a vida é feita de recordações! – Zack bateu palmas – Eu não quero ter nenhuma recordação da vida que tive como vampiro... e foi aqui que renasci! Quero começar a construir uma vida aqui, com você, nossos amigos por perto e nossos cinco filhos!

– CINCO filhos? Não vá me dizer que teve essa visão porque nem pensar eu...

– Só vi dois, tudo bem, mas o que é uma vida sem cinco filhos, Jessi?

– Uma vida mais calma??

– Está brincando? Você não tem mais que capturar e matar o vampiro mais poderoso do mundo, ou seja, eu, então o que são cinco crianças?

– São o CAOS.

– Ora, o mundo se formou no caos, não é? E está na hora de formarmos o nosso próprio mundo, juntinhos.

Gemi. Era incrível como ele conseguia me convencer das coisas. Bom, eu deixei de discutir porque ainda me sentia meio culpada por Zack ter sofrido tudo aquilo para se transformar e eu só ter assistido. Mas mamãe disse que a culpa ia passar assim que eu tivesse os filhos dele. E ainda ia achar que o sacrifício do ex-vampiro foi muito pouco.

E peraí...além de criar eu teria que *parir* cinco? Vamos ter que conversar muito a respeito disso ainda.

De qualquer forma, Zack havia me arrastado para a frente de uma bela casa, distante apenas a alguns quarteirões da igreja e uns cinco da universidade. Devo admitir que era como nos meus sonhos. Uma varanda enorme, um jardim maior ainda e no quintal havia um bosque, tal qual minha antiga casa. Tinha dois andares, sendo que parte do telhado era um espaço aberto, de modo que se podia sentar no alto e observar as estrelas. A cerca era pintada de azul e rosa – hein? – minhas cores favoritas. O jardim estava já todo plantado e parecia ter sido escavado recentemente.

– Zack... é a casa dos meus sonhos, mas... ela parece ter sido recém reformada. Tem certeza que está à venda?

– Olha, Jessi, tem as flores que você gosta, não? E sei que você vai amar a cozinha!

– O que quer dizer com isso?

– Está brincando? – ele riu, dando uma piscadela – Agora que deixei de beber sangue, quero experimentar todo tipo de comida que existe! E não se preocupe, tenho muita paciência, esperando que você aprenda a cozinhar decentemente. Ah, e o melhor de tudo, não tenho tendência pra engordar.

– Eu tenho.

– E quem se importa?

Revirei os olhos, não sabendo se o beijava ou batia nele.

– Certo, tudo isso é muito romântico, mas a vida é muito mais complicada. Temos que saber se a instalação elétrica funciona. Temos que ver como anda o encanamento, se vai ser preciso pintar...

– Já chequei tudo. Pode ficar tranquilinha.

– Tudo bem, e nossos vizinhos? Quer dizer, eles podem ser psicopatas. Podem ter um pirulito enterrado no fundo do quintal.

– Eu sei que são caçadores.

– Como assim? – tomei um susto, aumentando minha voz em dois tons – Há caçadores do Conselho morando aqui do lado?

– Vão se mudar pra cá logo. E olha só quem está chegando aí!

Virei para trás e vi minha mãe chegando carregada de malas.

– Mãe, você não está planejando se hospedar agora, né? Zack e eu ainda não decidimos...

– Deixa de ser boba, querida – minha mãe me cortou, passando por mim e indo direto à casa ao lado, que também parecia recém reformada, mas dava para perceber que era um pouco mais velha, do jeito que minha mãe gosta – A mudança chega daqui a dois dias. Pterówski chega daqui a uma semana, primeiro os bombeiros vão capturá-lo lá perto do quintal de casa. Ele sempre foge, aquele malandrinho.

Meu queixo ficou caído por tanto tempo que minha mandíbula começou a doer.

– Vocês vão se mudar pra CÁ? Mas... quer dizer, Zack e eu nem decidimos...

– Ah, por favor, Jéssica – papai chegou, um pouco mal-humorado por mamãe tê-lo sobrecarregado de

bagagem até as orelhas – Zack sempre consegue fazer você fazer tudo o que ele quer. Eu sei, ele também me convenceu. Já estava mesmo na hora de mudarmos de ares e se pensa que vou deixar minha filha sozinha com um ex-vampiro perigoso, está muito enganada. E também ganhamos um bom abono nessa batalha, você sabe.

– Mas... mas... – tentei argumentar, mas senti que minha garganta se apertava de tanta felicidade – Não acham que isso tudo está indo muito rápido?

– Jessi, eu tive anos demais para suportar sozinho – disse Zack, segurando minhas mãos – A vida é tão curta, não é? Por que não me deixa aproveitar o tempo que me resta ao seu lado? Cada dia dele?

Suspirei. Papai tinha razão. Ele sempre consegue convencer a gente a fazer tudo o que ele quer.

Epa.

– Zack, você usou de seu poder de persuasão em nós?

– E preciso? Olha para o meu rosto lindo! E ainda mais agora que posso andar por aí em plena luz do dia! Certo, o sol é um pouco mais forte do que eu me lembrava...

Puxei da minha bolsa um par de óculos escuros e entreguei a ele, que suspirou aliviado.

– Bem, tudo bem – respondi parecendo resignada, mas feliz – mas *eu* escolho os nossos móveis. E quero uma piscina no quintal.

– Bobagem. Todo mundo que tem piscina nunca nada.

– Não me importa. Quero convidar todo mundo. Aliás... você não me respondeu se a casa estava à venda.

Ele riu abrindo o portão e me puxou para dentro do jardim.

– Claro que não está. Eu não poderia vender a casa que eu mesmo construí.

Parei no meio do caminho, atônita.

– Zack... então era isso que você fazia enquanto dava umas escapadas na madrugada e estava quase morto de dia – ri internamente da piada – fugia para cá para construir essa casa? Mas como conseguiu? Tudo bem que acredito que manteve alguns poderes, mas vamos combinar que não é pra tanto, não é?

Ele balançou um polegar para casa ao lado. Papai parou na soleira da porta da casa dele e deu um suspiro.

– Eu disse que ele convence a gente a fazer tudo o que ele quer. Mais de 40 caçadores ficaram ocupados a semana inteira.

Eu sorri emocionada. Não tinha palavras. Olhei para meus pés por algum tempo pensando em como a vida podia mudar tão rápido em tão pouco tempo.

– Quando a gente se muda? – eu disse parecendo meio azeda e o mundo se iluminou quando ele sorriu.

– Logo depois do nosso casamento mês que vem.

– Mês que vem? Calma aí! – nem acredito que eu mesma não estava com tanta pressa – A gente tem muita coisa pra organizar! Os convites, os docinhos, o buffet, a decoração da igreja, o local da festa, meu vestido...

– Sua mãe me ajudou a redigir os convites, os docinhos ela mesma vai fazer, o buffet foi contratado pelo seu pai, a decoração da igreja as minhas ex-adoradoras vão arrumar e não se preocupe, eu pedi rosa – ele acrescentou quando viu meu olhar de desespero – o local da festa vai ser aqui em casa, junto com a dos seus pais e seu vestido...bem, você decide, porque isso eu não posso fazer.

– Mas porque... pensei que você estava reclamando que era *eu* quem estava tentando te arrastar ao altar e não o contrário.

– Está brincando? Estou louco pela lua de mel. Eric deixou claro que não vai nos deixar em paz enquanto não nos casarmos e eu não aguento mais.

– Que romântico, Zack – corei até as orelhas.

– Ora, por favor. Você também está louca para colocar as garras em mim desde o primeiro dia. Estou te fazendo um tremendo favor, isso sim.

Ele nem imagina o quanto.

Eu achava que seria uma cerimônia simples. Zack disse que perdeu a sua conta vampiresca no exterior quando virou humano novamente, então estava atualmente sem fundos.

Sem nem mesmo onde cair morto. Há-há!

Bem, faz sentido. Como é que vampiros conseguem ser tão ricos? Sempre tão alinhados e morando em castelos e com carros de último tipo na garagem...vamos combinar, né?

Mas mesmo que ainda se lembrasse do número da conta e da senha, Zack insistiu dizendo que não queria mais nada a ver com aquilo. Sem contar que os vampiros poderiam facilmente rastrear a nossa casa, então deixa para lá.

O que aconteceu foi que o Conselho pagou todas as despesas. Tudo o que Zack pedia por e-mail eles enviavam. E não pensei que Zack tinha tão bom gosto. Tinha tulipas, rosas multicoloridas e até algumas espécies que nunca ouvi falar. As ex-adoradoras fizeram um ótimo trabalho também, na decoração.

Fiquei com vergonha quando cheguei à igreja e vi uma fonte com dois golfinhos vivos na entrada, mas mamãe jurou que eles voltariam ao aquário da cidade assim que o casamento terminasse.

Pterowski fez amizade com Christie, e estavam os dois lá, comendo o que restava do jardim do padre. Na verdade, a única coisa que Christie fez foi miar a cerimônia toda sentada no lombo dele.

A igreja estava lotada de caçadores, todos sorrindo orgulhosos. Ou então com um sorriso encantado, tentando entender como Zack estava ali dentro da igreja, sorrindo como bobo e com o Draculinho nas mãos. Eu sei, porque eu estava ali e, modéstia à parte, estava linda.

Entrei rindo e cheguei rindo ao altar acompanhada por meu pai que, bem, não estava exatamente rindo.

– Estou sonhando, Zack? – perguntei a ele, com os olhos marejados.

Ele cumprimentou meu pai, me pegou pela mão e quando cheguei ao altar, me deu um terrível beliscão no braço.

– AI!

– Viu, não é um sonho – ele comentou animado – já fiz isso comigo também.

– Duvido que tivesse sido com a mesma força – resmunguei coçando o braço.

Metade da igreja estava lotada de caçadores, é verdade, e a outra metade lotada dos nossos amigos. Certo, alguns não eram tão amigos assim, mas estiveram com a gente lá o ano todo. Linda, Rick, os rapazes do time de basquete, as *otakus*, Bobby, o senhor Anderson, Johnny, até a tia da faxina, que chorava como se tivesse num funeral.

– Você nunca esteve tão linda – ele murmurou pra mim, enquanto o padre Marconi fazia a homilia.

– Nem você – sorri de volta, encantada ainda em ver como o brilho da sua pele dourada parecia um triunfo à vida que agora emanava dentro dele.

A missa transcorreu tranquila, com as meninas da universidade chorando de tempos em tempos – não sei se era de emoção ou por terem perdido um partido como Zack – e até Linda de vez em quando tirava seus olhos de suas unhas e nos mirava no altar com admiração. Eu estava realmente linda. O meu vestido era de seda, brilho e todo tipo de coisa que uma mulher de 30 anos tem direito. E fui eu mesma quem desenhei, extremamente orgulhosa de ter descoberto um talento útil.

No momento da troca de alianças, gelei internamente. O padre ia dizer o que passei a aventura inteira escondendo.

– Zack Redpath, aceita Jéssica Cross como sua legítima esposa para...

– Espere aí... o que o senhor disse? Qual é o sobrenome da Jessi?

– Jéssica Cross... você não sabia?

Meu rosto ficou intensamente vermelho enquanto Zack rolava de rir no altar e os fotógrafos registravam isso em todas as cores.

– Ele aceita, droga! – resmunguei – vamos logo pra próxima parte?

– Ai, desculpa – Zack se recuperou, pegando novamente em minha mão e tentando se segurar. Já papai não pareceu muito contente por Zack ficar zombando do sobrenome da família – Minha nossa...eu devia saber que Jessi seria uma ameaça pra mim a começar pelo nome...

Quando o padre disse a célebre frase:

– Se há alguém aqui que é contra esse casamento, fale agora ou cale-se para sempre.

Zack e eu viramos para trás curiosos.

Os caçadores estavam coçando a cabeça, muitos parecendo realmente querer dizer alguma coisa. As *otakus* usavam balões de água na mão, para frustrar qualquer interrupção e as garotas de torcida olhavam freneticamente para os lados, rezando para que alguém estivesse contra nós.

Desculpem, queridinhas, mas desta vez até o Céu está a nosso favor.

O padre continuou.

– Bem, eu os declaro marido e mulher até que a morte os separe.

Instintivamente voltamos nosso olhar para Eric, que estava ali mesmo, do nosso lado no altar.

Ele deu de ombros.

– Bem, é inevitável. Mas prometo que levo os dois ao mesmo tempo, que tal?

Zack sorriu animado e eu estremeci por dentro. Mesmo tentando agradecer, Eric me assustava. Ainda bem que não foi ele que me arrumou o buquê.

Quer dizer, minhas flores estavam todas vivas.

Quando nos beijamos foi a glória. Todos ficaram de pé e nos aplaudiram, minha mãe se debulhou em lágrimas e papai deu um sorriso enorme. Eu sabia que toda aquela implicância com Zack era porque assim seria a maneira como ele trataria seu filho homem.

Um mês depois, já estávamos morando em nossa nova casa, com minha mobília escolhida a dedo, a piscina ainda esperando por água e Pterówski fugindo para o bosque atrás da casa como sempre costumava fazer. Só que agora, com a companhia de Christie, ele começou a ficar mais sossegado. Talvez porque achasse que, já que tinha mais um animal para dividir a responsabilidade de ser um bicho de estimação, já não fosse tão assustador.

Eu fui chamada por uma produtora de moda chiquérrima – que por acaso estava no meu casamento por ser uma caçadora – que ficou muito admirada com o meu vestido e me convidou a trabalhar meio período como estilista. Agora tenho dois empregos e sonho com o dia que vou contar à minha futura filha que sou uma caçadora de vampiros também e fazê-la acreditar que estou louca, como é tradição em nossa família.

Minha vida é um conto de fadas.

Já Zack ainda não arrumou um emprego. Não que ele não tivesse experiência ou talento, muito pelo contrário. Todas as empresas para as quais ele mandava currículo queriam contratá-lo, mas ele acabava rejeitando todas. Dizia que não tinha certeza ainda do que queria. As que mais queriam contratá-lo eram agências de modelo. A IMG, a Vogue, a Ford, a Elite, todas queriam Zack em suas capas e em seus desfiles. Não as culpo.

Ele começou a trabalhar meio-período com meu pai, ambos fazendo trabalhos de arquitetura, já que



nossa casa era a mais moderna e ao mesmo tempo encantadoramente antiga da cidade. Trabalho com certeza não faltava.

Entretanto ele queria mais. Todo dia sentava-se na frente do computador anotando as propostas de todos e volta e meia suspirava abatido. Certo, tínhamos algumas contas a pagar, mas não era nada desesperador. Ainda assim ele continuava se decidindo.

Um dia começou uma coceira intermitente no meu braço e fiquei aflita, recordando-me do meu poder de prever o perigo. Outro encontro com as *otakus* não devia ser, porque ontem mesmo tínhamos passado o dia assistindo animes e comendo pipoca. Já os vampiros, fazia tempo que não davam sinais de vida (há-há, acho que eu devia mesmo era ser comediante).

A coceira piorou quando Zack deu um grito animado no quarto apontando o dedo para um email que acabara de chegar.

– Jessi, veja! Finalmente o emprego perfeito pra mim! Já aceitei! Não é maravilhoso?

Senti a bile subir na minha garganta quando li o email que já havia visto antes, há algum tempo atrás e virou minha vida de ponta à cabeça.

Pelo visto estava prestes a acontecer novamente.

“Parabéns! Você foi eleito(a) o mais novo membro da elite caça-vampiros! Em anexo estão suas instruções e o seu primeiro cheque sem impostos. Para mais informações digite o e-mail localizado mais abaixo e informe-se sobre os novos lançamentos de acessórios para uma caça confortável e segura. Nossos atendentes estão à sua disposição 24 horas (exceto feriados).”

**Livros da série “A caçadora”:**

**A caçadora - Sorriso de Vampiro**

**A caçadora - Sussurro das Sombras**

**A caçadora - Temporada de Caça**



[1] Desenho animado japonês

[2] O anime chama-se *Pokemon*

[3] A música é chamada For Good, do musical *Wicked*, mas como está em inglês, aqui colocarei apenas a tradução que é o que mais importa.  
Tradução livre.